

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	BISCHOFÉ_101.6
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém recortes de jornais, páginas e notas sobre Bispos no Brasil. Total de páginas: 112
Dia/ Mês/Ano	1988
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã, no ano de 1988, sobre os Bispos no Brasil e a comunidade eclesiástica da Igreja Católica.
Palavras-Chave	Igreja; Bispo; Arcebispo; Catolicismo; Política.
Notas explicativas	Em anexo, depois dos cadernos, há um documento da Arquidiocese de São Salvador, sobre os pastores, Bispos e Arcebispos da Bahia.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



	<p>A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”.</p> <p>Lista das páginas em língua estrangeira: 02, 20, 67, 68 e 92.</p>
--	--

Bibliothek

BISCHÖFFE

- 1988 -

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 101.6

Bibliothek

03.10.10

Bibliothek
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

CEED

IM



„LATEINAMERIKA UND EUROPA IM DIALOG“ lautet das Thema eines Kongresses, der vom 28. September bis 3. Oktober in Münster stattfindet. Namhafte Theologen aus Südamerika nehmen daran teil, von links: Kardinal Paulo Evaristo Arns, São Paulo; Professor Leonardo Boff, Petropolis, und Professor Gustavo Gutierrez, Lima. Ein ausführliches Programm des Kongresses auf Seite 5.
Fotos: Preker, KNA, Böckmann

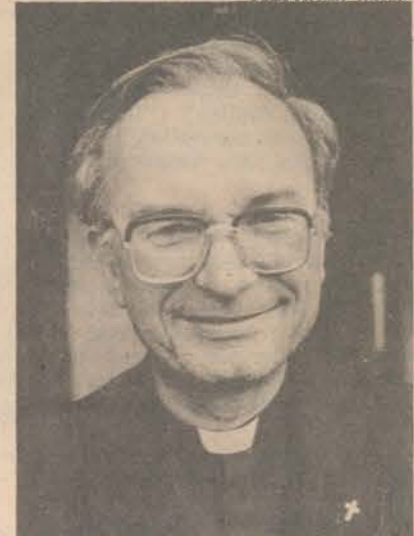
CEDIM

D. Luciano vai ao Líbano a convite de cristãos maronitas

Da Reportagem Local

A bordo de um helicóptero do Exército libanês, força controlada pela minoria cristã da população do Líbano, o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, chegará na próxima segunda-feira a Beirute, vindo de Chipre. Ele fará uma visita de seis dias, a convite do patriarca da igreja cristã maronita local, arcebispo Nassrallah Sfeir, e da comunidade libanesa no Brasil, que patrocina a viagem. Ele estará acompanhado pelo embaixador do Líbano no Brasil, Samir Hobeica, e pelo empresário libanês naturalizado brasileiro, Georges Gazale. Está prevista uma audiência de d. Luciano com o presidente do Líbano, Amin Gemayel, que é cristão, e com o líder religioso muçulmano, Hassan Khaled.

A viagem do presidente da CNBB ao Líbano, país conturbado por uma guerra civil entre facções políticas e religiosas que já dura 12 anos, "não tem nenhuma intenção política, religiosa, de privilegiar qualquer facção ou interferir em assuntos específicos", segundo afirmou d. Luciano, ao negar a possibilidade de uma eventual intermediação para a libertação de reféns estrangeiros aprisionados pelos grupos em conflito. Ele disse que a viagem "tem o caráter de uma missão pastoral pela paz" e dá continuidade à primeira visita oficial de representante da CNBB ao Liba-



D. Luciano Mendes, presidente da CNBB

no, feita em 86 pelo então presidente da entidade, d. Ivo Lorscheiter.

Para evitar uma chegada no aeroporto de Beirute, que está situado na região oeste da capital, em zona sob o controle de grupos muçulmanos e palestinos rivais dos cristãos, a viagem do presidente da CNBB ao Líbano demorará três dias. D. Luciano embarcou às 20h40 de ontem para Londres, onde chega no início da tarde de hoje. De Londres, segue no mesmo dia para a cidade de Larnaca, no Chipre. De Larnaca, um helicóptero do Exército libanês transportará d. Luciano até Beirute.

Latifundiário processa o bispo de São Mateus



Foto: Douglas Mansur

Dom Aldo Gerna: mais uma vítima do latifúndio.

O bispo de São Mateus, norte do Espírito Santo, dom Aldo Gerna, o prefeito de Nova Venécia, Adelson Salvador, e outras 14 lideranças sindicais e populares estão sendo processados criminalmente pelo latifundiário José Scardini, acusados de terem incitado e incentivado a ocupação realizada a 5 de dezembro em sua propriedade, violentamente reprimida por pistoleiros contratados pela UDR e por policiais militares.

A ocupação de parte das terras do fazendeiro, membro da UDR, seria feita de madrugada, com famílias de trabalhadores rurais sem terra de

vários municípios do Norte do Estado: São Mateus, Pinheiros e Linhares, entre outros.

Mas a ação dos sem terra foi delatada por alguém que estava infiltrado durante os preparativos, e quando estavam se dirigindo às terras de José Scardini - mais de 800 alqueires, sendo 400 de pasto e terras devolutas - a UDR, portando inclusive armas privadas das Forças Armadas, segundo denúncias de vários trabalhadores rurais, impediu o acesso à região, bloqueando pontes e estradas.

Estevão Rolim, pequeno proprietário, vizinho da fazenda de José Scardini, solidário com a situação em que se encontravam as famílias, permitiu que cerca de 100 famílias permanecessem em sua propriedade, deixando indignado José Scardini, cujo filho chegou a ameaçar de agressão o proprietário que passou a ser considerado inimigo.

Estevão também faz parte da lista de pessoas processadas. Na acusação, são usados termos de "baixo nível, grosseiros e ignorantes", conforme frisou o padre Pedro Bracelli, pároco de São Mateus, que manifestou integral apoio ao bispo diocesano.

O secretário-executivo do Movimento Nacional dos Sem Terra, José Rainha Junior, declarou que são "infundados e maldosos" os comentários de que o bispo de São Mateus, dom Aldo Gerna, posicionou-se contra as 300

famílias de lavradores que tentaram ocupar a fazenda José Scardini, em Nova Venécia. "O bispo nos prestou inteira solidariedade, condenou a violência policial e a UDR que incentivava a prática de arbitrariedades no campo".

Ele lembra que a imprensa "esqueceu-se de dizer que o latifúndio a ser ocupado tem 780 alqueires, sendo pelo menos metade de terras improdutivas e devolutas". Rainha acrescentou que o governador Max Mauro, o secretário Galvão (Agricultura) e o superintendente do Mirad no Estado,

Carlos Dorsch, "serão responsabilizados por qualquer crime que venha a ocorrer contra os trabalhadores rurais acompados numa propriedade ao lado de José Scardini".

José Rainha Júnior acrescentou: "Nunca, nem na ditadura militar, assistimos algo semelhante, como pistoleiros da UDR que lotavam dezenas de automóveis Del Rey e circulavam livremente entre policiais militares." Segundo revelou, os PMs "mesmo armados com metralhadoras, preferiram apreender foices, facões, enxadas e outros instrumentos de trabalho dos lavradores".

SEPULCROS CAIADOS

Volney Berkenbrock

A luta em favor da reforma agrária foi assumida por grande parte da Igreja Católica, já faz muito tempo. Durante os anos sombrios da ditadura, era a Igreja uma das poucas vozes corajosas a pedir justiça no campo, terra para quem nela trabalha. A convicção de que a terra é um dom de Deus dado a todos, reuniu também em torno dessa questão, muitas outras Igrejas. Aos poucos, diversas organizações não religiosas vieram engrossar as fileiras desta luta. A necessidade de uma reforma agrária justa tornou-se um clamor nacional. Com o advento da chamada Nova República,

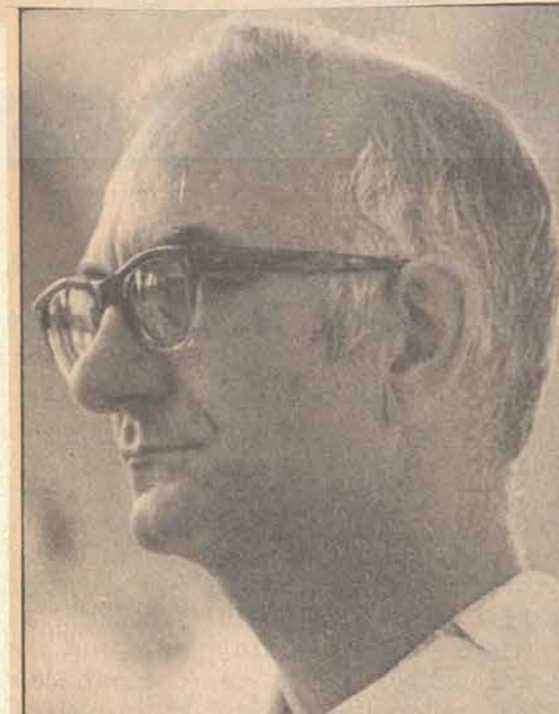
o próprio governo declarou-se partidário da reforma agrária. Ficaram para trás os anos em que este assunto era perigoso e "comunista". Ninguém mais ousava falar contra a reforma agrária, pelo menos em público. Mas algo estranho acontecia: muito se falava e pouco se fazia. Alguma coisa impedia que o discurso se tornasse prática efetiva. Lobos vestidos de ovelhas entre os que muito falavam e nada faziam impediam que qualquer plano fosse efetivado. A grande massa, necessitada de justiça, foi aos poucos identificando estes lobos, até que eles não tiveram mais onde se es-

conder e resolveram, então, vir a público. Tentando ainda conservar um pouco da roupagem de ovelhas, tentam vender a imagem de defensores da produção no campo. Promovem leilões milionários, arrecadam fortunas, destinam verbas para... Quando, no entanto, acontece de um grupo de sem-terras invadir uma área para pressionar o governo a agilizar a reforma agrária, cai-lhes o resto da roupagem de ovelhas e mostram, não apenas unhas e dentes, mas fuzis e metralhadoras. Feito sepulcros calados, mostram então o seu interior: violência, morte, roubo e corrupção.

Bispos brasileiros levam solidariedade aos cristãos



Dom Augusto Alves da Rocha, bispo de Picos.



Dom Mathias Schmidt, bispo de Rui Barbosa.

Guatemala, Honduras, El Salvador e Nicarágua.

Este o roteiro que dom Augusto Alves da Rocha, bispo de Picos (PI) e presidente da CPT, e dom Mathias Schmidt, bispo norte-americano que atua em Rui Barbosa (BA), cumpriram durante a primeira quinzena de dezembro. A visita à América Central foi em solidariedade aos povos da região, uma das mais conturbadas de todo o mundo.

Nos contatos com organismos populares, CEBs e membros das igrejas locais, os dois bispos notaram que "eles esperam muito da Igreja do Brasil, principalmente pelo seu compromisso com o povo pobre".

Apesar das agressões e da luta contra a tentativa de dominação por parte de outros países, os bispos acham que "os cristãos estão tentando fazer uma revolução, mudando a estrutura da sociedade". Entrevista a João Caetano do Nascimento.

- Qual o objetivo da viagem?

Dom Augusto - Atendemos a solicitação de alguns bispos e entidades que se sentem próximos a um povo que precisa se libertar de toda forma de escravidão que existe na América Latina. Fomos num momento importante, pois em 5 de agosto foi firmado um acordo de paz e nós fomos prestar solidariedade ao povo centro-americano que quer a paz.

Dom Mathias - Fomos visitar pessoas da Igreja, do governo e da base e também apoiar o Plano de Paz da América Central, representando vários bispos brasileiros.

- Como está a situação do povo na América Central?

Dom Augusto - Há esperança de se conseguir uma melhoria na situação. A união dos cinco países em torno de um tratado de paz é alvissareira. Agora, o importante é que o acordo não fique apenas no papel. Cada país tem seus problemas internos e nem sempre quem enfrentá-los de frente.

Outro ponto prejudicial é a presença acintosa dos Estados Unidos interferindo na autonomia e apresentando-se como administrador, tirando a liberdade dos povos.

Dom Mathias - Vi um sofrimento muito generalizado, sobretudo nos países em guerra, com deslocamento de pessoas, desaparecimento de parentes e, agravando a situação, as secas muito grandes que ocorreram em 1987, fazendo com que na Nicarágua a colheita fosse de apenas 5% do normal. Observei, também, que em termos de posse de terra a Nicarágua está fazendo uma verdadeira reforma agrária. Eu e Dom Augusto participamos de entrega de títulos de terra a vários lavradores. Entretanto, em outros países a concentração continua muito grande, o problema fundiário não foi resolvido e faltam canais que possibilitem a participação popular.

- O Acordo de Paz está sendo cumprido? Quais são os seus obstáculos?

Dom Augusto - Está enfrentando extremas dificuldades. Dá-se mais valor ao Estado que à vida das pessoas. Muitos estão morrendo desalojados de suas terras ou vivendo em tendas sob caridade. As forças populares também, estão sofrendo muita repressão. O Estado existe em função do povo, por isso acho que o povo deveria controlá-los.

Dom Mathias - O principal obstáculo está sendo a ação dos Estados Unidos. Eles agem e manipulam, principalmente em Honduras, criando entraves para que o acordo não dê certo. Os exércitos vivem da guerra, por isso não querem pará-la.

- Qual o papel que os cristãos estão desempenhando na América Central?

Dom Augusto - Os cristãos estão crescendo na consciência de que Evangelho é luz na caminhada do povo. Em Honduras foi criada há dois anos e já possui mais de 26 mil associados, a CNT (Confederação Nacional dos Trabalhadores)

que apresenta uma proposta cristã, lutando por uma sociedade justa e fraterna. Existem contradições dentro da caminhada, mas a gente nota uma forte esperança nas pessoas. Outro detalhe é a má informação que recebemos aqui no Brasil. As informações são filtradas, nada falam da força do povo que se organiza.

Dom Mathias - Os cristãos estão tentando fazer uma revolução, mudando a estrutura da sociedade. Principalmente nas bases. E nem sempre há apoio de bispos e da hierarquia da Igreja, mas o povo luta para se libertar do controle dos Estados Unidos; todos os países vivem dependentes, com exceção da Nicarágua. Dependem militarmente, economicamente e para manterem os próprios governos.

-O que a Igreja do Brasil e o povo poderiam realizar em termos de solidariedade e apoio à América Central?

Dom Augusto - É muito importante a manifestação de soli-

dariedade. Eles esperam muito da Igreja do Brasil, principalmente pelo seu compromisso com o povo pobre. Por ela ter adotado a atitude de Jesus Cristo, ficando ao lado dos oprimidos. Na viagem sentimos a missão da Igreja. Não fomos invadir áreas de outros, mas manifestarmos enquanto cristãos.

Com isso, reforçamos nossa caminhada aqui no Brasil. Sabemos que existem diversas forças que procuram descaracterizar a missão da Igreja. Mas também sabemos que carregamos uma grande responsabilidade: de continuar a nossa caminhada.

Dom Mathias - Primeiro é divulgar ao povo a verdade sobre a América Central. Na grande imprensa existe uma grande deturpação da verdade. Segundo, criar comitês de solidariedade. E, em termos de cristãos, há uma força grande na oração. Afinal, a paz é obra de Deus, nem tanto dos homens.

Bispos cobram solução

Três bispos e um padre da Igreja Progressista, que são responsáveis por paróquias e dioceses do Sertão de Pernambuco, cobraram ontem do governador Miguel Arraes "mais ação política" no combate aos efeitos da seca no Estado. Em cadeia de rádio os bispos dom Francisco Austregésilo, de Afogados da Ingazeira, dom Paulo Cardoso, de Petrolina e o padre Francisco de Assis, do Município de Serra Talhada, denunciaram que, apesar dos esforços do Governo em sentido contrário, em muitos municípios os políticos locais estão manipulando recursos e o recrutamento dos alistados nas frentes de emergência.

Pelo Governo do Estado participou do debate o secretário de Agricultura, Pedro Eugênio Cabral. Ele argumentou que o Governo aceita as críticas da Igreja e que vem coibindo os abusos onde eles são verificados, mas explicou que muitos dos problemas com o programa da seca decorrem do descaso do Governo federal: "Para os senhores terem uma idéia - disse -, hoje (ontem) é dia 19 e Brasília ainda não liberou os recursos para o pagamento dos 200 mil alistados no Estado, que deveria ter sido feito até o dia 10".

As críticas maiores ao Programa de Emergência foram feitas por dom Francisco Austregésilo e pelo padre Francisco de Assis. O bispo dom Paulo Cardoso, irmão do arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso, em alguns momentos afirmou que há avanços no Programa de Emergência a serem ressaltados "apesar das críticas que precisam ser feitas". Disse que agora "sente-se que as obras são realizadas em muitos municípios ouvindo as comunidades e são obras permanentes, ao contrário das que eram realizadas em Governos passados".

Dom Francisco Austregésilo, que de tanto criticar o Programa de Emergência, já provocou a ida a Afogados da Ingazeira do próprio governador, afirmou que respeita Arraes e acha que em muitos casos ele tem razão, mas reclamou mais atuação: "O governador me alegou que não tem recebido atenções do Governo federal e o Estado não pode arcar sozinho com o problema. Ele me disse que as comunidades interioranas precisam se organizar para fazer suas reivindicações de forma que o Nordeste fosse ouvido pelo presidente, mas quem vai escutar o povo de Afogados da Ingazeira?", perguntou o bispo, acrescentando: "O certo é o Governo do Estado desenvolver uma ação política maior para pressionar o presidente Sarney. O governador, sim, pode ser ouvido".

Há cinco anos Dom Gaspar é nosso bispo

Dia 6 de fevereiro às 20h, na Matriz de Santo Amaro, Largo 13 de Maio, concelebração de Ação de Graças pelos cinco anos de Ordenação Episcopal e tomada de posse de Dom Antônio Gaspar em nossa Região Santo Amaro.

Dom Gaspar é o nosso segundo bispo auxiliar, sendo o primeiro Dom Mauro Morelli, cujo 13º aniversário de ordenação ocorreu a 25 de janeiro passado.

Ao ser nomeado para a Diocese de Duque de Caxias em junho de 1981, Dom Mauro deixou a Região Santo Amaro sob a orientação pastoral dos padres José Pegoraro e Maurílio Maritano.

Em 15 de dezembro de 1982 o Papa João Paulo II nomeava o atual bispo de nossa Região. Foi ordenado a 6 de fevereiro de 1983 e assumiu a nossa Igreja no dia 10 daquele mesmo mês e ano.

Dom Gaspar recebeu a Sucessão Apostólica para uma Região muito controversa. Aqui vive um povo rico em tradições religiosas e cristãs, mas os problemas sociais são enormes, devido a tantos fatores, em especial às disparidades econômicas, às indústrias, às migrações, etc.

A nossa realidade, em alguns aspectos, é esta: a Região abrange uma área de 600 quilômetros

quadrados, com uma população de dois milhões de habitantes. As favelas são em número de 400 com uma população de cerca de 321 mil pessoas. Perto de 600 mil jovens têm menos de 18 anos. Cresce o número de menores abandonados e carentes.

Quanto às questões de atendimento de saúde, as lutas por hospitais duram anos, mas não temos ainda um único hospital público.

A maior contradição é que esta área é o maior parque industrial de São Paulo, em indústria química é o 1º da América Latina, gerando muita riqueza para a União, o Estado e a Cidade de São Paulo.

A vida da Igreja começou aqui às margens do Rio Jurubatuba em 1560, com a catequese dos índios Guaianases pelos jesuítas. Em 14 de janeiro de 1686, Santo Amaro foi elevada à Paróquia. Hoje são 33 as paróquias e 169 as comunidades ou capelas.

Com todas estas comunidades existem apenas 31 padres e 16 religiosas liberados para a Pastoral.

A Região está subdividida em oito setores, tendo à frente uma equipe de coordenação para cada um: um padre, uma religiosa e dois cristãos leigos.

As prioridades, conforme as assembleias pastorais de 1987, são: mundo do trabalho, moradia e formação.

Os desafios missionários tornam-se imensos. A estimativa é de que as comunidades só conseguem atingir 98% dos cristãos. Há espaços vazios em relação aos Direitos Humanos, escolas, meio operário, favelas, juventude, cortiços, conjuntos habitacionais, etc.

É urgente trabalhar as prioridades, animar os ministérios e vocações para o sacerdócio, vida religiosa e de leigos engajados nas comunidades, bem como a vocação missionária para todos os cristãos. É necessário formar novos grupos de rua e comunidades.

Durante estes cinco anos de pastoreio de Dom Antônio Gaspar houve a continuidade de muitos trabalhos iniciados anteriormente e acrescentados outros. Por exemplo em nossa Pastoral da Região pode se destacar:

A Criação da Escola de Teologia; o trabalho das paróquias - irmãs do setor Santo Amaro com as áreas de pastoral de Parelheiros; as lutas de reivindicações de hospitais; ajuda mútua entre os setores, paróquias e região; grupos de rua e subsídios de Natal,

Campanha da Fraternidade e cadernos bíblicos; curso e equipe de animação missionária; encontros e assembleias de catequese; assembleias de prioridades da Região; cursos de canto e liturgia; semanas da família, semanas vocacionais; trabalho de ecumenismo; pastoral da Criança; criação do boletim da Região; casa de retiros; luta por transporte e moradia; encontros de CEBs; aumento de obras sociais, etc. realçando-se todos os demais trabalhos realizados por sacerdotes, religiosas e leigos nas comunidades, setores e Região.

Por tudo o que foi exposto e por aquilo que ficou despercebido, mas está sendo muito importante para o povo de Deus em nossa Região, os parabéns a Dom Antonio Gaspar e a todos os seus colaboradores nas diversas vocações e serviços!

Curso de Catequese

O setor Santa Catarina vai promover um curso para catequistas antigos e novatos, de 1º a 5 de fevereiro, das 20 às 22 horas, nas dependências da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na avenida João de Luca, 157 - Jardim Prudência. Informações com o padre Oswaldo telefone: 61-8235.

Seitas recusam diálogo, diz d. Lucas

Da Sucursal de Salvador

9 12 108
Fh/

O arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, d. Lucas Moreira Neves, 62, disse ontem na capital baiana que é preciso distinguir entre as Igrejas reformadas (a Luterana, a Metodista, a Episcopal ou Anglicana e a Presbiteriana) e as seitas, entre elas, a Assembléia de Deus, que segundo ele, "são mais movimentos do que propriamente Igrejas". Esses grupos, segundo d. Lucas, não desejam o diálogo com a Igreja Católica.

De acordo com d. Lucas, a Igreja Católica mantém com as Igrejas reformadas, principalmente depois do Concílio Vaticano 2º (de 1962 a 1965), um diálogo "respeitoso e ecumênico", que inclui, ainda, a Igreja Ortodoxa. "Todos seguimos o Evangelho de Jesus Cristo, a aceitação de Cristo como filho de Deus e os sacramentos. Mas a Igreja respeita toda a procura de Deus, também a

procura de Deus que possa existir nas seitas", disse.

D. Lucas afirmou que as seitas prosperam "cada vez que a Igreja Católica se dedica mais à ação social, deixando a descoberto sua missão religiosa". Disse que as seitas não querem o diálogo com a Igreja Católica — "muitas são até agressivas" — e são muito proselitistas, procurando, através da pregação, do aliciamento "e por todos os meios" levar os católicos a abandonar sua fé. Segundo o arcebispo, muitos católicos brasileiros tornam-se "presa fácil" destas seitas, porque a Igreja está carente de sacerdotes e religiosas que possam se ocupar destas pessoas "tão de perto e tanto quanto seria necessário".

O primaz do Brasil afirmou, ainda, que a preocupação com as "necessidades temporâneas e materiais, a defesa dos direitos humanos

e a participação política e social" fazem parte da missão da Igreja, mas derivam de seu objetivo principal, que é o religioso.

Fundamentalistas

O arcebispo da Paraíba, d. José Maria Pires, 62, (mais conhecido como d. Pelé), disse ontem, em João Pessoa, que há um crescimento das "seitas fundamentalistas, entre elas, a da Assembléia de Deus". Segundo ele, estas seitas crescem com muita rapidez "porque são muito populares, tão populares quanto as Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica".

Para d. José, o crescimento das correntes evangelistas no Brasil tem-se dado numa proporção normal. "Na área onde atuo, aqui no Nordeste, e pelas repercussões que me chegam do país, noto que elas estão crescendo de acordo com o aumento da população", afirmou.

Padres cearenses discordam do Bispo de Novo Hamburgo

Clérigos descartam que seminário tenha pregado a luta armada

FOTOS ALCIDES FREIRE

Da mesma forma que dom Aloísio Lorscheider, Cardeal-Arcebispo de Fortaleza, clérigos cearenses discordam das denúncias feitas pelo Bispo de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, dom Boaventura Kloppenburg. Este declarou que a Regional Nordeste I da CNBB, instalada no Ceará, pregou em um seminário intitulado "Política e Fé", realizado em Fortaleza entre 5 e 7 de março do ano passado, a luta armada e a adoção da ideologia marxista para a tomada do poder por movimentos populares. A opinião entre diversos representantes religiosos é a de que dom Boaventura se equivocou ao analisar o "Caderno Pastoral n.º 68", que compila os debates ocorridos no seminário. Assim fica explícito o apoio de diferentes congregações ao que falou dom Aloísio, em discordância das acusações de dom Boaventura Kloppenburg.

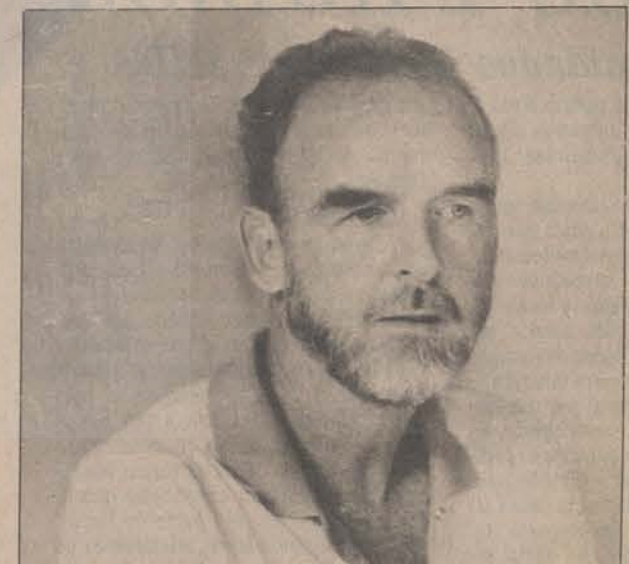
Padre Pedro Vicente Ferreira, jesuíta — "Discordo um pouco da posição de dom Boaventura. O que vejo é que a igreja, de um modo geral, tem procurado se expressar, ser um veículo de expressão dos anseios do povo. A linha da Igreja no Brasil não pode tender para a política partidária. É certo que alguns movimentos populares caracterizados como de esquerda têm usado e instrumentalizado a Igreja e que membros do clero tenham se deixado envolver pelas propostas".

Padre Francisco Cibin, salesiano — "O que dom Boaventura Kloppenburg declarou para mim não tem sentido, né. Acho que ele não compreendeu o que quer dizer o "Caderno Pastoral n.º 68". Não procede a acusação feita por ele. O objetivo do seminário era ligar fé à vida, formar consciência do líder católico para que ele não se deixe envolver pela ideologia do partido, mas que esta seja vista à luz da fé. Acho que Kloppenburg pensou que o que fizemos aqui foi uma doutrinação. Na verdade, a teoria é um instrumental para melhor se compreender a realidade e como ela se articula. Como idéia forte, sempre há algo de bom, mas o Marxismo não é a determinante de nossa conduta".

Dom José Mauro Ramalho, Bispo de Iguatu — "As declarações refletem a opinião de quem está distante da realidade e do contexto. Ele deduziu como sendo um projeto que está sendo alimentado. O agravante é fazer deduções, acusando sem base, sem fundamentos. O que é doloroso para nós é que saia da boca de um eclesiástico uma conclusão apressada sobre posições de uma Regional da CNBB. Não tenho idéia de seus objetivos, ele tem suas posições co-

2612188
Povo

Dom Mauro Ramalho: Declarações refletem opinião de alguém distante do contexto



Padre Bernardo Holmes: Frase isolada revela desconhecimento grande da realidade

mo Bispo sobre a Teologia da Libertação. O "Caderno Pastoral n.º 68" não tira conclusões. Será que não se pode mais reunir pessoas para fazer estudos? Acho que ele pecou contra a verdade".

Irmã Terezinha Lima, Subsecretária da Regional Nordeste I da CNBB — "As declarações de dom Aloísio deixam as coisas bem claras. Eu acho que o "Caderno Pastoral n.º 68" faz tão bem a distinção. Penso que foi mal interpretado".

Padre Bernardo Holmes, redentorista — "Estou totalmente de acordo com dom Aloísio, quando ele diz que Dom Kloppenburg errou na pontaria e no alvo. Não li no contexto mais amplo, mas a frase isolada

revela um desconhecimento muito grande em relação à realidade eclesial do Ceará. Não sei se devido à má informação ou a um preconceito. A caminhada das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) no Ceará devem estar em comunhão com as diretrizes da CNBB e do Concílio Vaticano II. A Igreja ensina que é obrigação dos cristãos se engajarem politicamente visando à construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Se a sociedade de fato é injusta, não será porque os cristãos conscientes não participam mais ativamente? Por isso, muitos cristãos leigos que participam das CEBs como cidadãos, em nome da sua fé, também participam da luta político-

partidaria. Esse seminário foi uma tentativa de despertar nos cristãos leigos uma compreensão mais adequada da realidade política e da conjuntura brasileira, de julgar esta realidade à luz da fé cristã e animá-los para assumir seu trabalho específico como cidadãos. Não definiu para os participantes qual seria a opção concreta. Esse não seria o papel da Igreja. Cabe a nós, padres, fazer um trabalho pastoral, acompanhando os militantes cristãos que se engajam nos partidos, alimentando sua fé, oferecendo subsídios bíblicos e teológicos para que os cristãos tenham elementos seguros e critérios cristãos no seu engajamento político".

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Bispos definem no

CIDADE

Recife, domingo, 13 de março de 1988

A-23

As tendências da Igreja

Vandeck Santiago

Enviado Especial

LAGOA SECA (PB) - Está praticamente garantido: os setores progressistas da Igreja, que nos últimos meses têm sofrido alguns reveses, sairão vitoriosos da assembleia que se está realizando neste município. Com participação de toda a Regional Nordeste II da CNBB, que engloba os Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, a se confirmar esta tendência, o principal candidato será o arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso, presidente da Regional Nordeste II e líder da corrente conservadora.

O encontro, iniciado na sexta-feira e com final previsto para hoje, vai aprovar as diretrizes da ação missionária da Igreja do Nordeste II para o quadriênio 1988 a

1991. As últimas diretrizes para esta regional datam de 1979, o que aumenta a importância da assembleia atual. O documento a ser aprovado reafirma o apoio da Igreja à luta dos pobres e o seu compromisso com a transformação da sociedade. O último confronto entre as duas correntes, hoje existentes na Igreja, ocorreu em outubro do ano passado, em Natal, quando os conservadores elegeram dom José Cardoso presidente da regional e dom Heitor de Araújo Sales (irmão de dom Eugênio Sales, do Rio de Janeiro) vice-presidente.

Da Assembleia - que se realiza no Convento dos Franciscanos, sem que a imprensa possa acompanhar os debates - estão participando 120 pessoas dos quatro Estados, sendo que 17 são bispos. O restante é formado por leigos, padres e freiras, todos com o

mesmo direito a voto. A maioria dos bispos da Regional Nordeste II é conservadora, mas, três deles - dom Fernando Iório, da Diocese Palmeira dos Índios (AL), dom Jorge Tobias de Nazaré da Mata (PE) e dom Nivaldo Monte, de Natal (RN) - não puderam comparecer, o que tende a balançar o bispado para o lado progressista: some-se a isto que a maioria dos padres, irmãos e leigos são também alinhados com este setor, o que garante maioria de certa forma tranqüila.

A definição disto ficou clara logo nos primeiros momentos da Assembleia, na sexta-feira. A votação inicial teve por motivo o texto preparado pelos coordenadores diocesanos da pastoral e articuladores das comissões regionais para servir como base a fim de se elaborar o documento final. Colocaram-se em votação, no plenário, duas propostas: a primeira foi a de rejeitar o texto apresentado e formular outro, idéia que atendia mais aos interesses dos conservadores; a segunda, acatar o texto, mas procurar melhorá-lo nas reuniões do dia seguinte. Por aclamação, esta última saiu vitoriosa. Ontem, novamente sem que a imprensa acompanhasse as discussões, os participantes do encontro passaram o dia analisando o documento.

ENGAJAMENTO

Só hoje, com o encerramento da Assembleia, é que o documento final virá à tona. A aprovação dele não significa, porém, que os bispos tenham de segui-lo à risca nos próximos quatro anos, mas favorece a unidade de ação dos membros da Igreja e fortalece o trabalho das pastorais populares - engajadas até o pescoço nos movimentos sociais e igualmente comprometidas



Uma das reuniões de trabalho em que se realizam as discussões dos religiosos

com a transformação da sociedade, de forma que não raras vezes desagrade à hierarquia conservadora.

Para a abertura do encontro, veio de São Paulo o secretário-geral da CNBB, dom Antônio Celso Queiroz, um dos nomes mais à esquerda do clero progressista. Porém, não se estendeu sobre temas polêmicos, limitando-se a fazer exposição das diretrizes nacionais da CNBB, e com a agenda repleta de com-

promissos, na tarde de sexta-feira apanhara o primeiro avião de volta.

Entre os nomes mais conhecidos que marcam presença no Convento deste pequeno município paraibano (pouco menos de 10 mil habitantes, a 120 quilômetros de João Pessoa e 240 quilômetros do Recife) estão, além dos já mencionados, dom Edvaldo Amaral de Maceió (AL), dom Acássio Rodrigues Alves, de Palmares (PE), dom Fran-

cisco Xavier Nierhoff, de Floresta (PE), do lado conservador; do lado progressista estão José Maria Pires, de João Pessoa, dom Marcelo Carvalheira de Guarabira (PB), Francisco Austregésilo de Mesquita, de Afogados da Ingazeira (PE) e dom Antônio Soares Costa, de Natal. Cautelosos, e evitando acirrar as divergências publicamente, os bispos das duas correntes não fazem comentários à imprensa sobre os detalhes das discussões.

Ênfase do documento está na causa do trabalhador

Os ricos e a Igreja tradicional, desvinculada das lutas populares, saem chamuscados no documento que será aprovado pela Assembleia da Regional Nordeste II. Do outro lado, sai fortalecida a luta pela terra e pelas causas dos trabalhadores urbanos, tudo tendo como objetivo "a esperança de um mundo novo".

Segundo o texto-base conseguido pelo DIÁRIO, e que até à formulação final só deveria sofrer pequenas alterações, mais de forma que de conteúdo, o documento ficaria dividido em três partes; a primeira trata do objetivo da ação missionária; a segunda, das orientações básicas da ação missionária, onde se destaca a "opção evangélica pelos povos", e a terceira analisa as "prioridades na ação missionária", abordando a situação no campo e na cidade e a "formação teológica e política" dos membros da Igreja.

O documento, na sua parte inicial, ressalta que o objetivo da ação missionária deve ser o de "evangelizar o povo da nossa religião, marcada por uma situação de opressão e miséria", a partir, entre outras coisas, "de uma clara opção evangélica pelos empobrecidos". É sintomático que não se fale em "opção preferencial", como é comum nos pronunciamentos da Igreja, e

não se utilize o termo "pobre", substituído por "empobrecidos". A explicação para este último ponto, segundo o assessor das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), Roberto Ploeg, é que "os pobres não são pobres por coincidência, mas porque são feitos pobres, porque são empobrecidos".

Este trecho do documento, então, é uma condenação clara aos ricos, ponderou o repórter. "Condenação, não", disse Roberto, um holandês que desde 79 está no Brasil. "Os ricos saem convidados a uma conversão. E a conversão deles não significa que tenham de vender suas casas, mas que tenham de assumir a causa dos pobres".

JESUS

"A pedagógica missionária dos cristãos", define o texto, "deve estar baseada na de Jesus". E "a inserção, a convivência com as pessoas, a participação na vida do povo é uma atitude fundamental. No que se refere à ação missionária junto aos pobres, esta inserção implica em assumir a condição do oprimido, suas esperanças e a participação nas lutas".

Do capítulo específico da "explicação da fé", o documento assinala que "a expressão da fé cristã se dá através da vivência, dos testemunhos, da perseverança, do compromisso, da fidelidade. É pela sua vida, pela sua postura frente aos acontecimentos e aos conflitos de testemunhos de sua fé".

E na questão específica da situação do campo que o documento regional é mais extenso e incisivo. Aborda a luta pela terra, lamentando a situação de violência e citando palavras do Papa João Paulo II, mostra a aflição que a seca traz aos camponeses, critica a política agrícola atual "que faz desaparecer os pequenos produtores/proprietários e escasseia o abastecimento de alimentos na mesa dos trabalhadores da cidade". E afirma que "a Igreja do Nordeste II assume o compromisso de conviver com este povo no campo, ajudando-o a se organizar em comunidade, a expressar sua fé nas celebrações, a alimentar suas esperanças e a estreitar os laços de solidariedade humana, valorizando sua grande capacidade de desprendimento e de partilha". Adianta que "queremos assumir o compromisso de denunciar as situações abertamente injustas e violentas, apoiando as organizações dos trabalhadores e os esforços para eles conseguirem uma autêntica Reforma Agrária".

Sábado 19/3/88 Povo

Escolhido novo bispo para a Diocese de Quixadá

A diocese de Quixadá que estava há dois anos sem bispo diocesano já tem o seu novo dirigente. É Adélio Tomasin que será sagrado bispo no Rio Grande do Sul, onde trabalha atualmente, no próximo dia 25 de março. Logo após essa celebração ele irá a Roma para as comemorações do aniversário da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência da qual é membro. Assim, não tem data ainda para sua Diocese. O pastor foi escolhido pelo Vaticano quarta-feira passada.

Segundo o Vigário Geral, Padre Vicente, o último bispo de Quixadá foi Dom Rufino ficou também como administrador apostólico do Município, que visitava de dois em dois meses. Entretanto, padre Vicente que não deixa de ter havido prejuízo para a diocese que ficou sem contar com o seu guia espiritual imediato. Adiantou que "não temos uma explicação para esta demora e estávamos preocupados embora se saiba que o processo de escolha é longo".

NOVO BISPO

O novo bispo de Quixadá, Adélio Tomasin, é italiano tem 58 anos e já desenvolveu trabalho apostólico na África. No Brasil ele já se encontra há vários anos no Rio Grande do Sul. Padre Tomasin (por enquanto ele é padre) não é diocesano e pertence a Congregação da Divina Providência. No seu primeiro bispado ele vai contar com a ajuda de 13 padres que dão assistência espiritual ao extenso Município.

A licitude do assalariamento

25/13/87
D. Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Lei num documento de 55 pastoralistas em busca de uma teoria capaz de servir de inspiração para a elaboração de um projeto histórico transformador da sociedade: "A teoria elaborada por Marx é a que vem, até o momento, respondendo às questões do nosso tempo", com insistência particular nesta novidade: "Marx descobre que todo salário é injusto. O trabalhador é sempre expropriado do fruto do seu trabalho" (cf. *Cadernos Pastoralis* Fortaleza, N° 68, p. 21).

Nossos 55 pastoralistas foram procurar inspiração na doutrina social de Karl Marx e não na de sua Igreja, que para eles deveria ser mãe e mestra. Influenciados por aquela fonte, sustentam esta tese: "Todo salário é injusto". A questão não é a do salário justo, tema que tem sido objeto de muito debate e deve continuar a ser discutido, pois o salário é de fato entre nós excessivamente baixo. A questão gira em torno do próprio sistema salarial: é legítimo e moralmente lícito que alguém ofereça sua capacidade de trabalho a fim de receber em troca um salário? Pode haver assalariados?

Como vivemos num mundo de assalariados, a pergunta dá a impressão de ser disparatada. Mas como o assalariamento é um dos elementos constitutivos essenciais do sistema econômico capitalista e já que boa parte de nossos pastoralistas é declaradamente anticapitalista, a questão não é tão despropositada para eles. Sustentar a licitude do assalariamento seria uma forma de legitimar o sistema capitalista. Pois bem, a legitimidade do salário é suposta em todas as Encíclicas sociais, desde a *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII. O mero fato de se discutir sobre o salário "justo", supõe a licitude do sistema salarial. Em 1891, na *Rerum Novarum* sustentava o Papa contra o utopismo socialista que o capital e o trabalho são exigências da própria natureza do processo de produção: "Não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital", foi sua famosa sentença. Quarenta anos depois, na *Quadragesimo Anno* o Papa Pio XI tornou a insistir nesta junção entre capital e trabalho numa empresa comum, já que, dizia, "um sem o outro nada podem produzir".

Pouco adiante, no tópico n. 64, Pio XI condenava explicitamente a tese defendida pelos nossos pastoralistas, afirmando: "Os que dizem ser de sua natureza injusto o contrato de compra e venda do trabalho, e pretendem substituí-lo por um contrato de sociedade, dizem um absurdo e caluniam malignamente o nosso predecessor, que, na Encíclica *Rerum Novarum* não só admite a legitimidade do salário, mas se difunde em regulá-lo segundo as leis da justiça".

Não a legitimidade do assalariamento, mas sua equidade era a questão. Lembra então Pio XI esta norma de Leão XIII: "Para determinar equitativamente o salário, devem ter-se em

vista várias considerações"; e conclui: "com estas palavras, confuta (Leão XIII) a leviandade dos que pensam resolver facilmente tão momentoso problema empregando uma única medida e essa disparatada. Erram certamente os que receiam enunciar este princípio que tanto vale o trabalho e tanto deve importar, quanto é o valor dos seus frutos; e que por isso, na locação do próprio trabalho, tem o operário o direito de exigir por ele tudo o que produzir. Asserção infundada, como basta a demonstrá-lo o que acima dissemos ao tratar de relação entre capital e trabalho".

Na *Laborem exercens* de 1981, o Papa João Paulo II bate na mesma tecla: "Não se podem separar o capital do trabalho e de maneira nenhuma se pode contrapor o trabalho ao capital e o capital ao trabalho e, menos ainda, se podem contrapor uns aos outros os homens concretos que estão por detrás destes conceitos" (n. 13).

Aliás, sem a suposição da licitude do salário seriam inconsistentes todos os discursos sobre a justa remuneração do trabalho prestado. Idêntica presunção deve ser admitida nos numerosos textos bíblicos que falam do salário, como quando, por exemplo, a Epístola de São Tiago se dirige aos ricos nestes termos: "Lembra-vos de que o salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os gritos dos ceifadores chegaram aos ouvidos do Senhor" (5,4). Quando aos israelitas era mandado: "não oprimirás um assalariado" (Dt 24,14), se presume que seja legítimo haver assalariados. É evidente também que a parábola de Jesus sobre o salário dos operários (Mt 20,1-16) supõe sua licitude.

Não aceitando a descoberta de Marx ("todo salário é injusto"), que entusiasmou nossos 55 pastoralistas, afirma-se não apenas a legitimidade do salário, mas também a remuneração justa de trabalho realizado, de acordo com este ideal resumido pelo Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes* n. 67: "O trabalho deve ser remunerado de tal modo que se ofereça ao homem a possibilidade de manter dignamente sua vida e a dos seus, sob o aspecto material, social, cultural e espiritual, considerando-se a tarefa e a produção de cada um, assim como as condições da empresa e o bem comum". Para não voltar aos abusos do capitalismo liberal e economicista, deve-se reconhecer sempre que a pessoa do trabalhador é princípio, sujeito e fim da atividade laboriosa e afirmar a prioridade do trabalho sobre o capital. "Este princípio, explica João Paulo II na *Laborem exercens* n. 12, diz respeito diretamente ao próprio processo de produção, relativamente ao qual o trabalho é sempre uma causa eficiente primária; enquanto o capital, sendo o conjunto dos meios de produção, permanece apenas um instrumento ou causa instrumental".

D. Boaventura Kloppenburg, O.F.M., Bispo de Novo Hamburgo, RS, é doutor em Teologia e membro da Comissão Internacional de Teologia da Santa Sé.

Dom Luciano é o novo arcebispo de Mariana

814188 OSP

Roberto Baschera

As vésperas do primeiro aniversário de sua indicação para a presidência da CNBB, dom Luciano

Mendes de Almeida, bispo-auxiliar da Região Belém (Leste-1), foi nomeado arcebispo de Mariana, em Minas Gerais. A divulgação da escolha foi feita pelo núncio-apostólico, dom Carlo Furno, na edição de quarta-feira do jornal "L'Osservatore Romano", precisamente às 12h de Roma (8h de Brasília).

Em Mariana dom Luciano substituirá dom Oscar de Oliveira, cuja renúncia foi aceita pelo Papa João Paulo II, que escolheu pessoalmente o bispo-auxiliar da Região Belém para ocupar o posto. Na mesma edição do "L'Osservatore Romano" foi divulgada a renúncia de dom Nivaldo Monte, arcebispo de Natal, no Rio Grande do Norte, substituído pelo bispo de Amargosa, Bahia, dom Alair Vilar Fernandes de Melo.

Em sua homenagem aos novos arcebispos, o núncio-apostólico expressou "o mais vivo reconhecimento pelo incansável trabalho desenvolvido em suas Arquidioceses", por dom Oscar de Oliveira e dom Nivaldo Monte, além de desejar a dom Alair e dom Luciano "um fecundo ministério episcopal em seus novos encargos de arcebispos".

Dom Luciano deixa a região leste de São Paulo, onde foi responsável, durante 12 anos, por 135 padres, 378 religiosas, 52 paróquias e 108 centros comunitários, desenvolvendo um contínuo trabalho junto aos pobres e menores da região, uma das mais carentes de São Paulo. A Região Leste-1, segundo

dados oficiais, abrange uma população estimada em dois milhões de habitantes. A

posse de dom Luciano ainda não tem data definida, mas normalmente nestes casos é formalizada cerca de 60 dias após a indicação. Em Minas, o carioca Luciano Mendes de Almeida será responsável por uma Arquidiocese com mais de um milhão de pessoas (o censo de 1980 indicava exatos 901.997 habitantes).

A Província Eclesiástica de Mariana foi criada no dia 6 de dezembro de 1945 a partir do desmembramento da diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro pelo papa Bento XIV. No dia 1º de maio de 1906 foi elevada pelo papa Pio X à condição de Arquidiocese. O primeiro arcebispo de Mariana foi dom Silvério Gomes Pimenta, negro e membro da Academia Brasileira de Letras. Dom Silvério - considerado uma das figuras mais célebres da Igreja - governou a Arquidiocese até 1922, quando foi substituído por dom Helvécio Gomes de Oliveira e, em 1960, por dom Oscar de Oliveira.

Sobre sua indicação para o arcebispado em Mariana, dom Luciano afirmou que a recebe "com paz e simplicidade, tendo como único desejo obedecer ao santo padre e servir à Igreja". O novo bispo-auxiliar da Região Belém será escolhido a partir de uma lista triplíce que dom Paulo enviará ao prefeito da Congregação dos Bispos, cardeal Bernardin Gantin, no Vaticano. Dom Paulo informou que no início do próximo mês viajará para Roma e aproveitará para tratar do assunto. A escolha, segundo ele, será feita "o mais depressa possível".

Trabalho dedicado ao menor carente

Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro no dia 5 de outubro de 1930. Descendente de Cândido Mendes, foi professor de filosofia (1965-1972), instrutor da Terceira Provação dos Jesuítas (1970-1975) e membro da diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil (1974-1975). Seu lema é "In Nomine Jesu" ("Em Nome de Jesus").

Bispo-Auxiliar de São Paulo (Região Leste-1) desde 1976, Dom Luciano é membro da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos. De 1979 a 1983 ocupou o cargo de secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (reeleito para mais um quadriênio), e foi escolhido para a presidência da entidade em abril do ano passado.

Dom Luciano, porém, é conhecido pelo trabalho que realiza em sua região, especialmente com a Pastoral do Menor, uma das mais importantes da Igreja. Quando assumiu a Região Leste-1, já enfatizava que em seu Ministério gostaria de "colaborar para a comunhão entre todos, sem distinção de classe, sobretudo em São Paulo, onde o trabalho terá preferência especial pelos pobres, desfavorecidos e doentes".

"Anos felizes em contato com povo"

"Agradeço à Arquidiocese de São Paulo os doze anos aqui passados e considero uma graça de inestimável valor ter podido exercer o Ministério Episcopal sob a orientação amigável de dom Paulo Evaristo Arns e em colaboração fraterna com os demais bispos auxiliares. Esta é uma experiência única de colegialidade entre bispos da mesma Arquidiocese.

"Louvo a Deus pelos benefícios aqui recebidos na convivência diária com os presbíteros, religiosos, seminaristas, agentes de pastoral e membros das comunidades. A Pastoral do Menor marcou definitivamente a minha vida no compromisso com os menores carentes, abandonados e infratores.

"Tenho a certeza de que os anos passados na Região Belém permanecerão como os mais felizes de minha vida, em contato com o povo simples, pobre, generoso e cheio de fé. Peço que me acompanhem com a prece para que possa servir a Deus na missão que me confia. Fico feliz pensando que a Arquidiocese para a qual me enviam tem o nome de Nossa Senhora e tem por padroeiro a São José".

Dom Luciano

CEED

Assaltante preso na Bahia diz que pensou seqüestrar D Lucas

Waldemar Sabino — 23/10/87

SALVADOR — Ao prender nesta capital o assaltante Fernando Batista da Silva, o Peito de Aço, 34 anos, fugitivo da Penitenciária Lemos Brito desde 1986 e condenado pela Justiça a cumprir penas que vão até o ano 2006, a polícia baiana conseguiu frustrar também o plano articulado pelo marginal para assaltar o Palácio Arquiepiscopal de Salvador, seqüestrar o arcebispo primaz do Brasil Dom Lucas Moreira Neves e exigir como resgate a quantia de Cz\$ 20 milhões.

Perido a bala levemente ao enfrentar 30 homens de oito equipes das polícias militar e civil, que usaram até bombas de gás lacrimogêneo na operação para prendê-lo, Peito de Aço foi medicado no Hospital do Pronto-Socorro e transferido depois para o xadrez da 1ª Delegacia. O marginal confessou que a idéia do seqüestro do arcebispo pintou em sua cabeça durante um assalto contra o padre Carlos, vigário da Igreja de Santa Teresinha, no bairro do Chame-Chame.

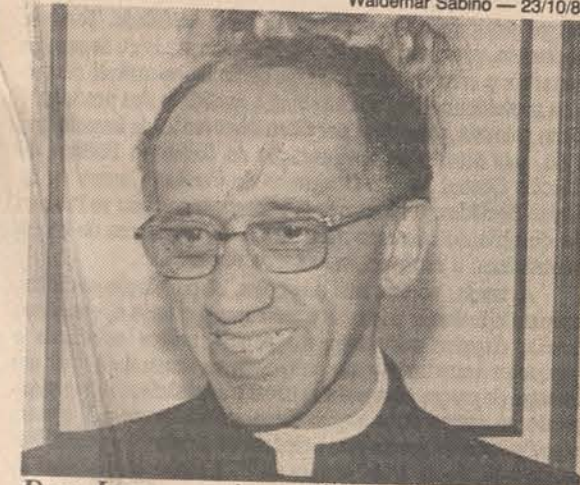
O plano inicial de assalto ao palácio do Campo Grande estava previsto inicialmente para ser executado no mês de fevereiro, dias antes do carnaval, quando Peito de Aço voltou do Rio de Janeiro, onde ficara escondido no morro de São Carlos após a sua fuga da penitenciária de Salvador. Na favela carioca, Fernando Batista conheceu os ladrões de banco Beto Crioulo, Portuguesinho e Maluquinho, com os quais se juntou para alguns assaltos no Rio. Em sua primeira investida contra uma agência do Bradesco, na Tijuca, Peito de Aço foi alvejado três vezes por seguranças e resolveu então voltar à Bahia.

Em Salvador, Peito de Aço assaltou o vigário da Igreja de Santa Teresinha, levando o padre Carlos como refém no próprio automóvel do religioso, mas antes de abandoná-lo exigiu a quantia de Cz\$ 20 mil. Em seguida, "com a finalidade de conseguir um automóvel Gol para o assalto ao palácio do Campo Grande", o fugitivo da Lemos Brito praticou um

Arcebispo estudará o caso da segurança

INDAIATUBA (SP) — Impressionado com as informações equivocadas que chegaram pelo telefone, sobre uma frustrada tentativa de seqüestro de que seria a vítima, o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves, disse colocar-se nas mãos de Deus, mas pretende estudar algumas medidas que aumentem sua segurança pessoal, tão logo volte à Bahia, dia 22 de abril, depois de participar da assembleia-geral da CNBB, que se realiza aqui em Itaici, um distrito de Indaiatuba.

Se o seqüestro não se concretizou, Dom Lucas não se livrou das brincadeiras dos outros bispos: Sua cotação está baixa, hein Lucas?, ouviu ele diversas vezes, quando contava que os bandidos pediriam Cz\$ 20 milhões de resgate à Arquidiocese. No meio da tarde, revoltado com a divulgação do plano do seqüestrador — é sempre bom não anunciar um fato desses, porque há muitas mentes malsãs que podem ser



Dom Lucas ouviu confrades brincarem

assalto contra a Vidraçaria Bahia, durante o qual o proprietário Antônio Muniz sofreu um enfarte. O duro cerco policial que se seguiu fez com que Peito de Aço desistisse naquele momento da idéia de seqüestrar o arcebispo primaz do Brasil.

Preso na invasão da favela das Malvinas, na localidade suburbana de Coutos, onde estava escondido desde sua volta do Rio de Janeiro, Peito de Aço está na vida do crime desde os 14 anos, quando foi abandonado pelos pais em Alagoas e fugiu para Salvador. "Com o resgate de Dom Lucas eu pensava me aposentar do crime e ir para Goiás, onde iria comprar uma fazenda", contou ontem Peito de Aço.

influenciadas" —, Dom Lucas garantia que a Arquidiocese de Salvador jamais teria dinheiro para pagar o resgate: "E eu não valho nada."

Dom Lucas já teve sua casa de praia, em Itapoã assaltada, no sábado, por dois homens e duas mulheres. "Não sei o que eles roubaram, porque não fui lá ver", contou ontem. "Mas vou analisar com calma essa questão da segurança, ver o que é necessário fazer, porque tenho um dever a cumprir na arquidiocese, junto às paróquias." Categórico, completou: "Quando a gente está num posto de responsabilidade, tem que estar preparado para tudo, com serenidade."

A notícia do seqüestro frustrado foi dada por Dom Lucas no mosteiro de vila Kostka — onde se realiza a assembleia da CNBB, a primeira de que ele participa depois de 15 anos no Vaticano.

15/4/88 F11

D. Lucas diz que está 'apreensivo' com crise moral e política do país

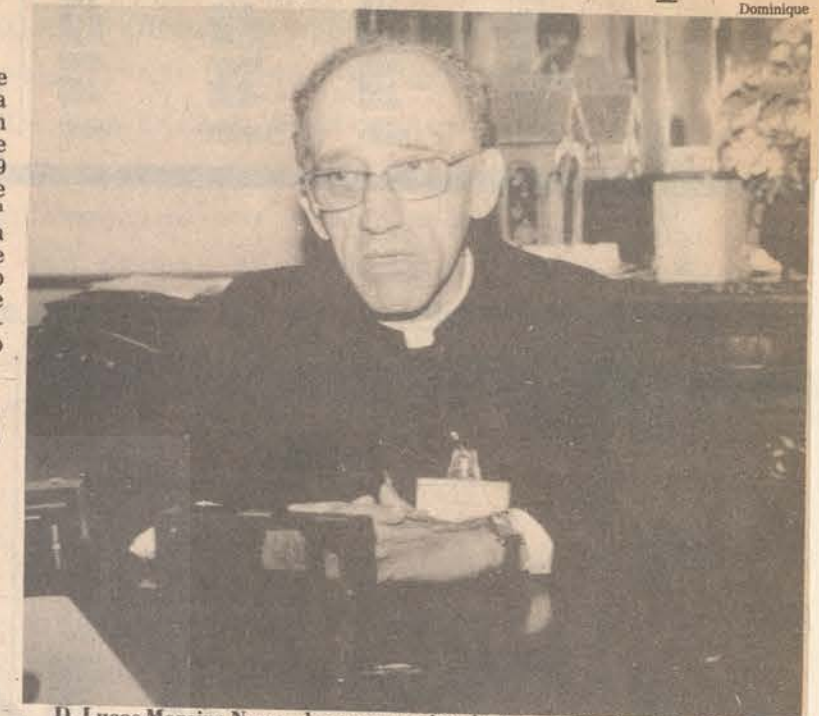
DERMI AZEVEDO
Enviado especial a Itaiç (SP)

O arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil, d. Lucas Moreira Neves, 62, disse ontem, às 16h, em entrevista coletiva no convento de Itaiç, município de Indaiatuba (99 km a noroeste de São Paulo) onde se realiza, desde anteontem, a 26ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que esta "cada vez mais apreensivo diante da crise moral, política e econômica" vivida pelo país, acrescentado ser "urgente um amplo saneamento nacional" nessas áreas.

Destacou que, sete meses depois de ter voltado ao Brasil, por ter sido nomeado para o arcebispado da Bahia, está constatando que "as dificuldades do país não somente são grandes, são crescentes". Um dos personagens da transição para a "Nova República". Por ser primo de Tancredo Neves e amigo do presidente Sarney, d. Lucas disse, também, que já vinha recebendo relatórios, no Vaticano, "revelando o profundo mal estar sobre a situação brasileira, não só dentro da Igreja, mas noutros setores da sociedade".

Como sintomas da crise, d. Lucas destacou "a tremenda sensação de frustração da juventude, a desagregação familiar sem precedentes (não comparável sequer aos Estados Unidos e a Europa), o erotismo e a pornografia desenfreados, a indústria da droga e uma terrível corrupção e imoralidade no trato das coisas públicas". Perguntado sobre o papel do presidente José Sarney diante dessa situação, d. Lucas afirmou que não fala "sobre pessoas, correntes ou partidos", mas que defende "a postura, de diálogo entre duas pessoas de grande responsabilidade", referindo-se a Sarney e ao presidente da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida.

O arcebispo declarou-se, também, disposto "a colaborar para um diálogo nacional em favor do saneamento moral, político e econômico do país". Acrescentou que "o papel da Igreja no momento brasileiro é o de iluminar e interpelar a consciên-



D. Lucas Moreira Neves, durante reunião da Assembléia Geral da CNBB

cia coletiva e as consciências individuais para que os valores morais sejam recuperados no país". Sobre o voto facultativo aos 16 anos, o primaz disse que "é algo que alegra, mas não pode servir como adulação à juventude".

D. Lucas comentou também a denúncia, feita em Salvador, anteontem, por um homem preso pela Polícia Civil baiana, de que pretendia sequestrar o arcebispo. Em sua opinião, o fato revela "que todos estamos numa sociedade truculenta e mais ameaçados ainda num momento de crise como o atual".

Noutra entrevista coletiva, ontem, às 14h30, o arcebispo de Belém (PA), d. Vicente Zico, o bispo de Vitória da Conquista (BA), d. Celso Pinto e o bispo auxiliar de Porto Alegre, d. Antonio Cheuiche, disseram que as prioridades brasileiras a curto prazo devem ser "manter o clima de liberdade, garantir uma

melhor distribuição da renda e conscientizar ainda mais a população sobre o valor da democracia e da participação política".

Na assembléia, os bispos continuaram debatendo ontem o tema central dos trabalhos, sobre a missão da Igreja nos campos político, cultural e do trabalho.

O Vaticano enviará visitadores apostólicos aos seminários brasileiros, a partir deste ano, em datas ainda não estabelecidas, para verificarem como está sendo encaminhada a formação intelectual pastoral, e comunitária dos seminaristas. E o que informaram ontem às 14h30, em entrevista coletiva, em Itaiç, o arcebispo coadjutor de Belém (PA), d. Vicente Zico e os bispos de Vitória da Conquista (BA), d. Celso Pinto, e auxiliar de Porto Alegre (RS), d. Antonio Cheuiche. Esta inspeção será discutida pela Assembléia da CNBB em uma reunião privativa do episcopado.

Itaici evidencia desencanto

PAULO

Domingo, 24 de abril de 1988 — POLÍTICA — 1.º caderno — A-9

da Igreja com a transição

DERMI AZEVEDO

Enviado especial a Itaici (SP)

Ao contrário de 1985, quando os documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) eram caracterizados pela esperança nas reformas sociais e econômicas no país como resultado da transição democrática, os textos aprovados na 26ª Assembléia Geral da CNBB —encerrada anteontem no convento de Itaici, município de Indaiatuba, a 99 km a noroeste de São Paulo— são marcados pelo desencanto da Igreja Católica diante dos rumos adotados pelo poder civil. Neste ponto, houve unanimidade entre os bispos de tendências "progressista", "moderada" e "conservadora" da CNBB, mesmo com ênfases diferentes.

O arcebispo de Salvador (BA) e primaz do Brasil, d. Lucas Moreira Neves, enfatiza, por exemplo, na sua crítica à "Nova República", os aspectos éticos. Ele verifica um crescimento nos índices de desagregação familiar, uma maior incidência da pornografia e do consumo de drogas ao lado do "sintoma terrível da corrupção". Já o arcebispo de Belo Horizonte (MG), d. Serafim Fernandes de Araújo, lembra que uma das promessas de Tancredo Neves —"a transparência no tratamento da coisa pública"— não está sendo, em sua opinião, considerada no período já cumprido até agora de transição democrática.

A não realização da reforma agrária e o agravamento nas condições de vida das populações urbanas foram os pontos mais criticados pelos bispos entre os sintomas da crise sócio-econômica do país. A situação dos indígenas —considerada "gravíssima"— concentrou, também, a preocupação unânime do episcopado. O bispo do Xingu (PA), d. Erwin Krautler, presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), foi aplaudido demoradamente, por todo o episcopado, depois de ler, na última quinta-feira, o seu relatório sobre o trabalho missionário junto aos índios.

Responsabilidade

O anteprojeto do documento central desta 26ª Assembléia da CNBB incluía, na parte política, uma referência direta ao governo federal, criticando o uso de slogans baseados no social sem correspondência prática em termos de reformas. Os bispos decidiram, porém, retirar essa referência por considerarem, segundo o ex-presidente da CNBB e bispo de Santa Maria (RS), d. Ivo Lorscheiter, que "a responsabilidade pela crise brasileira deve ser compartilhada pela sociedade como um todo".

A CNBB deixou, assim, em aberto, um canal de diálogo com o governo



D. Luciano Mendes de Almeida, ladeado por d. Paulo Ponte e d. Celso Queiroz

federal em torno de sua proposta de um programa de emergência para enfrentar a crise sócio-econômico-política do país. Preocupada com a possibilidade de convulsões sociais no Brasil —por causa do "apartheid social" que existe no país, na opinião do secretário-geral da CNBB, d. Celso Queiroz—, a Igreja Católica demonstrou, mais uma vez, na Assembléia de Itaiçi, que deseja reforçar as propostas de pacto social, desde que sejam efetivamente feitas as reformas, a começar pelo campo.

Partidos

Esta assembléia reafirmou também a posição do episcopado sobre a não vinculação da Igreja com partidos políticos específicos e sobre a atitude suprapartidária dessa instituição. O veto à atuação político-partidária do clero foi igualmente reafirmada, seguindo tanto as normas do Código de Direito Canônico quanto as recomendações de João Paulo 2º.

Em termos ideológicos, a CNBB concentrou suas críticas à "ideologia liberal" —responsabilizando os seus seguidores por quererem manter a Igreja apenas no campo espiritual— e, também, ao uso considerado "abusivo" da análise marxista por parte de "alguns agentes pastorais". Refletindo as orientações do papa no campo social, a conferência episcopal brasileira volta-se, prioritariamente, para a defesa de reformas que considera "possíveis" nas estruturas sócio-econômicas do país, de forma pragmática, sem indicar qual deve ser o

não o modelo político mais adequado para a sociedade.

Modernidade

Pela primeira vez na história das assembléias da CNBB, o episcopado colocou entre as suas preocupações a questão da modernidade. Por sugestão do bispo de Ilhéus (BA), d. Valfredo Tepe, teólogo e consultor eventual da Congregação Vaticana para a Doutrina da Fé, a CNBB poderá debater, em uma de suas próximas assembléias, o tema da "Modernidade e pastoral urbana".

A Igreja Católica no Brasil está descobrindo —como evidência o documento final de Itaiçi— que a pastoral rural, utilizada tradicionalmente por ela, já deixou há muito tempo de servir para as realidades urbanas brasileiras. "A pastoral da Igreja tem que se relacionar com a cultura da modernidade, marcada pela racionalidade, com uma alta produção científica e tecnológica, mas pobre em valores", diz d. Valfredo Tepe.

Neste contexto, o episcopado paulistano (tomando como referência o

projeto do Vaticano de criar novas dioceses na Arquidiocese de São Paulo) introduziu, na pauta oficial de Itaiçi, a discussão sobre a "pastoral das grandes cidades" brasileiras. Uma das estruturas a serem questionadas, nesta nova fase pastoral da Igreja no Brasil, serão as tradicionais paróquias, onde os habitantes das grandes cidades não mais encontram um espaço adequado de participação.

Conservadorismo

Um outro fato importante, nesta Assembléia, foi a manifestação de 110 bispos, propondo um debate amplo sobre os encaminhamentos que vêm sendo dados nos últimos dez anos para a nomeação e transferência de bispos no Brasil. Esses procedimentos —sobre os quais o nuncio apostólico em Brasília, d. Carlo Furno, tem influência decisiva— vêm beneficiando a tendência considerada "conservadora" do episcopado.

A 26ª Assembléia da CNBB mostrou, contudo, que a linha de atuação da conferência episcopal —baseada na chamada "evangelização libertadora"— mantém-se inalterada como um todo. Nas regiões em que a CNBB atua —como, por exemplo, nos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas— o peso da tendência "conservadora" no episcopado torna-se cada vez mais forte.

A CNBB concentrará seus esforços, em 1989, na área da comunicação, tema da Campanha da Fraternidade do próximo ano. Neste sentido, a Assembléia de Itaiçi aprovou a criação de um jornal semanal, de âmbito nacional, da conferência, que circulará ainda este ano, com a meta de chegar a 150 mil assinantes a médio prazo. O impacto dos meios de comunicação de massa na sociedade será também um tema prioritário nos debates que a CNBB promoverá com mais intensidade a partir de agora sobre a "cultura da modernidade".

D. Eugênio é o principal aliado no Brasil

Da Reportagem Local

115188 FSP

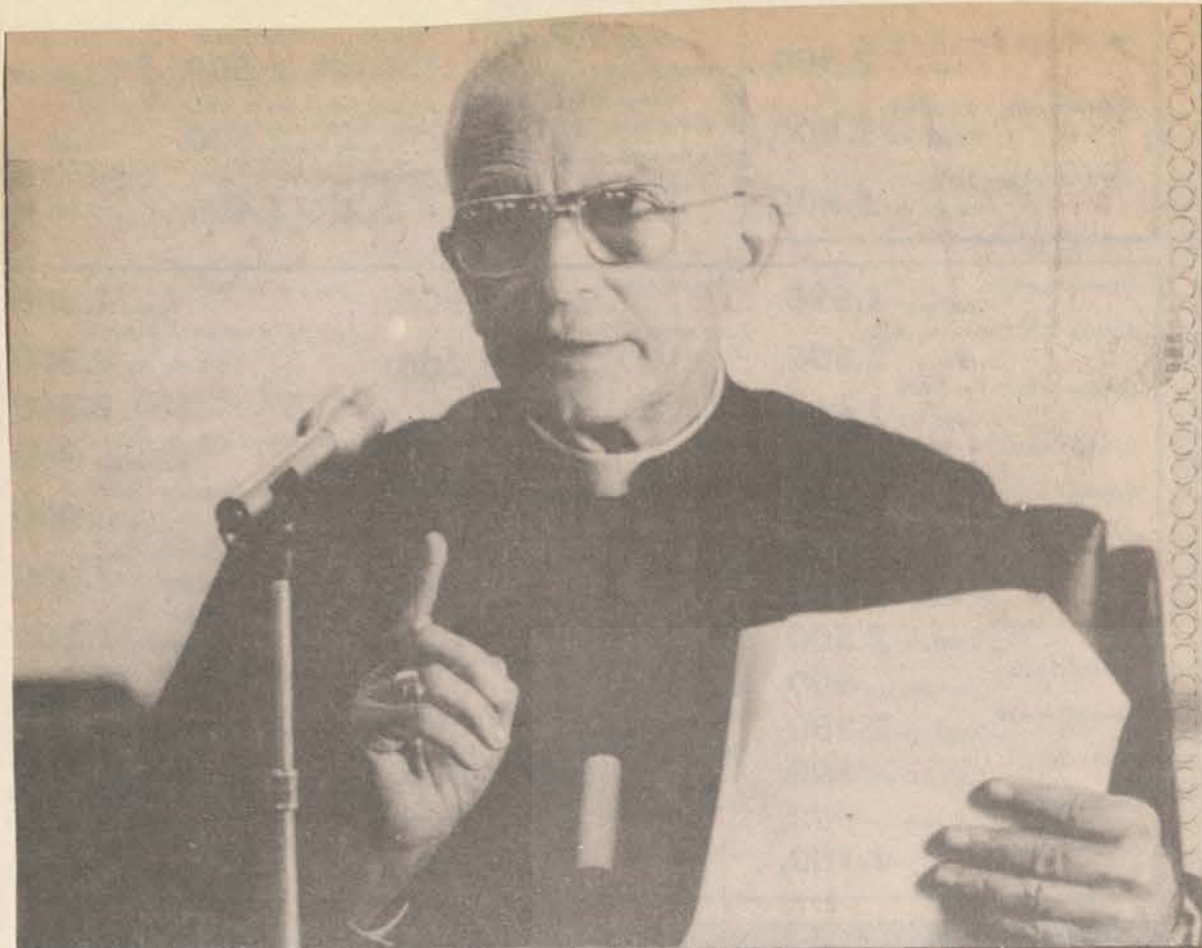
O cardeal Joseph Ratzinger tem como principais interlocutores no Brasil d. Eugênio Sales, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, e seu bispo-auxiliar, d. Karl Romer, além de d. Lucas Moreira Neves, arcebispo-primaz do Brasil. Mantém ainda contatos formais com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e com a Comissão Episcopal de Doutrina (CED), que cuida no país da ortodoxia no campo doutrinário católico.

D. Lucas Moreira Neves, arcebispo de Salvador, Bahia, conviveu com Ratzinger no Vaticano quando era secretário da Congregação para os Bispos. O núcleo central do modelo teológico conservador concentra-se, porém, no Rio de Janeiro, onde funciona a única Comissão Arquidiocesana para a Doutrina da Fé, dedicada em tempo integral ao exame sobre a fidelidade ou não de obras teológicas à doutrina católica. Um outro elemento de vinculação entre Ratzinger e a Arquidiocese do Rio é a participação dos teólogos da Igreja carioca no grupo teológico "Communio", dissidência "conservadora" do grupo teológico "Concilium", com sede na Holanda, do qual participam, entre outros, Hans Kung e Leonardo Boff.

Efeitos

Os efeitos da orientação doutrinária de Ratzinger já podem ser verificados de forma mais ampla, particularmente, no discurso da Conferência Episcopal. Nota-se a presença de uma adjetivação mais forte para precisar a ortodoxia da posição da Igreja. Já não se fala, por exemplo, simplesmente de "opção pelos pobres" mas de "evangélica opção pelos pobres", além de se tomar cuidado para que a "Teologia da Libertação" seja vista como uma verdadeira e "autêntica" forma de pensamento religioso, evitando-se assim possíveis contratempos com os setores mais conservadores da Igreja Católica.

Mesmo sem ter vindo anteriormente ao Brasil apesar de ter sido convidado pelo episcopado em 1985, Ratzinger é parte da história mais recente da Igreja no país: ele interrogou o teólogo Leonardo Boff, em 7 de setembro de 1984, no Vaticano, sobre o livro "Igreja, Carisma e Poder", sendo um dos responsáveis pela condenação deste teólogo a um ano de "silêncio obsequioso", período durante o qual o teólogo franciscano ficou impedido de lecionar, participar de conferências e publicar suas obras. (DA)



O arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, é o principal articulador da ala conservadora na Igreja brasileira

Vaticano transferiu d. Luciano

DERMI AZEVEDO
Da Reportagem Local

O bispo-auxiliar da região episcopal Belém, zona leste paulistana e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, foi transferido para a Arquidiocese de Mariana (MG), pelo papa João Paulo 2º, no último dia 6 de abril, sem que tenha sido feita qualquer consulta ao cardeal arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, ao colégio dos bispos auxiliares, ao Conselho de Presbíteros da Arquidiocese e ao clero arquidiocesano.

Segundo apurou a Folha, a transferência de d. Luciano frustrou um antigo plano de d. Paulo Evaristo Arns que desejava o atual presidente da CNBB como seu sucessor, caso o cardeal Arns renunciasse ao arcebispado. Essa hipótese foi levantada várias vezes por d. Paulo, nos últimos anos, sobretudo nos momentos mais intensos de pressão contra seu trabalho, dentro e fora da Igreja. Sua intenção seria a de completar sua carreira franciscana ou como missionário na África ou como agente pastoral a serviço dos aidéticos.

Praxe

De acordo com a praxe eclesial, a transferência de um bispo-auxiliar, como era o caso de d. Luciano, deveria ter sido feita com o conhecimento e a aceitação prévios do arcebispo metropolitano, cardeal Arns, o principal responsável pelo trabalho pastoral na Arquidiocese (que tem, agora, oito bispos-auxiliares — d. Angélico Sândalo Bernardino, d. Joel Catapan, d. Antônio Gaspar, d. José Thurler, d. Alfredo Novak, d. Décio Pereira, d. Fernando Penteado e d. Francisco Vieira). Deveria, também, ter sido considerada a opinião do Conselho Presbiteral Arquidiocesano, um colegiado que representa os 1.137 padres diocesanos e religiosos de São Paulo.

A responsabilidade pela nomeação e transferência de bispos cabe ao papa. Mas ele se baseia em processos organizados pela Congregação para os Bispos, nos quais estão tendo um grande peso os nuncios apostólicos (embaixadores pontifícios no exterior). O nuncio em Brasília, d. Carlo Furno, é considerado hoje, na Igreja do Brasil, como o detentor do voto mais importante para a designação ou transferência de bispos na CNBB.

Comunidades de base

Outro segmento surpreendido com a nomeação de d. Luciano é formado pelas comunidades de base e movi-

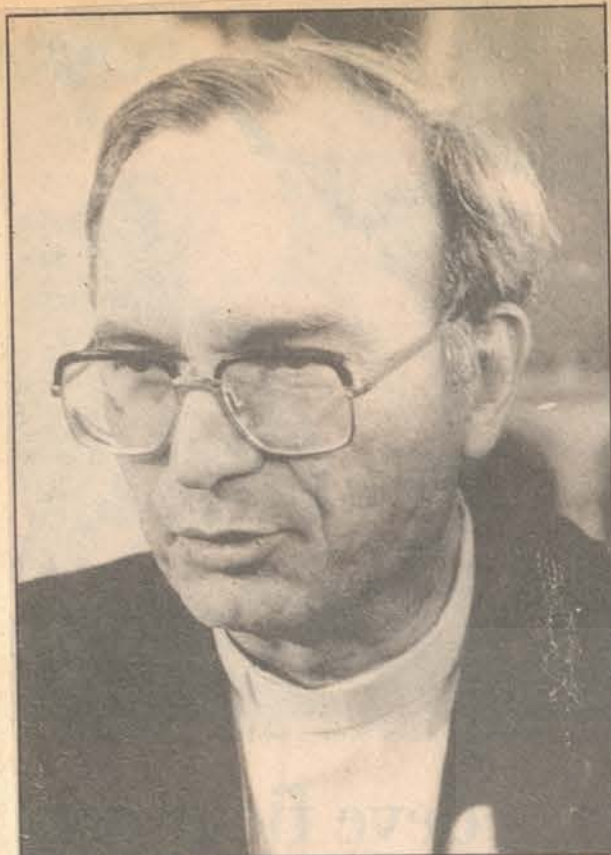
mentos pastorais da região Belém, na zona leste paulistana. Nessa região, a transferência do presidente da CNBB está sendo vista como uma tentativa de isolá-lo e de atingir o plano pastoral do cardeal Evaristo Arns. Simbolicamente, o clero, religiosos e leigos do Belém decidiram presentear d. Luciano com uma linha de telex, a ser instalada na Cúria de Mariana. A sua despedida de São Paulo está marcada para o próximo dia 22, às 15 hs, na Catedral da Sé. Seis dias depois, tomará posse na Arquidiocese mineira.

Auxiliar para o ABC

O Vaticano está consultando clérigos da diocese de Santo André, que abrange os municípios do ABC paulista, sobre o nome do frade franciscano menor conventual Sebastião Quaglio, italiano, de orientação "conservadora", que poderia ser nomeado como auxiliar do bispo diocesano local, d. Cláudio Hummes, também franciscano, de linha "progressista". O frei Sebastião é vigário em São Bernardo do Campo. Já na Arquidiocese de Campinas (SP), o arcebispo local, d. Gilberto Pereira Lopes, descartou, recentemente, a nomeação de um arcebispo coadjutor, com direito à sucessão, pertencente ao movimento do Neocatecumenato.

S. PAULO

ano sem consultar d. Paulo



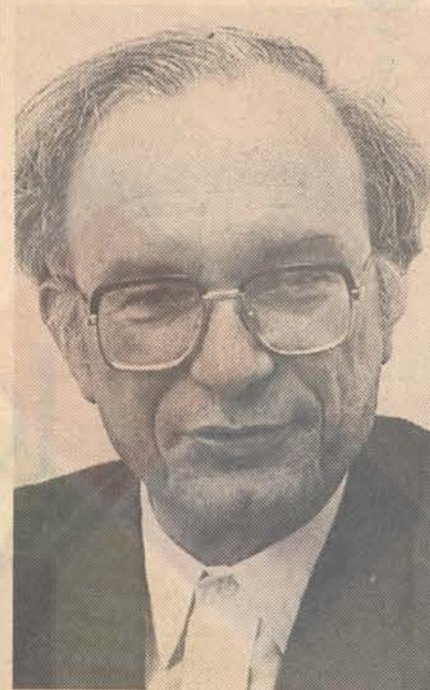
D. Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB



D. Paulo Evaristo Arns, cardinal-arcebispo de São Paulo

17/10/88

Frankfurter Allgemeine Zeitung

Dom Luciano MENDES DE ALMEIDA
Foto Agência O Globo

Mehr Priester als Präsident

Sein Vorgänger hatte einen deutschen Namen und deutsche Eigenschaften. Seit Brasiliens Bischöfe Dom Luciano Mendes de Almeida zum Nachfolger Ivo Lorscheiters wählten, hat die Bischofskonferenz des größten katholischen Landes einen Präsidenten mit brasilianischem Namen und brasilianischer Mentalität. Dom Luciano ist ein Priester, der die leisen Zwischentöne vorzieht, der nicht gern offen anstürmt, sondern lieber beharrlich unterläuft. Er ist ein Mann des Ausgleichs, der geduldig zuhört und gern versöhnt. Er ist deshalb kein „Kompromißler“, er hat durchaus einen harten Kern, zeigt ihn aber nur, wenn es sein muß.

Den 57 Jahre alten Jesuiten am Telefon im Gespräch mit dem „Präsidentsamt“ in Brasilien oder mit Journalisten aus São Paulo zu erleben ist ein Genuß. Gelassen und geschickt gibt er Druckreifes von sich. Nicht nur seine Klugheit, auch seine Bescheidenheit bewahrt ihn davor, andere seine Überlegenheit spüren zu lassen. Dom Luciano ist der Sohn einer angesehenen Familie aus Rio de Janeiro. Er ist am liebsten Seelsorger. Wenn er spürt, daß jemand seine Hilfe braucht, und sei es der Bettler, den er spät nachts vor seinem Hause aufließt, dann hat er Zeit, dann ist der von Termin zu Termin Gehetzte nicht mehr gehetzt. Seine oft genervten Mitarbeiter haben sich damit abgefunden, daß der notorisch Unpünktliche wichtigste Leute sitzen läßt, weil „wichtigere“ auf ihn warten; sie himmeln Dom Luciano an und sorgen sich, weil er bei drei bis vier Stunden Schlaf sich gesundheitlich nicht schont.

Nach seinem Theologie-Studium in Rom wurde Dom Luciano 1976 Bischof in Belém, einem Stadtteil von São Paulo. In den zwölf Jahren, die er dort arbeitete, bis er jetzt zum Erzbischof von Mariana ernannt wurde, richtete er 100 Heime für 10000 verlassene Kinder und Jugendliche ein. Der neue Erzbischof und alte Generalsekretär der Bischofskonferenz gilt als „gemäßigt progressiv“. Er sähe es wohl gerne, wenn sich die stark politisierte Kirche Brasiliens wieder mehr auf ihre zentrale Botschaft besänne, betont aber sofort, daß darüber das soziale Engagement für das „mutlos“ gewordene Volk nicht vernachlässigt werden dürfe; eine unpolitische Kirche ist für ihn unvorstellbar. Dom Luciano träumt von einem gerechteren Brasilien, in dem den vielen Millionen ohne Land durch eine Agrarreform geholfen wird; er räumt ein, daß an den gewaltsamen Landbesetzungen bisweilen Priester beteiligt seien. Den Kirchenmann bedrücken die von ihm auf vier Millionen pro Jahr geschätzten Abtreibungen in Brasilien. In der Familienplanung vertritt er indes die bekannten Positionen Roms.

In Mendes Bezirk Belém mit seinen zwei Millionen Menschen sind in fünf Jahren nur 20 Priester geweiht worden. In Brasilien stagniert die Zahl der Priester seit Jahren, während die Bevölkerung jedes Jahr um drei Millionen zunimmt. Das macht Dom Luciano Sorgen. Er bangt auch um die Einheit seiner Kirche, in der sich unbelehrbare Reaktionäre genauso zu Hause fühlen wie marxistische Eiferer, die in ihren Hirtenbriefen die Guerrilla preisen und vom „prophetischen Bart“ Castros schwärmen. Die Bischöfe wußten sicher, warum sie den unermüdlichen „conciliador“ zu ihrem Präsidenten wählten.

MARTIN GESTER

D. Luciano vai se despedir de São Paulo com missa na Sé

Da Reportagem Local

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e ex-bispo auxiliar da região episcopal do Belém, zona leste paulistana, d. Luciano Mendes de Almeida, fará sua despedida da Arquidiocese de São Paulo amanhã, às 15h, com uma missa concelebrada na Catedral da Sé, na festa litúrgica do Espírito Santo. D. Luciano foi nomeado arcebispo de Mariana (MG) pelo papa João Paulo 2º, no início do mês passado. A sua posse em Mariana está marcada para o próximo dia 28, às 15h, na catedral local, com a leitura do decreto pontifício de nomeação. A primeira recepção a d. Luciano em Minas Gerais acontecerá no próximo dia 27, às 15h, no aeroporto de Belo Horizonte.

Da capital mineira, d. Luciano seguirá para Ouro Preto, fazendo, em seguida, uma visita à igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, em Itabirito (MG), repetindo o itinerário feito pelo primeiro bispo de Mariana, d. frei Manuel da Cruz, em

1745. A Arquidiocese de Mariana fará uma recepção solene a d. Luciano no dia 27.

Um balanço do trabalho de d. Luciano em São Paulo foi feito em um seminário, anteontem e ontem, no Centro Pastoral São José, no Belém. Hoje, às 20h, d. Luciano celebrará missa na paróquia de São Mateus, zona leste.

A lista triplíce com os nomes preferidos pelo cardeal arcebispo paulistano, d. Paulo Evaristo Arns, e seus bispos auxiliares, para a escolha do novo bispo auxiliar da região Belém, está sendo examinada pela Congregação Vaticana para os Bispos, um dos organismos da Cúria Romana. Os nomes serão encaminhados para a escolha definitiva do papa pelo prefeito dessa congregação, cardeal africano Bernardin Gantin, depois de ouvir o parecer de uma comissão cardinalícia. Além dos votos de d. Paulo e de seus auxiliares, será considerado, para a escolha, o voto do nuncio apostólico em Brasília, d. Carlo Furno.



D. LUCIANO SE DESPEDE DE SÃO PAULO

O cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, abraça o seu ex-bispo auxiliar e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida (foto), na missa celebrada ontem na Catedral Metropolitana de São Paulo, praça da Sé (centro). A cerimônia foi a despedi-

da de d. Luciano, que assume no sábado o arcebispado de Mariana (MG). "O que d. Luciano iluminou, continuará iluminado; o que ele uniu, continuará unido para sempre", disse d. Paulo. Na missa, d. Luciano afirmou que "difícilmente serão repetidos" os 12 anos "felizes" como bispo em Belém (zona leste).

D. Luciano toma posse e critica divórcio na Constituição

Banco de Dados
29/5188 FSP

Sucursal de Belo Horizonte

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, tomou posse ontem à tarde como novo arcebispo em Mariana (120 km de Belo Horizonte), em substituição a d. Oscar de Oliveira que se aposentou voluntariamente. d. Luciano vai ser o quarto arcebispo da Arquidiocese de Mariana que congrega 76 municípios e uma população de aproximadamente 900 mil pessoas.

O novo arcebispo de Mariana criticou a o Congresso constituinte por ter derrotado aprovado o direito ao divórcio e ter derrotado a emenda anti-aborto, que incluía a expressão "desde a concepção" no artigo sobre o direito à vida. "O capítulo tem pontos positivos que precisamos destacar", acrescentou, porém, d. Luciano.

Para o bispo, as decisões do Congresso constituinte como o reconhecimento da família como base da sociedade, o reconhecimento da criança como absoluta prioridade, o plano de saúde e educação são avanços conquistados pela sociedade. d. Luciano disse ainda que a batalha não está perdida, afirmando expectativas para a lei ordinária.

Cerca de 50 bispos estiveram presentes na posse de d. Luciano, entre eles o arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, e o do Rio de Janeiro, d. Eugênio Sales. Segundo a Folha apurou, a presença de quase 50 bispos foi considerada uma forma de prestígio de d. Luciano, que está sendo transferido de uma região urbana para uma rural. Participaram também da solenidade o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, o senador Ronan Tito (PMDB-MG) e o irmão de d. Luciano, o professor Candido Mendes. O governador do Distrito Federal, José Aparecido, que representou o presidente José Sarney, chegou atrasado portando uma carta escrita de próprio punho pelo presidente, exaltando as qualidades de d. Luciano.

Na cerimônia de posse, realizada na praça da Catedral da Sé, após um cortejo pelas ruas da cidade decoradas com fitas e coroas de flores com as cores do Vaticano (amarelo e branco), d. Luciano Mendes disse que veio para servir à comunidade e dar continuidade no trabalho que vinha sendo realizado por d. Oscar de Oliveira. Ele afirmou ainda, que pretende aplicar na Arquidiocese de

Mariana as diretrizes da CNBB de formação espiritual e transformação social, com especial atenção para as crianças.

Na missa concelebrada com d. Paulo Evaristo Arns e d. Oscar de Oliveira, d. Luciano agradeceu os bispos e a população de São Paulo que, segundo ele, os ajudou na sua ação pastoral na regional do Belém, na zona leste de São Paulo. "Tenho que agradecer aos que me ajudaram na ação pastoral de São Paulo na luta contra as arbitrariedades, contra a carestia, e no trabalho da periferia", disse d. Luciano.

Constituinte

Pela manhã, antes da posse, no Palácio Episcopal, uma construção pós-moderna em seu interior que combina estruturas metálicas com alvenaria mas conserva a fachada barroca, d. Luciano Mendes disse que não concorda com o rótulo de conservador para d. Oscar de Oliveira, a quem substituiu. Segundo d. Luciano, d. Oscar atua de acordo com a realidade de sua Arquidiocese, destacando que ele desenvolveu importante papel cultural em Mariana, ajudando a recuperar o patrimônio histórico da cidade.



O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e arcebispo de Mariana (MG), d. Luciano Mendes de Almeida

Dom Luciano toma posse em festa religiosa e política

Arcebispo de Mariana quer cristãos engajados em nova sociedade

Mariana (MG) — A cerimônia de posse do Presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, como Arcebispo de Mariana, na tarde de ontem, transformou-se numa ecumênica festa política e religiosa, onde se misturaram bispos conservadores e progressistas e políticos de todas as tendências: do PDS, aos dissidentes do PMDB.

Cerca de cinco mil pessoas aglomeraram-se na praça da Catedral Basílica, uma construção do século XVIII, para ouvir a leitura da bula Papal oficializando a posse de dom Luciano e assistir à missa concelebrada por cerca de 50 bispos de vários Estados brasileiros e dois cardeais. Uma significativa demonstração do prestígio do Presidente da CNBB junto ao Episcopado nacional, que tem cerca de 300 prelados na ativa.

CORTEJO

Ladeado pelo progressista cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, e pelo conservador cardeal do Rio, dom Eugênio Salles, dom Luciano liderou o cortejo entre a igreja de São Francisco e a Catedral Basílica, percorrendo cerca de 500 metros de ruas recobertas por um tapete de serragem e pó de tinta coloridos, formando desenhos com motivos religiosos. D. Luciano é jesuíta. Foi Secretário-Geral da CNBB durante oito anos, tendo sido eleito para a presidência da entidade no dia 27 de abril do ano passado, sendo o primeiro bispo auxiliar a ocupar o cargo.

Na multidão misturavam-se figuras



D. Luciano: prestígio junto ao episcopado e aos políticos

distintas como o Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, o senador Ronan Tito (PMDB), o deputado Bonifácio de Andrada (PDS) e o deputado Otávio Elísio (que saiu recentemente do PMDB) e representantes do Movimento de Sofredores de Rua de Belo Horizonte, uma entidade que congrega mendigos da capital mineira.

Ontem, durante o sermão, dom Luciano deu os primeiros indícios de que pretende introduzir modificações na linha pastoral da Arquidiocese. Se a preocupação central de seu antecessor,

dom Oscar de Oliveira, era com os seminários e a formação sacerdotal, o presidente da CNBB quer o engajamento dos cristãos na construção de uma sociedade nova.

Hoje, menos de 24 horas após a posse como Arcebispo, dom Luciano deixará a cidade. Ele celebrará missa na Catedral Basílica às 10 horas e logo após embarcará para o Canadá para participar de uma reunião de presidentes de conferências episcopais daquele país, dos Estados Unidos, Nicarágua, Equador, Haiti e Uruguai.

D. Lucas e D. Freire estão entre os 25 novos cardeais

MONICA FALCONE
Correspondente

ROMA — Entre os 25 novos cardeais, dois brasileiros — Dom Lucas Moreira Neves, Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, e Dom José Freire Falcão, de Brasília — vão receber o chapéu cardinalício no dia 28 de junho, em Roma, segundo anúncio feito ontem pelo Papa João Paulo II, da janela do Palácio Apostólico, na Praça de São Pedro, logo após a bênção do Angelus. A nomeação de Dom Lucas já era esperada, pois ele ocupa a Diocese Primaz do Brasil, tradicionalmente reservada a cardeais. Já a de Dom Falcão constitui relativa surpresa e estabelece um precedente: transforma a capital brasileira, a partir de agora, em sede cardinalícia.

Uma pequena revolução deverá ocorrer na Cúria romana, pois o Papa também fez cardeais dois de seus

mais próximos colaboradores, que deverão receber, além disso, funções pastorais. Trata-se do número três da Cúria (depois do Papa e do Cardeal Secretário de Estado), o espanhol Eduardo Martínez Somalo ("Sostituto" ou Vice-Secretário de Estado), e do número quatro, Achille Silvestrini, Secretário do Conselho para os Negócios Públicos da Igreja — na prática, Ministro do Exterior da Santa Sé.

Com a concessão das novas púrpuras cardinalícias, o número de cardeais com menos de 80 anos — e portanto com direito a entrar no conclave para eleger um novo Papa —, chega a 121. O Papa Paulo VI havia estabelecido o limite de idade de 80 anos e o número máximo de 120 eleitores, mas um dos novos cardeais, o francês Jacques Martin, Prefeito da Casa Pontificia, já ultrapassara os 80 anos em agosto.

Dom José Freire Falcão, ex-Bispo de Teresina e atual Arcebispo de Brasília, é tido em Roma como um dos mais bem informados prelados brasileiros, por suas boas relações com o mundo político e diplomático de Brasília. Já Dom Lucas Moreira Neves tem o chapéu cardinalício à sua espera há praticamente dez anos — desde que foi nomeado Secretário do Sacro Colégio dos Cardeais, logo após a eleição de Karol Wojtila —, pois uma tradição secular faz de todo secretário de conclave um novo cardeal. Mais ainda: depois de quase 15 anos ocupando postos estratégicos na Cúria romana — o último deles foi o de Secretário da Congregação dos Bispos —, Dom Lucas voltou ao Brasil como Arcebispo de Salvador, Diocese que lhe assegura o Cardinalato.

Era previsível que outros ocupantes de tradicionais sedes cardinali-

cias também recebessem agora a púrpura e o título de Príncipes da Igreja. Nesse caso, estão os novos Cardeais de Gênova e Nápoles, na Itália; Montreal, no Canadá; Washington e Detroit, nos Estados Unidos, e Viena, na Áustria.

No mundo comunista, também foram feitos dois novos Cardeais: o húngaro Laszlo Paskai, Arcebispo de Esztergom e Primaz da Hungria, e o lituano Vincentas Sladkevicius. Também o Bispo de Hong Kong, Monsenhor Jôn Baptist Wucheng-Chung, entra no Colégio de Cardeais.

Mantendo a tradição dos dois últimos Consistórios, também neste João Paulo II elevará ao Cardinalato um teólogo que sequer é bispo, como ocorreu em 1983 e 85. Desta vez, trata-se do teólogo suíço Hans Urs von Balthasar, que completou recentemente 83 anos.



Dom José Freire Falcão recebe flores por sua nomeação como Cardeal

Telefoto de Gustavo Miranda

Dom Lucas manteve sua rotina

SALVADOR — O Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves, encarregou-se de dizer aos religiosos que convivem com ele na residência arquiépiscopal do Campo Grande, no Centro de Salvador, de sua nomeação a Cardeal.

Dom Lucas interrompeu o café da manhã que tomava com algumas freiras e padres, às oito horas da manhã, para dizer-lhes que naquele momento estava sendo nomeado Cardeal pelo Papa. Tranquilo e muito sorridente, recebeu os parabéns dos presentes, que organizaram um almoço à altura da data, segundo contou a Irmã Lúcia, uma das freiras que trabalham na residência.

O almoço foi íntimo, mesmo porque até a tarde de ontem pouca gente sabia da nomeação. A medida em

que a notícia ia se espalhando, religiosos, autoridades e simples fiéis começaram a telefonar para as congratulações.

— Recebo com humildade esta nomeação, honraria que não deve ser creditada à minha pessoas e sim à Arquidiocese de Salvador — disse.

Dom Lucas não interrompeu a sua rotina por causa da notícia: à tarde saiu para celebrar missa em paróquias da periferia e do Centro de Salvador, como estava programado, só retornando à noite.

O Bispo auxiliar da Arquidiocese, Dom Thomas Murphy, disse que nos próximos dias se reunirá com outros bispos, com padres e freiras, para planejar uma festa comemorativa à nomeação de Dom Lucas.

Primo de Tancredo, Primaz começou a carreira em 1950

Dom Lucas Moreira Neves tem 62 anos de idade e é primo do falecido Presidente Tancredo Neves. Mineiro de São João del Rei, ele foi ordenado sacerdote pela Ordem dos Dominicanos em Saint Maximin, na França, em julho de 1950.

Logo depois voltou ao Brasil, trabalhando 14 anos na Arquidiocese do Rio, onde se dedicou ao Movimento da Família e ao Movimento Universitário. Dom Luciano foi também bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, ordenando-se bispo em agosto de 1967, em sua terra natal.

A partir de 1979, ele trabalhou

em Roma, como Secretário da Sagrada Congregação dos Bispos, tendo voltado ao País em setembro do ano passado, para assumir o cargo de Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, sucedendo ao Cardeal Avelar Brandão Vilela, que morreu em dezembro de 1986.

Dom Lucas tomou posse na Arquidiocese de Salvador no dia 27 de setembro de 1987, em uma grande festa religiosa, prestigiada por cardeais e bispos de todo o País. Ele é considerado um modelo quanto à sua linha de trabalho pastoral.

Dom Freire Falcão se emociona

BRASÍLIA — O Brasil vai ganhar mais dois Cardeais, segundo anunciou ontem no Vaticano o Papa João Paulo II. Serão elevados ao posto os Arcebispos de Salvador, Dom Lucas Moreira Neves, e o de Brasília, Dom José Freire Falcão.

— Recebo com humildade e muito emocionado este gesto do Papa, que me deu uma responsabilidade ainda maior — reagiu em Brasília Dom José Freire Falcão.

Amigo pessoal dos novos Cardeais — de acordo com nota divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores —, o Presidente José Sarney congratulou-se com os dois manifestando a sua admiração e enaltecendo "as virtudes de pastores, de patriotas e de intelectuais" de ambos.

Com a nomeação de Dom Lucas e de Dom José Freire Falcão o Brasil passará a ter sete assentos no Colégio dos Cardeais — colegiado de 120 integrantes responsável pela eleição dos novos Papas e que serve, também, de Conselho para o Governo universal da Igreja.

De seu novo posto, Dom José disse que espera que o Brasil supere as dificuldades que atravessa e mandou uma mensagem aos Constituintes: disse que o texto, mesmo imperfeito "pode contribuir muito se for assumido com responsabilidade e amor ao País".

Sarney enviou rosas para Dom Lucas acompanhadas de um bilhete pedindo para que estivessem no altar ontem, na missa que rezasse.

Uma linha de total fidelidade ao Papa

BRASÍLIA — Dom José Freire Falcão acha que em sua vida eclesial nada há a ressaltar. Ele se define como um seguidor do Papa.

— Sigo uma linha de total comunhão e fidelidade ao magistério do Santo Padre — observou Dom José.

Aos 12 anos de idade deixou o município de Pereiro, no Ceará, onde nasceu, para estudar no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Nenhum dos seus seis irmãos seguiu a carreira religiosa.

Dom José foi sacerdote e Bispo de Limoeiro do Norte, no Ceará, e Arcebispo de Teresina, entre 1972 a 1985, quando foi transferido para Brasília. Atualmente é Secretário da União dos Cristãos e 2º Vice-Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM).

Papa nomeia d. Lucas e d. Falcão cardeais

Da Sucursal de Brasília

O papa João Paulo 2º anunciou ontem a nomeação para o cardinalato dos atuais arcebispos de Brasília, d. José Freire Falcão, e de Salvador, d. Lucas Moreira Neves. Ambos estarão no Vaticano, ao lado de 23 novos cardeais de outros países, no próximo dia 25 para a cerimônia de investidura. A partir das nomeações de ontem, o Brasil passa a ter sete cardeais, entre os 120 responsáveis pela eleição do papa.

Em Brasília, pela manhã, d. José recebeu um telefonema de congratulações do presidente José Sarney. Segundo o novo cardeal, sua rotina na capital não deverá sofrer maiores alterações. "É claro que aumenta a responsabilidade, pois devemos ajudar o papa no governo da Igreja", disse à Folha, d. José, que é arcebispo de Brasília há quatro anos. Nascido em Ereré (CE), ele ocupou a arquidiocese de Teresina (PI) durante 12 anos antes de ser transferido para o Distrito Federal.

D. José criticou a decisão do

Congresso constituinte que incluiu o divórcio no texto constitucional e remeteu o aborto para a lei ordinária. "Alargou-se a possibilidade da separação conjugal e isso estimula a desagregação da família", afirmou o cardeal. Quanto ao aborto, foi enfático: "Os deputados católicos deveriam ter sido mais firmes."

Para o arcebispo de Brasília, é imprópria a classificação dos religiosos como progressistas ou conservadores, por serem "termos políticos", evitando se incluir em algum

grupo. "Os outros dizem que eu sou conservador", afirmou.

D. Lucas

D. Lucas disse ontem, em Salvador, que recebe "com gratidão e benevolência" o cardinalato, considerado por ele "um prêmio para a Arquidiocese". O novo cardeal disse também que deseja nunca exercer a tarefa de eleger o papa: "Quero que João Paulo 2º tenha a vida muito longa." Para d. Lucas, o novo encargo aumentará sua "fidelidade e lealdade ao papa".

OPBW - 30/05/88 =

POLÍTICA

Dom José Freire Falcão é o primeiro Cardeal cearense

Evita falar em política e acha Igreja do Terceiro Mundo atuante

Vocação para ser um simples pastor

Dom José Freire Falcão é o primeiro cardeal cearense na história da Igreja Católica. Formado em Filosofia e Teologia, em Fortaleza, lecionou no Ceará de 1950 a 1967. Em 1967 foi nomeado Bispo de Limoeiro do Norte, de onde em 1972, foi para o Arcebispado de Teresina - Piauí. Em março de 1984 foi designado para a Arquidiocese de Brasília.

O novo Cardeal fez seus estudos teológicos no Seminário da Prainha, tendo sido ordenado a 19 de junho de 1949, por dom Aureliano Matos, na Catedral de Limoeiro do Norte, onde foi sagrado Bispo a 17 de junho de 1967, tendo como sagrante dom José

de Medeiros Delgado e como consagrantes dom Vicente Matos e dom Mauro Ramalho, tendo sido saudado por dom Antônio Batista Fragoso, em nome do Episcopado.

FATO CURIOSO

Durante a celebração de ordenação episcopal de dom Falcão, em Limoeiro do Norte, faltou luz na Catedral e a cerimônia foi realizada no escuro. Mesmo assim sua voz foi ouvida: "Não serei um bispo construtor, não farei papel de deputado, senador ou prefeito; serei simplesmente, um pastor, estou ligado a um serviço; sou responsável por todos os irmãos

que encontrar no meu caminho e tenho obrigação de buscar os que se desviaram".

Ontem à tarde, chegou à residência arquiépiscopal um telegrama do papa João Paulo II para o cardeal Arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider. No telegrama, o Santo Padre informava sobre a nomeação de dom Falcão para o posto cardinalício.

IAPAS/INSTITUTO D
FINACEIRA DA F
ASSISTÊNC



Brasília - Apenas d. José Freire Falcão e o presidente Sarney entenderam o significado da corbélia de flores que d. Falcão recebeu na manhã de sábado com um cartão do Presidente: "Para ornamentar o altar amanhã, quando o sr. for celebrar a missa". É que desde quarta-feira, o presidente Sarney sabia que d. Falcão seria o oitavo cardeal brasileiro, o primeiro indicado da Arquidiocese de Brasília.

Cearense de Irerê município de Pereiro, a 300 quilômetros de Fortaleza, d. Falcão, aos 62 anos, não escondia ontem a emoção de integrar o conselho de cardeais, cuja cerimônia de investidura no cargo vai ocorrer no dia 28 de junho no Vaticano. "Sinto aumentar a minha responsabilidade como pastor de Deus e a minha autoridade", referindo-se a seu rebanho, integrado, "por gente muito humilde aqui em Brasília ao lado dos que detêm o poder no País".

SAGERDÓCIO

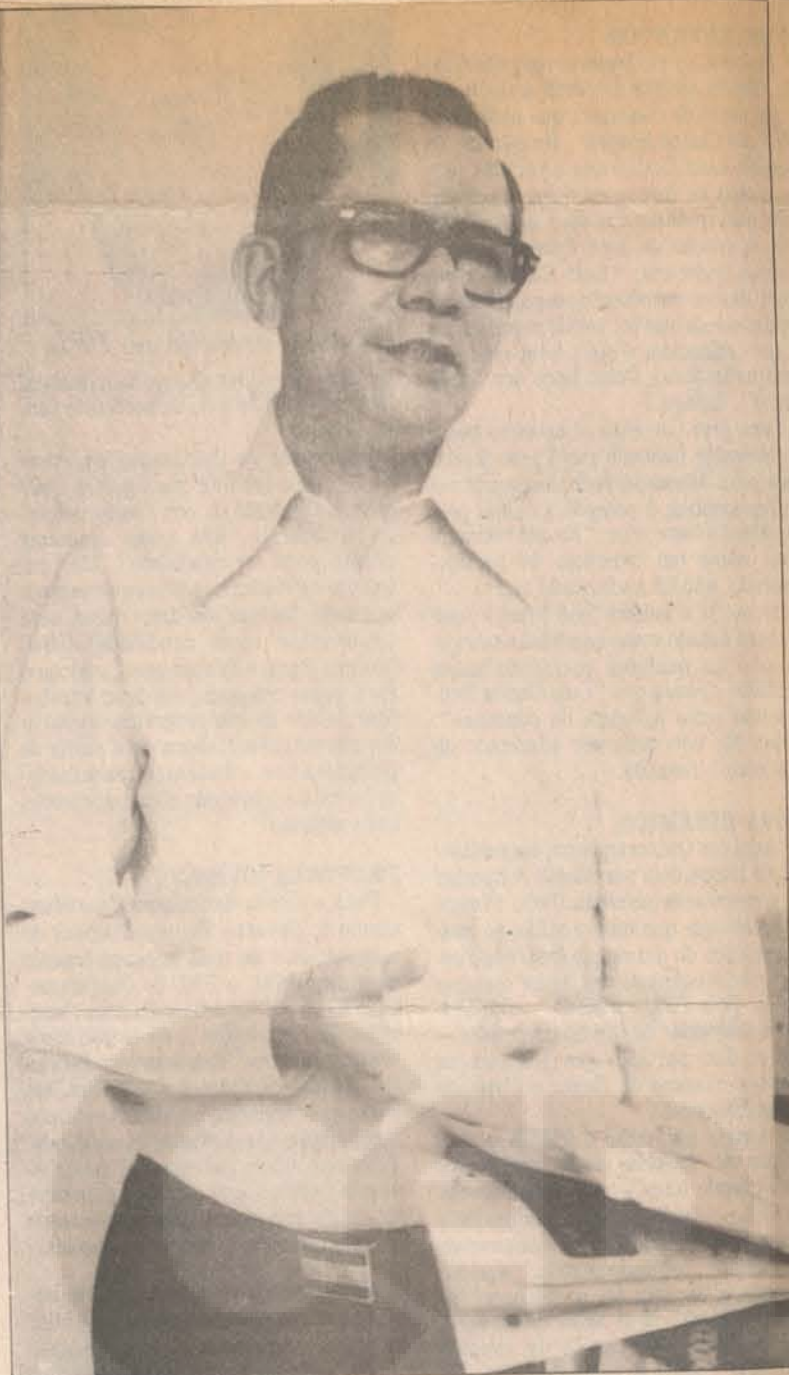
Aos 12 anos, influenciado por um tio, d. Falcão optou pelo sacerdotado, onde foi ordenado em 1949, no município de Limoeiro do Norte. Na década de 60 foi designado bispo coadjunto, ocupando o posto por um mês, quando foi elevado a bispo de Limoeiro e, em quatro anos e meio foi transferido para Teresina, onde manteve o posto de 1972 a 1984, quando foi transferido para Brasília pelo próprio papa João Paulo II na condição de Arcebispo da Arquidiocese local.

Não gosta muito de falar em política, mas analisa a chamada Igreja do Terceiro Mundo como "viva e atuante". Sobre a participação dos padres brasileiros na política, particularmente nas questões de terras, d. Falcão analisa que é apenas uma missão religiosa. A atuação desses padres é apenas uma consequência do compromisso do sacerdotado, onde os aspectos religiosos dessa atuação são de interesse direto da sociedade.

OPINIÃO

Segundo ele, "a Igreja é insubstituível. A missão da Igreja é ajudar a apontar soluções e formar cristãos". Sobre a Constituinte, d. Falcão critica a posição da Assembléia sobre a falta de uma definição mais clara contra o aborto. "Era necessário deixar sem dúvidas que o direito à vida existe desde a concepção e isto ficou fora". Critica também a decisão do divórcio poder acontecer com apenas um ano de separação dos casais.

Para d. Falcão, não adianta a Constituinte elaborar um bom texto constitucional "se não houver consciência para o cumprimento deste



Dom José Freire Falcão é o atual Arcebispo de Brasília

texto. Existe atualmente uma crise moral no País em todos os níveis, desde os mais baixos até os mais altos. Todas as faixas da população devem se empenhar em apontar soluções para o País. Todos devem ter responsabilidade".

SEGREDO

Preocupado em aprender a manusear um microcomputador, recentemente adquirido e a mais nova paixão de suas horas vagas — a outra dedicação é a leitura — d. Falcão passou toda a semana passada preocupado. Já sabia desde o dia 21 que seria indicado Cardeal. Guardou segredo, mas na quarta-feira foi surpreendido por telefonemas do presidente Sarney e do Ministro interino

das Relações Exteriores, Paulo de Tarso Flecha Lima, que obtiveram a informação do Vaticano de felicitações.

Na mesma quarta-feira recebeu duas cartas, uma do papa João Paulo II e outra do Secretário Particular, Agostino Gonzalli, ambas em Latim, na mais pura tradição da Igreja, com o comunicado oficial e felicitações. No sábado, as flores enviadas pelo Presidente traziam as cores das vestimentas dos cardeais: branca e vermelha purpura. "Não sei como a informação vazou", disse muito bem humorado depois de permanecer, durante mais de meia hora, pousando para as câmeras de televisão e máquinas fotográficas, em frente à Catedral de Brasília ontem à tarde.

Papa eleva 2 brasileiros, entre os 25 novos cardeais

30-05-88

B

Araújo Netto
i Correspondente

ROMA — Com o anúncio de 25 novos cardeais feito ontem de manhã por João Paulo II, a alta hierarquia da Igreja no Brasil voltou a ter os mesmos sete cardeais que teve durante todo o pontificado de Paulo VI. Os dois novos cardeais brasileiros têm quase a mesma idade e são d. Lucas Moreira Neves, 63 anos, mineiro de São João del Rei, arcebispo de Salvador, e d. José Freire Falcão, 62 anos, cearense de Ererê, arcebispo de Brasília.

A esperança de uma grande parte do episcopado brasileiro, de ver anunciada a elevação de d. Luciano Mendes de Almeida, atual arcebispo de Mariana e presidente da CNBB, às honras do cardinalato, foi desiludida pelo Papa, que ontem programou a celebração da cerimônia do 4º Concistório de seu pontificado para o próximo 28 de junho, véspera das festas de São Pedro e São Paulo. Semana passada, em Roma, entrevistado pela Rádio Vaticana, D. Marcelo Carvalheira, bispo de Guarabira, Paraíba, disse que depois da decepção experimentada pela designação de D. Luciano para o arcebispado de Mariana, a maior parte dos bispos brasileiros tinha a esperança de vê-lo brevemente incluído entre os novos purpurados (merecedores da púrpura cardinalícia) escolhidos pelo papa.

História — Desde as mortes de d. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, ex-cardeal arcebispo de São Paulo e Aparecida, e de d. Avellar Brandão Villela, a Igreja no Brasil tinha apenas cinco cardeais (d. Aloísio Lorscheider, d. Paulo Evaristo Arns, d. Eugênio de Araújo Salles, o aposentado d. Vicente Sherer e d. Agnello Rossi, residente em Roma, a serviço da Cúria Romana). D. Lucas e d. Falcão podem considerar-se também, desde ontem, os primeiros cardeais brasileiros feitos por João Paulo II. Nos três consistórios precedentes de seu pontificado, João Paulo II não conferiu a qualquer brasileiro a púrpura de cardeal.

Na escolha de d. José Freire Falcão, os vaticanistas identificaram o desejo do papa de atribuir à arquidiocese da capital brasileira maior importância e representatividade política. Em seus 27 anos de existência, Brasília nunca foi sede de um cardeal arcebispo. D. Falcão já começou a fazer história, como o primeiro a merecer esse título e essa honra.

Com os novos cardeais anunciados ontem, o Colégio Cardinalício volta a dispor de 120 cardeais com idades certas (menos de 80 anos) para eventualmente participar de um conclave que nos próximos dois anos viesse a ser convocado para eleger um novo papa. Uma antiga e sempre observada praxe estabeleceu que 120 seja o número justo e máximo de cardeais eleitores de um papa.

Preterido — Nesse quarto consistório de seu pontificado, João Paulo II mais uma vez não pôde concretizar seu desejo de dar ao bispo norte-americano Paul Marcinkus o anel e a púrpura de cardeal. Até a manhã de ontem, em Roma e no Vaticano, muitos insistiam em afirmar que o faladíssimo presidente do Banco do Vaticano, envolvido nos vários escândalos provocados pela falência de um grande banco italiano (o velho Ambrosiano) e pela atuação da Loja Maçônica P.2, seria um dos novos cardeais de João Paulo II. A ausência do seu nome na lista anunciada pelo papa foi explicada com a resistência oposta por diversos e importantes prelados consultados previamente pelo próprio João Paulo II. Aos 66 anos de idade, preterido pela terceira vez, monsenhor Marcinkus vê muito reduzida a possibilidade de ser distinguido por um papa que foi dos poucos, no Vaticano, a considerar injustas e infamantes as acusações e os indícios de seu envolvimento naqueles escândalos.

Sobre as escolhas dos monsenhores Eduardo Martínez Somalo, espanhol, 61 anos, arcebispo de Tagora e substituto da Secretaria de Estado da Santa Sé, e Achille Silvestrini, italiano, 65 anos, arcebispo de Novaliciana, secretário do Conselho para os assuntos públicos da Igreja (autêntico ministro do exterior), as opiniões dos vaticanistas voltam a coincidir. Elevando-os ao cardinalato, João Paulo II quis criar e dividir com três cardeais as decisões de governo mais importantes. Com isso, aliviou os encargos e esvaziou consideravelmente a importância do cardeal-secretário de Estado, Agostino Casaroli, comparável a um primeiro-ministro da Santa Sé, sempre visto como o mais aberto dos principais colaboradores do papa. Desde ontem, não só a Secretaria de Estado está nas mãos de um cardeal. Cardeais, como Casaroli, são também Martínez Somalo e Silvestrini, dois diplomatas e políticos dos mais experientes, competentes e ativos da Santa Sé. No novo cardeal Achille Silvestrini, não falta quem aponte já o sucessor do cardeal Casaroli na Secretaria de Estado — sobretudo quando se sabe que no próximo ano o cardeal Casaroli completará 75 anos, idade limite para o exercício de qualquer função de comando dentro da Igreja.

3015/88 JB

Dom Lucas

Um mineiro que já não tem vaidade

Grant Mariano

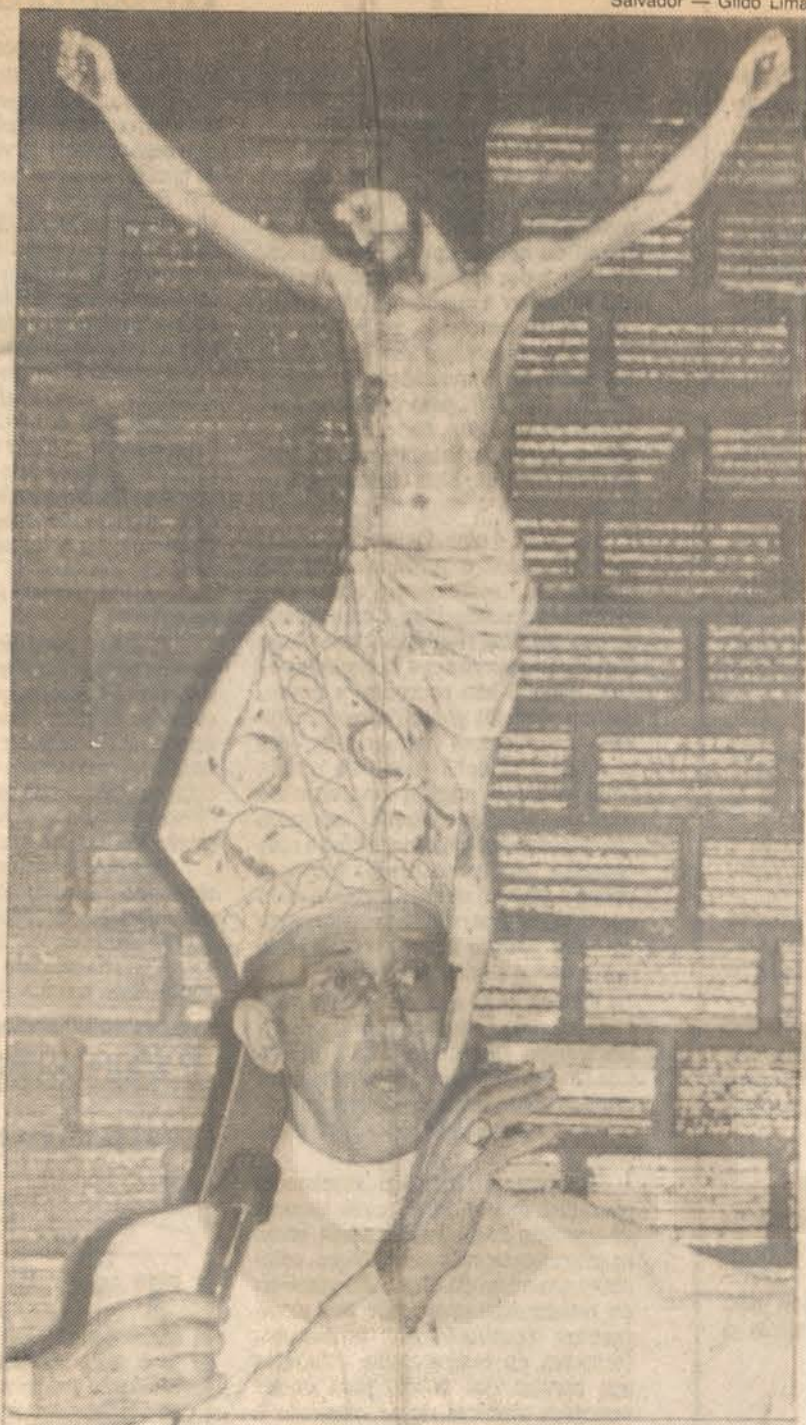
SALVADOR — “Se fosse há uns 20, 25 anos, na minha juventude, talvez eu tivesse um instante de vaidade. Mas agora, já amadurecido, a honra de ser nomeado cardeal é da Arquidiocese, e não minha”. Assim o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, reagiu ao anúncio de sua nomeação como cardeal, feito ontem em Roma pelo papa João Paulo II, ao final da missa em que ordenou 70 novos sacerdotes. Dom Lucas receberá o barrete cardinalício no dia 29 de junho, juntamente com os outros 23 cardeais nomeados ontem pelo papa.

Para dom Lucas, não foi nenhuma surpresa, mas apenas uma confirmação. Desde o dia 21 ele sabia de sua nomeação. “Mas era uma informação sigilosa e eu não poderia revelá-la antes que o papa fizesse o anúncio oficial, o que ocorreu hoje (ontem) às 8h da manhã no Brasil, 1 hora em Roma”, explicou dom Lucas, que é o 4º bispo da arquidiocese de Salvador a ser nomeado cardeal.

Para dom Lucas, sua nomeação representa “um sinal de bem querer do papa” para com ele e com o Brasil. “O cardinalato significa para mim um estímulo a mais para servir ao papa João Paulo II, por quem eu nutro um sentimento de profunda adesão, e para trabalhar ainda mais pelo povo da Bahia”, disse. Mesmo depois de ter recebido a confirmação de sua nomeação, o arcebispo de Salvador não alterou sua agenda, cumprindo todos os compromissos assumidos anteriormente. Pela manhã, esteve na paróquia de Pau de Lima, na periferia da cidade, e à tarde realizou a cerimônia de crisma de cerca de 20 crianças na Igreja de Santa Cruz.

Educação — A caminho da residência arquiépiscopal, na Praça do Campo Grande, dom Lucas disse que “concorda em gênero, número e caso” com o papa João Paulo II em relação à Teologia da Libertação. “Existe uma teologia da libertação oportuna e necessária, baseada no Evangelho, que nós pregamos, e há uma outra teologia da libertação, que não é aceitável por se servir da análise marxista para alcançar o objetivo de libertar o povo”.

Segundo Dom Lucas, no caso da Bahia, a condição fundamental para “a promoção humana” é a educação do povo. “Com analfabetismo não dá para promover nem libertar a vida humana. Seria ensiná-los a fazer o que eu penso que eles precisam e não o que eles realmente precisam.” Depois de oito meses à frente da Arquidiocese, dom Lucas já visitou 84 das 96 paróquias de Salvador. “Em um terço delas participei de



Salvador — Gildo Lima

D. Lucas: “Sinal de bem querer do papa com o Brasil”

cerimônias, nas outras, passei horas, às vezes o dia inteiro falando e discutindo com os líderes locais os problemas da paróquia e da comunidade. Eu tenho insistido para que não me chamem apenas para crismas ou outras cerimônias”, afirma.

Outra preocupação de dom Lucas é para com o pequeno número de padres na Arquidiocese — apenas 205 para uma população de 2,9 milhões. Atualmente, existem apenas 24 seminaristas. “Mesmo que nos próximos seis anos nenhum deles desista, esse número não cobre nem as lacunas deixadas por mortes nesse período. É um problema muito complexo, que tem desde causas sociais à falta de catequese, impossibilitando que a fé amadu-

reça o bastante para alguém se tornar padre ou religiosa”.

Na viagem a Roma — ele espera ir cinco dias antes do consistório em que receberá o barrete cardinalício — dom Lucas pretende conseguir recursos materiais e humanos para a Arquidiocese de Salvador, atraindo padres, freiras e leigos europeus para virem trabalhar na Bahia. Na volta, dom Lucas espera instituir a Fundação Dom Avelar Brandão Vilella, em homenagem a seu antecessor. A Fundação terá por objetivo a obtenção de recursos para evangelização, compra de terrenos nas áreas de expansão da cidade — “para que haja igrejas nelas quando a cidade crescer” — e para a construção de creches e escolas.

Dom José Falcão

Um cearense com encargos bem maiores

Agláé Lavoratti

BRASÍLIA — Apenas d. José Freire Falcão e o presidente Sarney entenderam o significado da corbelha de flores que d. José Falcão recebeu na manhã de sábado com um cartão do presidente: “Para ornamentar o altar amanhã, quando o Sr. for celebrar a missa.” É que desde quarta-feira o presidente Sarney sabia que d. Falcão seria o novo cardeal brasileiro, o primeiro indicado para a Arquidiocese de Brasília.

Cearense de Ereré, a 300 quilômetros de Fortaleza, d. José Falcão aos 62 anos não escondia ontem a emoção de integrar o Conselho de Cardeais, cuja cerimônia de investidura vai ocorrer no dia 29 de junho no Vaticano. “Sinto aumentar a minha responsabilidade como pastor de Deus e a minha autoridade”, referindo-se a seu rebanho, integrado “por gente muito humilde aqui em Brasília, ao lado dos que detêm o poder no país.”

Aos 12 anos, influenciado por um tio, d. José Falcão optou pelo sacerdócio, tendo sido ordenado em 1949 no município de Limoeiro do Norte. Na década de 60, foi elevado a bispo coadjutor, ocupando o posto por um mês, quando foi promovido a bispo de Limoeiro. Depois de quatro anos e meio era transferido para Teresina, onde manteve o posto de 1972 a 1984, quando foi transferido para Brasília pelo próprio Papa João Paulo II, na condição de arcebispo da arquidiocese local.

Não gosta muito de falar em política, mas analisa a chamada Igreja do Terceiro Mundo como “viva e atuante”. Sobre a participação dos padres brasileiros na política, particularmente nas questões de terras, dom José Falcão achou que “é apenas uma missão religiosa. A atuação desses padres é apenas uma consequência do compromisso do sacerdócio, em que os aspectos religiosos dessa atuação são de interesse direto da sociedade”.



Brasília — Antonia Marcia Vale

D. José Falcão: entre os humildes e junto ao poder

Segundo ele, a “Igreja é insubstituível. A missão da Igreja é ajudar a apontar soluções e formar cristão”. Sobre a Constituinte, critica a falta de uma definição mais clara contra o aborto. “Era necessário deixar sem dúvidas que o direito à vida existe desde a concepção e isto ficou fora.” Critica também a decisão do divórcio com apenas um ano de separação dos casais.

Para d. José Falcão, não adianta a Constituinte elaborar um bom texto “se não houver consciência para o cumprimento deste texto. Existe atualmente uma crise moral no país em todos os níveis, desde os mais baixos até os mais altos. Todas as faixas da população de-

vem se empenhar em apontar soluções para o país, todos devem ter responsabilidade”.

Preocupado em aprender a manusear o microcomputador MSX da Gradiente, recentemente adquirido e a mais nova paixão de suas horas vagas — a outra dedicação é a leitura —, d. José Falcão passou toda a semana passada preocupado. Já sabia desde o dia 21 que seria indicado cardeal. Guardou segredo, mas na quarta-feira foi surpreendido por telefonemas de felicitação do presidente Sarney e do ministro interino das Relações Exteriores, Paulo de Tarso Flecha de Lima, que obtiveram a informação do Vaticano.

Hegemonia conservadora é mantida

Oscar Valporto

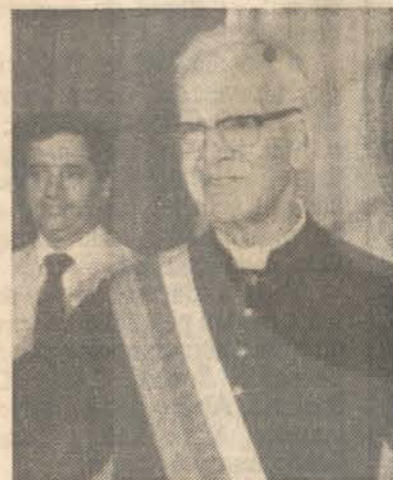
A elevação a cardeal de dom José Freire Falcão e dom Lucas Moreira Neves eleva a sete o número de cardeais brasileiros e aumenta a hegemonia dos conservadores. Dos sete, cinco são conservadores: os dois promovidos ontem, dom Agnello Rossi, decano do Colégio dos Cardeais, em Roma, dom Vicente Scherer, ex-arcebispo de Porto Alegre e hoje aposentado, e dom Eugênio Salles, arcebispo do Rio de Janeiro. A ala progressista da Igreja continua com apenas dois cardeais: o arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, e o arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, ex-presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil e, até ontem, último brasileiro a ser nomeado cardeal, em 1976.



Dom Eugênio Salles — 67 anos, é hoje o principal líder da corrente, conservadora da Igreja brasileira e o dono da voz que sempre se levanta para criticar desde as posições da Teologia da Libertação às decisões da Constituinte sobre divórcio e aborto. Nascido no Rio Grande do Norte, ordenou-se padre em 1943 e tornou-se bispo em 1964. Foi arcebispo de Salvador de 1968 a 1971, quando tornou-se arcebispo do Rio de Janeiro. Cardeal desde 1969, dom Eugênio mostrou muita competência para fazer da Arquidiocese uma das mais organizadas administrativamente e financeiramente. No Rio, funciona significativamente a única Comissão Arquidiocesana para Doutrina da Fé que já chegou a cassar a autorização para lecionar de frei Clodovis Boff, um dos teólogos da Libertação.



Dom Agnello Rossi — 74 anos, é o mais antigo cardeal brasileiro — desde 1965 — e muito ligado ao Papa João Paulo II. Padre em 1937, bispo em 1956, o paulista dom Agnello foi arcebispo de Ribeirão Preto e depois de São Paulo antes de seguir para Roma no final da década de 60 quando tornou-se o primeiro prelado sul-americano a ser prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, cargo que ocupou por 14 anos. Antes de ser decano do Colégio dos Cardeais, foi presidente da Administração da Sé Apostólica. Conservador e com influência no Vaticano, ajudou a articular a nomeação de dom Lucas para primaz do Brasil e teve novamente participação dos novos cardeais.



Dom Vicente Scherer — 85 anos, está aposentado desde 1981 mas continua ativo, escrevendo artigos e fazendo palestras. Conservador, sempre foi um dos religiosos que mais defendeu as posições do Vaticano e a obediência ao Papa. Gaúcho de São Sebastião do Cai, dom Vicente ordenou-se sacerdote em 1926, em Roma onde estudou durante alguns anos. Tornou-se bispo em 1946 e, um ano depois, já era bispo de Porto Alegre onde ficou à frente da diocese durante quase 45 anos. Apesar de aposentado, ainda tem prestígio no Vaticano e já foi até indicado pelo Papa João Paulo II para representá-lo em reuniões da Igreja no Brasil. É cardeal desde 1969.



Dom Aloísio Lorscheider — 63 anos, foi um dos mais duros críticos do governo durante os oito anos que presidiu a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (1971/1979). Apesar de ser um dos organizadores da corrente progressista da Igreja, o também franciscano dom Aloísio conseguiu manter o equilíbrio entre as linhas divergentes na CNBB durante sua gestão. Gaúcho de Estrela, ordenou-se padre em 1948 em Divinópolis, Minas, e tornou-se bispo em 1962. Depois de dirigir a diocese de Santo Ângelo (RS), está há quase 20 anos como Arcebispo de Fortaleza. Cardeal desde 1976, dom Aloísio foi presidente do Celam (Conselho Episcopal da América Latina) e é ainda um dos líderes de Fortaleza ajudou a articular a candidatura vitoriosa de dom Luciano Mendes de Almeida à presidência.



Dom Paulo Evaristo Arns — 66 anos, luta hoje para impedir a divisão da Arquidiocese de São Paulo, a maior do país, que dirige desde 1970. Padre em 1945, bispo em 1966, dom Paulo estudou filosofia no Paraná, teologia em Petrópolis e letras na Sorbonne, na França. Com sua formação franciscana, tornou-se um dos principais líderes da ala progressista da Igreja durante a ditadura quando foi incansável na defesa dos direitos humanos. Catarinense de Criciúma, está em São Paulo há mais de 20 anos e é amigo de políticos paulistas como os senadores Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas. Apesar de hoje um pouco mais distante da política, dom Paulo não deixa de defender os avanços sociais aprovados pela Constituinte no campo dos direitos do cidadão e do trabalhador e os quatro anos de mandato para o presidente Sarney.

Dom Luciano — Na leitura emocionada que fez da homilia na missa concelebrada com 42 arcebispos, dois cardeais e mais de 100 padres, após sua cerimônia de posse, dom Luciano Mendes de Almeida, o novo Arcebispo de Mariana, referiu-se carinhosamente aos seus companheiros leigos do Belém, em São Paulo, que fretaram ônibus para participar da posse. Como se tivesse esquecido momentaneamente que não estava mais na Arquidiocese de São Paulo, o presidente da CNBB falou em continuar seu trabalho lá, referindo-se "aos pobres, aos sofre-

dores de rua, às crianças", e pediu que a ação da Pastoral do Menor se estenda a toda São Paulo, ao Brasil e a Minas. Nesse momento, diante de mais de 1 mil pessoas na Praça João Pinheiro, em frente à Sé de Mariana, dom Luciano chorou. Foi aplaudido, referiu-se novamente aos seus colaboradores, voltou a chorar. "Que nossa Arquidiocese de Mariana não tenha medo de ir para a África, para as regiões pobres do Brasil. Que Mariana seja a arquidiocese missionária do Brasil, para que o Brasil seja um país justo, solidário. Não podemos descansar enquanto houver aqui pobres e fome".

Missão da Igreja é religiosa e não política, afirmam os novos cardeais

DERMI AZEVEDO

Da Reportagem Local

Os dois novos cardeais brasileiros — os arcebispos de Brasília (DF), d. José Freire Falcão, e de Salvador (BA), d. Lucas Moreira Neves, primaz do Brasil — disseram ontem à tarde, por telefone, à Folha, que a missão prioritária da Igreja Católica no país é de caráter religioso e não sócio-político. Eles foram nomeados anteontem por João Paulo 2º para o Colégio Cardinalício, tornando-se os primeiros cardeais brasileiros designados pelo atual pontífice católico desde sua eleição em 1978. Para d. Lucas Moreira Neves, 62, o principal problema brasileiro “é a crise moral, agravada dia após dia, indo desde a família até o exercício dos mandatos públicos, atingindo também os meios de comunicação social, igualmente marcados pela degradação”. Já d. José Freire Falcão, 62, afirmou que a Igreja “deve dar prioridade à educação da fé dos cristãos para que, correndo risco como quaisquer cidadãos, assumam sua responsabilidade na vida social, de acordo com as exigências evangélicas”.

D. José Freire Falcão destacou que “a missão da hierarquia da Igreja não é, prioritariamente, a de dar testemunho social e político, mas a de educar a fé dos cristãos para que assumam seu papel social”, acrescentando que “os pronunciamentos da Igreja no campo social não encontram eco, justamente porque não há cristãos em número suficiente para darem testemunho como cidadãos, diante das exigências para a construção da cidade terrena”.

Sem política

D. Lucas Moreira Neves afirmou, depois, que a sua escolha para o cardinalato significou “em primeiro lugar” uma “demonstração de amizade do papa à sede primacial de Salvador” e, “em segundo plano”, um “gesto de amizade” para com ele. Em sua opinião, João Paulo 2º não nomeara antes cardeais para o Brasil “por causa da necessidade de internacionalização da Cúria Romana”. Disse, também, que a nova função exercerá “pouca influência” sobre sua ação pastoral em Salvador (“vou continuar meu pastoreio no mesmo estilo”), mas que, a nível mais amplo, sua tarefa “será aumentada por se tornar um dos conselheiros diretos do papa no governo da Igreja universal”.

Perguntado como compara o seu papel, como cardeal, ao de seu antecessor em Salvador, d. Avelar Brandão Vilela (morto há dois anos), d. Lucas disse que está “procurando imitar algumas de suas

qualidades, como a grande abertura para os ‘mass media’, a sensibilidade para as questões sociais e políticas e a capacidade de mediação”. Destacou, porém, que está acentuando a “sensibilidade sócio-política”, mas que está ainda “muito longe” da capacidade conciliadora de d. Avelar, afirmando que “isto é uma questão de tempo”. Descartou, porém, o exercício de uma atividade política no país (por ser parente do ex-presidente Tancredo Neves e amigo do presidente Sarney), dizendo que nunca exerceu, nem vai exercer “papel político” por ter feito “uma opção exclusivamente religiosa”.

Sem aceitar ser caracterizado como conservador (“rejeito pela enésima vez e com renovado vigor este rótulo porque não corresponde à realidade, além de ser parcial e tendencioso”), d. Lucas disse que não se considera um “alter ego” (“outro eu”) de João Paulo 2º. Afirmou que se sente “profundamente fiel à pessoa, ao magistério e ao pastoreio dos papas, especialmente do atual, renovando-lhe meu empenho de fidelidade e lealdade, seja na vida pessoal, seja na arquidiocese de Salvador”.

Adesão profunda

Já o arcebispo de Brasília, d. José Freire Falcão, disse que a sua escolha para o cardinalato — recebida com “emoção e sincera humildade” — representa “uma deferência do Papa a Brasília que é um retrato fiel do Brasil, politicamente como capital do país e socialmente, com os seus dois milhões de habitantes”. Acrescentou que sua nova função “permitirá uma visão mais ampla da Igreja, com seus problemas e realizações” e que, no plano pessoal, considera-se “um dos bispos que procuram ser sempre fiéis ao magistério do papa, acatando, com disciplina, as suas decisões”. Para o cardeal, “a maior virtude de um bispo é a obediência ao Papa”. Disse acreditar que foi escolhido como cardeal “também por testemunhar uma adesão total e profunda ao Santo Padre”.

D. José Freire Falcão também não aceita os qualificativos “conservador” e “progressista”, aplicados aos homens da Igreja, por considerá-los “meramente sociológicos”. Ele afirmou que “o papa escolhe os seus conselheiros com independência, dentro de sua visão que não é política, mas pastoral e religiosa”.

Os novos cardeais brasileiros tomarão posse, diante do papa, no próximo dia 29. Viajarão uma semana antes a Roma e ficarão mais uns dez dias depois de empossados, discutindo problemas de suas arquidioceses.



D. José Freire Falcão, arcebispo de Brasília, promovido anteontem a cardeal

Arcebispo espera 5 horas por Ulysses

Da Sucursal de Brasília

Pouco antes das 14h de ontem, estacionou diante da residência de d. José Freire Falcão —arcebispo de Brasília nomeado anteontem para o cardinalato— o carro oficial do presidente do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães. O motorista trazia um recado para o novo cardeal: Ulysses lhe faria uma visita de alguns minutos, para cumprimentá-lo pela nomeação.

Cinco horas depois, d. José ainda aguardava, pacientemente. Durante as primeiras duas horas, postou-se diante da residência. "O clima está agradável", comentou com os jornalistas.

A 300 metros dali, na residência de

Ulysses, a informação da segurança era de que o presidente da Constituinte estava descansando e havia dispensado o motorista pelo restante da noite. Informado, o cardeal manteve-se compreensivo: "Ele (Ulysses) terá uma dura semana pela frente com a votação do mandato e não terá mais oportunidade para descansar". Ainda segundo d. José, poderia ter ocorrido "algum mal-entendido".

Enquanto imaginava uma explicação para o "cano" de Ulysses (pela manhã o encontro foi anunciado por um assessor do deputado), o cardeal ocupava-se também em desmentir boatos sobre outro encontro, desta vez com o presidente Sarney.

Quem é d. Lucas Moreira Neves

Ao escolher d. Lucas Moreira Neves para o Colégio dos Cardeais, o papa João Paulo 2º não somente confirmou a tradição da púrpura cardinalícia para o arcebispo primaz do Brasil, mas também quis evidenciar a amizade que o une ao arcebispo com o qual trabalhou estreitamente na Cúria Romana, nos últimos dez anos. Os dois conheceram-se em 1974 no Conselho Pontifício para os Leigos, do Vaticano: d. Lucas era vice-presidente (1974-1979) e o arcebispo de Cracóvia (Polônia), Karol Wojtyła, era consultor. No primeiro ano de seu pontificado, João Paulo 2º nomeou d. Lucas como secretário da Congregação para os Bispos (1979-1987).

Mas para a vinda de d. Lucas da Cúria Romana para Salvador, há duas versões conflitantes. A primeira é a sua própria versão, de que o cardeal Avelar Brandão Vilela lhe pedira, já em 1980, que aceitasse ser apresentado ao papa como seu candidato a arcebispo coadjutor de Salvador com direito à sucessão. A segunda versão é a de que o papa o afastou da Secretaria Geral da Congregação para os Bispos atendendo a uma sugestão feita ao seu superior imediato, cardeal Bernardin Gantin, por bispos brasileiros que reclamavam da vinculação de d. Lucas com os setores conservadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). (DA)

Quem é d. José Freire Falcão

O cardeal arcebispo de Brasília, d. José Freire Falcão, 62, caracteriza-se pela discrição, seja no plano pessoal, seja no plano eclesial. Cearense de Ererê, município de Pereiro, estudou no Seminário da Prainha, em Fortaleza (1938-1949) e, antes de ser bispo, foi professor, vigário cooperador, diretor artístico da Rádio Educadora Jaguaribana (1961-1967), assistente de movimentos de Ação Católica e assessor da CNBB na área litúrgica. Sua primeira diocese, como bispo, foi Limoeiro do Norte (CE) (1967-71) de onde foi transferido para a Arquidiocese de Teresina (PI), em 1971, assumindo o arcebispado de Brasília em 1984.

No Vaticano, é membro da Con-

gregação para a Doutrina da Fé, presidida pelo cardeal Joseph Ratzinger. O cardeal de Brasília participa do chamado "grupo do Jornal do Brasil", expressão utilizada na CNBB para designar um conjunto de bispos de orientação conservadora (incluindo os cardeais Eugênio Sales e Lucas Moreira Neves) que têm lugar garantido na página de opinião do jornal carioca.

A sua escolha como cardeal deve-se não somente aos seus méritos, mas também à decisão do papa de elevar à dignidade cardinalícia o arcebispo da capital de um dos principais países da América Latina. Brasília vinha sendo, até agora, uma exceção neste aspecto. (DA)

Jun 18 Cam.

Bispo critica apatia do povo

D. Angélico censura desânimo que faz do pobre um cúmplice

Ricardo Kotscho

SÃO PAULO — Acostumado a falar mal do governo, sempre em termos duros e cáusticos, dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo auxiliar de São Paulo na explosiva Zona Leste da cidade, tem surpreendido os 82 padres e 3 milhões de fiéis de seu rebanho com críticas ao povo. "Nunca assisti a uma apatia tão grande como agora", queixa-se o bispo, quase desalentado, aos 55 anos, em ver que suas pregações não têm surtido efeito mobilizador contra as más condições de vida. "O povo, ao mesmo tempo em que é vítima desta situação, acaba se tornando cúmplice", diz dom Angélico num desabafo que surpreende aos que se acostumaram a chamá-lo de *bispo vermelho*, por estar sempre defendendo os pobres contra os ricos e as autoridades.

"A pergunta que eu me faço é: se esse povo realmente não fosse a massa que é, como se explica que, diante de uma situação de tanta necessidade e de tanto sofrimento, não parta para ações descontroladas?", tem-se indagado ultimamente o bispo da Região Leste-2 da Arquidiocese de São Paulo nos periódicos encontros com os padres espalhados pelas paróquias mais carentes da cidade.

E ele mesmo responde: "Não parte porque não é povo, é uma massa". D. Angélico constata que, "depois da grande festa da campanha das diretas, um marco na mobilização popular, o que sobrou foi um sentimento de frustração e espanto, o absoluto desencanto com as lideranças que criaram uma esperança muito grande".

Bichos — Agora, compara d. Angélico, o povo assiste à materialização da última passagem do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell — aquele em que os porcos tomaram conta da fazenda e acabam pervertidos pelos homens —, em que não se sabia mais quem era bicho e quem era homem. "Que deprimente espetáculo esses senhores da Nova República apresentam à nação. Transição de que, para quê? Em vez de eleições, o único valor que ainda poderia permitir à nação respirar, estamos vendo essa palhaçada do Sarney querendo ficar cinco anos..."

O que mais tem incomodado d. Angélico é o número de fiéis que o procuram para

São Paulo — José Carlos Brasil



Bispo: "Povo reagiria se não fosse apenas massa"

dizer que "no tempo do Figueiredo não era muito diferente e muita coisa era até melhor". Não é essa sua opinião, assegura, mas acaba opinando que "essa Nova República não oferece oportunidade para se promover eleições decentes e a situação econômica é de descalabro".

O episódio da votação da reforma agrária na Constituinte, em que saíram vitoriosas as posições da UDR (União Democrática Ruralista), na semana passada, não o surpreendeu. "Isso apenas faz parte do elenco de traições da Nova República para com o povo, que cada vez se sente mais desencantado, enganado, espantado."

Para d. Angélico, "a maior traição da Nova República foi seu esforço sistemático para desmobilizar o povo". Desencantado, também ele, admite: "E estão conseguindo", e garante: "Nunca assisti a uma apatia do povo tão grande como agora."

D. Angélico atribui esta apatia "ao peso da alienação que a máquina de propaganda do governo despeja sobre o povo. Esse pessoal mente de tal forma que até televisão em branco e preto o povo vê colorida..." A única exceção que ele destaca nesse ambiente é o Movimento dos Sem-Terra, que também não escapa de um processo de esvaziamento e só sobrevive em função do trabalho da pastoral, o que contraria seus princípios.

"Eu sempre fui contra a hegemonia dos homens de Igreja nos movimentos populares, que devem ser dirigidos por suas próprias lideranças, respeitando a pluralidade. Mas, hoje, se a Igreja sai, o movimento acaba", lamenta D. Angélico, que alterna sentimentos de profundo pessimismo ("não adianta querermos nos enganar, porque metade do povo, pelo menos, continua analfabeto, mal sabe bordar o nome") com esperança: "Na medida em que confluírem algumas condições, inclusive de certas lideranças, esse povo volta à praça".

Disputar — De que maneira isso pode acontecer, ele diz que também não sabe. Sabe, apenas, que não se pode atribuir toda a culpa às forças conservadoras reunidas no *Centrão*. "As esquerdas também estão fazendo o jogo dos interesses partidários, perdidas em suas disputas de poder. Há esquerdas fisiológicas que estão no próprio governo e não por tática de poder, mas para tirar proveito pessoal. Até o PT está fracionado na base por desinteligência de uma leitura da realidade".

Nem a Igreja escapa das críticas de seu pregador. "O que fizemos com esse povo? Qual foi o nosso erro? É isso que a Igreja precisa se perguntar. Os homens de Igreja precisam fazer um exame de consciência diante dessa realidade, porque a Igreja é o povo de Deus, não a massa de Deus". Para não desanimar totalmente, D. Angélico tem-se refugiado cada vez mais na fé e vai colecionando imagens do Cristo crucificado sobre sua escrivaninha ao lado de uma frase de Saint-Exupéry, escritor francês autor de *O pequeno príncipe*, que já foi a leitura predileta das misses, e hoje inspira o "bispo operário", que não quer nem ouvir falar em revolução. "É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar, explicou o rei. A autoridade repousa sobre a razão."

Tem profunda admiração pelo cardeal Paulo Evaristo Arns, mas tem medo de parecer bajulador — raça que detesta — e a afinidade entre os dois o levou a ser o editor-responsável de *O São Paulo*, o órgão oficial da Arquidiocese, censurado durante o governo militar e ainda considerado um jornal opositor.

Jun 18

Bispo critica apatia do povo

D. Angélico censura desânimo que faz do pobre um cúmplice

Ricardo Kotscho

SÃO PAULO — Acostumado a falar mal do governo, sempre em termos duros e cáusticos, dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo auxiliar de São Paulo na explosiva Zona Leste da cidade, tem surpreendido os 82 padres e 3 milhões de fiéis de seu rebanho com críticas ao povo. "Nunca assisti a uma apatia tão grande como agora", queixa-se o bispo, quase desalentado, aos 55 anos, em ver que suas pregações não têm surtido efeito mobilizador contra as más condições de vida. "O povo, ao mesmo tempo em que é vítima desta situação, acaba se tornando cúmplice", diz dom Angélico num desabafo que surpreende aos que se acostumaram a chamá-lo de *bispo vermelho*, por estar sempre defendendo os pobres contra os ricos e as autoridades.

"A pergunta que eu me faço é: se esse povo realmente não fosse a massa que é, como se explica que, diante de uma situação de tanta necessidade e de tanto sofrimento, não parta para ações descontroladas?", tem-se indagado ultimamente o bispo da Região Leste-2 da Arquidiocese de São Paulo nos periódicos encontros com os padres espalhados pelas paróquias mais carentes da cidade.

E ele mesmo responde: "Não parte porque não é povo, é uma massa". D. Angélico constata que, "depois da grande festa da campanha das diretas, um marco na mobilização popular, o que sobrou foi um sentimento de frustração e espanto, o absoluto desencanto com as lideranças que criaram uma esperança muito grande".

Bichos — Agora, compara d. Angélico, o povo assiste à materialização da última passagem do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell — aquele em que os porcos tomaram conta da fazenda e acabam pervertidos pelos homens —, em que não se sabia mais quem era bicho e quem era homem. "Que deprimente espetáculo esses senhores da Nova República apresentam à nação. Transição de que, para quê? Em vez de eleições, o único valor que ainda poderia permitir à nação respirar, estamos vendo essa palhaçada do Sarney querendo ficar cinco anos..."

O que mais tem incomodado d. Angélico é o número de fiéis que o procuram para

São Paulo — José Carlos Brasil



Bispo: "Povo reagiria se não fosse apenas massa"

dizer que "no tempo do Figueiredo não era muito diferente e muita coisa era até melhor". Não é essa sua opinião, assegura, mas acaba opinando que "essa Nova República não oferece oportunidade para se promover eleições decentes e a situação econômica é de descalabro".

O episódio da votação da reforma agrária na Constituinte, em que saíram vitoriosas as posições da UDR (União Democrática Ruralista), na semana passada, não o surpreendeu. "Isso apenas faz parte do elenco de traições da Nova República para com o povo, que cada vez se sente mais desencantado, enganado, espantado."

Para d. Angélico, "a maior traição da Nova República foi seu esforço sistemático para desmobilizar o povo". Desencantado, também ele, admite: "E estão conseguindo", e garante: "Nunca assisti a uma apatia do povo tão grande como agora."

D. Angélico atribui esta apatia "ao peso da alienação que a máquina de propaganda do governo despeja sobre o povo. Esse pessoal mente de tal forma que até televisão em branco e preto o povo vê colorida..." A única exceção que ele destaca nesse ambiente é o Movimento dos Sem-Terra, que também não escapa de um processo de esvaziamento e só sobrevive em função do trabalho da pastoral, o que contraria seus princípios.

"Eu sempre fui contra a hegemonia dos homens de Igreja nos movimentos populares, que devem ser dirigidos por suas próprias lideranças, respeitando a pluralidade. Mas, hoje, se a Igreja sai, o movimento acaba", lamenta D. Angélico, que alterna sentimentos de profundo pessimismo ("não adianta querermos nos enganar, porque metade do povo, pelo menos, continua analfabeto, mal sabe bordar o nome") com esperança: "Na medida em que confluírem algumas condições, inclusive de certas lideranças, esse povo volta à praça".

Disputar — De que maneira isso pode acontecer, ele diz que também não sabe. Sabe, apenas, que não se pode atribuir toda a culpa às forças conservadoras reunidas no *Centrão*. "As esquerdas também estão fazendo o jogo dos interesses partidários, perdidas em suas disputas de poder. Há esquerdas fisiológicas que estão no próprio governo e não por tática de poder, mas para tirar proveito pessoal. Até o PT está fracionado na base por desinteligência de uma leitura da realidade".

Nem a Igreja escapa das críticas de seu pregador. "O que fizemos com esse povo? Qual foi o nosso erro? É isso que a Igreja precisa se perguntar. Os homens de Igreja precisam fazer um exame de consciência diante dessa realidade, porque a Igreja é o povo de Deus, não a massa de Deus". Para não desanimar totalmente, D. Angélico tem-se refugiado cada vez mais na fé e vai colecionando imagens do Cristo crucificado sobre sua escrivaninha ao lado de uma frase de Saint-Exupéry, escritor francês autor de *O pequeno príncipe*, que já foi a leitura predileta das misses, e hoje inspira o "bispo operário", que não quer nem ouvir falar em revolução. "É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar, explicou o rei. A autoridade repousa sobre a razão."

Tem profunda admiração pelo cardeal Paulo Evaristo Arns, mas tem medo de parecer bajulador — raça que detesta — e a afinidade entre os dois o levou a ser o editor-responsável de *O São Paulo*, o órgão oficial da Arquidiocese, censurado durante o governo militar e ainda considerado um jornal oposicionista.

Caricaturado
junho 88

Cam. junho 88

Bispo critica apatia do povo

D. Angélico censura desânimo que faz do pobre um cúmplice

Ricardo Kotscho

SÃO PAULO — Acostumado a falar mal do governo, sempre em termos duros e cáusticos, dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo auxiliar de São Paulo na explosiva Zona Leste da cidade, tem surpreendido os 82 padres e 3 milhões de fiéis de seu rebanho com críticas ao povo. "Nunca assisti a uma apatia tão grande como agora", queixa-se o bispo, quase desalentado, aos 55 anos, em ver que suas pregações não têm surtido efeito mobilizador contra as más condições de vida. "O povo, ao mesmo tempo em que é vítima desta situação, acaba se tornando cúmplice", diz dom Angélico num desabafo que surpreende aos que se acostumaram a chamá-lo de *bispo vermelho*, por estar sempre defendendo os pobres contra os ricos e as autoridades.

"A pergunta que eu me faço é: se esse povo realmente não fosse a massa que é, como se explica que, diante de uma situação de tanta necessidade e de tanto sofrimento, não parta para ações descontroladas?", tem-se indagado ultimamente o bispo da Região Leste-2 da Arquidiocese de São Paulo nos periódicos encontros com os padres espalhados pelas paróquias mais carentes da cidade.

E ele mesmo responde: "Não parte porque não é povo, é uma massa". D. Angélico constata que, "depois da grande festa da campanha das diretas, um marco na mobilização popular, o que sobrou foi um sentimento de frustração e espanto, o absoluto desencanto com as lideranças que criaram uma esperança muito grande".

Bichos — Agora, compara d. Angélico, o povo assiste à materialização da última passagem do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell — aquele em que os porcos tomaram conta da fazenda e acabam pervertidos pelos homens —, em que não se sabia mais quem era bicho e quem era homem. "Que deprimente espetáculo esses senhores da Nova República apresentam à nação. Transição de que, para quê? Em vez de eleições, o único valor que ainda poderia permitir à nação respirar, estamos vendo essa palhaçada do Sarney querendo ficar cinco anos..."

O que mais tem incomodado d. Angélico é o número de fiéis que o procuram para

São Paulo — José Carlos Brasil



Bispo: "Povo reagiria se não fosse apenas massa"

dizer que "no tempo do Figueiredo não era muito diferente e muita coisa era até melhor". Não é essa sua opinião, assegura, mas acaba opinando que "essa Nova República não oferece oportunidade para se promover eleições decentes e a situação econômica é de descalabro".

O episódio da votação da reforma agrária na Constituinte, em que saíram vitoriosas as posições da UDR (União Democrática Ruralista), na semana passada, não o surpreendeu. "Isso apenas faz parte do elenco de trações da Nova República para com o povo, que cada vez se sente mais desencantado, enganado, espantado."

Para d. Angélico, "a maior traição da Nova República foi seu esforço sistemático para desmobilizar o povo". Desencantado, também ele, admite: "E estão conseguindo", e garante: "Nunca assisti a uma apatia do povo tão grande como agora."

D. Angélico atribui esta apatia "ao peso da alienação que a máquina de propaganda do governo despeja sobre o povo. Esse pessoal mente de tal forma que até televisão em branco e preto o povo vê colorida..." A única exceção que ele destaca nesse ambiente é o Movimento dos Sem-Terra, que também não escapa de um processo de esvaziamento e só sobrevive em função do trabalho da pastoral, o que contraria seus princípios.

"Eu sempre fui contra a hegemonia dos homens de Igreja nos movimentos populares, que devem ser dirigidos por suas próprias lideranças, respeitando a pluralidade. Mas, hoje, se a Igreja sai, o movimento acaba", lamenta D. Angélico, que alterna sentimentos de profundo pessimismo ("não adianta querermos nos enganar, porque metade do povo, pelo menos, continua analfabeto, mal sabe bordar o nome") com esperança: "Na medida em que confluírem algumas condições, inclusive de certas lideranças, esse povo volta à praça".

Disputar — De que maneira isso pode acontecer, ele diz que também não sabe. Sabe, apenas, que não se pode atribuir toda a culpa às forças conservadoras reunidas no *Centrão*. "As esquerdas também estão fazendo o jogo dos interesses partidários, perdidas em suas disputas de poder. Há esquerdas fisiológicas que estão no próprio governo e não por tática de poder, mas para tirar proveito pessoal. Até o PT está fracionado na base por desinteligência de uma leitura da realidade".

Nem a Igreja escapa das críticas de seu pregador. "O que fizemos com esse povo? Qual foi o nosso erro? É isso que a Igreja precisa se perguntar. Os homens de Igreja precisam fazer um exame de consciência diante dessa realidade, porque a Igreja é o povo de Deus, não a massa de Deus". Para não desanimar totalmente, D. Angélico tem-se refugiado cada vez mais na fé e vai colecionando imagens do Cristo crucificado sobre sua escrivaninha ao lado de uma frase de Saint-Exupéry, escritor francês autor de *O pequeno príncipe*, que já foi a leitura predileta das missas, e hoje inspira o "bispo operário", que não quer nem ouvir falar em revolução. "É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar, explicou o rei. A autoridade repousa sobre a razão."

Tem profunda admiração pelo cardeal Paulo Evaristo Arns, mas tem medo de parecer bajulador — raça que detesta — e a afinidade entre os dois o levou a ser o editor-responsável de *O São Paulo*, o órgão oficial da Arquidiocese, censurado durante o governo militar e ainda considerado um jornal oposicionista.

ag
90

HE



Bispo teme que Triângulo gere mais 'marajás'

1/11/89
M

BELO HORIZONTE — Embora considerem simpática a idéia de emancipação do Triângulo Mineiro, os cinco bispos da região temem que a criação de um novo estado possa se transformar em "mais um modo de exploração política, mais um cabide de empregos, de surgimento de *marajás*", segundo o arcebispo de Uberaba, D. Benedito Ulhoa Vieira, ex-vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ao resumir o teor da nota oficial distribuída pelos bispos sobre sua posição sobre o movimento emancipacionista.

"A criação de um novo estado pode ser um instrumento de melhoria de vida para alguns poucos, que teriam privilégios", diz D. Benedito, "como os deputados estaduais de Minas, que ganham hoje salários próximos do CZ\$ 1 milhão, enquanto o povo continua com seu magro salário mínimo".

Enquanto o movimento pela unidade de Minas, liderado por cerca de 50 entidades da sociedade civil, se organiza em Brasília, para pressionar os constituintes, visando a derrotar em plenário a proposta de emancipação, seus adversários começaram ontem a enviar seus representantes a Brasília com o mesmo objetivo, revelou o pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Roberto Carneiro.

A emenda popular que propõe a criação do Estado do Triângulo foi a que recebeu maior número de assinaturas entre todas as que foram apresentadas à Constituinte.

Compromisso com a vida

Dom Lucas Moreira Neves

Reevoco, quase vinte e três anos depois, a profunda impressão com que, sacerdote relativamente jovem, li o arejado e luminoso documento conciliar *gaudium et spes* visão otimista e esperançosa da Igreja sobre o mundo contemporâneo e sobre a cultura e o humanismo que já então se delineavam. Impressão forte de verdadeira interpelação ao ler, no capítulo sobre a família, expressões como esta: "A vida, uma vez concebida, deve ser tutelada com o máximo cuidado e o aborto como o infanticídio são delitos abomináveis (no texto latino: *nefanda*) (G.S., 51). Por que essas palavras de fogo e esta sentença rigorosa contra uma prática que se alargava a olhos vistos na sociedade então emergente? Desta pergunta tiramos, eu como inúmeros sacerdotes e cristãos daqueles anos 60, algumas lições.

Como premissa indispensável sabíamos que a expressão da G.S., ao vergastar um ato determinado, não perdia de vista as pessoas eventualmente envolvidas por ele e nele. Tínhamos — como temos — a consciência dos dois inderrogáveis princípios que norteiam a mãe Igreja em cada gesto pastoral: o princípio agostiniano do "detestar o pecado mas amar o pecador" e, derivado deste, o princípio da infinita misericórdia; misericórdia que impede a compreender, caso por caso, os fatores e circunstâncias, nem sempre plenamente racionais e livres que condicionam as opções e determinam os atos de uma pessoa; misericórdia que sugere o perdão mesmo se o pecado é considerado abominável. Tal é a lógica pastoral da Igreja.

Dito isto, a frase contundente do concílio sobre o aborto, pelo seu conteúdo como pela sua forma, deu-me uma primeira lição para o resto da vida. Aprendi que devia ser uma realidade de veras grave aquela que merecia de tão alta instância da Igreja um juízo tão severo e inapelável. Aprendi, portanto, que nem em conversas descontraídas de salão, nem em palestras mais ou menos científicas, nem em artigos ou editoriais de jornal, de modo algum é lícito abordar o assunto aborto com ligeireza ou superficialidade.

O porquê de tal gravidade — e foi a segunda lição aprendida — reside simplesmente numa constatação que devia ser óbvia: o aborto põe em jogo, incontornavelmente, bem mais do que a fortuna ou a reputação, a carreira ou o ganha-pão de alguém — valores já por si apreciáveis e respeitáveis — põe em jogo a vida, uma vida concreta. E o fato de que essa vida seja a de um embrião ou de um feto, indefeso, incapaz de gritar "deixem-me viver!", torna ainda mais abominável o gesto que a suprime de qualquer modo e por qualquer motivo que seja. Não é sério nem decente discorrer sobre o aborto fazendo de conta

que ele acontece sem que uma vida — frágil como um sopro e no entanto real, verdadeira vida humana — seja sacrificada. Quem viu o filme *O grito silencioso* nunca mais poderá esquecer e terá sempre a dolorida consciência daquele ser vivo, vivo no sentido mais portentoso deste adjetivo, brutalmente trucidado por alguém. Compreendo a inquietação interior com que, em determinado país, aos bispos que escreviam, usando um eufemismo: "O aborto é sempre um desastre, um *éché*", um leigo católico, notável escritor e jornalista, pedia: "Não, senhores bispos, não digam: um desastre, digam: é a morte infligida a um inocente."

Recebi da *gaudium et spes* e do seu juízo sobre o aborto uma terceira lição: aprendi que este é somente a ponta de um iceberg, para usar outra imagem, é a face visível da Lua. Na verdade, com suas palavras cortantes sobre o aborto, o que a *gaudium et spes* fustiga com vigor profético é um mal do século, aquilo que analistas sociais, psicólogos, historiadores mas também teólogos e papas chamam: a *cultura da morte*. Esta tem avançado velozmente e pouco a pouco vai se tornando a cultura do nosso tempo. Há muito, thanatos começou a ser o horizonte desta nossa civilização, deixando-nos perplexos sobre o que será o terceiro milênio cristão. Cultura da morte é aquela em que a vida humana passa a contar pouco a tal ponto que a consciência pessoal e coletiva, anestesiada pelos repetidos atentados e ofensas contra ela, já não reage — nem sequer se comove. A *cultura da morte* se traduz nas mil formas de violência moral e física, aceitas ou toleradas quando não promovidas. Ela mostra o seu rosto mais hediondo quando seus próceres pretendem estar do lado da vida porque condenam a guerra, a pena de morte, a tortura ou a violência policial mas não o suicídio, a eutanásia e o aborto e fingem ignorar que este ceifa mais vida do que algumas guerras.

Repito que a Igreja olha e deve olhar com amor maternal e compaixão as mulheres que cederam à tentação do aborto. Ela faz e estimula a que se faça tudo para que nenhuma mulher possa dizer que é obrigada a praticá-lo. Mas a Igreja se coloca profeticamente do lado da vida.

Por isso é com estupor que leio convites à Igreja a não ficar contra a corrente (como se o profetismo não fosse sempre contra a corrente) e portanto a entrar na corrente do aborto. Deus não o permita jamais: antes, pela voz forte de João Paulo II e dos outros pastores, ela continua fiel a si mesma e à sua mensagem em assunto que envolve valores éticos fundamentais. Se a Igreja se calasse as pedras falariam mas então sobre ela pesaria o remorso de não ter ajudado a resgatar a *cultura da morte*, professando claramente o seu compromisso com a vida.

Dom Lucas Moreira Neves é arcebispo de Salvador e primaz do Brasil.

À distância da política

O primeiro cardeal de Brasília critica a Teologia da Libertação e diz que ricos e pobres pecam e a função da Igreja é salvar a todos

Por Laurentino Gomes

O papa João Paulo II reparou na semana passada uma situação incômoda para seu pontificado. Ele retirou Brasília da condição de uma das poucas capitais do mundo católico ainda não elevadas ao patamar de sé cardinalícia. Coube a um bispo cearense de hábitos severos, dom José Freire Falcão, de 62 anos, o posto de primeiro cardeal de Brasília. Como arcebispo da capital, dom Falcão foi constante interlocutor do núncio apostólico no Brasil, dom Carlo Furno — e formou com ele a cabeça-de-ponte política e protocolar das vontades do Vaticano com relação à Igreja brasileira.

Conservador, dono de uma bagagem intelectual respeitável, dom Falcão tem sido um crítico articulado da Teologia da Libertação, o arsenal teórico de inspiração marxista em torno do qual se une a cúpula da Igreja brasileira representada pela CNBB, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A nomeação de dom Falcão e a já esperada elevação do arcebispo de Salvador, dom Lucas Moreira Neves, ao cardinalato marcam a posição da Santa Sé de bloquear politicamente o avanço da esquerda entre os bispos brasileiros.

“A política é tarefa dos partidos. Padres e bispos devem se preocupar em salvar almas e pregar o Evangelho”, diz dom Falcão. Com a elevação à púrpura cardinalícia de dom Falcão e de dom Lucas, resta ainda ao Vaticano resolver um problema de vacância e outro de demanda da própria Igreja. A Santa Sé deixou vago o posto de cardeal de Porto Alegre — sé cardinalícia desde 1969 —, mantendo o arcebispo da cidade, dom Cláudio Colling, de 74 anos, na mesma posição. O Vaticano também se calou sobre a possibilidade de Belo Horizonte



Dom Falcão: “Sou conservador porque respeito a Igreja”

ter seu cardeal — o que se considerava quase certo com a sagração de dom Serafim Fernandes de Araújo como arcebispo. Leitor assíduo dos textos pios, dom Falcão só costuma interromper suas meditações para dedicar-se a seu único hobby, o cálculo matemático, que exercita com a ajuda de um computador. Na semana passada, dom Falcão falou a VEJA.

Partidos devem fazer as reivindicações

VEJA — Durante os governos militares, a Igreja teve um papel de peso na defesa dos direitos humanos. Agora o senhor acha que a Igreja deve se afastar por completo da política?

DOM FALCÃO — Quando a Igreja é o único espaço para a defesa dos direitos humanos e para a reivindicação de liberdades civis, ela deve cumprir essa missão com coragem e desenvoltura. Não é o caso do Brasil hoje. Vivemos numa democracia em que existem outras instâncias para a mani-

festação das críticas e das reivindicações da sociedade. Essa é a tarefa natural dos partidos políticos, dos sindicatos e dos grupos de pressão numa democracia.

VEJA — O que o senhor acha mais problemático na atuação da Igreja brasileira hoje? As pastorais da terra, do índio, do operário e dos sem-terra, por exemplo, devem continuar atuando como faziam antes da Nova República?

DOM FALCÃO — Todas essas pastorais são necessárias e têm seus méritos: elas levantam problemas existentes em suas áreas de atuação e questionam as consciências dos responsáveis para as questões mais graves. É claro que elas lidam com uma realidade social problemática e muito próxima. Por isso, estão mais tentadas a eventuais desvios de caráter ideológico. Acho que dirigentes e integrantes dessas pastorais deveriam refletir com mais cuidado na sua missão, levando em conta que são ligadas à hierarquia da Igreja. É preciso que elas compreendam que, quando assumem posições ideológicas equivocadas, estão comprometendo a Igreja do Brasil como um todo. As pastorais são ligadas diretamente à CNBB e lhes devem obediência.

VEJA — Há dois anos, dom Pedro Casaldáliga recusou-se a fazer a chamada visita ad limina apostolorum, que todo bispo deve fazer ao papa a cada cinco anos para ir à Nicarágua. Isso é quebra de disciplina?

DOM FALCÃO — Essa questão só deve ser julgada pela Santa Sé. Sou a pessoa menos indicada para julgar dom Pedro Casaldáliga. Anos atrás, fiz uma visita à prelaazia de São Félix do Araguaia e fui

recebido por ele de forma carinhosa e fraternal. Não devo retribuir com um gesto de indelicadeza.

VEJA — *Está havendo uma crise política entre o Vaticano e a CNBB?*

DOM FALCÃO — Existem diferenças de opiniões, mas não se trata de uma coisa política. O papa tem procurado valorizar as conferências episcopais em todo o mundo. Elas têm sido consultadas agora, por exemplo, sobre o projeto de um estatuto teológico e de um catecismo universal. O papa não gostaria que a Igreja ficasse encerrada no seu âmbito estritamente religioso. Basta acompanhar as suas viagens e pregações. Ele tem defendido de forma incisiva a necessidade de uma sociedade mais justa e a promoção dos direitos humanos. O papa procura situar em seus documentos a doutrina social da Igreja numa profunda visão teológica.

VEJA — *A nomeação de dom Luciano Mendes de Almeida para a pequena diocese de Mariana, interior de Minas, foi um golpe na chamada igreja progressista?*

DOM FALCÃO — Eu vi esse gesto do papa como uma promoção para dom Luciano. Ele era bispo auxiliar e agora tem sua própria diocese. O que torna um bispo influente não é o tamanho de sua diocese em termos territoriais ou de população, mas sua sabedoria e santidade. Santo Agostinho foi bispo de uma pequena diocese e sua influência nunca cessou na Igreja. É o bispo que torna a diocese grande, e não o contrário.

Precisamos evitar o confronto

VEJA — *Como o senhor vê a situação política do Brasil hoje?*

DOM FALCÃO — Estamos num momento de transição e nossos problemas são, evidentemente, graves. É preciso não enxergar a futura Constituição como uma espécie de panacéia capaz de resolver todas as nossas dificuldades. É preciso que cada um examine que tipo de contribuição pode dar ao país neste momento, sem esperar soluções milagrosas. Precisamos evitar o confronto.

VEJA — *O senhor nunca brigou com os governantes?*

DOM FALCÃO — Minha posição sempre foi de respeito à autoridade constituída. Quando não gosto de alguma coisa que está acontecendo, prefiro procurar diretamente a autoridade responsável pelo assunto e, através de uma conversa franca, expor meu

ponto de vista. A melhor maneira de influir sobre os dirigentes do país é através do testemunho dos ensinamentos de Cristo.

VEJA — *O senhor ficou satisfeito com a solução dada para a reforma agrária na Constituinte?*

DOM FALCÃO — Na verdade, não houve solução alguma. Espero que a legislação ordinária seja capaz de corrigir os erros e as omissões existentes no texto constitucional.

VEJA — *O que muda na Igreja do Brasil com a escolha de dois novos cardeais conservadores pelo papa João Paulo II?*

DOM FALCÃO — A Igreja precisa passar por urgentes mudanças no Brasil, mas elas não decorrem diretamente desse tipo de decisão do papa. As nomeações dos novos cardeais eram previsíveis por razões mais de ordem geopolítica e histórica do que ideológica. A de dom Lucas era absolutamente esperada porque a sede episcopal de Salvador é tradicionalmente ocupada por um cardeal. Brasília é uma cidade jovem, mas tem 1,8 milhão de habitantes e uma influência muito grande na vida do país. É a sede do poder e um ponto de convergência de todo o território nacional.

VEJA — *Que tipo de mudança a Igreja necessita no Brasil?*

DOM FALCÃO — É fácil identificar os desvios. Participei tanto da Conferência de Medellín como da de Puebla, que definiram a opção preferencial pelos pobres, dentro de uma perspectiva evangélica. O que aconteceu depois disso é que essa nova orientação pastoral assumiu características políticas e ideológicas que não correspondem aos verdadeiros ideais da doutrina evangélica. Houve um equívoco muito sério nesse caminho, que põe em risco a própria missão da Igreja.

VEJA — *Qual é a missão da Igreja?*

DOM FALCÃO — A tarefa da Igreja é essencialmente religiosa. Não podemos confundir as coisas e trocar essa tarefa pela militância política e ideológica. Hoje, a Igreja está passando por um profundo exame de consciência no Brasil, de forma a repensar sua missão evangelizadora.

VEJA — *Isso significa abandonar a opção preferencial pelos pobres e voltar à sacristia?*

DOM FALCÃO — Não, não se trata propriamente de uma revisão completa dos ideais de Medellín, mas de uma retomada de sua verdadeira inspiração. O documento de Puebla, mais recente que o de Medellín, é bastante crítico em relação a certas pastorais em prática no continente e no Brasil,

marcadas por orientações ideológicas que não combinam com a doutrina do Evangelho e com a tradição da Igreja.

VEJA — *O senhor poderia dar exemplos desses desvios de conduta da Igreja?*

DOM FALCÃO — Alguns setores já assumiram claramente categorias de análise marxista na ação pastoral.

VEJA — *O senhor está se referindo a teólogos como frei Leonardo Boff?*

DOM FALCÃO — Não só a Leonardo Boff, mas aos teólogos da libertação confundem marxismo e Evangelho. Até não assumir a análise marxista na totalidade, mas alguns de seus aspectos, sem dúvida, comprometem a evangélica da doutrina da Igreja.

Marxismo e Evangelho são inconciliáveis

VEJA — *Marxismo e Evangelho combinam de forma alguma?*

DOM FALCÃO — O marxismo é incompatível com a fé cristã. Esses teólogos da libertação procuram fazer uma distinção entre a análise marxista, sobretudo a dialética da História, e o materialismo histórico. Ou seja, imaginam que existem coisas no marxismo que combinam com o Evangelho e outras que não combinam. Julgam que essa visão materialista da história produz uma análise científica da realidade e, por isso, pode ser aplicada a determinada situação social e na ação evangelizadora da Igreja. Trata-se de um erro gigantesco. Essas categorias de análise não podem ser separadas da atênia e materialista do marxismo em sua globalidade. Não dá para reinventar o marxismo e adaptá-lo ao Evangelho. O marxismo é essencialmente ateu. É uma ideologia social, econômica e filosófica global e coerente dentro de seus próprios termos. Antes mesmo que os teólogos da libertação comessem a fazer tanto barulho, já o papa Paulo VI havia chamado atenção sobre esse risco.

VEJA — *O que acontece quando se tenta unir marxismo e Evangelho?*

DOM FALCÃO — Quando se usa a análise marxista na ação pastoral transforma a Igreja num mero partido político, com como único objetivo a mudança das estruturas da sociedade do seu ponto de vista material. A fé não tem compromisso temporal. Ela compreende também a defesa dos direitos humanos, por exemplo, a busca da justiça social, mas essa não

é a tarefa prioritária da Igreja. O horizonte fundamental da missão da Igreja é a salvação da pessoa humana. Como conseqüência, essa pessoa, transformada pelo poder de Deus, procura marcar, com seu compromisso de fé, as estruturas políticas, sociais e econômicas da sociedade para que ela corresponda às exigências do Evangelho.

VEJA — *Quer dizer que primeiro é preciso cuidar da salvação da alma e depois resolver os problemas sociais?*

DOM FALCÃO — As duas coisas devem caminhar juntas. O importante é não inverter as prioridades. A missão fundamental da Igreja é a salvação da alma. Quem julga que a Igreja deve ser usada apenas para a transformação da sociedade tem uma visão muito curta da História e da doutrina do Evangelho. Quem utiliza unicamente categorias marxistas de análise da realidade acaba concluindo que o horizonte da fé e da missão evangelizadora da Igreja é apenas a promoção material do homem. Quem chega até esse ponto acaba por subordinar a própria reflexão teológica e a ação pastoral a determinadas opções políticas e ideológicas que têm muito pouco a ver com o Evangelho.

No sofrimento, o começo do reino de Deus

VEJA — *A Teologia da Libertação diz que o reino de Deus começa aqui na Terra e, por isso, é preciso melhorar as condições de vida das pessoas. Ou seja, não é preciso conquistar o céu como recompensa pelos sofrimentos, como a Igreja mais tradicional pregava há trinta ou quarenta anos. O senhor não concorda com isso?*

DOM FALCÃO — De fato, o reino de Deus começa na Terra, mas é óbvio que a paz e o sofrimento são uma realidade fundamental do reino de Deus aqui neste mundo. Talvez a pregação do passado estivesse mais voltada para a salvação individual da pessoa do que para a transformação da sociedade para que ela fosse mais justa e fraterna. Não havia no passado a consciência de que essas estruturas de sociedade condicionam e até determinam as atitudes humanas e seus sentimentos. Hoje se tem consciência de que a missão evangelizadora da Igreja não se limita à transformação da pessoa, embora isso seja fundamental. É também exigência do Evangelho transformar a sociedade para que as pessoas possam mais plenamente viver a mensagem de Cristo.

VEJA — *Alguns bispos brasileiros, como dom Pedro Casaldáliga e dom Tomás Maldonado, dizem que os ricos e grandes*

fazendeiros da UDR vivem em pecado social e, portanto, devem ser excluídos dos sacramentos da Igreja. O senhor concorda com isso?

DOM FALCÃO — Não julgo posições de meus irmãos de Igreja. Não sou juiz de ninguém. Acho, porém, que não se deve negar os sacramentos a quem quer que seja. Imaginar que os ricos são pecadores irreversíveis é desconhecer a natureza da própria Igreja. Ela é constituída de justos e pecadores e não nos cabe separar uns dos outros. Mesmo que uma pessoa pertença à classe dominante e oprimida dos mais fracos, a nós, pastores da Igreja, cabe ensinar os caminhos de Deus. Não nos compete julgar quem é injusto e quem merece a salvação. Como diz Jesus Cristo: "Só o Pai, que está nos céus, é quem julga". Além disso, trata-se de um desconhecimento da própria natureza humana. Cada um é justo e pecador ao mesmo tempo. Há determinados momentos da vida em que uma pessoa é mais justa e outros em que ela talvez seja mais pecadora. Tanto os opressores como os oprimidos estão sujeitos ao pecado, e a Igreja veio para salvar a todos.

VEJA — *O que o senhor acha do uso de rituais da Igreja como a celebração da missa em atos de protesto político ou em solenidades oficiais?*

DOM FALCÃO — A missa e os ritos litúrgicos da Igreja são o memorial da redenção operada por Jesus Cristo. É abusivo usar a missa ou qualquer outro ato sacramental como representação da vida de um povo e de suas lutas como vem acontecendo no Brasil. É claro que na celebração da eucaristia se deve ter presente as esperanças, angústias e alegrias do povo de Deus. Não se deve confundir, no entanto, a celebração de atos religiosos com um simples ato cívico. A politização da liturgia, seja pela esquerda, seja pela direita, é um grave erro.

VEJA — *Para o senhor a principal tarefa a ser enfrentada pela hierarquia da Igreja neste momento é a despolitização de sua atividade pastoral?*

DOM FALCÃO — A autoridade moral da Igreja será tanto maior quanto mais ela apareça diante do povo como instituição religiosa e de salvação. Quando ela aparece como um partido de oposição ou como um sindicato trabalhista está traíndo sua missão evangelizadora e prestando um desserviço ao país. Sua tarefa prioritária é educar a fé dos cristãos de forma a poder agir na sociedade por meio deles. Isso não significa que a Igreja não deva, em determinados momentos, testemunhar com firmeza as exigências do Evangelho quando julgar

que os direitos humanos, por exemplo, estão violados pelo Estado.

VEJA — *Os pastores protestantes costumam ser bem-sucedidos ao tratar, nas suas pregações, de questões mais de ordem metafísica, como o céu, o inferno, a salvação da alma. O senhor acha que a Igreja Católica assumiu um discurso excessivamente político e intelectual nestes últimos anos e, por isso, perdeu fiéis?*

DOM FALCÃO — O problema não é de discurso, mas de perda do equilíbrio. Está muito enganado quem acha que o papa João Paulo II está numa cruzada conservadora, tentando dar uma guinada para a direita na orientação pastoral. A Igreja de João Paulo II está em busca de equilíbrio.

Ordenação de mulheres contraria Cristo

VEJA — *Qual sua opinião sobre o celibato e a proibição do acesso de mulheres ao sacerdócio?*

DOM FALCÃO — Tenho a mesma posição do papa João Paulo II: sou contra a ordenação de mulheres porque contraria a vontade de Cristo e sou a favor do celibato. É uma questão de disciplina da Igreja, benéfica para a ação pastoral.

VEJA — *A Igreja conseguirá manter sua doutrina e, ao mesmo tempo, acompanhar a modernização dos costumes? A Igreja nunca vai mudar sua posição a respeito de assuntos como controle da natalidade, liberdade sexual e liberação da mulher?*

DOM FALCÃO — A Igreja deve ser intransigente na defesa das exigências éticas que decorrem do Evangelho. É dever da Igreja testemunhar a mensagem que recebeu de Jesus Cristo sem preocupar-se em conseguir aplausos. Todo bispo tem que ser fiel à tradição da Igreja. O pior "pecado" do progressista é dobrar os joelhos diante da primeira novidade que aparece e achar que se trata de uma verdade inquestionável. Nesse sentido, eu serei sempre um conservador porque respeito a tradição da Igreja como fonte de verdade.

VEJA — *Como conciliar a liberdade de pensamento com a doutrina católica? Até que ponto, por exemplo, um teólogo tem liberdade para pensar sua própria Igreja?*

DOM FALCÃO — A liberdade de pensamento é limitada pela verdade. Mesmo assim, há um espaço muito grande para a reflexão teológica. É característica da Igreja impor limites diante das verdades da fé, que não estão sujeitas a explicações de caráter lógico ou científico.

916188
Visão



Agência Folhas/Dominique

DOM LUCAS NEVES
Promoção humana, sim, política, não

IGREJA

Vitória dos moderados

Dom Lucas e Dom Falcão reforçam linha conservadora.

■ O setor "progressista" da Igreja Católica, formado por religiosos cada vez mais engajados em atividades políticas, em detrimento de sua missão pastoral e evangelizadora, sofreu uma dura derrota no último domingo, dia 29, com a promoção dos arcebispos de Brasília, Dom José Freire Falcão, e de Salvador, Dom Lucas Moreira Neves, ao cardinalato. A escolha, em caráter pessoal, coube ao próprio papa João Paulo II, que prestigiou as posições de boa parte do clero brasileiro, ultimamente sem grande participação na hierarquia religiosa.

Dom Lucas Moreira Neves, um mineiro de 63 anos, primo do presidente Tancredo Neves, apesar da atenção que dá aos setores mais pobres de sua arquidiocese, não pode ser considerado um "progressista". Contrário à atividade política do clero, ele sempre foi reco-

nhecido por suas posições moderadas e essencialmente pastorais. "Dedicar-se aos carentes e à promoção humana faz parte da evangelização e é o que mais tenho feito na Bahia", afirmou na quinta-feira, dia 2, a VISÃO. No entanto, advertiu: "Outra coisa é a participação na política partidária, que tanto o Concílio Vaticano II como o documento de Puebla e o Direito Canônico proíbem".

Em Brasília, Dom José Freire Falcão ultima os preparativos para sua ida a Roma e faz questão de destacar que em sua bagagem inclui a total fidelidade às orientações do papa João Paulo II. "Concordo plenamente com ele na afirmação de que a pobreza não deve ser submissa, mas que sua insubmissão não pode trilhar os caminhos da violência e da falta de amor fraternal", afirmou Dom Falcão.

O novo cardeal, um cearense de 62 anos, prefere não se pronunciar sobre questões políticas, mas não deixa de fazer alguns comentários sobre a situação econômica do país. "No Brasil, vivemos num regime com preponderância do capitalismo; por essa razão entendendo que o Estado deve deixar as leis de mercado fluírem normalmente", aconselha.

Dom Lucas e Dom Falcão não gostam de dividir o clero brasileiro em duas correntes, conservadores e "progressistas", preferindo sobretudo reafirmar a unidade de seus membros. "O que existe de fato", explica Dom Falcão, "são ligeiras nuances de enfoque sobre problemas doutrinários e temporais."

Dom Lucas também não vê sentido em se dividir a Igreja em alas. "Não gosto dessa divisão, principalmente quando se fala em termos sociológicos ou políticos."

Com a nomeação de Dom Lucas e Dom Falcão, a ala moderada do clero brasileiro conta agora com cinco cardeais — Dom Vicente Scherer, de Porto Alegre, Dom Eugênio Sales, do Rio de Janeiro, e Dom Agnelo Rossi, atualmente servindo em Roma —, contra dois "progressistas" — Dom Paulo Evaristo Arns, de São Paulo e Dom Aloísio Lorscheider, de Fortaleza. □



Visão/Pedro José

DOM JOSÉ FREIRE FALCÃO
Concordância plena com o papa

Ida de Valdir para cerimônia em Roma gratifica D. Lucas

SALVADOR — "Vejo com gratidão e interpreto como um gesto de apreço do governador para com a Igreja, representando o povo da Bahia", disse ontem o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, ao saber que Valdir Pires decidiu ir ao Vaticano, dia 28, para as cerimônias de elevação dos dois novos cardeais brasileiros: dom José Freire Falcão, de Brasília, e o próprio dom Lucas.

A Santa Sé informou ontem que o papa João Paulo II designou dois italianos para a diocese de Paulo Afonso, na Bahia, e a arquidiocese de Aracaju. Em Paulo Afonso, assume o vigário-geral da diocese, Mário Zanetta. O novo bispo-auxiliar de Aracaju é Giovanni Messi, vice-provincial da Ordem dos Servos de Maria. A decisão de Valdir Pires mantém uma tradição no Brasil. "Todas as vezes que houve nomeações de cardeais, e eu sou o duodécimo, autoridades estaduais e federais compareceram às cerimônias de posse", explicou dom Lucas.

16. Juni 1988 *ny*

23. Juni 1988

Arcebispo militar afirma que 'crise moral' atinge a Carta

Da Sucursal de Brasília

O arcebispo militar do Brasil (o superior dos capelães militares do país), d. José Newton de Almeida Baptista, afirmou ontem, durante a realização da missa da "Páscoa dos Militares", no ginásio de esporte Nilson Nelson, em Brasília, que há uma crise moral que pode ser percebida "tanto na dissolução da família e na situação da juventude entregue a vícios, drogas e pornografia". O arcebispo militar disse que a crise moral atinge também "a nova Constituição no que toca a assuntos de educação, divórcio e aborto, equiparando a família brasileira a qualquer tipo de união".

O arcebispo Newton de Almeida fez a afirmação na presença do presidente José Sarney, dos mi-

nistros Henrique Saboia, da Marinha, Moreira Lima, da Aeronáutica, Waldir Martins, do Exército (interino), Bayma Denys, do Gabinete Militar, Ivan de Souza Mendes, do SNI, e Valbert Lisieux, do Estado-Maior das Forças Armadas.

O presidente José Sarney chegou ao ginásio Nilson Nelson por volta das 10h em companhia do general Bayma Denys. Durante os sessenta e oito minutos em que permaneceu no ginásio, o presidente Sarney ficou sério. Ao contrário dos ministros militares, não teve o trabalho de ler o livreto de acompanhamento do culto religioso. Quando foram cantados alguns hinos religiosos, Sarney não moveu os lábios. Os generais Ivan e Bayma, após 30 minutos de missa, se intercalavam em cochilos.

Puno 26-6-EE

Bispo condena festa de São João no interior da Bahia

Salvador — "É uma selvageria, um desperdício de dinheiro e um risco de vida. Se dependesse de mim esse tipo de festejo junino não seria permitido", disse o Bispo da Diocese de Senhor do Bonfim, dom Jairo Martins, ao condenar a "Guerra de Espadas" travada no interior da Bahia durante as festas de São João. Nos hospitais das cidades de Bonfim e Cruz das Almas, o balanço da perigosa batalha de rojões apresentava em três dias de festejos o saldo de 263 pessoas atendidas com queimaduras de 1.º, 2.º e 3.º graus.

Aproveitando o feriado junino prolongado pelo fim de semana, centenas de "guerreiros" insistiam ontem em manter a batalha de fogos instalada nas ruas do centro e nos bairros de Cruz das Almas. E as vítimas não pararam de chegar ao Hospital Nossa Senhora do Bonsucesso. As duas últimas, chegadas ao hospital por volta das 13 horas, eram crianças e ambas apresentavam as mãos dilaceradas: Edmilson Pires Santos, de 10 anos e Erival Braz Fiúza, de 14. Em três dias de "Guerra", 158 pessoas baixaram no Pronto Socorro da cidade de Senhor do Bonfim.

Brasil ganha mais 2 cardeais em cerimônia hoje no Vaticano

28. Juni 1988

Araújo Netto
Correspondente

ROMA — Antes das cerimônias secreta e pública do quarto consistório de João Paulo II, em que receberão um chapéu e um anel de cardeais, Dom Lucas Moreira Neves, arcebispo de Salvador, e Dom José Freire Falcão, arcebispo de Brasília, celebrarão hoje duas missas que só serão assistidas por poucos colaboradores e parentes que vieram dividir com eles as emoções de seu primeiro dia de cardinalato. As duas missas terão o mesmo horário — 7h30min da manhã — mas serão celebradas em duas capelas e dois bairros diferentes e afastados de Roma.

A missa de Dom Lucas será celebrada na capela do convento dos dominicanos de Santa Sabrina, no elegante e tradicional bairro do Aventino; a de Dom José na capela do Colégio Pio-Brasileiro, na Via Aurelia Nuova, uma zona moderna e barulhenta da cidade.

Até ontem, Dom Lucas foi hóspede do Colégio Pio-Brasileiro, onde morou durante quase oito anos, ao tempo em que serviu à Cúria Romana. Para respeitar a tradição de sua ordem religiosa, ontem à noite mudou-se temporariamente para o Aventino: para seguir o exemplo de outros dominicanos, que sempre saíam de um convento da ordem para o Vaticano no dia em que se sagraram

Roma — AP



D. José Falcão

Dom Lucas

cardeais. Do Aventino até o Palácio Apostólico, Dom Lucas será acompanhado por dois outros dominicanos especiais: frei Damiano Berrey, superior da ordem, e frei Domingos Maia Leite, que em 1944 foi mestre e orientador de seus estudos de noviço em São Paulo, e que aos 83 anos de idade veio de Minas Gerais até Roma para estar ao lado de seu discípulo no dia em que ele se faz cardeal.

Essa de seu ex-mestre não é a única presença que está emocionando Dom Lucas. Cinco de seus oito irmãos também fizeram questão de não perder um minuto da sagração do arcebispo de Salvador. Com o mesmo propósito, de prestigiar e repartir as emoções de Dom Lucas, encontram-se em Roma o governador Waldir Pires e senhora, a viúva e uma irmã do ex-presidente Tancredo Neves, o prefeito de Salvador e senhora, o reitor da Universidade Católica de Salvador e vários expoentes do clero baiano. Além do

ministro Antônio Carlos Magalhães, que fez questão de ser hoje o representante pessoal e extraordinário do presidente José Sarney.

No Auditório Nervi, onde se celebrará a cerimônia pública do Consistório, o cerimonial da Santa Sé seguiu rigidamente as suas regras. Não fez qualquer concessão à numerosa delegação brasileira que quis prestigiar os dois novos cardeais, de Salvador e Brasília. Na primeira fila, destinada ao corpo diplomático acreditado e altos mandatários, só sentarão, vestindo casacas, o ministro Antônio Carlos Magalhães, como representante pessoal do presidente da República, e o embaixador Afonso Arinos de Melo Franco Filho.

Os governadores de Brasília, José Aparecido de Oliveira, e da Bahia, Waldir Pires, estarão numa tribuna sem lugares marcados, para delegações e convidados especiais. Da sua capacidade de ser ou não prevenido, apresentando-se antes da hora marcada, dependerá o bom ou discreto posicionamento que terão nessa tribuna especial.

Depois dessa cerimônia, a direção do Colégio Pio Brasileiro oferecerá um almoço aos novos cardeais e seus amigos. Desde ontem, porém, o ministro Antônio Carlos Magalhães informou que não poderá estar presente, porque à mesma hora teria outro compromisso no Centro da cidade.

Papa empossa hoje novos cardeais brasileiros

Do Reportagem Local

O papa João Paulo 2º dará posse hoje, às 11h30 (6h30, hora de Brasília), na sala de audiências Paulo 6º, antiga Sala Nervi, do Palácio Apostólico do Vaticano, aos 25 novos cardeais da Igreja Católica, que escolheu no último dia 29 de maio, entre os quais os arcebispos de Salvador, d. Lucas Moreira Neves, primaz do Brasil e de Brasília, d. José Freire Falcão.

Entregará, também, o pálio arquiépiscopal aos novos arcebispos brasileiros, o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e arcebispo de Mariana (MG), d. Luciano Mendes de Almeida e o arcebispo de Natal (RN), d. Alair Vilar.

A liturgia católica marca para hoje a vigília da solenidade dos apóstolos Pedro e Paulo. A cerimônia no Vaticano ocorre há apenas dois dias da ordenação de quatro bispos, pelo arcebispo tradicionalista d. Marcel Lefebvre, contra as normas canônicas, configurando o primeiro cisma da Igreja Católica em mais de 100 anos.

Colégio dos Cardeais

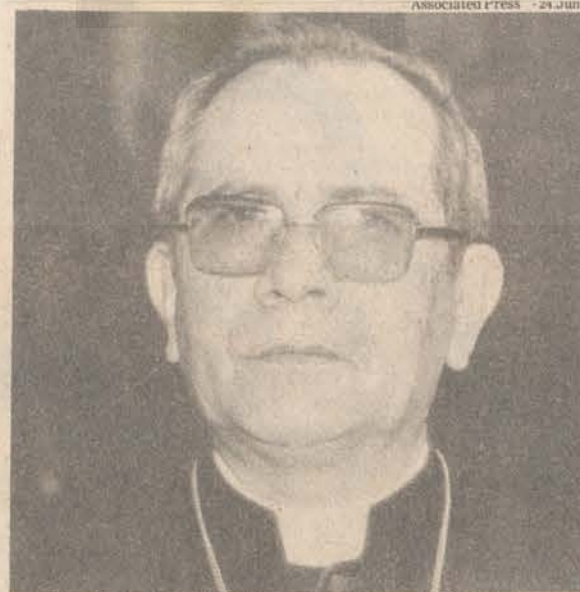
Esta será a quarta vez em que João Paulo 2º amplia o Colégio dos Cardeais, desde que foi eleito, em 1978. A primeira ocorreu em 30 de junho de 1979, quando indicou 14 nomes; a segunda, em 2 de fevereiro de 1983, com 18 indicações e a terceira, em 25 de maio de 1985, quando escolheu 28 cardeais. Na atual lista, há nomes de todos os continentes e um único teólogo profissional, Hans Urs von Baltha-

sar, um dos principais colaboradores do Concílio Vaticano 2º e hoje integrante da corrente neo-conservadora da Igreja Católica.

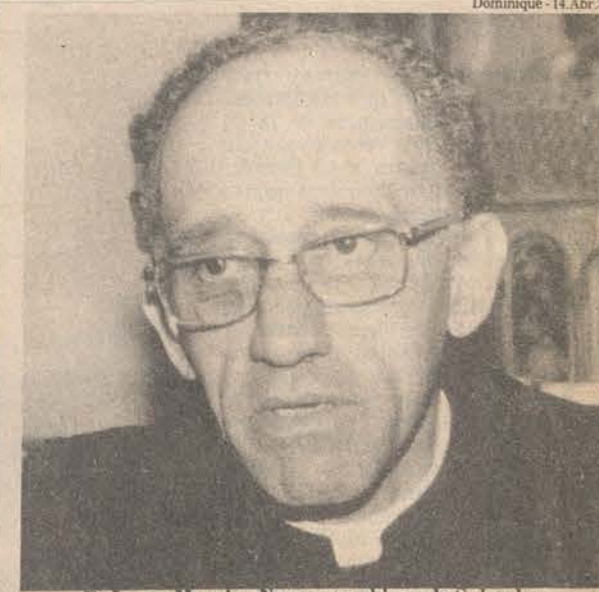
Amanhã, às 18h, o papa concelebrará missa, na praça de São Pedro, com a participação dos novos cardeais e arcebispos. Entre os convidados para a posse de d. Lucas Neves

como cardeal estão o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, o governador da Bahia, Waldir Pires, o prefeito de Salvador, Mário Kértész, a viúva do ex-presidente Tancredo Neves, Risoleta Neves e duas irmãs de Tancredo, a religiosa Ester e Zeninha, de São João del Rei (MG). (Dermi Azevedo)

2816188 FSP



D. José Freire Falcão, arcebispo de Brasília



D. Lucas Moreira Neves, arcebispo de Salvador

Inflação afeta venda de objetos do culto católico

DERMI AZEVEDO
Da Reportagem Local

A inflação brasileira, em torno de 18 a 20% mensais, está atingindo duramente a venda de objetos de uso no culto católico, um dos negócios mais tradicionais e mais rendosos da Igreja. As lojas especializadas, dirigidas por religiosas e leigos, estão aumentando os seus preços à base de 25 a 30% cada mês e muitos padres já não estão mais em condições de comprar paramentos novos, preferindo reformar os antigos.

Um outro fenômeno está sendo registrado nos conventos de vida contemplativa do país: a queda na produção de hóstias. A Folha apurou que as hóstias usadas nas missas são tradicionalmente feitas pelas irmãs mais idosas dos conventos e que elas, já cansadas, não estão sendo substituídas, na mesma proporção numérica, pelas religiosas mais jovens, que preferem outras ocupações pastorais.

"Manual do Congregado"

"Está tudo um absurdo", comentou um cliente da Livraria Catedral, uma das principais lojas do ramo religioso, na rua Senador Feijó, centro paulistano. Ele queria comprar um "Manual do Congregado"

Mariano", publicado pelas Edições Loyola, dos jesuítas, que custava Cz\$ 230, e foi aumentado na última semana para Cz\$ 990. Para a proprietária da livraria, Maria Lourdes Martins Gomes, "os aumentos gerais estão afetando duramente o movimento de vendas", embora diga que "nesse campo, quem precisa, finda levando, apesar de tudo".

De acordo com os seus cálculos, um quilo de velas custava Cz\$ 150 em junho do ano passado e agora é vendido por Cz\$ 700. Um milheiro de hóstias passou de Cz\$ 150 para Cz\$ 400 cruzados ("aumentando sempre que sobe o preço do trigo") e um cálice de latão subiu de Cz\$ 2.500 para Cz\$ 6 mil. Já um litro de vinho canônico licoroso especial para missas (fabricado em Bento Gonçalves, RS, pela vinícola Salton) passou de Cz\$ 17, há um ano, para Cz\$ 440, agora. Segundo Lourdes Martins, um altar completo para a celebração de uma missa não custa, hoje, menos de Cz\$ 130 mil. A mesa mais barata vale Cz\$ 55 mil; a toalha de linho, Cz\$ 4 mil; um par de galhetas (vidros para água), Cz\$ 3.500; um lavabo, Cz\$ 2 mil; um par de castiçais, Cz\$ 4 mil; um cibório médio (objeto para guardar as hóstias consagradas), Cz\$ 13.500;

um cálice com a patena, Cz\$ 13.100; um crucifixo de mesa (de latão), Cz\$ 4 mil; um paramento (roupa especial usada pelos padres, nas missas), Cz\$ 8.400 (bordado, de tergal); uma estola (outra peça usada sobre o paramento), Cz\$ 6.600; os sanguíneos (panos utilizados para o cálice e para proteger as hóstias, incluindo o corporal, a pala e o manustérgio), Cz\$ 2.700; um missal romano, Cz\$ 6.250; a bandeja para distribuir as hóstias, Cz\$ 6.500 e um carrilhão, com três sinetas, custa Cz\$ 8.400. Todos estes objetos custavam praticamente a metade, no ano passado, segundo Lourdes.

Ouro

Os produtos para o culto católico que mais sobem de preço são os de ouro ou folheados a ouro. Na Livraria Catedral, por exemplo, um suporte para o tabernáculo (sacrário onde é guardada a hóstia consagrada) custava Cz\$ 3.900 em junho do ano passado e agora é vendido por Cz\$ 12 mil. Já um suporte para a Bíblia custava Cz\$ 3.600 há um ano e já passou para Cz\$ 12.800. Os fornecedores dos objetos metálicos são as fábricas Carrara, Angélico e Nicola Zanotto, de São Paulo. Os livros vêm das editoras católicas Paulinas e Vozes. As hóstias (a

livraria vende 150 mil por mês) estão vindo, agora, de um convento na Estrada da Ressaca, em Itapicirica da Serra, na Grande São Paulo. As irmãs que as fabricavam, em Sorocaba, Jaboticabal e Cotia (municípios do interior paulista) já deixaram de fazê-las, seja por causa da falta de mão-de-obra, seja porque as máquinas para fabricar hóstias quebram com muita facilidade.

Matéria-prima

Numa outra loja de artigos religiosos, na rua Wenceslau Braz, centro paulistano, as irmãs do Instituto Filhas de São José (congregação fundada na Itália, em 1875, pelo padre Clemente Marchisio e dedicada prioritariamente ao culto eucarístico) disseram que "o custo do dinheiro não está mais permitindo a compra de matérias-primas como antes" e que o produto mais procurado são as hóstias e os menos comprados são os paramentos sacerdotais.

No fundo da loja, a tabela com os preços das velas ("que sempre sobem com os aumentos da gasolina"), hóstias, vinho de missa, incenso, paramentos, estolas, medalhas, cálices e imagens. Da venda desses produtos, as irmãs dizem que tiram a sua sobrevivência.

Dom José e dom Lucas entre os 24 novos cardeais da Igreja Católica

Cidade do Vaticano — O papa João Paulo II presidiu ontem a cerimônia de nomeação de 24 novos cardeais, três dos quais latino-americanos. Desses, dois são brasileiros: dom José Freire Falcão, cearense, Arcebispo de Brasília, e dom Lucas Moreira Neves, Arcebispo de Salvador. O outro é o colombiano Mário Revollo Bravo, Arcebispo de Bogotá.

O consistório foi dividido em duas partes. Na primeira, a portas fechadas, João Paulo II manifestou tristeza pela atitude do arcebispo Marcel Lefebvre, que insiste em desobedecer o Vaticano e sagrar quatro bispos, rompendo, assim, a unidade da Igreja. Na segunda parte, pública, na sala de audiências, o Papa designou oficialmente os novos cardeais.

CHAPÉU CARDINALÍCIO

O Santo Padre entregou a cada um deles o chapéu cardinalício — segundo ele, o sinal da dignidade e o símbolo da determinação de defender a fé cristã, a paz do Povo de Deus e a liberdade da Igreja Romana com valentia, até o derramamento de sangue.

Um a um, os novos cardeais ajoelharam-se diante de João Paulo II, que lhe entregou a direção de um templo de Roma, como determina a tradição, convertendo-os em sacerdote da cidade e, portanto, eleitores do Sumo Pontífice. A cerimônia foi na grande sala de audiências, na presença de 10 mil pessoas de 17 países do mundo.



D. Lucas Neves é Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil

Um pouco antes, João Paulo II fez o anúncio oficial da escolha dos novos cardeais, convocando o consistório secreto, em uma sala especial do Palácio Apostólico.

— Quid vobis videtur (qual é a vossa opinião)? — perguntou o Papa, respeitando a regra tradicional. Os cinquenta e oito cardeais presentes ficaram de pé ao mesmo tempo e, sem pronunciar nenhuma palavra, retiraram o chapéu em sinal de assentimento.

PRINCÍPIOS DA IGREJA

O Cardeal Secretário de Estado, Agostino Casaroli, dirigiu-se então à sala de audiências para comunicar a nomeação oficial dos novos príncipes da Igreja. A cada nome anunciado, seguia-se um prolongado aplauso. O lituano Vincentas Sladkevicius, Administrador Apostólico de Kaisia-

dorys, e Jacque Martin, o prefeito honorário da Casa Pontifícia e colaborador de seis papas, de quase 80 anos, foram os aplaudidos com mais entusiasmo.

Em discurso pronunciado em latim, no consistório secreto, o Papa manifestou aos cardeais a preocupação com o cisma do arcebispo Lefebvre, exortando-os não o seguir e a permanecer na "Casa do Pai", em comunhão com o Chefe da Igreja Católica.

Os 24 novos cardeais, que a partir de agora podem usar a sotaina vermelha, consagraram a tarde às visitas de cortesia a amigos, embaixadores e prelados da Cúria Romana. Hoje pela manhã, os novos cardeais concelebram missa na praça de São Pedro com o papa João Paulo II, quando receberão o anel cardinalício.

Regionais Diocesanos

SER OU NÃO SER

A Assembléia de Avaliação dos Regionais Diocesanos, realizada no começo de este ano, revelou que os Conselhos Regionais estão em crise.

Praticamente, todas as 7 Regiões, se questionam sobre o papel do Regional dentro da estrutura Diocesana. Alguns até ousam pedir um Regimento para os Conselhos Regionais.

Afinal qual é a missão do Regional? Dinamizar as paróquias? Estabelecer intercâmbio paroquial e regional? Possibilitar maior participação do leigo? Ser lugar de reflexão-ação bíblica, pastoral e política?

Que legitimidade tem o Regional se ele se reduz a comunicar decisões diocesanas em vez de refletir a vida das paróquias? Qual o papel das Regiões se elas vivem sendo atropeladas por questões da diocese? Por que certas decisões, a nível de diocese, não levam em consideração o Regional? E como é que fica a região, quando o coordenador é leigo e os padres não o aceitam? Eis algumas questões levantadas na Assembléia.

Embora tenham realizado bastante coisa, no decorrer do ano que passou, os regionais carregam, sobre os ombros o peso da crise. Cabe agora ao Conselho Presbiteral rever a questão e se manifestar, devolvendo a discussão aos regionais para que se encontrem e descubram como instrumento de serviço e, possam melhor atender às necessidades das regiões.

São pontos que, certamente, o Sínodo vai retomar, pois dizem respeito ao valor e a utilidade de organismos criados para servir e, que o desgaste e a perda da identidade, transformam em obstáculos e atropelo na pastoral.

Jorge Luiz Soares de Lima

REGIONAL I

O PECADO DA DESUNIÃO

Avaliando a atuação e a situação da Região I, Pe. Marcus, coordenador regional, afirma que sua região. "é um fracasso como corpo regional".

A Região I, formada pelas paróquias de Santa Eugênia, Catedral. N. Sr. de Fátima e S. Jorge, K-11, Mesquita, Nova Mesquita, Rocha Sobrinho e Califórnia, e os curatos de Jacutinga e BNH-, passou 87 atropelado por questões diocesanas e por isso mesmo sem poder se ocupar de seus problemas específicos.

Segundo Pe. Marcus o regional funciona mais na base de reflexão do que de prática, talvez até porque não haja questões pastorais que motivem esta prática, como acontece nas áreas rurais, onde a questão da terra envolve a comunidade na defesa dos direitos dos pobres.

"O esvaziamento do regional, diz ele, é consequência do esvaziamento dos Conselhos Comunitários". E como as paróquias não se sentem parte do regional, também não se motivam para o diocesano.

Falta unidade pastoral. A paróquia do K-11 só se fez presente uma vez no ano. A idéia de sub-região não foi

aprovada. Mas a experiência interparóquial entre Mesquita, Califórnia, Rocha Sobrinho, e, ainda timidamente, Nova Mesquita, tem ajudado a essas paróquias vizinhas a trocarem colaboração.

Diante desse quadro o Regional I se questiona: Qual o papel do Regional na organização da Diocese, se ele é muito mais canal de comunicação diocesana do que de reflexão da vida das paróquias?

REGIONAL II

O PECADO DE SER LEIGO

"Qual o papel da Região e do Coordenador regional, principalmente quando é leigo?" Este foi o primeiro questionamento de Sebastião Cosme, coordenador da Região II, durante a Assembléia de Avaliação das Regiões.

Coordenado um Regional formado por 9 paróquias (Belford Roxo-Conceição, Belford Roxo-S. Sebastião, Prata, Piam, Cruzeiro do Sul, Heliópolis, Santa Maria, Lote XV e Jardim Gláucia), dividido em 3 Sub-regiões, 11 padres, 6 irmãs e 2 representantes de cada paróquia no regional, "Tião", leigo engajado e Testemunhas Qualificadas do Matrimônio da Paróquia de Cruzeiro do Sul-, serviu, muitas vezes, envolvido com situações difíceis, tais como a falta de padres nas paróquias da Prata e São Sebastião.

A pergunta que se coloca é sobre de onde vem o respaldo e a autoridade, para que ele, como leigo possa assumir tais responsabilidades e ser aceito pelo regional.

Não resta dúvida, de que ele tenha coordenado a região com competência, haja vista as inúmeras realizações do regional, durante o ano que passou. E foi em nome do regional que ele cobrou da coordenação diocesana de pastoral subsídios para as passagens e material didático para os membros das comunidades, que precisam participar dos cursos regionais ou diocesanos.

REGIONAL III

PADRES QUE NÃO APÓIAM

E difícil para José Isaac Zão, coordenador, como leigo, uma região como essa. A dificuldade do Regional é entrar as suas 4 paróquias: Paracambi e Lajes, Japeri e Engenheiro Pedreira.

Em Japeri e Engenheiro Pedreira, onde os padres já estão idosos e adoentados a situação é a mesma: ainda prevalece a decisão do padre. Em Japeri existe Conselho paroquial, mas no fundo é só a palavra do padre é que vale. A paróquia facilita nas exigências pastorais o que prejudica as outras paróquias do regional.

Engenheiro Pedreira caminha sem conselho paroquial. Os poucos leigos que participam da pastoral não se sentem apoiados pelo padre.

Paracambi e Lajes receberam sangue novo com a presença dos padres Clínio e Mário. Em Paracambi as decisões do Conselho são respeitadas, mas o que ainda dificulta a pastoral é que, enquanto nas comunidades o que existe é um grupo de cristãos tes-

temunhando sua fé, na matriz estão divididos em grupos e as sociações, que enfraquecem a caminhada.

Na paróquia de Lajes o padre tenta criar grupos, mas uma dificuldade é a distância que separa uma comunidade da outra. Com o trabalho do Pe. Mário, o que antes eram simples capelas, aos poucos vão se transformando em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Devido à distância do Regional 3, do centro da Diocese, tem se tornado deficiente o atendimento diocesano àquela área, o que tem provocado o seu pouco envolvimento na pastoral da diocese e um atraso na consciência do que é ser Igreja na realidade da Diocese de Nova Iguaçu.

REGIONAL IV

BAIRRISMO QUE ATRÁPALHA

Frei Sérgio e Maria Vitória, coordenador e vice-coordenadora da Região IV, alertaram, durante a reunião de avaliações dos Regionais, para o perigo de se isolar Nilópolis do contexto da Diocese. Lembraram que, apesar da Diocese de Nova Iguaçu, abranger também os municípios de Nilópolis e Paracambi, os dois municípios ficam sempre esquecidos nos eventos e nos textos de Novena, Via Sacra...

O perigo se torna maior, porque com a saída de Nova Mesquita da Região IV para a Região I, o regional IV ficou formado somente por paróquias de Nilópolis: Edson Passos, Nilópolis-Conceição, Nilópolis-Aparecida, Olinda-São Sebastião e Olinda-Santíssima Trindade.

Os dois coordenadores, questionam também, assim como as demais regiões, a legitimidade do Conselho Regional. O que se constata é que muitas decisões diocesanas são tomadas sem consulta aos regionais. As paróquias seguem uma linha pastoral e a diocese outra linha. Se é esta a situação, que sentido tem o regional?

REGIONAL V

UMA CAMPANHA DIFÍCIL

Problemas com a Pastoral da Juventude; problemas pela falta de representantes das comunidades na reunião do regional; problemas de entrosamento entre paróquias; problemas de distância, que faz com que algumas paróquias não participem do regional, dependendo de onde é realizada a reunião; problemas como avanço dos grupos protestantes no Mutirão de Campo Alegre; problema com padres que não aceitam que leigos assumam ministérios... Assim vive o Regional V, formado pelas paróquias de Morro Agudo, Austin, Queimados-Conceição-Queimados-Fátima, Queimados-S. Francisco, Queimados-S. João Batista e o curato de Caculé.

Apesar de tantos problemas, o regional tem sobrevivido e testemunhado a presença do Deus Libertador no meio dos pobres.

Como nas regiões 2, 3 e 6, a região 5

sofre o problema da aceitação, por parte, de padres de serem coordenados, à nível regional, por um leigo.

Seus representantes sugerem à diocese, que elabore um regimento para os Conselhos Regionais.

REGIONAL VI

FALTOU A CARIDADE

O Conselho Regional VI foi desfeito. Desde dezembro as paróquias de Cabuçu, Marapicú, Guandu, Riachão e Bairro da Luz não se reúnem mais.

A decisão de acabar com o regional partiu dos padres e freiras, insatisfeitos com a impossibilidade de um trabalho comum entre as paróquias. Acharam perda de tempo ficar se reunindo se não era possível caminhar na unidade.

Sem, nem mesmo consultar Margarina, -coordenadora da região-, decidiram desativar o Conselho Regional. Agora, somente os padres e as freiras se reúnem em encontros de confraternização.

Há versões de que o motivo teria sido outro. O que teria motivado a crise, foi o fato da coordenadora do regional ser jovem, mulher e leiga. E os padres a teriam reconhecido incapaz de conduzir o regional.

Se assim foi, mais uma vez, -como já tem acontecido nas regiões 2 e 3 o leigo é posto de lado e a Igreja que é o povo de Deus, tende a voltar a ser a Igreja hierárquica e clerical. Numa Igreja assim, o único direito a ser leigo é pedir e receber sacramentos. Numa Igreja assim o leigo já não é mais participante da missão da Igreja. Pois ministérios e serviços lhe são tirados.

Fica aqui o espaço aberto, para que falem interessados e envolvidos, a fim de que a verdade apareça e a unidade, a caridade e a comunhão não saiam mais pisadas e feridas do que já foram.

REGIONAL VII

LUTANDO PELA POSSE DA TERRA

O Regional VII (Posse, Miguel Couto, Parque Flora, Santa Rita, Vila de cava e Tinguá) viveu um ano pelas questões de terra na área. Ocupados com despejos dos acampados, não puderam desenvolver outras pastorais.

Mais dos lábios e do coração de Lourdinha, coordenadora da região, sai a pergunta: "Seis favelas, quatro ocupações rurais e oito ocupações urbanas, são problemas pastorais?"

Numa pesquisa, feita pelo próprio regional, foram apontados alguns problemas que as comunidades enfrentam: desemprego, fome, condução precária, falta de hospitais, saúde, problemas de Escolas, marginalidade e multiplicação das seitas.

Diante dos desafios a Região VII levanta questionamentos: Para quê o Regional? Para dinamizar as paróquias? Possibilitar o intercâmbio? Criar espaço para uma maior participação do leigo? Ser lugar de reflexão bíblica, pastoral e política?



D. José Falcão celebra sua primeira missa na Catedral de Brasília como cardeal, após sua sagração em Roma

Cardeal Falcão reúne 8 mil na 1ª missa

Da Sucursal de Brasília

"A divisão da Igreja Católica entristece, mas tenho certeza que os seguidores de Lefèbvre ficarão com o papa, porque desde o início da Igreja houve cismas, heresias e os divisores sempre foram perdedores", afirmou ontem à tarde, ao desembarcar em Brasília, o primeiro cardeal da cidade, d. José Freire Falcão. Ele se referia ao arcebispo francês Marcel Lefèbvre, excomulgado pelo papa João Paulo 2º.

D. José Freire Falcão, 62, foi recebido às 14h45 pelo nuncio apostólico do Brasil, Carlo Furno, pelo governador José Aparecido e sua mulher Leonor, e pelo ministro Igor Carrilho, representando o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré. Do aeroporto, seguiu para a residência oficial da arquidiocese de Brasília e depois para o ginásio Nilson Nelson, no centro da cidade,

onde celebrou sua primeira missa como cardeal para oito mil pessoas. O governo do Distrito Federal previa um público maior: de 25 mil a 30 mil pessoas.

Opala

Ao contrário do que se esperava, d. José Falcão não recebeu ontem o Opala preto, quatro portas presente da arquidiocese de Brasília. Continuou com o seu Dodge Dart, 1977, que, segundo o motorista Carlos Alberto, "bebe muito e fica mais tempo na garagem".

A missa, iniciada pontualmente às 16h30, não reuniu tantas autoridades como estava previsto: o presidente José Sarney não compareceu e desculpou-se com o governador José Aparecido, alegando cansaço pela maratona na China. O presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães, chegou dez minutos antes da missa, no meio do discurso

introdutório do bispo auxiliar, d. Geraldo Ávila. O ministro chefe do SNI, Ivan de Souza Mendes, sentado na primeira fileira, levantou-se e cedeu seu lugar a Ulysses, que acompanhou a celebração entre bocejos e consultas ao relógio.

Durante as saudações, o cardeal quebrou o protocolo e desceu do altar para cumprimentar Ulysses. Depois cumprimentou o governador José Aparecido. Pessoas portando faixas nas arquibancadas também obtiveram uma resposta: "A salvação está na fé. A profissão da fé não se manifesta nas transformações sociais", disse d. José Falcão.

Hoje, ao meio dia, o presidente José Sarney irá cumprimentar o primeiro cardeal de Brasília em coquetel na residência oficial da arquidiocese da cidade, localizada na Península dos Ministros (Lago Sul). Na ocasião, d. José Falcão deverá receber o seu Opala.

Bispos criticam situação de penúria dos brasileiros

Documento revela importância do voto nas próximas eleições

Belém - Os 14 bispos integrantes do Regional Norte II da CNBB, que abrange o Pará e o Amapá, divulgaram ontem um documento sobre "Fé e política" no qual, após uma análise crítica da "situação de extrema penúria em que vive a grande maioria do nosso povo", exortam a população a "reagir e mostrar o valor do seu voto" nas eleições municipais que se aproximam.

O documento foi apresentado à imprensa pelo arcebispo coadjutor de Belém, dom Vicente Joaquim Zico, que é o responsável a nível nacional pela "animação e ação missionária

da Igreja no Brasil" da CNBB, e que disse ainda que em setembro os bispos lançarão uma cartilha sobre a atitude dos cristãos frente as eleições "com o objetivo de esclarecer e orientar, de maneira simples e correta, o maior número de pessoas de nossas dioceses e prelazias sobre este assunto".

Após o prólogo em que pedem que o documento seja lido em todas as Igrejas e Comunidades Eclesias, os bispos afirmam que "salta aos olhos a situação de extrema penúria em que vive a maioria do nosso povo" e

acrescentam que, em vez de melhorar, a situação se agrava com o amontoamento de pessoas nas periferias das cidades, o êxodo do homem do campo pela ausência de uma autêntica reforma agrária e a falta de uma política agrícola adequada; com o desemprego e sub-emprego e com o achatamento cada vez maior dos salários e aposentadorias.

O documento "Fé e política" também se refere à "corrupção sem punição" e ao "desperdício de dinheiro do povo" que ocorre na administração pública.

Dom Edmundo Kunz condena cisão na Igreja

Porto Alegre - Ao condenar a cisão na Igreja provocada pelo bispo francês Marcel Lefebvre, posteriormente excomungado pelo Papa João Paulo II, o Bispo-Auxiliar de Porto Alegre, d. Edmundo Kunz, criticou dois caminhos tomados pela Igreja nestas últimas décadas: um, o caminho para a esquerda que tenta levar a Comunidade Eclesial a "um terreno sem transcendente", e outro, pela direita, que "empalidece a encarnação de Deus no mundo e na história".

"O caminho da direita é verticalista. Cristo permanece na penumbra.

O crente perde-se em formas abstratas de doutrina, a tradição tem valor absoluto, não se renova", frisou d. Edmundo Kunz, na alocução radiofônica semanal "A voz do pastor", transmitida pela Rádio Difusora, desta Capital.

Lembrou D. Kunz as inúmeras tentativas do Papa de evitar a cisão pela ação do bispo Lefebvre e espera que a massa de tradicionalistas do universo Lefebvre "não se deixe iludir pelo fanatismo da minoria integrista e volte ao redil". Para ele, os fanáticos constituem apenas 5 por cento dos lefebrianos e são "em geral, pen-

sadores tresloucados, que exercem pressão ideológica sobre a maioria".

Depois de também condenar a atitude do igualmente excomungado Bispo de Campos, d. Antônio de Castro Mayer, o Bispo gaúcho disse que a atitude do Papa, de excomungar Lefebvre e seus seguidores, "merece o aplauso de todos os católicos autênticos: nunca se pode trair a verdade em nome da caridade". Mas d. Kunz também não poupou a esquerda da igreja, pelo seu caminho equivocado, porque "a libertação opera-se "a margem do Cristo Deus. Seu cristianismo é anônimo, quase ateu".

Igreja prepara cartilhas contra animador

14. Juli 1988
Da Reportagem Local

Vidal Cavalcante - 19.Abr.87

A região episcopal de São Miguel Paulista (zona leste paulistana, região que concentra o maior número de eleitores) está concluindo a redação de cartilhas e histórias em quadrinhos a serem utilizadas na campanha para a sucessão municipal paulistana. As maiores críticas são dirigidas ao empresário e apresentador de TV Silvio Santos, virtual candidato pelo PFL.

A iniciativa deverá ser seguida nas outras regiões episcopais a partir do próximo mês. O cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, está esperando as convenções partidárias para assumir uma posição pública diante das eleições municipais. Seus assessores revelam, informalmente, que estão "perplexos e desalentados" diante das candidaturas já lançadas.

O bispo de São Miguel Paulista, d. Angélico Sândalo Bernardino, afirmou ontem que Silvio Santos "é um elemento antipolítico, representante de fortes grupos econômicos, além de ser um aventureiro e um oportunista". "O partido que lhe der legenda, estará demonstrando uma absoluta incompetência e que não



D. Angélico Sândalo Bernardino, bispo de São Miguel Paulista, na zona leste tem quadros próprios para disputar a sucessão em São Paulo", acrescentou.

O assessor de Silvio Santos, jornalista Arlindo Silva, disse que as declarações de d. Angélico "não têm importância", acrescentando que o bispo "é do PT". Disse ainda que as referências diretas a Silvio só poderão ser respondidas "por ele mesmo, por se tratarem de questões de foro

íntimo". Silvio Santos está em Boston, EUA, fazendo exames médicos.

As cartilhas também não irão poupar o pré-candidato do PMDB à sucessão municipal João Oswaldo Leiva. D. Angélico disse que Leiva "é um coelho mágico que saiu da cartola do governador Orestes Quércia", acrescentando que a máquina estatal e do PMDB "certamente será colocada em campo para inflar o balão de Leiva".

Clero da Bahia se divide com escolha de Dom Lucas

SALVADOR — O clero baiano teve ontem reações opostas diante da escolha do papa João Paulo II, que oficializou o nome do secretário da Congregação dos Bispos no Vaticano, Dom Lucas Moreira Neves como novo Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil. Dom Lucas tem agora dois meses de prazo para marcar a sua posse como substituto do cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, que morreu há sete meses.

O anúncio do nome do novo Primaz do Brasil, feito simultaneamente em Roma e em Salvador e esperado com muita expectativa há meses, foi saudado com euforia por setores mais moderados e conservadores da Igreja na área do Regional Nordeste-3 (Bahia e Sergipe), e recebido com discrição e até indisfarçada frieza pela ala progressista, que esperava a indicação de Dom Luciano Mendes, atual presidente da CNBB.

Reunido ontem na cidade de Senhor do Bonfim com outros bispos, padres e freiras no retiro do Secretariado Nordeste-3 da CNBB, o Bispo da Diocese de Juazeiro, Dom José Rodrigues — um dos nomes mais destacados da linha progressista da Igreja na Bahia — foi enfático ao responder a uma pergunta sobre como o clero baiano recebia a indicação de Dom Lucas para novo arcebispo de Salvador.

— Claro que recebemos com surpresa, porque nós aqui da Bahia tínhamos indicado ao Vaticano uma pessoa mais ligada à caminhada da Igreja no Nordeste e sobretudo aos problemas da Igreja em Salvador. Esperamos um arcebispo que saiba conviver com o sincretismo religioso de Salvador, marcadamente de influência negra — disse Dom José Rodrigues, lembrando que Dom Lucas está afastado do Brasil há 13 anos e conhece pouco a realidade da igreja na Bahia e no Nordeste. O bispo de Juazeiro revelou, ainda, que a maioria do clero baiano indicou ao Vaticano, para substituir Dom Avelar, o nome de Dom Luciano Mendes, "mas o papa deve ter tido outras

informações e esperamos que Dom Lucas tenha êxito na tarefa difícil de dirigir a arquidiocese primacial do Brasil".

O administrador da Arquidiocese de Salvador e substituto provisório de Dom Avelar, Dom Tomás Murphy, no entanto, anunciou, "com alegria", a oficialização do nome do arcebispo mineiro para Primaz do Brasil.

— O Santo Padre teve tempo para examinar com discernimento o candidato mais apto e escolheu Dom Lucas, que, como pessoa e como sacerdote mesmo, tem uma experiência muito vasta e deve responder com eficiência às nossas necessidades na Arquidiocese de Salvador — disse Dom Tomás Murphy.

Dom Tomás reagiu também à classificação de Dom Lucas Moreira Neves como integrante da chamada ala conservadora da Igreja:

— Eu não aceito, de fato, essa definição. Acho que Dom Lucas é um homem equilibrado e atualizado, por isso não vejo razão para identificar Dom Lucas com título tão pesado. Creio que, embora com as peculiaridades do talento dele, Dom Lucas vai dar continuidade ao trabalho e à filosofia pastoral de Dom Avelar Brandão Vilela — concluiu Dom Tomás Murphy, um moderado do clero baiano.

□ Dom Lucas Moreira Neves, dominicano, de 62 anos, há 13 trabalha na Cúria Romana, primeiro no Conselho para os Leigos e há oito anos como secretário da Sagrada Congregação para Bispos. Mineiro de São João del Rei, filho de um modesto alfaiate e primo em segundo grau do presidente Tancredo Neves, de 1957 a 62 trabalhou no Rio, na Igreja do Leme, e depois foi bispo-auxiliar de São Paulo. Ao nomeá-lo, o papa João Paulo II perde seu grande conselheiro sobre a Igreja no Brasil, seu professor de português e companheiro desde o Conselho para os Leigos.

Certeza final, há uma semana

Araujo Netto
Correspondente

ROMA — Há pouco mais de uma semana, Dom Lucas Moreira Neves teve a certeza de que seria o novo Arcebispo Metropolitano de São Salvador da Bahia, de que a escolha do papa recairia sobre seu nome.

— Não recordaria exatamente o dia em que tive essa notícia. Como é sabido, esse processo da nomeação de novos bispos é longo. Mas com certeza foi há pouco mais de uma semana que fui consultado e dei minha aceitação — disse ontem o próprio Dom Lucas ao JORNAL DO BRASIL.

No momento em que foi consultado e aceitou a indicação do papa, Dom Lucas Moreira Neves cancelou uma viagem à Austrália.

— Decidi ficar por aqui mesmo e daqui não sairei, senão para Salvador, dentro de dois meses.

D. Lucas decidiu valer-se da possibilidade que o direito canônico oferece a todos os novos arcebispos e bispos, de assumir e dar início às suas novas missões dois meses após a nomeação.

— Pretendo usar esses dois meses por três motivos. Primeiro, porque depois de um ano extenuante, eu preciso repousar, fazer o retiro espiritual e me preparar interiormente. Segundo, porque, excepcionalmente, eu devo continuar na Congregação para os Bispos até a data da viagem. Há muito trabalho que devo completar. Se quisesse e pudesse, poderia desligar-me da Congregação amanhã mesmo, mas — excepcionalmente — o Santo Padre me pediu que continue acumulando por um certo tempo as novas funções de Arcebispo de Salvador com a de secretário da Congregação. O terceiro motivo é que eu quero já começar a trabalhar pela arquidiocese, tomando contatos, canalizando recursos pessoais, de gente que possa nos ajudar. A data exata da minha posse dependerá da minha conversa com Dom Tomás Murphy, que é o administrador diocesano até a tomada de posse, e com o qual começo a manter contatos agora. Dom Tomás, por sinal, é um bispo-auxiliar que conheço e estimo há muito tempo.

Dom Lucas Moreira Neves não nega que conhece os problemas fundamentais da sua nova arquidiocese. Imediatamente faz, porém, uma ressalva:

— Mas devo conhecer muito mais da realidade humana e eclesial da Bahia. Uma realidade que devo conhecer muito mais profundamente, coisa que só com o tempo poderei fazer. Entre os problemas da Arquidiocese de Salvador, destacaria, por ora, somente a



Dom Lucas Neves, novo Primaz

urgência de preparar o clero e cuidar do seminário para os sacerdotes do futuro.

Emoções — O esforço maior de Dom Lucas Moreira Neves, ontem, confessado por ele mesmo, foi o de controlar as emoções, não perder a serenidade. Desde o meio-dia da quentíssima quarta-feira romana de ontem, quando da notícia da nomeação (cinco linhas de texto) pela sala de imprensa da Santa Sé, as emoções se sucederam para Dom Lucas. A primeira foi vivida na própria sede da Congregação para os Bispos, que há oito anos o tem como secretário: foi ali que o cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Congregação, reuniu todos os auxiliares para fazer a comunicação oficial da nomeação de Dom Lucas. Depois vieram os telefonemas do Brasil, de quase todos os jornais e emissoras de rádio e televisão mais importantes.

A todos, Dom Lucas não perdeu ocasião para recordar que a última vez que esteve na Bahia foi em 1971, para a posse de Dom Avelar Brandão Vilela, a quem está sucedendo como arcebispo da mais antiga diocese do Brasil.

— Jamais podia imaginar que a vez seguinte seria para a minha posse.

Projetos? Dom Lucas responde categoricamente:

— Não tenho, não os fiz. Nenhum. Só depois de tomar contato com os colaboradores e com a realidade baiana deverei pensar em projetos.

Da Bahia, tudo o que Dom Lucas diz ter como boas recordações são as de muitos amigos, começando pelo bispo-auxiliar, os sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos. Fiel ao seu estilo mineiro, ontem o novo Arcebispo da Bahia não queria se confessar satisfeito com a nomeação do papa.

Reação em outubro era não aceitar

Ricardo Noblat

BRASÍLIA — Em outubro do ano passado, Dom Lucas Moreira Neves confidenciou em Roma a um amigo religioso seu receio de vir a ser escolhido para suceder Dom Avelar Brandão Vilela na Arquidiocese de Salvador.

— Eu não tenho condições, estou distante do Brasil há muito tempo — comentou. O amigo perguntou se ele teria coragem de recusar o convite diante do próprio papa.

— Eu diria isso a ele, sim — respondeu Dom Lucas.

Aquela época, Dom Avelar estava gravemente doente e já encaminhara, um mês antes, a João Paulo II, a carta-renúncia ao cargo que todos os bispos e arcebispos estão obrigados a redigir ao se aproximarem dos 75 anos de idade. Dom Avelar tinha, então, 74 anos. Logo após sua morte, em dezembro do ano passado, os bispos da Bahia e de Sergipe, que integram o Regional Nordeste-3 da CNBB, começaram a tentar influir na sucessão.

Foi elaborada uma lista, com pelo menos uma meia-dúzia de nomes, remetida, mais tarde, ao Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carlo Furno. A lista de possi-

veis sucessores de Dom Avelar era encabeçada por Dom Luciano Mendes de Almeida, atual presidente da CNBB. Dom Luciano Cabral Duarte, líder da chamada ala conservadora do clero e Arcebispo de Aracaju, era o segundo nome da lista — que incluía, ainda, o cardeal Aluísio Lorscheider e os bispos Benedito Ulhoa, Marcelo Carvalheira e Lucas Neves.

Os bispos considerados progressistas, que controlam a CNBB há mais de uma década, desejavam, segundo admitiram ontem dois deles, que a escolha do papa recaísse sobre o nome de Dom Luciano Mendes de Almeida, mas sabiam que isso dificilmente ocorreria. Escolher Dom Luciano significaria avalizar, claramente, a linha imprimida à Igreja no Brasil pela CNBB. A escolha do Arcebispo de Aracaju, por outro lado, seria interpretada como mais um gesto do papa em favor da ala conservadora do clero brasileiro.

Dom Lucas, que preferia ficar em Roma, aceitou o cargo como sinal de sacrifício. O anúncio oficial de sua escolha pelo papa deveria ter ocorrido na quarta-feira, dia 3 do mês passado. Foi transferida para ontem porque o JORNAL DO BRASIL, em sua edição de 2 de junho, antecipou o anúncio da escolha. Em recepção na noite anterior, na Embaixada da Venezuela, em Brasília, o ministro do Itamarati, Abreu Sodré, contou ao Núncio Dom Carlo Furno que recebera, naquele dia, um telex do embaixador brasileiro no Vaticano informando que fora escolhido para suceder Dom Avelar.

A CNBB não quis comentar a escolha de Dom Lucas.

— Estamos honrados — limitou-se a declarar o padre Arnaldo Beltrame, assessor de imprensa da CNBB.

Primaz preocupado com falta de padres para missão na BA

SALVADOR - Apesar de emocionado com a calorosa recepção de mais de 2 mil pessoas, no aeroporto, sob um tempo chuvoso, ao retornar ontem de sua viagem a Roma, onde recebeu o título cardinalício, o arcebispo-primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, não escondeu sua frustração, quando reconheceu em tumultuada entrevista no desembarque, que está encontrando dificuldades para trazer padres estrangeiros para o Brasil.

Quebrando mais uma vez o rígido esquema de segurança montado por cerca de 330 homens da Aeronáutica, o novo cardeal informou, num dos rápidos encontros com a Imprensa, que vai voltar a manter contatos com religiosos do exterior para tentar sensibilizá-los a morar na Bahia, já que durante as duas semanas que ficou em países da Europa, não conseguiu ninguém para suprir a necessidade de padres da Arquidiocese de Salvador.

A chuva intermitente que caiu na cidade desde a madrugada não impediu que milhares de fiéis fossem até o aeroporto Dois de Julho, distante do Centro da cidade 36 kms, para receber o novo cardeal, entoando o Hino do Senhor do Bonfim (santo de maior devoção dos baianos). O arcebispo-primaz pisou no solo baiano ontem às 10h30m que pela primeira vez depois de receber do Papa João Paulo II o título de cardeal, no fim do mês passado.

Deplorando-se com uma enorme faixa colocada na área da pista do aeroporto com as inscrições "Seja Bem-Vindo, Nosso Cardeal" - a mesma que estava em centenas de bandeiras brancas e amarelas acendadas pelo povo, - ao descer do avião dom Lucas Moreira Neves foi re-

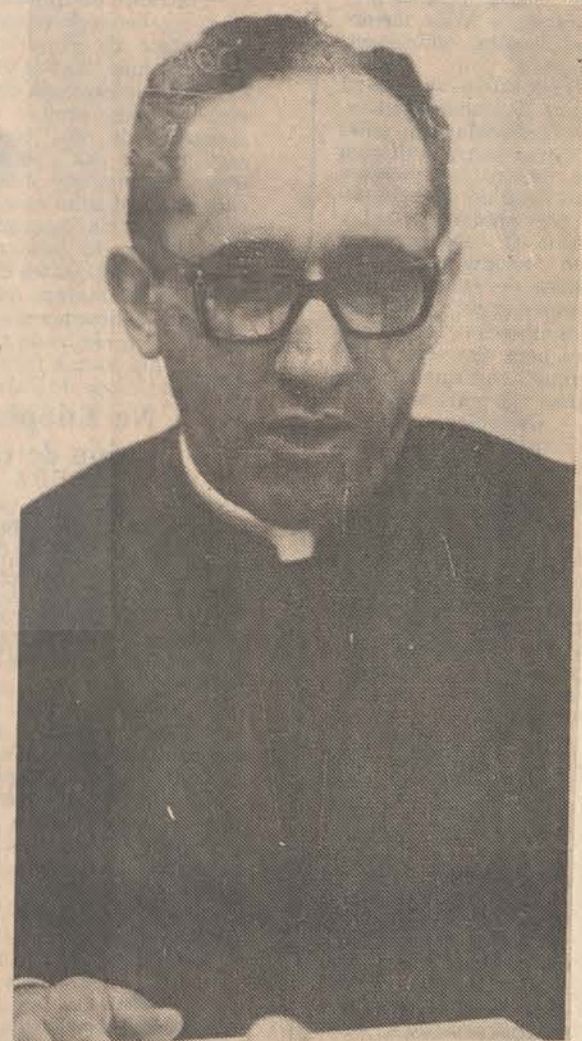
cebido pelo governador Waldir Pires; ministro da Habitação e Urbanismo Prisco Viana; prefeito Mário Kertesz; senadores, secretários de Estado, comandantes militares e várias autoridades.

Mais de uma dezena de ônibus foi contratada pela paróquia para levar fiéis à recepção ao novo cardeal. Apesar do forte esquema de segurança, raramente visto até mesmo na época do regime militar, em eventos semelhantes, o arcebispo de Salvador interrompeu sua caminhada da pista até a saída do

aeroporto para cumprimentar freiras e crianças que conseguiram quebrar o bloqueio.

Candidatos à prefeitura da Capital não perderam a oportunidade de participar da homenagem popular a dom Lucas, a exemplo dos deputados Marcos Medrado e Genebaldo Correia. O cantor Gilberto Gil, tido como candidato preferencial do prefeito Mario Kertesz à sua sucessão, nem conseguiu cumprimentar o cardeal, pois chegou no final da recepção quando dom Lucas já se dirigia ao carro.

Arquivo DP



Dom Lucas não encontra sacerdotes para a Bahia

Cardeal Moreira Neves

PÁGINA 3

recebido com festa

A mensagem do cardeal

D. Lucas Moreira Neves distribuiu, ontem, a seguinte mensagem aos baianos: "Retornando do Consistório no qual o papa João Paulo II quis chamar o arcebispo de S. Salvador da Bahia ao Colégio Cardinalício repetem-se em mim as emoções e sentimentos da minha chegada a 26 e 27 de setembro p.p. e experimento outros novos.

"Sinto, antes de tudo, que, bem mais do que uma honraria, o Cardinalato é um compromisso ao qual se ligam precisas responsabilidades.

"Compromisso principalmente com o Pastor da Igreja Universal de cujo Senado cada cardeal passa a fazer parte como conselheiro e colaborador imediato. Compromisso portanto de aumentado afeto filial e fraterno mas também de fidelidade plena e de lealdade sem falha à sua pessoa, ao seu magistério e às linhas do seu ministério. Com viva consciência e em termos muito claros eu quis exprimir esse compromisso ao santo padre no encontro com ele junto com o meu empenho para que toda a Arquidiocese cresça constantemente nas mesmas atitudes de adesão profunda e total àquele que é, na terra, o Vigário de Cristo, sinal e princípio visível da comunhão eclesial.

"A entrada no Colégio Cardinalício foi também para mim interpelação e estímulo na linha do meu compromisso com a Igreja Particular de São Salvador da Bahia. Como declarei na minha tomada de posse da Arquidiocese e como tantas vezes repeti, com palavras e gestos, ao longo desses últimos 10 meses, esse compromisso é com a evangelização dos fiéis da Arquidiocese: com a fortificação da fé dos que creem e com o anúncio de Jesus Cristo a todos, sem distinção, no mais absoluto respeito às convicções de cada um; com a catequese, a liturgia, a oração, as vocações sacerdotais e religiosas. Mas a evangelização é igualmente atenção pastoral à dignidade e à promoção de todas as pessoas, especialmente dos mais necessitados, dos pobres, carentes, marginalizados. Deus me ajude a fazer do Cardinalato um renovado incentivo ao dever da evangelização.

"Voltando à Bahia depois do Consistório desejo manifestar imensa gratidão a todos os que, mais uma vez, demonstraram afeto e confiança para com este arcebispo. Agradeço as autoridades civis e militares do País, do estado, do município de Salvador e dos municípios pertencentes à Arquidiocese; a presença, em Roma, do representante pessoal do presidente da República, do excelentíssimo senhor governador e senhora Yolanda Pires, do excelentíssimo prefeito municipal e senhora Eliana Kertész, da magnífica reitoria da Universidade Católica e de fiéis arquidiocesanos sensibilizou-me sobremaneira. Agradeço o Clero Diocesano e religioso, primeiros e solícitos cooperadores do ministério episcopal: a participação de 12 sacerdotes nas cerimônias do Consistório foi para mim motivo de conforto e de alegria. Agradeço às religiosas, elas também representadas em Roma nas jornadas de 28 e 29 de junho. Agradeço enfim a todos os filhos e filhas da Arquidiocese e peço a todos e a cada um receber aqui a expressão de afetuoso reconhecimento que eu bem gostaria de dizer a cada um, individualmente, se isso fosse possível.

"Pisando de novo o solo baiano nesta circunstância particular, tão significativa para a Igreja arquidiocesana, trago a todos os seus membros a bênção paterna do santo padre à qual uno, com humildade, a minha bênção de arcebispo e de pai na fé.

"Salvador, 15 de julho de 1988

"Frei Lucas Gard. Moreira Neves, O.P.
Arcebispo de São Salvador da Bahia
Primaz do Brasil"



Em seu primeiro dia de volta a Salvador, D. Lucas Moreira Neves celebrou missa na Catedral

Fiéis não se importaram com a chuva

Os fiéis não se intimidaram com o frio e a chuva que têm castigado Salvador e foram até o Terreiro de Jesus para ver de perto a chegada do arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Lucas, cardeal Moreira Neves, para uma solene concelebração na Catedral Basílica. Quando o religioso chegou à igreja era exatamente 18h05min. Foi bastante aplaudido pelos fiéis e se dirigiu ao interior da catedral, lotada por destacadas personalidades baianas, como o prefeito Mário Kertész, secretários de estado, políticos, autoridades militares e fiéis. Acompanhado da primeira-dama, D. Iolanda Pires, o governador Waldir Pires chegou às 18h15min.

Dom Lucas deixou o palácio Arquiepiscopal, no Campo Grande, por volta das 17h30min. O carro da Arquidiocese, escoltado por viaturas da Polícia Militar e por motocicletas do Pelotão Águia, percorreu toda a Avenida 7 de Setembro e, durante o percurso, o cardeal foi ovacionado pelo público. Na catedral, participaram da celebração cerca de 60 padres. O monsenhor José Gilberto de Luna proferiu a homilia e os comentários foram feitos pelos integrantes da Comissão Arquidiocesana de Liturgia, Jorge Souto Maia. A missa teve o acompanhamento do coral da paróquia D'Santana.

O monsenhor Gilberto Luna iniciou a homilia da seguinte maneira: "Em torno da mesa do sacrifício e da ceia do Cristo eis que se reúne,

neste momento, a igreja de São Salvador da Bahia, numa feliz e jubilosa convivência com seu pastor. E o rebanho fiel irá, com ele, tecer um hino em louvor ao pai, pelo dom do seu cardinalato. Quis o santo padre João Paulo II colocá-lo entre os membros do sacro colégio".

O padre Luna também referiu ao que é ser cardeal: "Eis porque muito bem avisado andou dom Lucas, quando ao receber a comunicação de que fora escolhido para o Colégio dos Cardeais, afirmou ter visto, nisto, mais um apelo de Deus para ampliação do seu serviço. E que ser cardeal não é só ver o mundo numa dimensão de igreja, mas também ver a igreja numa dimensão de mundo".

O monsenhor concluiu sua homilia assim: "Dom Lucas, aqui está a sua igreja. A nossa igreja. E enquanto se une à de São João Del Rei, que canta a glória do filho emérito, felicita-o dizendo: Deus o proteja pastor elevado a cardeal. Deus o ampare cardeal que hoje acolhemos, cardeal que hoje festejamos bispo, como nosso querido pastor".

MISSA SIMBÓLICA

O arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, ainda não tomou posse como cardeal. Faltava uma missa, em Roma, a ser realizada, provavelmente, no próximo dia

8 de outubro. "Um ato puramente simbólico", conforme adiantou o religioso. Dom Lucas, cardeal Moreira Neves, chegou, ontem, em Salvador, justamente um ano depois que o seu nome foi anunciado como novo arcebispo da cidade.

E tradição que cada cardeal seja titular de uma igreja em Roma, no sentido de simbolizar que faz parte do clero. Para dom Lucas, o papa escolheu a igreja de São Bonifácio e Aleixo, situada numa das sete colinas de Roma. Era a igreja de Joaquim Arco Verde, o primeiro cardeal latino-americano e a mesma de dom Avelar Brandão Vilela, a quem dom Lucas sucedeu, na Arquidiocese de Salvador. "Trata-se de mais um vínculo de união meu com dom Avelar", destacou. O fato de ser titular de uma igreja é simbólica.

Como os momentos mais importantes da sua viagem que durou três semanas, dom Lucas citou a participação no consistório, cerimônia onde o papa cria os novos cardeais, "um momento de muita emoção", e uma audiência com o papa justamente no dia 2 de julho, data da Independência da Bahia. Citou, ainda, o dia 29 de junho, quando recebeu o anel cardinalício e o dia 28 quando recebeu o barrete (chapéu) cardinalício. Segundo dom Lucas, o anel é um símbolo de aliança.

Já como cardeal, dom Lucas usa a faixa cardinalícia, púrpura, na cintura. O anel cardinalício, por sua vez, é usado na mão direita.

A chegada do cardeal D. Lucas Moreira Neves, à Bahia, ontem, foi marcada pela recepção calorosa dos fiéis, que no Aeroporto Dois de Julho, o aguardavam para festejar sua ascensão ao cardinalato no último dia 28 de junho, no Vaticano. "Fiquei surpreso com a recepção do povo baiano. Com apenas 10 meses na Bahia, não esperava por essa bellissima festa", explicou o cardeal, já no Seminário Central da Bahia, onde almoçou com representantes do clero. Ainda no aeroporto, dom Lucas Neves foi recebido pelo governador Waldir Pires e pela primeira dama Yolanda Pires, juntamente com quase todo o secretariado e diversos vereadores, deputados e ocupantes de cargos públicos.

O avião da Varig pousou às 10h5min, tendo a segurança ficado a cargo da Polícia da Aeronáutica, que apesar da boa vontade do tenente Hemerly, relações públicas da Base Aérea, chegou a prejudicar o trabalho da imprensa. A corporação colocou cerca de 100 homens na operação, além da banda de música, que tocou o Hino ao Senhor do Bonfim. Segundo monsenhor Sadoc, todas as paróquias foram convidadas para o evento, tendo a prefeitura cedido 15 ônibus para o transporte dos fiéis, além de outros cedidos por empresas particulares e até candidatos políticos. Do aeroporto, o cardeal seguiu para o Seminário Central.

No local, D. Lucas, o sexto cardeal brasileiro, foi recebido por autoridades da Igreja e por Irmã Dulce, que apesar de proibida pelo médico, fez questão de cumprimentar o cardeal. "Ele é uma pessoa que se preocupa com seu rebanho", disse a freira, que foi uma das pessoas visitadas pelo arcebispo de Salvador antes de sua partida para Roma. Dom Lucas Neves e Irmã Dulce trocaram um afetuoso abraço no saguão de entrada do Seminário. "Lembrei tanto da senhora", foram as primeiras palavras do cardeal ao encontrar a religiosa. Depois do almoço, D. Lucas seguiu para o Palácio Arquiepiscop-

opal, no Campo Grande, onde descansou até o horário da entrevista coletiva que deu à imprensa.

ELEITOR DO PAPA

O Colégio dos Cardeais é formado por cerca de 140 dignitários da Igreja Católica, tendo entre suas funções a de eleger os papas. Em termos de hierarquia, segundo monsenhor Gaspar Sadoc, o cargo mais alto da Igreja é o de bispo, que está logo abaixo do poder papal. A Bahia já teve quatro cardeais, ainda de acordo com o monsenhor. Dom Augusto Álvares da Silva (década de 50), D. Eugênio Sales (anos 60), D. Avelar Brandão Vilela e, agora, D. Lucas Moreira Neves. Para o religioso, a nomeação do novo cardeal significou uma espécie de reconhecimento do Vaticano à importância da Bahia, além de ter sido decorrente dos méritos pessoais de D. Lucas.

Monsenhor Sadoc estimou o número de presentes ao aeroporto em "dois mil" e muitas faixas e bandeiras amarelas e brancas (são as cores do Vaticano) foram desfaldadas para saudar o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, D. Lucas desembarcou do avião sob chuva fina, que não fez as autoridades presentes à pista arredarem o pé do local. "Profundamente emocionado", como declarou ainda, o cardeal seguiu para o Seminário Central da Bahia no mesmo carro com monsenhor Sadoc.

O almoço no refeitório do Seminário constou de arroz de forno, maionese de verduras, salada fria, galetos e farofa de miúdos, segundo o ex-seminarista encarregado de organizar a refeição. Cerca de 150 religiosos sentaram à mesa com o cardeal e, conforme disse um padre, "foi o almoço do clero com seu bispo". Ainda no local, D. Lucas queixou-se do cansaço da viagem (ele veio de Roma para o Rio, na quinta-feira), mas se mostrou emocionado com a recepção dos baianos.



Alegria e esperança na recepção dos fiéis



O afetuoso encontro com a Irmã Dulce

Necessidade de sacerdotes

"Durante minha viagem, mantive contatos em benefícios da Arquidiocese de Salvador. Falei muito da necessidade de sacerdotes, na Bahia, e que deveremos preparar um clero baiano. Gostaria que bispos da Europa nos ajudassem, cedendo sacerdotes", declarou, ontem, em entrevista coletiva, no Palácio Arquepiscopal (no Campo Grande), o cardeal Moreira Neves. Disse, ainda, que constatou uma boa vontade por parte dos sacerdotes e dos bispos e que a Arquidiocese de Salvador tem, atualmente, 210 sacerdotes, mas alguns deles estão doentes.

"O Brasil precisa muito da ajuda do clero de fora", afirmou o cardeal, salientando a necessidade de a vocação surgir, rapidamente, no País. "Na Europa, a média é de um sacerdote para mil habitantes. Aqui, existe apenas um sacerdote para 23 mil habitantes", informou. Dom Lucas lembrou que a vinda de sacerdotes implica numa série de dificuldades, como a adaptação cultural, aprendizado da língua e até mesmo uma nova mentalidade. "Deve haver cuidado, também, para uma convivência fraterna". O cardeal disse que a proliferação de seitas, em Salvador, corresponde a uma carência de sacerdotes. "Dai, a minha preocupação em aumentar o número de sacerdotes. Como o povo baiano sente profunda fome de Deus, na medida em que não há sacerdotes, ele tende a procurar novas opções. É um estímulo para nós dar uma resposta a essas necessidades religiosas".

O PAPA

Dom Lucas informou, ainda, que, no Vaticano, comenta-se uma nova vinda do papa João Paulo II ao Brasil, no próximo ano ou em 1990. "É desejo do papa visitar os estados brasileiros que ele não conheceu". Mas o novo cardeal estava muito emocionado com a recepção de fiéis, no Aeroporto Internacional Dois de Julho, na manhã de ontem. "Foi um momento de pro-

funda emoção, de inteira comoção. Não era mais aquela gente desconhecida, já eram rostos conhecidos", lembrando a recepção quando da sua chegada a Salvador, em setembro do ano passado.

Segundo o religioso, o fato de ser cardeal não muda "nada em minha vida de arcebispo de Salvador. Já visitei 80 das 96 paróquias da cidade. Pretendo visitar as outras 16 e dar continuidade ao trabalho que comeci", enfatizou. Frisou que o que muda é o fato de o arcebispo de Salvador fazer, depois de tornar-se cardeal, parte do senado do papa, ser um dos conselheiros de João Paulo II, "ter um cargo de relevância. Dom Lucas, quando questionado sobre a situação do menor carente, destacou que está muito "inclinado a fazer da questão uma das prioridades da Arquidiocese de Salvador. Trata-se do futuro do País".

O CONSELHO

Durante a coletiva, o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil aconselhou o bispo emérito de Campos (Rio de Janeiro), D. Antônio de Castro Mayer e seus seguidores, excomungados recentemente pelo papa, a reconsiderarem a posição de apoiar o bispo tradicionalista francês Marcel Lefèbvre e "voltarem à comunhão plena com a Igreja, seguindo orientações de João Paulo II". De acordo com dom Lucas, a Igreja está aberta a acolher todos os religiosos que quiserem se arrepender, lembrando que o papa constituiu uma comissão exatamente para analisar esses casos.

O cardeal Moreira Neves afirmou, sobre o cisma provocado pelo bispo francês, que ele, praticamente, negou a autoridade do papa. "No fundo, eles se excomungaram. O papa apenas declarou e garantiu que não existe nenhuma divisão na Igreja". Minimizar a atitude do bispo francês, citando que muitos fiéis abandonaram Lefèbvre quando ele decidiu pelo confronto com a Igreja Católica.

Foto: Arquivo Baptista

Dom Pelé adverte noivas

João Pessoa (AE) — O arcebispo-metropolitano da Paraíba, dom José Maria Pires, baixou circular aos padres e a toda diocese, que atinge especialmente as noivas de famílias ricas de João Pessoa. Elas não podem mais se atrasar com a celebração do casamento religioso, como geralmente acontece, e a circular exclui também músicas profanas, além de não permitir cantos em momentos solenes, como o do consentimento mútuo, da entrega de anéis e da bênção nupcial.

Dom José Maria Pires recomenda aos párocos que insistam na pontualidade dos noivos e demais participantes da celebração. "Em caso de atraso — reza a circular — "fique bem claro que o celebrante não ficará esperando, se tiver outro compromisso a seguir", ao advertir que os atrasados é que terão que aguardar até que o oficiante fique de novo disponível.

O arcebispo da Paraíba, que é negro, ganhou um apelido dos pessoenses — dom Pelé — e jamais teve a simpatia das famílias ricas, principalmente dos latifundiários da Paraíba, que vêem nele um adversário, já que se posiciona sempre ao lado dos camponeses nos conflitos pela posse da terra. Simpatizante da ala progressista da Igreja e defensor da Teologia da Libertação, ele estimula na circular o hábito de casamentos comunitários celebrados de preferência dentro da missa, "comuns no interior do estado e que sempre deram bons resultados", disse o arcebispo paraibano.

29. Juli 1988

Fade

PALAVRA DO BISPO



Ponto alto nas festas jubilares: o corap dos amigos de Dom Adriano, executando algumas músicas do episcopal compositor.

À procura da Paz

Entre as bem-aventuranças que Jesus anuncia no chamado "sermão da montanha" (Mat. 5,1 — 7,9; cf Luc 6, 17-49) lemos esta: "Bem-aventurados os que constroem a paz, porque serão chamados filhos de Deus" (Mat. 5,9).

A Paz é uma das grandes utopias da humanidade e de cada pessoa em particular. E a Bíblia Sagrada, em numerosos trechos do Antigo e do Novo Testamento, faz-se eco deste desejo profundo, deste sonho intenso de todos nós. E, parece, quanto mais sangue se derrama, quanto mais violência se comete, quanto mais conflitos se desencadeiam, tanto mais cresce em nós a esperança da Paz, de uma Paz duradoura e total.

O grande Papa, que foi Paulo VI, sensível aos anseios de Paz do mundo inteiro e da Igreja, introduziu um Dia Mundial da Paz que, desde 1967, vem sendo celebrado em 1º de janeiro de cada ano, com os temas que o momento histórico desperta. João Paulo II continuou com entusiasmo a celebração do Dia Mundial da Paz como vemos nos documentos e nos assuntos que tem publicado. Basta recordarmos os últimos:

Em 1987: "Desenvolvimento e solidariedade: duas chaves para a Paz".

1988: "Liberdade religiosa: condição para a convivência pacífica". Já em 1986, em face do abismo social que separa as nações industrializadas das nações subdesenvolvidas, João Paulo I apresentou o tema: "A Paz é um valor sem fronteiras: Norte-Sul, Leste-Oeste — uma só Paz".

Destes e dos documentos anteriores dos dois Papas fala não a Política em primeiro lugar, mas sim a Fé que recebemos de Jesus Cristo através da Igreja. São documentos singulares por suas colocações, por seu ponto de partida e por seu alvo último. São documentos de Fé cristã. Mas de uma Fé cristã encarnada que vai interferir necessariamente nas estruturas políticas do mundo moderno, pela rejeição da violência, das guerras de todo e qualquer derramamento de sangue. A Paz é uma utopia, certamente, se a considerarmos como Paz consolidada, definitiva, estabelecida, duradoura. Como utopia, no entanto, serve de referência para todo tipo de relacionamento humano e social. Por mais que a maldade dos homens perturbe a Paz, devemos procurá-la com esforço e seriedade. E nossa procura sincera dará resultados, senão totais e definitivos, ao menos como sinal de que a Paz é possível.

A preocupação com a Paz, o desejo de realizar alguma coisa da utopia da Paz é o que levou nossa Diocese a assumir uma campanha diocesana em favor da Paz. A "Campanha contra a Violência" que poderia ser chamada com maior propriedade "Campanha em favor da Paz", quer sistemática e perseverantemente a repulsa à violência e a procura da Paz social.

Também na Baixada Fluminense, onde nos colocou a divina providência é possível estabelecer-se o reinado da Paz. Apesar de todas as violências e misérias que acontecem entre nós. Porque nossa Fé nos dá força e coragem, nos faz mais clarividentes e mais atuantes — nos faz ou nos deveria fazer — achando que nossa campanha produzirá frutos convenientes a médio e a longo prazos.

Tentaremos empregar os diversos meios que estão à nossa disposição, excluindo todos os recursos da violência e da maldade. Será uma campanha de conscientização e de esclarecimento, de solidariedade e de enfrentamento. Não invadiremos a área do Governo ou da polícia. Não temos, nem podemos ter, força de repressão. Mas como estamos à disposição daquele que é o Príncipe da Paz — Jesus Cristo — (cf Is. 9.6), a quem S. Paulo chama de "nossa Paz" (Ef. 14), confiamos que podemos dar uma contribuição à construção da Paz em nossa querida Baixada Fluminense.

(Dom Adriano Hypolito)

Os obstáculos ao desenvolvimento

D. Boaventura Kloppenburg

Como vimos em artigo anterior, na recente Encíclica *Sollicitudo rei socialis* o Papa João Paulo II retoma decididamente as esperanças que na década Sessenta colocáramos no empenho pelo "desenvolvimento do homem todo e de todos os homens". O anunciado desenvolvimento não se deu devido a uma concepção excessivamente otimista (o mito do progresso) e estreita (economismo) e a uma série de obstáculos que o impediram.

Tais obstáculos eram de natureza econômica, política e moral. João Paulo II dedica muitas páginas aos obstáculos de ordem política, insistindo sobretudo na formação de dois blocos contrapostos no Ocidente e no Oriente. Cada um dos dois blocos tende a assimilar e a agregar à sua volta outros países ou grupos de países, formando cada qual sua "esfera de influência". No Ocidente temos o bloco que se inspira fundamentalmente nos princípios do capitalismo liberal. O do Oriente busca inspiração no coletivismo marxista. São duas ideologias opostas, com duas visões diferentes do homem, da sua liberdade e de seu papel social, que dividem o mundo contemporâneo. Cada bloco propõe e promove, no plano econômico, formas antitéticas de organização do trabalho e de estruturas de propriedade, especialmente com relação aos meios de produção. Esta contraposição ideológica desenvolve sistemas e centros antagonistas de poder, com suas formas próprias de propaganda e doutrinação, que evoluiu também para uma crescente contraposição militar, dando origem a dois blocos de potências armadas, cada um deles desconfiado e receoso da prevalência do outro. Desta tensão entre o Este e o Oeste nasceram também concepções diferentes de desenvolvimento. E assim os investimentos e os auxílios para o desenvolvimento são com frequência desviados do próprio fim e instrumentalizados para alimentar os contrastes, contra os interesses dos países que deveriam ser beneficiados. Ademais, cada bloco esconde em seu âmago a tendência para o imperialismo ou novas formas de neocolonialismo. Desta maneira os países em vias de desenvolvimento, em vez de se transformarem em nações autônomas, tornam-se peças de um mecanismo, partes de uma engrenagem gigantesca.

Entre os sintomas do subdesenvolvimento (crise de habitação, desemprego, subemprego) o Papa destaca também a dívida internacional. A razão que levou os povos em vias de desenvolvimento a aceitarem a oferta de abundantes capitais disponíveis foi a esperança de os poderem empregar em atividades de desenvolvimento. Com a mudança das circunstâncias nos países endividados e no mercado financeiro internacional, o instrumento escolhido como ajuda para o desenvolvimento transformou-se num mecanismo contraproducente: em vez de ajudar, tornou-se um travão e agravou a situação de subdesenvolvimento em alguns países.

Mas a nova Encíclica se mostra muito mais preocupada com os obstáculos de ordem moral, que é também o campo específico da Igreja. É um fato que vivemos num mundo dividido em blocos, mantidos por ideologias rígidas, onde, em lugar da interdependência e da solidariedade, dominam diferentes formas de imperialismo, submetendo o mundo a "estruturas de pecado" que, por sua vez, nascem de pecados pessoais ou atos concretos de pessoas, que fazem aparecer tais estruturas, as consolidam e tornam difícil sua superação. Assim elas se reforçam, expandem-se e tornam-se fontes de outros pecados, condicionando o comportamento dos homens.

As ações e atitudes opostas à vontade de Deus que causam nossas atuais estruturas de pecado são hoje principalmente duas:

— a avidez exclusiva do lucro e

— a sede do poder, com o objetivo de impor aos outros a própria vontade.

Estes dois comportamentos querem impor-se "a qualquer preço", isto é: são absolutizados e se transformam assim em verdadeiros ídolos. Se os "mecanismos perversos" do neocolonialismo são considerados à luz dos critérios morais, percebe-se que por detrás de certas decisões, aparentemente inspiradas só pela economia ou pela política, se escondem verdadeiras formas de idolatria: do dinheiro, da ideologia, da classe e da tecnologia.

São estes os ídolos dominantes de nosso tempo.

Este tipo de análise nos indica qual é a verdadeira natureza do mal, com o qual nos deparamos na questão do desenvolvimento dos povos: trata-se de um mal moral, fruto de muitos pecados, que produzem estruturas de pecado. Distinguindo-se da mera análise sócio-política, esta maneira de analisar a realidade leva em consideração: a vontade de Deus três vezes santo; o seu plano sobre os homens; sua justiça e sua misericórdia. Deus, rico em misericórdia, redentor dos homens, Senhor e doador da vida (aqui o Papa se refere às Encíclicas anteriores), exige da parte dos homens atitudes precisas, que se exprimem também em ações ou omissões que concernem o próximo. E isto está em relação com a "segunda tábu" dos dez Mandamentos: com a inobservância destes, ofende-se a Deus e prejudica-se o próximo, introduzindo no mundo condicionamentos e obstáculos que vão muito além das ações de uma pessoa e do breve período de sua vida. Interfere-se também no processo do desenvolvimento dos povos, cujo atraso ou cuja lentidão devem ser julgados também sob esta luz.

O pecado e suas estruturas só têm um remédio: a conversão ou a mudança das atitudes que determinam o comportamento humano e seu relacionamento com o próximo, com as comunidades e com a natureza.

Veremos num próximo artigo a proposta concreta da Encíclica *Sollicitudo rei socialis*.

CIRCULAR DOS BISPOS DA PROVÍNCIA ECLESIASTICA DE PERNAMBUCO
AOS AGENTES DE PASTORAL - SACERDOTES, DIÁCONOS, RELIGIOSOS E LEIGOS - SOBRE A
PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA

Prezados irmãos,

Aproximando-se um novo período de campanha político-eleitoral, nós, Bispos da Província Eclesiástica de Pernambuco, visando ao bem comum do nosso povo, havemos por bem recordar a todos os agentes de Pastoral das nossas dioceses - sacerdotes, diáconos, religiosos e leigos - algumas diretrizes estabelecidas em vários documentos da Igreja a respeito da participação na política.

Reafirmamos, em primeiro lugar, com todos os nossos irmãos no episcopado, que "a Igreja como um todo está, necessariamente, envolvida com as realidades terrestres e históricas e, portanto, com a realidade política". Esta afirmação se encontra no mais recente documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - "IGREJA: COMUNHÃO E MISSÃO" - cuja leitura e estudo muito recomendamos, especialmente dos números 203 a 227 onde se explica a missão da Igreja na política.

Com o mesmo documento, reafirmamos que "a política partidária é o campo próprio dos cristãos leigos" (n. 211) e que "os agentes de pastoral devem cuidar, sempre, para que a ação pastoral não seja utilizada em benefício de partidos ou ideologias" (n.220).

Já o documento de Puebla estabelecia análogas diretrizes, acrescentando-lhes a fundamentação teológico-pastoral. Ali se diz que os pastores, bispos e padres, são ministros da unidade e, por isso mesmo, não devem envolver-se em política partidária; que também os religiosos devem "resistir igualmente à tentação de comprometer-se em política partidária"; e que "os leigos dirigentes da ação pastoral não devem empregar sua autoridade em função de partidos ou ideologias". Afirma-se ainda que "nenhum partido político, por mais inspirado que esteja na doutrina da Igreja, pode arrogar-se a representação de todos os fiéis" (Puebla n. 521 a 530).

Por conseguinte, é perfeitamente legítimo que, na mesma comunidade eclesial, e até na mesma assembléia litúrgica, haja pessoas de diversas convicções e de diversos partidos políticos. Quando o dirigente da comunidade eclesial se transforma em propagandista de um determinado partido, está automaticamente dividindo o seu rebanho.

Solicitamos encarecidamente de todos os nossos colaboradores na ação pastoral a fiel observância das mencionadas diretrizes e a todos enviamos nossa bênção e saudação fraterna.

Recife, 11 de agosto de 1988.

+ José Cardoso Sobrinho

Dom José Cardoso Sobrinho
Arcebispo de Olinda e Recife

+ Francisco Austregésilo de Mesquita
Dom Francisco Austregésilo de Mesquita
Bispo de Afogados da Ingazeira

+ Dom Jorge Tobias de Freitas
Dom Jorge Tobias de Freitas
Bispo de Nazaré da Mata

+ Tiago Portman
Dom Tiago Portman
Bispo de Garanhuns

+ Augusto Carvalho
Dom Augusto Carvalho
Bispo de Caruaru

+ Acácio Rodrigues Alves
Dom Acácio Rodrigues Alves
Bispo de Palmares

+ Dom Francisco Xavier Niehoff
Dom Francisco Xavier Niehoff
Bispo de Floresta

+ Paulo Cardoso da Silva
Dom Paulo Cardoso da Silva
Bispo de Petrolina

“Quem lê neste país?”

Cido Pereira, enviado especial a Belo Horizonte

Para dom Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana e presidente da CNBB, são pouco promissoras as perspectivas em relação à imprensa escrita católica. Ele pronunciou palestra aos diretores de jornais e revistas católicas, reunidos em Belo Horizonte de 1 a 4 de agosto.

Dom Luciano partiu da constatação de que, embora estejamos no momento com um índice populacional ainda alto e com uma população ainda predominantemente jovem, o processo de aumento populacional está se revertendo. “Fomos assassinados”, diz ele para explicar o controle da natalidade, “e vamos ter muitos problemas”. Mas é um fato que o Brasil ainda é um país jovem e a Igreja, que por razões sócio-políticas e pastorais tem penetração no povo, “vai ter que mudar seu discurso, sua mensagem, que não pode ser para as elites”.

“Aí entra a imprensa escrita que supõe o saber ler”, diz dom Luciano. Mas ele pergunta: “Quem é que lê neste país? O problema pastoral do Brasil não vai ser resolvido pela imprensa escrita porque pouca gente lê”.

Dom Luciano cita dados do IBGE que mostram que apenas 20%

dos que entram no primeiro grau o terminam. “Uma pessoa que não termina o primeiro grau não lê”. Impedem ainda o brasileiro de ler problemas de visão e de alimentação, fatores que embotam a capacidade de exposição, percepção e memorização ligada ao ato de ler.

O quadro agrava-se mais ainda, no entender de dom Luciano, com o alto custo da imprensa escrita, a ponto da Igreja “não poder se dar ao luxo de investir muito nela”. Resfa ao povo o caminho do rádio, “que está na ponta, não só porque o jornal custa caro, mas porque a audição é o sentido hoje de maior captação”.

“Quem quer fazer um jornal de Igreja tem que considerar tudo isso”, diz dom Luciano. Ele ressalta também outra dificuldade da imprensa católica: a concorrência da grande imprensa, muito melhor aparelhada, “que fala de coisas que interessam mais do que saber se a Santíssima Trindade são três ou quatro pessoas. O mundo não é mais sacral como foi no tempo de nossos avós”.

“Vocês são vítimas de uma situação que não criaram”, disse dom Luciano aos comunicadores.

“Têm uma vocação de Igreja, mas têm inimigos por todo lado”.

Um último fator que segundo dom Luciano dificulta a tarefa da imprensa católica é o domínio da estrutura de comunicação existente onde existem injunções políticas e econômicas. “Somos puros, estamos com a mensagem cristã, com nosso sonho comunitário, e caímos neste universo que está aí”.

Diante desse quadro, dom Luciano alerta para a necessidade de se criar na Igreja uma consciência da importância da comunicação e dos comunicadores. Nesse sentido “a Campanha da Fraternidade pode ajudar e fazer com que a comunicação não tenha que lutar contra tantas dificuldades como até hoje”.

Chama atenção ainda para a interação que deve existir entre as pastorais da Igreja e a comunicação. “A pastoral hoje não pode se dar ao luxo de prescindir de um processo de comunicação”. Exemplificando, diz ele: “Catequese sem comunicação não é nada. Liturgia sem comunicação não é nada”. E cada cristão nessa ação pastoral tem que se tornar comunicador. “Nosso trabalho

hoje não é tanto produzir um jornal” — afirma dom Luciano — “é criar consciência da importância desse processo vitalizá-lo para que as pessoas façam parte dele”.

O presidente da CNBB defende também a união dos comunicadores e das editoras, uma soma de esforços para baratear o produto. É uma pena que no Brasil o livro, o jornal, a revista continuem sendo caros por falta de inspiração”.

Finalmente dom Luciano pede muito respeito ao povo. “Nós não podemos manipular o povo com nossos canais de comunicação”.

Este quadro todo é desafio para a Igreja, segundo dom Luciano, mostrando que nele podem ser vislumbrados sinais de esperança como o próprio grupo de comunicadores da Igreja, que têm “um preparo considerável e um ideal altíssimo”. Além disso, a compreensão das congregações voltadas para a comunicação, o esforço das comunidades e pastorais que estão renovando seu processo de comunicação, bem como a quantidade enorme de jornais, revistas e boletins que assumiram as lutas do povo são, para o presidente da CNBB “não só sinal de esperança mas um fato”.

18/08/88 - M. P. V.

Nomeações do Papa no Recife agradam à ala conservadora

Recife — Uma semana depois que o Arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, da ala conservadora da Igreja, demitiu quatro agentes pastorais pernambucanos, gerando um grande descontentamento na ala progressista do clero nordestino, o papa João Paulo II deu um novo alento aos conservadores e ao próprio dom Cardoso, nomeando para bispos auxiliares da Arquidiocese o padre Jesuíta João Evangelista Martins Terra e o salesiano Hilário Moser, doutores em Teologia, e completamente desvinculados do trabalho de base da Igreja no Brasil.

O próprio dom Cardoso, a quem coube anunciar as nomeações dos novos auxiliares, afirmou que eles não pertencem à ala progressista da Igreja, embora tenha se recusado a classificá-los de conservadores. "Pelo que sei, eles são católicos, consagrados ao evangelho de Jesus Cristo e comprometidos com a Igreja" — disse o Arcebispo, e concluiu: "Não aceito facilmente esses rótulos de conservador e progressista. Podemos ser um ou outro, de acordo com o assunto e com a situação".

A nomeação dos dois auxiliares põe fim a uma vacância de mais de dois anos, iniciada com a morte do

ex-bispo auxiliar de dom Hélder Câmara, dom Lamartine Soares, que morreu pouco depois de ter sido nomeado Bispo de Maceió. Na Arquidiocese, as nomeações foram recebidas com surpresa pois os dois novos bispos nem nordestinos são. O salesiano Moser já ensinou Teologia em Roma e o jesuíta Evangelista é doutor em Filosofia, Teologia e Sagrada Escritura.

Entre os padres progressistas, vinculados à Teologia da Libertação, o clima é de expectativa quanto à posse dos novos bispos-auxiliares que virão hoje ao Recife para um encontro com dom Cardoso.

Nomeações do Papa no Recife agrada^{19-8-88 Povo} à ala conservadora

Recife — Uma semana depois que o Arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, da ala conservadora da Igreja, demitiu quatro agentes pastorais pernambucanos, gerando um grande descontentamento na ala progressista do clero nordestino, o papa João Paulo II deu um novo alento aos conservadores e ao próprio dom Cardoso, nomeando para bispos auxiliares da Arquidiocese o padre Jesuíta João Evangelista Martins Terra e o salesiano Hilário Moser, doutores em Teologia, e completamente desvinculados do trabalho de base da Igreja no Brasil.

O próprio dom Cardoso, a quem coube anunciar as nomeações dos novos auxiliares, afirmou que eles não pertencem à ala progressista da Igreja, embora tenha se recusado a classificá-los de conservadores. "Pelo que sei, eles são católicos, consagrados ao evangelho de Jesus Cristo e comprometidos com a Igreja" — disse o Arcebispo, e concluiu: "Não aceito facilmente esses rótulos de conservador e progressista. Podemos ser um ou outro, de acordo com o assunto e com a situação".

A nomeação dos dois auxiliares põe fim a uma vacância de mais de dois anos, iniciada com a morte do

ex-bispo auxiliar de dom Helder Câmara, dom Lamartine Soares, que morreu pouco depois de ter sido nomeado Bispo de Maceió. Na Arquidiocese, as nomeações foram recebidas com surpresa pois os dois novos bispos nem nordestinos são. O salesiano Moser já ensinou Teologia em Roma e o jesuíta Evangelista é doutor em Filosofia, Teologia e Sagrada Escritura.

Entre os padres progressistas, vinculados à Teologia da Libertação, o clima é de expectativa quanto à posse dos novos bispos-auxiliares que virão hoje ao Recife para um encontro com dom Cardoso.

Flp
23. Aug. 1988

Bispos iniciam hoje encontro em Brasília

Da Reportagem Local

O agravamento da crise econômica brasileira, os conflitos agrários e o segundo turno do Congresso constituinte serão alguns dos temas debatidos de hoje até a próxima sexta-feira, em Brasília, pelo Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Participarão dos debates 25 bispos, além de 60 assessores e representantes das pastorais especializadas.

A pauta oficial inclui dez pontos: a conjuntura social, econômica e política; o status teológico e jurídico das conferências episcopais; a criação de um jornal da CNBB; a manutenção financeira do Conselho Nacional dos Leigos; o ensino religioso nas escolas; a proposta do clero para a criação de uma associação nacional de padres; o novo estatuto do

Colégio Pio-Brasileiro (onde se formam padres brasileiros em Roma); a escolha de delegados para a Assembléia Geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs em novembro próximo; a visita de observadores do Vaticano aos seminários brasileiros (já em fase inicial) e o projeto "Lumen 2000".

Este projeto é o segmento de mídia de uma iniciativa mais ampla — chamada "Evangelização 2000" — elaborada pela Renovação Carismática Católica e pelos movimentos Comunhão e Libertação e Ação de Schoenstadt, há três anos, voltada para uma cruzada evangelizadora mundial até o ano 2000. O fundo disponível para o projeto, até 2000, é de US\$ 400 milhões, a serem aplicados em retiros para padres e bispos, programas religiosos via satélite e em "escolas de evangelização".

A última entrevista

Dom Romeu Alberti foi, realmente, um grande pastor da comunicação, uma de suas grandes preocupações, como bispo. Isto desde a diocese de Apucarana, no Paraná, até Ribeirão Preto. E ainda mais neste último ano, como responsável pela área de comunicação no Regional Sul I. Em julho, durante o curso teórico-prático de comunicação, em São Paulo, ele foi entrevistado pelo repórter Carlos Augusto. Foi sua última entrevista.

Como o senhor vê na Igreja a questão da comunicação?

A comunicação, hoje, está na ordem do dia. Sempre foi importante, mas, hoje, com o desenvolvimento tecnológico que teye a comunicação, ela se torna algo sumamente importante e de grandes consequências. A Igreja na sua evangelização não pode prescindir da comunicação com toda a riqueza que ela oferece hoje para o mundo moderno.

Por isso, não podemos deixar de aproveitar essa oportunidade em que a Igreja no Brasil escolhe a comunicação como um de seus grandes destaques, para atuar de maneira ampla, de maneira intensiva no campo da comunicação.

Como a Igreja no Estado de São Paulo, no Regional Sul I está se preparando para a Campanha da Fraternidade de 89, que traz como tema a comunicação?

O Regional Sul I procurou fazer um trabalho orgânico. O nosso Regional, no processo de suas atividades, tem dois momentos muito importantes

que são: Assembléia Regional dos Bispos, em junho, e a Assembléia de Igrejas, em novembro. Nós optamos por trabalhar o tema **comunicação** nesses dois grandes momentos e assim preparar o Regional para a Campanha da Fraternidade que vai acontecer no próximo ano.

Que mensagem o senhor gostaria de dar às comunidades de São Paulo e aos nossos leitores?

Que as comunidades eclesiais de base vivam esse processo de comunicação que acontece nessas pequenas comunidades e utilizem aqueles pequenos meios de comunicação nesses grupos, além de se preparar para uma leitura crítica diante das mensagens que vêm através dos grandes meios de comunicação. É importante que a gente aprenda não apenas a ouvir, a ver e a ler os meios de comunicação, mas que aprendamos a ler com consciência crítica à luz de nossa fé. Esta é a recomendação que eu faço para todos aqueles que são comunidades eclesiais de base.



Dom Romeu Alberti, arcebispo de Ribeirão Preto, dedicou os últimos anos à comunicação

A repercussão no Celam

A morte de dom Romeu Alberti, no último dia 6, teve grande repercussão na presidência, no Departamento de Comunicação Social, no Departamento de Liturgia e no Instituto Teológico-Pastoral para a América Latina do Conselho Episcopal Latino Americano. Chegaram seis telegramas de Bogotá, Colômbia, para a CNBB, mostrando o "impacto" da inesperada notícia da morte do "infatigável servidor da Igreja e construtor de comunidades", nobre, querido, inesquecível, amigo, zeloso, fiel, generoso e destacado membro do Celam.

Durante onze anos, "atendendo com tanto esmero e generosidade a comunidade latino-americana": Por isso, os dirigentes do Conselho Latino-Americano de Bispos se une à dor da Igreja no Brasil e na Arquidiocese de Ribeirão Preto, agradecendo a Deus pela "vida frutuosa e testemunho evangélico" do querido arcebispo dom Romeu Alberti, que "iluminou com seus ensinamentos e animou com seu espírito" a Igreja na América Latina.

O presidente do Celam, dom Dário Castrillon Hoyos, e dom Oscar Andres Rodriguez, secretário-geral, se expressaram assim, de Bogotá, Colômbia, a dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB: "Estimado irmão, apresentamos aos queridos irmãos do Episcopado brasileiro nossos mais profundos sentimentos pela perda deste infatigável servidor da Igreja e construtor de comunidades. O Celam sente particularmente o falecimento de quem atendeu com tanto esmero e generosidade a comunidade latino-americana nos campos da liturgia e comunicação. Elevamos ao Pai celestial orações fervorosas, que incluem gratidão pela vida frutuosa e pelo testemunho evangélico do inesquecível arcebispo de Ribeirão Preto."

O presidente do departamento de comunicação social (Decos/Celam) telegrafou ao secretário geral CNBB, dom Antônio Celso de Queiróz, de Bogotá, nos seguintes termos: "Estimado irmão, recebi com doloroso impacto a inesperada notícia da morte de dom Romeu Alberti, queridíssimo arcebispo de Ribeirão Preto e assíduo colaborador deste departamento. Igreja latino-americana inteira foi enriquecida pelos fecundos aportes de dom Romeu na pastoral da comunicação. Será sempre recordado por seu infatigável e profético trabalho neste campo, que sabemos foi comum no seu serviço cotidiano à Igreja no Brasil. Peço a vossa excelência comunicar à querida Conferência Episcopal Brasileira o mais profundo sentimento e solidariedade deste departamento".

Reitor do Itopal

O reitor do Instituto Teológico-Pastoral da América Latina, padre Alfredo Morin, em nome dos diretores e funcionários do instituto de Medellín, passou esta mensagem ao

secretário-geral da CNBB: "Consternados pelo sentido falecimento do querido arcebispo dom Romeu Alberti, nos unimos à dor da Igreja no Brasil, compartilhada por este instituto teológico pastoral do Celam, que foi iluminado pelas suas aulas e animado pelo seu espírito".

O secretário executivo da liturgia no Celam telegrafou de Bogotá a dom Antônio Celso de Queiróz, declarando que estão "unidos, compartilhando a dor que embarga com o falecimento de dom Romeu Alberti. Em nome próprio e do atual presidente, dom Brazzini, e de todos os membros do 'Departamento de Liturgia do Celam', agradecemos a Deus tudo o que representou para a Igreja, para o Celam e para este departamento de liturgia. Rogamos a Deus que o tenha em sua glória".

Ao cardeal-arcebispo de Brasília

Dom Dario Castrillon Hoyos enviou ainda ao cardeal-arcebispo de Brasília, dom José Freire Falcão, vice-presidente do Celam, um telex solicitando que "o eminentíssimo senhor cardeal expresse as sentidas condolências do Celam à Arquidiocese de Ribeirão Preto e à Igreja no Brasil, pela morte de dom Romeu Alberti, nobre, querido, inesquecível, amigo, zeloso, fiel e generoso servidor da Igreja, além de infatigável e destacado membro do Celam durante onze anos".

Ein brasilianischer Bischof und sein Radio

Kampf gegen Menschenrechtsverstösse und soziale Not

K. H. Mossoró, im Oktober

«Eher verkaufe ich die Kathedrale und den Kirchensitz, aber niemals den Radiosender», sagt Don José Freire de Olivera Neto, Bischof der Diözese Mossoró in Brasiliens nordöstlichem Teilstaat Rio Grande do Norte – und es gibt wenig Grund, daran zu zweifeln, dass er es auch so meint. Seine Mittelwellenstation «Radio Rural» – Landradio – verbreitet eineinhalb Stunden pro Tag in einem Sendegebiet von der Grösse der Schweiz, jedoch mit nur etwa 2 Millionen Einwohnern, höchst Weltliches, das für europäische Ohren verwunderlich bis belustigend klingt.

Ausdruck des Nord-Süd-Gefälles

Mit hitziger *Forro-Musik* aus der Region unterlegt, verliest ein temperamentvoller Sprecher Mitteilungen von Personen an Personen. Eine Fernanda soll der Mutter ausrichten, dass Maria ein Baby gekriegt hat; und ein José soll lieber noch nicht mit der Ernte beginnen. Einem Alvaro geht per «Radio Rural» die Aufforderung zu, doch Bescheid zu sagen, dass der Esel wieder gesund sei. Ein anderer José soll sich



Im Aufnahmestudio von «Radio Rural». (Bild K. H.)

darüber freuen, dass es der Kuh, die sich ein Bein brach, wieder besser geht. Und eine Geny lässt ihrem Mann sagen, dass sie heute das Spital im 300 Kilometer entfernten Natal verlassen kann und an einem Feldweg, dort wo der grosse Baum steht, vom Lastauto steigen und warten wird, dass er sie abholt und ins heimliche Dorf bringt. Dem Sprecher entfährt zu mancher Notiz ein kurzer Kommentar, einmal mitfühlend, einmal solidarisch unterstützend, dann wieder spöttisch.

Diese «Notas de Aviso» sind zweifellos eine Spezialität des Mittelwellensenders, doch keineswegs eine Anbiederung des Bischofs und seines Redaktionsteams beim Publikum zwecks Erhöhung der Einschaltquote, vielmehr haben sie einen sehr ernsten Hintergrund: Brasilien, die nach Kanada achtgrösste Wirtschaftsnation der westlichen Welt, leistet sich auf eigenem Territorium immer noch ein fast klassisch zu

nennendes Nord-Süd-Gefälle. Dem industriell, landwirtschaftlich, sozial und kulturell hochentwickelten Süden und Südosten steht ein *krass unterentwickelter* Norden und Nordosten gegenüber. Die in Brasilien zur Verdeutlichung dieser Unterschiede stets herangezogene Analogie ist die des Gefälles zwischen Belgien und Indien; Politiker und Politologen bedienen sich als Übernamen für ihr Land deshalb mitunter der Wortschöpfung «Belindia». Während zwischen Rio de Janeiro und São Paulo das Telefon im Büro, zu Hause oder auf der Strasse eine Selbstverständlichkeit ist, besitzt im über 2000 Kilometer entfernten «Radio-Rural»-Sendegebiet des Bischofs von Mossoró kaum ein Ort einen Anschluss.

Um mit Padres, Gläubigen und Administratoren zu kommunizieren, um zu wissen, was in den Sprengeln nach Lösungen drängt, muss sich Don José Freire in einen Jeep setzen und auf staubigen, steinigen, mit bis zu einem Meter tiefen Löchern durchsetzten Feldwegen bei 30 bis 40 Grad Hitze Dutzende, ja Hunderte von Kilometern zurücklegen. Der Bischof wenigstens hat einen Wagen zur Hand – doch wie verständigen sich bitterarme Bewohner weitverstreuter Dörfer eines immer wieder von Dürre heimgesuchten Gebiets über die Vorfälle des täglichen Lebens?

Das «Armenhaus Brasiliens»

Allein schon wegen dieses Hörserservice würde der Sender einen brasilianischen Rundfunkpreis verdienen. Doch vor der Bedeutung anderer Programmteile erscheinen die «Notas de Aviso» geradezu nebensächlich. Denn was Amnesty International im jüngsten Bericht über *krasse Menschenrechtsverletzungen* in Brasiliens Agrargebieten dokumentiert – behördlich geduldeter Terror gegen Landlose und Kleinbauern, mehr als tausend Morde seit 1980, meist begangen von gedungenen Banditen im Solde von «Latifundistas», von Grossgrundbesitzern –, all das hat Bischof José Freire vor der Tür. Er ist in jener als Armenhaus Brasiliens bezeichneten Nordostregion tätig, in der als Folge *krass ungerechter Landverteilung* und künstlich aufrecht erhaltener archaischer, an die Feudalzeit erinnernder Gesellschaftsstrukturen Dutzende Millionen von Menschen unter Hunger und Unterernährung leiden. Mehr als 100 000 Kinder sterben hier jährlich, noch vor Erreichen des ersten Lebensjahres.

Wo Gottes Gebote derart drastisch verletzt werden, sieht der Kirchenmann keine Alternative, als sich in der Politik zu engagieren. Dieses Engagement erfolgt vorzugsweise über «Radio Rural», und der Bischof bezeichnet den Sender unumwunden als kirchliches Instrument zur Erzeugung eines kritischen politischen Bewusstseins. Doch José Freire konnte nicht verborgen bleiben, dass sich dies am besten über *Informationen* und weniger über scharfzüngig-polemische Kommentare erreichen lässt – und so sind die Informationen zum Markenzeichen der Station geworden. Als Nachrichtensendung besonderer Art entwickelte sich die live übertragene Sonntagsmesse, die von Anhängern und Gegnern gehört wird – denn oft enthält die Predigt Brisantes und klammert vor allem die Konflikte um die Bodenverteilung nicht aus. Trotz den Hungerproblemen und der Massenarmut bei rund 40 Millionen Menschen werden derzeit in

Brasilien nur etwa auf 15 Prozent der bebaubaren Fläche Nahrungsmittel erzeugt; an die 10 Millionen Landarbeiter besitzen keinen Quadratmeter Feld, während gleichzeitig rund 1,7 Millionen Quadratkilometer im Besitz von Grossfazendeiros *brachliegen*. Eine seit Jahrzehnten am vehementesten von der katholischen Kirche geforderte *Agrarreform*, welche die Enteignung sogenannter unproduktiver Flächen gegen Entschädigung und die nachfolgende Übergabe an Landarbeiterfamilien vorsieht, existiert zwar in Gesetzesform, ist aber von interessierter Seite bisher erfolgreich blockiert worden.

Solidarität mit den Rechtlosen

So ist es verständlich, dass auch im Sendebe- reich von «Radio Rural» verelendete Landar- beiter mangels anderer Möglichkeiten Brach- land aus Grossgrundbesitz *besetzen* und bebau- en, welches gemäss den Kriterien des Agrar- reformgesetzes *längst enteignet* sein müsste. Wenn dann Militärpolizisten auf Betreiben der Fazen- deiros Landarbeiter überfallen, vom Acker prü- geln und einsperren, geht Don José Freire ans Radiomikrofon – und er handelt dabei im Sinne seines obersten Vorgesetzten, *Luciano Mendes de Almeida*, des Präsidenten der nation- alen Bischofskonferenz.

In der ihm eigenen knappen und präzisen Art schildert der bekannteste Kirchenmann von Rio Grande do Norte einen Fall: Die Polizei verhaftete fünf Landarbeiter, beschlagnahmte deren Fahrräder sowie den Besitz an Holzkohle und liess die Kinder und die Frauen, darunter eine Hochschwängere, schutzlos in der Sierra zurück. Die fünf wurden an einem Freitag ein- gesperrt, niemand durfte mit ihnen Kontakt aufnehmen. Ich bat einen Richter einzugreifen. Doch der sagte: «nicht vor Dienstag» und fuhr auf seine Privatfazenda, 90 Kilometer von Mos- soró entfernt. Eine Absurdität – also wandte ich mich an einen anderen Richter. Der forderte, ich solle mich nicht in seine Obliegenheiten ein-

mischen, unternahm aber selbst nichts. Also machte ich den Fall in der Sonntagsmesse übers Radio bekannt. Bis zum folgenden Sonntag blieben die Leute im Gefängnis, also übte ich erneut in der Sonntagsmesse Kritik. Daraufhin befahl der Richter die Beschlagnahme der Sen- detonbänder und denunzierte mich bei der staatlichen Senderaufsicht. In Brasilien wird die *Sendelizenz* von der *Regierung* vergeben. Die Wahrheit zu sagen, anstatt verschlüsselt zu spre- chen, und gleichzeitig *staatliche Auflagen* und Vorschriften zu befolgen ist eine schwierige Sa- che. Ich darf die Lizenz von «Radio Rural» nicht in Gefahr bringen. Die Landarbeiter ka- men schliesslich frei, und wir blieben nach vie- len Verhandlungen fast ungeschoren.

Strafmassnahmen und Drohungen

Verständlich, dass angesichts dieser Partei- nahme für die Rechtlosen die Fazendeiros nie an einer Messe des Bischofs teilnehmen und er seinerseits selten in den von ihnen beherrschten Dörfern predigt. Unklugerweise lud ihn ein hol- ländischer Padre zu einer Festtagsmesse, und Don José Freire kam wie immer auf das bri- sante Agrarreformthema zu sprechen. Die Fa- zendeiros *bestrafen* die Dorfbewohner fürs Zu- hören auf der Stelle in einer für eine Hungerre- gion besonders infamen Weise: Die traditions- gemäss für das Kirchenfest gestifteten zehn Mastochsen blieben diesmal auf der Weide. In dem Sprengel des Holländers unterstützte der Bischof eine Landbesetzung, worauf ein Fazen-

deiro ins Haus des Padre stürmte und diesem drohend den *Revolver auf die Brust setzte*. Auto- fahrten über Land konnten zu dieser Zeit nur unter *Polizeischutz* unternommen werden; der Pfarrer wäre keineswegs der erste, der in den Konfliktregionen des Nordostens durch eine Kugel sterben würde; Dutzende von Priestern verloren bereits auf diese Art ihr Leben.

Was unternehmen, wenn die Regierung in der Region einen *Staudamm* für Bewässerungs- projekte bauen lässt, dadurch eine Kleinstadt verschwindet und zudem Tausende in Subsistenzwirtschaft lebende Kleinbauern ihr Land verlieren? Gegen den Staudamm rannten der Bischof und sein Team nicht an, weil sie über zu wenig technische Kenntnisse verfügten, um Vor- und Nachteile abwägen zu können. Doch wie mit den Betroffenen umgegangen wurde – das konnte beobachtet, untersucht und kritisiert werden. «Radio Rural» organisierte *Versamm- lungen* der Kleinbauern, informierte über *Rechte* und mögliche *Entschädigungssummen*, die mehrere Jahre nach der Fertigstellung des Damms noch nicht an alle Berechtigten gezahlt wurden, setzte Ämter unter Druck, mobilisierte. Der Bischof legte ein Dossier über alle mit dem Projekt zusammenhängenden Probleme an – heute kommen Agrar- und die Bewässerungsex- perten zu ihm, weil er über mehr Statistiken und Informationen verfügt als jede der eigentlich zu- ständigen Behörden. Entgegen den ursprüngli- chen Versprechungen profitieren nicht die Be- wohner der Region von dem aufgestauten Was- ser – einer *Gesellschaft* aus dem fernen Bal- lungszentrum *São Paulo* gelang es, die zur Be- wässerung vorgesehenen Flächen aufzukaufen.

Finanzierungsprobleme

Jeden Sonntag folgt unmittelbar nach der Messe des Bischofs ein Spezialprogramm nur für die Serra – mit Nachrichten, Reportagen, Gesundheitserziehung, Alphabetisierung, Pflanz- und Ernteanleitungen. «Radio Rural» schafft und verstärkt ein Gefühl von Gemeinschaft und Solidarität, motiviert zur Eigeninitiative, über- nimmt eine Multiplikatorfunktion. Der Mittel-

wellensender steckt in zunehmenden Finanzie- rungsproblemen. In den letzten Monaten muss- ten 8 Mitarbeiter entlassen werden, was eine grosse psychologische Belastung für das ideali- stisch motivierte Team darstellte. Die restlichen 22 versuchen, grössere Abstriche am Programm zu verhindern. «Radio Rural» hat Fixkosten von monatlich umgerechnet rund 7000 Franken und ist damit wohl eine der am *billigsten* betrie- benen Radiostationen des Kontinents.

Doch wie ist eine vernünftige Finanzplanung zu bewerkstelligen, wenn allein die Strom- und Benzinkosten für «Radio Rural» wegen der ho- hen Inflation allein innerhalb eines Monats um 60 Prozent anstiegen? Der Defekt an einem der zwei alten Reportagewagen wird zur Katastro- phe – denn welche Werkstatt begnügt sich statt der Bezahlung der Reparaturkosten mit kosten- losen Werbedurchsagen über «Radio Rural»? Ohne *Werbung* könnte der Kirchensender nicht überleben. Da aber «Radio Rural» die mit Ab- stand kritischste Stimme des Teilstaates Rio Grande do Norte ist, überlegen es sich finanz- kräftige Firmen sehr gut, ob sie diesem Sender oder nicht eher einer der seichten Boulevard- wellen ihre Werbebotschaft anvertrauen. Oft gäbe es für «Radio Rural» Gelegenheit, Politi- kern für ihre Wahlkampagnen Sendezeit zur Verfügung zu stellen. Doch dies wäre für den Bischof «Verrat am Hörer». Bleibt «Radio Ru- ral» weiter in den roten Zahlen, dann steht er- neut zur Debatte, Kirchenbesitz zu veräussern. «Womöglich würde der Erzbischof von Natal zurücktreten», sagt Don José Freire mit dem ihm eigenen Galgenhumor, «falls jemand un- sere Kathedrale hier kauft.»

Arcebispo pode ser processado por difamação

Da Reportagem Local

Os advogados dos dirigentes da Pastoral Rural da Igreja Católica nos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas - demitidos, no mês passado, pelo arcebispo de Recife (PE), d. José Cardoso Alves - estão estudando a possibilidade de processar o arcebispo por difamação. Eles foram acusados por d. José Cardoso, de "desvio de verbas".

O arcebispo alega que a Pastoral Rural destinou Cr\$ 5 mil para um encontro de trabalhadores. Os agentes confirmam que o dinheiro foi aplicado mas que isto já estava previsto no orçamento da pastoral. D. Cardoso alega também que dispõe de um dossiê contra o ex-coordenador da pastoral, padre Her- mínio Canova.

Arcebispo de Porto Alegre conclama para luta contra corrupção no País

Porto Alegre — O Arcebispo desta Capital, dom Cláudio Colling, conclamou ontem os brasileiros a se engajarem numa cruzada contra a corrupção e a participarem da construção da grandeza do País. Ele enfatizou a importância da colaboração de cada um, por menor que seja, para que estes objetivos sejam alcançados e argumentou com a lenda do beijaflor que tentava sozinho apagar um incêndio.

Dom Cláudio lembrou que um colibri

carregava água em seu bico para apagar um incêndio na floresta, quando foi interpelado por uma gralha, que considerava inútil seu trabalho. O colibri justificou seu gesto, explicando que fazia o que podia e insistiu em que, se cada um fizesse sua parte, seria possível resolver o problema. O Arcebispo convidou os brasileiros a imitarem o exemplo do colibri, pois se cada um fizesse tudo que está ao seu alcance o País melhoraria.

Na missa, comemorativa do 7 de Setembro, dom Cláudio revelou que tem notado muito desânimo e depressão no povo e ainda uma perplexidade frente a tanta corrupção e mazela que o País tem. O Arcebispo afirmou que cada pessoa deveria se esforçar para ao menos colocar um tijolo para construir algo positivo. Com isso, acredita, será possível também apagar o "fogo da corrupção" que atinge o País e iniciar a construção da grandeza do Brasil.

Para d. Luciano Mendes, Mirad só tem sentido se ^{6-9-88 P. 100} fizer realmente a reforma

Brasília — O Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com Luciano Mendes de Almeida, disse ontem que o Ministério da Reforma Agrária só tem sentido se fizer realmente reforma que até agora, com três anos de existência do Mirad, ainda não se realizou. Para a CNBB, a Reforma Agrária anunciada não se efetivou porque não tem havido proporção entre as metas anunciadas e as concretizadas. Convidado especial para a solenidade de transmissão de cargo do novo titular do Mirad, Leopoldo Bessone, dom Luciano criticou fortemente a proteção das medidas efetivas para a Reforma Agrária.

Mais do que o anúncio de reforma, hoje se requer o atendimento efetivo dos sem-terra, especialmente aqueles que estão aguardando há anos a solução de suas aspirações — disse o Presidente da CNBB, para quem é importante que se acelere o ritmo da Reforma Agrária, assentando as populações sem-terra e assegurando a elas os meios indispensáveis para uma boa utilização da terra. A no-

meação do deputado Leopoldo Bessone (PMDB-MG) representa para a CNBB uma seqüência na expectativa de que a Reforma Agrária não pode fracassar, lembrou dom Luciano, ressaltando que essas foram as palavras usadas pelo papa João Paulo II durante a audiência que concedeu ao presidente José Sarney em 1986.

GARANTIR ALIMENTOS

Entretanto, o novo ministro da Reforma Agrária afirmou ontem que seu principal desafio será o de garantir alimentos acessíveis a todos, e anunciou que "o caminho para administrar os conflitos agrários está no equilíbrio". Em discurso pronunciado na transmissão de cargo, feita pelo Ministro da Agricultura, Íris Rezende, Bessone declarou que a propriedade — conceituada por ele como um direito inalienável — deve ser comprometida com o bem-comum.

Alegando ainda não ter tido tempo de se inteirar dos problemas do Ministério, Leopoldo Bessone adiantou que pretende dialogar com todos os segmentos sociais e que terá duas

prioridades imediatas: partir para os assentamentos e discutir o futuro orçamento do Mirad, para que o setor não tenha reduções. Disse que tentará manter os recursos pleiteados pelo seu antecessor, Jader Barbalho, que solicitou Cz\$ 234 bilhões.

A morosidade na implantação da Reforma Agrária pelo Governo foi justificada por Bessone como resultado da dificuldade para a implantação do Ministério. Da meta prevista até 1991 — um milhão de famílias assentadas e desapropriação de 30 milhões de hectares — foram atingidos números bem inferiores: 58.585 famílias e quatro milhões de hectares.

Prestigiada pelo Presidente da Constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, a solenidade de transmissão de cargo teve representantes das classes produtoras convidados para a mesa de autoridades, como o Presidente da Sociedade Rural Brasileira, Flávio Telles de Menezes e o Presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Roberto Rodrigues.

Igreja participará 'ativamente' das eleições presidenciais, diz d. Celso

14/9/88 FSP



José Nascimento

O secretário-geral da CNBB, d. Celso Queiroz, acha que a Igreja deve ter participação política na eleição presidencial

Da Reportagem Local

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Celso Queiroz, 54, disse ontem às 11h, à Folha, no intervalo dos debates da Semana "Fé e Compromisso Social", promovida pela Arquidiocese de São Paulo, no Centro Pastoral São José, no Belém (zona leste paulistana), que a Igreja Católica "não abrirá mão do seu direito e dever" de participar "ativamente" das eleições presidenciais do próximo ano. Acrescentou que a CNBB "não apoiará nenhum partido ou candidato individualmente", porque "se fizesse isso seria melhor que a Igreja se transformasse em um partido político cristão".

D. Celso afirmou, porém, que a Igreja "abrirá seu espaço para todos os candidatos a presidente da República que tenham ideais cristãos e atendam aos interesses populares".

Destacou que todos os segmentos da Igreja Católica no Brasil "irão, a partir de agora, mobilizar-se em favor da educação política da população para que cresçam o exercício da cidadania e um melhor discernimento sobre o destino do voto".

Para o secretário da CNBB, a Igreja "assumirá, cada vez mais, a dimensão política, depois de ficar ausente dessa área durante muito tempo, apenas criticando o mundo extra-ecclesial pela falta de valores evangélicos".

Balões de ensaio

Na avaliação de d. Celso, a fase atual, com vistas às eleições presidenciais, é a do "lançamento de balões de ensaio" em que os virtuais candidatos "estão medindo as suas forças dentro de seus próprios partidos".

Quanto às eleições municipais de São Paulo, em novembro próximo,

d. Celso Queiroz (que é bispo auxiliar da região do Ipiranga, zona sul paulistana) disse que a atual campanha "está provocando a apatia popular por não trazer propostas novas". Acrescentou que "os candidatos ou já representam, pessoalmente, propostas antiquadas ou apresentam propostas aceitáveis, mas através de chavões desgastados". Em sua opinião, o atual quadro eleitoral paulistano "só favorece os piores candidatos, marcados pelo fisiologismo político e pelo direitismo, duas coisas que, aliadas, são o que há de mais perverso politicamente".

Indiferença

Comentando a pesquisa realizada pelo DataFolha e publicada ontem, indicando que 56% dos eleitores paulistanos só irão votar em novembro por ser o voto obrigatório, d. Celso afirmou que "essa indiferença tem uma razão de ordem estrutural

—nos últimos 20 anos as eleições brasileiras têm sido mais um engano para quem não podia votar para presidente da República— e outra de ordem conjuntural —provocada pelo desânimo acumulado, no país, nos últimos três anos, ao lado da falta de educação política.

O secretário-geral da CNBB disse, porém, que a nova Constituição aponta "dados novos no horizonte" e que a Igreja espera que "nenhum patrão de última hora, civil ou militar, fardado ou não, se arrogue de novo no direito de frustrar as eleições presidenciais do próximo ano, quaisquer que sejam os motivos alegados". (DA)

Diário de Pernambuco
Sábado,
17.09.1988

Pastorais abandonam os bispos

A assembleia ordinária da Regional Nordeste II da CNBB, que acontece nos dias cinco, seis e sete de outubro em Caruaru vai contar com a presença apenas dos bispos, sem o acompanhamento das diversas pastorais da Igreja do Nordeste. Esta decisão, contudo, foi explicada, ontem, pelo arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso, como cumprimento ao Estatuto da CNBB aprovado no mês de junho passado.

Ele informou prever o Estatuto, que a primeira assembleia, que acontece a cada mês de março, configure-se num encontro de toda a Igreja do Nordeste II, com representantes das pastorais e demais religiosos e freiras. Mas a segunda, trata-se apenas de uma reunião entre os bispos, ficando a critério da presidência convidar alguns assessores conforme o assunto a ser tratado.

O arcebispo contou ainda que segundo portanto o Estatuto, e de acordo com o tema escolhido (comunicação), foram convidados para participar do evento o arcebispo de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes, e o diretor da Rádio Aparecida, de São Paulo, que abordará aos diretores das rádios católicas do Nordeste (segundo dom José todos estarão presentes), sobre a possibilidade de criar uma cadeia regional de rádio católica.

Diário de Pernambuco
Domingo,
18.09.1988

Pastorais: Bispos vão refletir

Funcionários das pastorais da Regional Nordeste II da CNBB, que não vão mais poder participar da Assembleia ordinária prevista para início de outubro, informaram esperar que os bispos aproveitem este encontro para refletir sobre os rumos da Igreja do Nordeste II, "porque o momento pelo qual passamos é de reflexão do documento elaborado por todas as pastorais a respeito das mudanças que vêm acontecendo", enfatizaram.

As pastorais não mais poderão participar da reunião, porque foi decidido pela presidência da Regional que esta será privativa entre os bispos. Dom José Cardoso Sobrinho informou contudo, que se trata de um cumprimento ao estatuto da CNBB aprovado em junho passado. E o mesmo estabelece que a primeira reunião da Regional é realizada com a presença de toda a Igreja do Nordeste II, mas esta segunda realiza-se apenas entre o episcopado, contando com a presença de alguns assessores.

Os funcionários, no entanto, já estão procurando entrar em contato com alguns bispos, reunindo-se e tentando fazer com que reflitam sobre a atual situação, independentemente da sua não participação na Assembleia. Esta terá como tema, segundo o arcebispo, a comunicação e será vista, entre outras coisas, a possibilidade de se criar uma cadeia de rádio católica na Região.

26. Sep. 1988 ^{1º}
Não há subversão nas igrejas, diz d. Eugênio

Da Sucursal do Rio

O arcebispo do Rio de Janeiro, cardeal d. Eugênio Salles, disse ontem que a Igreja brasileira não deve responder às acusações de subversão nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da presença marxista na Teologia da Libertação, feitas pelos militares reunidos na 17ª Conferência dos Exércitos Americanos. Segundo ele, esses militares "não representam o conjunto do pensamento militar desses países, pelo menos no Brasil". O cardeal assegurou que "nas verdadeiras" CEBs não há presença marxista.

O bispo de Nova Iguaçu, d. Adriano Hipólito, rejeitou ontem a tese da conferência de que as CEBs apóiam o Movimento Comunista Internacional. Ele disse que "certamente existe o dedo dos Estados

Unidos e da CIA" nessa conferência e que nunca ouviu "menções a qualquer idéia de tomada do poder" na CNBB. "A Igreja é uma das poucas instituições que se preocupam em integrar à sociedade as populações humildes e exploradas, e isso os militares não aceitam."

O vice-presidente do PC do B em São Paulo, Aldo Rebelo, disse ontem que "esses documentos chocam as pessoas, mas eles obedecem a uma lógica. Em cem anos de vida republicana, nosso país conheceu duas dezenas de intervenções das Forças Armadas na política nacional. Essas intervenções sempre tiveram o objetivo de cercar a vida democrática. Agora que estamos em meio a um processo de democratização, elas parecem preocupadas em impedir que o povo tenha uma experiência democrática", disse.

Um ano de pastor

Dom Lucas Moreira Neves (*)

Com dedos ágeis de habilidosa fiandeira vai a invisível mão da Providência Divina tecendo, malha por malha, a trama da vida de cada um de nós. Malhas não de um destino cego e inexorável, mas de um desígnio de amor e de liberdade.

Foi essa mão que me conduziu de longe e, a 26 e 27 de setembro do ano passado, fez-me chegar à Bahia e assumir o pastoreio desta antiga e prestigiosa arquidiocese primacial. Como esquecer a íntima e intensa experiência humana e espiritual, daqueles dois dias? O primeiro e decisivo encontro entre um pastor que chega, quase desconhecido, e o seu rebanho. O calor humano, indescritível. A festa. A acolhida sem reservas. A entrega total e instantânea de si próprio, por parte do novo arcebispo, à porção do Povo de Deus a que é enviado e que ele começava a amar.

Gostaria de estar em Salvador neste dia de aniversário, singelo em si mesmo, altamente significativo para mim. Sérios e inadiáveis compromissos, quase todos em benefício direto da arquidiocese, obrigam-me a transcorrer a data na Itália, provavelmente em Roma, junto ao sucessor de Pedro e Pastor da Igreja Universal. Chegue à arquidiocese, neste 27 de setembro, ao menos uma mensagem: entregue-a, confiante, a este espaço de jornal que já se tornou um ponto de encontro regular com os leitores, entre os quais se contam muitos fiéis da arquidiocese.

Não redijo essa mensagem para fazer avaliações, prestar contas ou dar um balanço: um ano é tempo escasso demais para isto e reconheço e confesso sem constrangimento que é bem minguado o acervo pastoral acumulado neste breve período.

Recebido, há um ano, o amplexo da arquidiocese no aeroporto, na catedral e na Praça Municipal, no dia seguinte começava para o novo Pastor a tarefa, exigente e agradável, de conhecer a "Sua Igreja", coisa imprescindível e que ele não pudera fazer antes, ao menos tanto quanto necessitava. Foram poucos para ele estes 12 meses para cumprir — como se impôs e várias vezes por vários meios o proclamou — um passo, humilde mas indispensável, do método apostólico, o passo que Joseph Cardijn, fundador da JOC (Juventude Operária Católica), preconizava como o VER.

VER, nem que fosse de relance, as 97 paróquias de que se compõe a arquidiocese para conhecer-lhes não só a configuração geográfica, como também a fisionomia humana, a problemática sócio-cultural e — a coisa mais relevante para um bispo — a identidade pastoral. VER os recursos, poucos ou muitos — no nosso caso, muito poucos — com que se conta para a missão evangelizadora. VER os desafios mais sérios e os problemas mais graves com que nos defrontamos no plano pastoral (mas bem depressa se percebe que esses têm ligações profundas com os desafios e problemas mais urgentes e inquietantes no plano social e humano). VER as carências de que padecemos e que nos interpelam: escassez de sacerdotes,

to às paróquias e outros espaços pastorais; escassez de seminaristas, o que deixa poucas esperanças de aumento do clero nos próximos anos; insuficiente ação catequética pelo número relativamente pequeno de catequistas bem preparados; largos espaços e faixas imensas da população pastoralmente abandonados por falta de "operários da messe". VER o muito que se faz, com esforços e sacrifícios indizíveis, para a evangelização. VER sobretudo as emergências e urgências pastorais do presente, sem deixar de PREVER e PREVENIR as de um futuro mais ou menos próximo.

VER, assim, com lucidez e objetividade, sem ilusões nem derrotismo, a realidade da sua diocese é o esforço de todo bispo, sobretudo nos primeiros tempos do seu pastoreio. Um VER pessoal e intransferível para o qual os colaboradores imediatos emprestam valiosa contribuição em espírito eclesial.

Este VER, predominante no correr do ano que passou, não exclui os outros passos previstos e sugeridos pelo mesmo Cardijn: JULGAR, com critérios e parâmetros colhidos no Evangelho e no magistério da Igreja, aquilo que se viu; AGIR à luz do que se viu e dos juízos formulados, segundo as prioridades que se impõem. O ano que culmina neste 27 de setembro de 1988 permitiu ao novo arcebispo, com a ajuda de seus conselheiros e assessores mais próximos, mas também de todos os fiéis, nos vários níveis em que se encontram, formar juízos sobre as orientações que a arquidiocese deve seguir hoje e em um futuro mais ou menos imediato; permitiu-lhe também tomar, sem alarde, as iniciativas consideradas mais importantes e mais eficazes dentro do objetivo máximo da Igreja Particular que é a evangelização. Evangelização que, no conceito do mesmo arcebispo, tem como duas vertentes: uma, a construção da própria comunidade eclesial através da iniciação cristã e da educação na fé da catequese; da liturgia e da oração, da comunidade fraterna e do serviço mútuo; outra, a promoção humana através da alfabetização, da instrução e educação de base, através da saúde e da alimentação, da moradia digna e decente etc. A missão de uma Igreja, Particular ou Universal, missão de "caráter primordialmente religioso", como proclama com vigor e clareza, insistentemente, o Concílio Vaticano II, não perde de vista as necessidades fundamentais do homem na sua integridade e se cumpre concretamente por meio dos humildes, pacientes, perseverantes gestos de evangelização que acabo de evocar.

Ao fim dos anos este será o modesto mourejar da arquidiocese, seu Pastor à frente, em posição de serviço.

Um ano de Pastor. É pouco demais em confronto com os sete mais sete anos que Jacó dedicou a Labão no gracioso episódio bíblico traduzido no genial soneto de Camões: "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela..." Mas, ao fim deste ano, com os olhos postos na arquidiocese que me foi dada como esposa, sirva esta mensagem para dizer-lhe, com o fecho do soneto camoniano, o que desejo repetir ao fim de cada ano, até o último: "... mais servira se não fora/para tão longo amor tão curta a vida!"

(*) Cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil

Para bispo população da Baixada é a mais organizada do Estado

30. Sep. 1988 Fm

Da Sucursal do Rio

A população de cerca de 3 milhões de pessoas dos 4 municípios da Baixada Fluminense —Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis e São João do Meriti, todos na área metropolitana do Rio— é a mais carente mas também a mais organizada do Estado. O bispo de Caxias, Mauro Morelli, eleitor declarado do PT e considerado um dos mais progressistas do clero brasileiro, afirma que "o maior partido político do Estado é a Famerj (Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro), com 800 associações, sendo entre 500 e 600 só na Baixada". As principais organizações populares da Baixada são as federações de associações de moradores de Nova Iguaçu e Caxias, que ainda utilizam seus nomes antigos,

respectivamente MAB (Movimento de Ação de Bairros) e MUB (Movimento União de Bairros). O MAB é presidido por Dilcéia Quintela Nahon, do PC do B, mas sua diretoria é formada por militantes do PMDB, PDT, PT e PCB. Já o MUB, presidido pelo militante negro José Zumba da Silva, candidato a vereador pelo PT, tem direção de maioria petista.

"A população da Baixada não é melhor nem pior do que a do restante do país", diz o bispo de Caxias, referindo-se à marca de violência na região. Ele considera que "a população de Baixada não é massa, é povo organizado". A Igreja, segundo Mauro Morelli, "não tem candidatos, ela apóia os que são membros do PT, apóia o projeto do partido". Ele cita também o candidato a vereador Alcino Elias, do

PDT, como "vinculado à causa popular".

O bispo culpa o regime militar "centralizador" pela onda de migração que superpovoou a Baixada e gerou a miséria. "Os grandes assaltantes não estão aqui. São os banqueiros, que vivem em locais mais sofisticados. Os bancos cobram dos brasileiros juros mais altos do que os cobrados pelos estrangeiros pela dívida externa", afirma. Violência, para dom Mauro, está na "falta de saúde, educação, transportes" e deve ser combatida pela Igreja "em suas causas, em suas estruturas geradoras". Para ele "o país não está livre de uma rebelião de famintos, que levaria a um massacre. Em nome da lei e da ordem, eles (os dirigentes do país) entrariam com botas, a ferro e fogo, causando um extermínio em massa".

Belém lança carta pastoral sobre as eleições

A Comissão de Fé e Política e o Conselho Regional de Pastoral da Região Episcopal Belém lançaram uma Carta Pastoral sobre as eleições, com orientações para as comunidades e católicos da região leste. O documento é um marco no compromisso



4410188 OSP

pastoral e político, pois faz um chamado à participação e à organização popular, além de estabelecer critérios práticos para o discernimento político. Como afirma ao final do documento: "Como cristãos, não devemos só refletir, mas é preciso agir!"

"Caríssimo irmão,

O momento das eleições exige de nós uma posição refletida, madura, cristã. É hora de assumir em gestos concretos a dimensão política da fé. Estamos conscientes de que o Deus libertador, o Pai de Jesus, confia a nós tarefas humanas e age em nosso meio através de canais humanos. Deus faz o seu Reino já estar presente nesta realidade em que nos movemos. Por isso, participe!

Nós, Igreja da Região Episcopal Belém, estamos seriamente empenhados nestes três anos de eleições em defender a causa dos empobrecidos. Queremos caminhar com eles nas lutas pela libertação das opressões. Queremos a participação popular nas decisões que orientam a vida da sociedade brasileira e paulistana, pois 'nossa missão é evangelizar a totalidade da existência humana, inclusive a dimensão política' (Puebla 515).

Vemos nosso povo 'como ovelhas sem pastor' (Mc 6,34), cansado de tantas decepções e esperanças frustradas. O povo anda assustado porque a crise econômica que lhe pesa sobre os ombros não está obtendo respostas na área política e coloca a tentação da

apatia e até da omissão, pelo voto branco ou nulo. Isto seria erro. Se não votarmos bem, a situação vai piorar. É hora, porém, de se perguntar: porque a grande maioria dos políticos não serve ao povo? Constatamos que ainda se vota em candidatos da classe dominante, naqueles que defendem os interesses dos poucos enricados à custa do sacrifício das multidões empobrecidas. Sabemos que, enquanto a maioria não assumir a luta pela transformação, através da política, ('dizendo não gostar desse assunto') a minoria que abusa do poder vai continuar tirando partido para os seus interesses pecaminosos.

Como cristão, você é chamado a praticar a verdadeira caridade, através da atuação política (I Jo 4,20). Você deve dialogar com os vizinhos, irmãos, companheiros, familiares, ajudando-os a entender os complicados projetos políticos, 'porque o meu povo se perde por falta de conhecimento' (Os 4,6). Você deve entrar na prática profética da Igreja que, neste momento crucial, mostra os valores evangélicos, tais como o compromisso com a justiça e com os empobrecidos, honestidade e caridade. Você é chamado a ajudar as pessoas para que não vendam

seu voto e não se deixem usar pelos políticos.

Alertamos o povo para a importância tão grande destas eleições de 1988:

- elas têm caráter constituinte, pois os vereadores que elegermos irão fazer a Lei Orgânica do Município e, quando o prefeito sair do mandato, a lei permanecerá;
- elas servirão de "trampolim" para as eleições presidenciais, no próximo ano, já que o partido que obtiver maioria de votos terá maior força para eleger o próximo presidente da República. Nesta eleições, estaremos acumulando forças!

Se você, nos últimos anos, votou em candidatos e partidos comprometidos com a causa dos oprimidos e ainda não viu o efeito do seu voto, lembre-se que já demos passos à frente. A ação política é mais ampla do que eleger pessoas. O importante é avançar os movimentos populares que buscam alcançar os direitos humanos fundamentais como saúde, moradia, transporte etc., e fazer com que avancem os partidos, cujas propostas e cuja prática comunguem com estas lutas populares. Temos que reconhecer as vitórias já conquistadas pelo povo organizado: a campanha pela

anistia, as conquistas sociais na nova Constituição e, na nossa Região Belém, os movimentos de saúde, sem terra, negros, menor, juventude, favelados etc.

Uma atitude corajosa, de nossa parte, poderá ir quebrando a influência do latifúndio da comunicação, à medida em que trabalhamos por nossa própria educação política coletiva. Não podemos aceitar quem está gastando rios de dinheiro em papel e propaganda. Esbanjar enquanto o povo passa fome é pecado mortal.

Irmão, tenha coragem de apostar no pequeno e de declarar com lucidez sua evangélica opção preferencial pelos pobres. É hora de votar em partidos que representem os reais interesses populares e em candidatos que estejam comprometidos, por seu passado de lutas, com os interesses da classe trabalhadora.

Como cristãos, não devemos só refletir, mas é preciso agir!

Fazemos apelo a que você, com sua família e sua comunidade, se organizem para amadurecer a decisão sobre o nosso voto, promovendo reflexões em grupos, debates e outras formas que os ajudem a crescer na consciência e na atuação política.

Deus nos abençoe".

O esforço de todas as raças pela paz

8-10-18 Kobo

DOM EUGENIO SALES

No mês de outubro, comemora-se o Dia Mundial das Missões. É celebrado no terceiro domingo: e este ano, no próximo dia 16.

Por se tratar de um dever de todo católico trabalhar pela difusão da Mensagem de Cristo, urge uma adequada preparação dos fiéis. Como celebramos a Libertação dos Escravos, em virtude do ato assinado pela Princesa Isabel a 13 de maio de 1888, a África servirá de maior estímulo ao zelo apostólico pela propagação da Fé, em todo o Mundo.

Anos atrás, disse-me o Cardeal Bernardin Gantin, africano, referindo-se à evangelização do Dahomey, hoje Benin, de onde partiram para o Brasil levas e levas de infelizes irmãos nossos, a seguinte frase: "Perdemos a liberdade, mas adquirimos a Fé". Os libertos, que regressaram à sua terra, foram os primeiros evangelizadores. E da senhora Medeiros, em cuja residência me encontrava em Porto Novo — ela, com a família, descendentes dos que conseguiram retornar —, ouvi, comovido: "O importante é alcançar a verdadeira liberdade e esta é obtida somente aos pés da Cruz".

O espírito missionário não faz discriminação. Ali, os anunciadores da Boa Nova foram brasileiros escravos. No antigo Dahomey, um dos mais importantes empórios do tráfico negreiro, pude verificar os traços desse trabalho religioso. O primeiro Bispo francês, ao chegar, no final do século passado, teve que aprender o português, pois essa era a língua falada pelos católicos.

O labor apostólico, em favor da África ou por ela motivado, se alicerça na realidade daquele continente. E precisa ser preservado de possíveis distorções, mescladas por

uma mentalidade sectária ou originária de fontes político-ideológicas. A promoção do negro se não for autêntica pode suscitar nova exploração de sua raça, o que todos nós devemos firmemente evitar.

A apresentação da problemática religiosa daquele continente estimula nossos fiéis a uma mais generosa colaboração. Assim, o Dia Mundial das Missões será mais um incentivo a todos nós.

Vejam algumas questões sociais e religiosas que interpelam a evangelização em desenvolvimento ali e necessitam de nossa ajuda.

A expansão e o proselitismo islâmico estão presentes em muitas crises que afetam vários daqueles países. A oficialização do Corão, como código a ser aplicado a todos, gera um mal-estar grave entre algumas nações.

Neste ano centenário da libertação dos escravos preocupa-nos o problema da inculturação da Fé, que não se identifica com a promoção de tradições panteístas, da invocação dos espíritos ou comportamentos moralmente condenáveis. A 18 de agosto de 1985, em Nairobi, o Papa afirmava: "O êxito das Igrejas locais no encarnar o Evangelho de Jesus Cristo no rico terreno das vossas culturas africanas dependerá da medida em que os vossos trabalhos de evangelização ou de catequese estiverem enraizados de modo sólido no patrimônio teológico da Igreja universal".

As lutas e rivalidades tribais têm ocasionado até genocídios, pela violência de elementos de etnias mais fortes; a fome induzida ou provocada é um grande flagelo em algumas regiões, conturbadas por dissensões políticas. São situações terríveis,

com milhões de refugiados em outros países do mesmo continente.

Recordo-me que há poucos meses, centenas de nativos de uma tribo foram massacrados no Burundi. Em nome dos Bispos desse país, o presidente da Conferência Episcopal, o Monsenhor Evaristo Ngoyagoye, denunciou "com energia todos aqueles que mataram seus concidadãos pelo único motivo de pertencerem a uma etnia diferente da sua". Esse documento, com data de 23 de agosto último e publicado no "L'Observatore Romano" de 4 de setembro, exortava a "acolher e respeitar todo nativo do Burundi, qualquer que seja sua pertença étnica".

Esses acontecimentos se repetiram em algumas outras nações do continente, embora somente a África do Sul ocupe o noticiário. O nefando crime do "apartheid" entre brancos e negros também tem ocorrido, permitindo, entre eles, que se dividam em facções diversas.

As dificuldades que a Igreja sofre em várias partes dominadas pelo Islamismo ou regimes marxistas reclamam dos fiéis a solidariedade, preces e ajuda material. Admiro-me de ver como esses fatos permanecem na penumbra. Por quê?

Na Campanha Missionária, os cristãos se unem a todos que se esforçam pela paz e concórdia, independentemente da sua cor. Será uma traição ao Evangelho promovê-lo e pregá-lo, segundo opções ideológicas não-cristãs. O "slogan" da Campanha da Fraternidade do Rio de Janeiro em 1988 propõe uma diretriz, a ser observada para o êxito do Dia das Missões: "Várias raças, um só povo".

As reflexões missionárias, prin-

principalmente em outubro, nos fazem pensar na presença militar maciça de Cuba em Angola; na Frente Polisário; na fome da Etiópia e Somália; no sangue derramado em Uganda, Moçambique e outros países. E são também nossos irmãos, como os discriminados na África do Sul, pela minoria branca. Todo esse quadro deve ocupar nosso trabalho pela pregação do Evangelho que constrói os fundamentos da verdadeira prosperidade.

Nas viagens do Santo Padre à África, uma constante é a grata recordação dos missionários europeus que levaram a Fé ao continente e formaram o clero autóctone. Por isso, quando a independência livrou tantos países do jugo do colonialismo, em quase todas as capitais foi possível à Santa Sé colocar um Bispo da própria terra, muitos deles tendo estudado em universidades de Roma.

No mês de outubro, ao propor a África como estímulo à Campanha Missionária, nenhum católico deixa de lembrar o exemplo e a proteção dos 22 Mártires de Uganda, canonizados a 18 de outubro de 1964 por Paulo VI. Para João Paulo II, falando em Roma a 27 de abril de 1980, eles são "um estupendo testemunho de Fé".

Uma campanha missionária deve motivar os católicos para uma generosa colaboração espiritual e material em favor da difusão e crescimento de nossa Fé. Que ele, pois, utilize os recursos que nascem do Evangelho e mostre os problemas de um continente, para despertar o entusiasmo no cumprimento do mandato divino: "Ide, pois, fazei meus discípulos todos os povos" (Mt 28,19).

O povo - 20/10/88

Visitador apostólico nega ter recebido advertência

JORGE HENRIQUE

O Bispo da Diocese de Guarabira na Paraíba, dom Marcelo Carvalheira, negou ontem haver recebido qualquer advertência do Vaticano restringindo a sua atuação pastoral. Segundo ele, nenhum dos bispos citados em matéria divulgada pelo jornal "Folha de São Paulo", recebeu jamais qualquer documento do gênero. Dizendo não ter condições de precisar de onde poderiam ter surgido as afirmações envolvendo a sua pessoa e de outros companheiros que têm um trabalho voltado para os pobres, ele argumentou que ao contrário do que vem sendo comentado, recebeu demonstrações a confiança da qual vem sendo merecedor junto a Cúria Romana, tendo em vista a promoção que lhe foi concedida para ocupar o cargo de visitador apostólico dos seminários do Ceará.



Bispo faz inspeção em Fortaleza

Para dom Marcelo, está claro que o que existe é todo um jogo de interesses ideológicos, onde o principal intuito é o de criar uma polémica. Essa pressão segundo ele, visa mesmo é a desmoralizar o trabalho de dom Aloísio Lorscheider e de outros que se posicionam ao lado dos pobres. "Essas pessoas quando sabem de alguma coisa logo procuram aumentar para criar problemas", observou salientando que o fato de ter recebido o documento do Vaticano comunicando a sua nomeação para visitador apostólico dos seminários, (que destacou ser um cargo de confiança), levou os integrantes desses grupos a pensarem que se tratava de algum tipo de repressão.

Ao mostrar o documento recebido da cúria romana, cujo texto original está em latim, ele ressaltou que a partir de então é responsável pelas inspeções aos seminários maiores, filosóficos e teológicos do Ceará. "Isso

é uma prova da confiança em mim depositada". Para demonstrar que as suspeitas levantadas não têm fundamento disse que se levassem em consideração a sua atuação na Diocese de Guarabira não teria sido promovido, uma vez que é tido como um Bispo que tem um posicionamento ligado aos pobres e que em razão disso sofre muitas perseguições por dar o seu apoio às camadas de base.

Ele revelou ainda que existe a possibilidade do fato ter tomado tais dimensões em razão da sua Diocese ser um área de muita tensão social, onde conforme diz, diversos processos estão sendo movidos contra a Igreja particularmente por questões ligadas a posse de terras. "Há muita desinformação, o que nos leva a crer que essa coisa é toda muito disfarçada, muito diluída, sendo muito difícil afirmar exatamente quem poderia estar por trás dessa estratégia".

Vaticano ameaça punir d. Balduino por entrevista concedida à Folha 22/10/88 FSP

DERMI AZEVEDO
Da Reportagem Local

O bispo de Goiás Velho (GO), d. Tomás Balduino, um dos principais representantes da corrente "progressista" do episcopado brasileiro, poderá ser advertido pela Congregação vaticana para os Bispos por ter concedido entrevista à Folha, há cerca de um mês, afirmando que "é mais fácil desvencilhar-se de um tirano do que dos instrumentos utilizados na Igreja para isolar, destruir e quebrar resistências psicológicas". D. Tomás disse também que as pressões do Vaticano contra seu colega d. Pedro Casaldáliga revelam características "monárquicas" na estrutura eclesial.

Acrescentou que tem conhecimento da morte de vários bispos "até mesmo de câncer, diante da decepção e da tortura representada pela convivência entre o há de mais sagrado e o que existe de mais abjeto que é a força da chicana, das intrigas e do isolamento forçado dentro da Igreja".

D. Tomás está participando, no Embu, município da Grande São Paulo, de um encontro de bispos e teólogos progressistas. Esta reunião visa promover uma reciclagem teológica e pastoral desse setor do episcopado. Até ontem à tarde, d. Tomás não havia recebido a advertência, mas já sabia que suas declarações à Folha haviam provocado uma reação negativa na Nunciatura e no Vaticano.

O segundo motivo para a provável advertência a d. Tomás Balduino é o fato de ter coordenado os contatos com o episcopado brasileiro para o envio de uma carta aos cardeais prefeitos das Congregações para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger e para os Bispos, Bernardin Gantin, em 28 de setembro, protestando diante das pressões contra d. Pedro Casaldáliga.

Na carta, 20 bispos de todo o país afirmam que se sentem "em profunda comunhão" com d. Pedro e que "as causas" pelas quais d. Casaldáliga "é repreendido hoje e até expõe sua própria vida, são as nossas causas". Os bispos acrescentam: "Em nome do Cristo, não podemos deixar de viver a fé em

Bispo trabalha junto aos índios

D. Tomás Balduino, 65, é goiano e pertence à ordem dos dominicanos. Foi ordenado padre em 1948 e sagrado bispo em 1967. Tem mestrado em Filosofia e Teologia, na França, e em Antropologia e Linguística, pela Universidade de Brasília. D. Tomás tem brevê de piloto e costuma atravessar a Amazônia em um pequeno avião doado por católicos italianos.

Seu trabalho como missionário, junto aos índios, começou em Conceição do Araguaia (PA), em 1956. Doze anos depois foi um dos fundadores do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). D. Tomás já foi ameaçado de morte por suas posições "progressistas". (DA)

todas as suas dimensões. Nada nos fará abandonar o serviço efetivo aos povos indígenas, à caminhada dos lavradores e operários e à solidariedade latino-americana".

A entrevista de d. Tomás teve repercussão negativa na Nunciatura Apostólica em Brasília e na Cúria Romana. No dossiê de d. Tomás, na Congregação para os Bispos, consta também o fato de ter sido um dos signatários da nota de protesto contra o silêncio imposto pelo Vaticano, há três anos, ao teólogo Leonardo Boff.

A partir da publicação da entrevista, bispos, teólogos e leigos amigos de d. Tomás começaram a receber informações oficiais de Roma e de Brasília, indicando a possibilidade de uma advertência formal ao bispo de Goiás. Um de seus colegas bispos comentava informalmente, ontem à tarde, que "a única possibilidade de um recuo do Vaticano diante da intenção de advertir d. Tomás é a de que haja uma forte pressão em contrário por parte da opinião pública nacional e internacional".



O bispo de Goiás-Velho, d. Tomás Balduino, pode ser advertido pelo papa

Punição é analisada

Da Reportagem Local

Um documento de análise da atual conjuntura eclesial com base nas recentes pressões do Vaticano contra o bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga e outros bispos brasileiros está sendo preparado por 51 entidades de São Paulo, entre as quais a Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, a Comissão Pastoral da Terra, a Pastoral Operária, a seção estadual do Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos, a Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo.

O documento, com cerca de 10 páginas, está sendo redigido por uma equipe de teólogos e leigos e será publicado na próxima semana, dentro do programa de homenagens a d. Pedro Casaldáliga e ao teólogo peruano Gustavo Gutiérrez. Sua tese principal é a de que o avanço do conservadorismo na Igreja Católica

é um processo que vem sendo acelerado desde 1978 e que pretende reverter o compromisso do Catolicismo, principalmente na América Latina, com as transformações sociais, políticas e econômicas.

Depois de assinado pelas entidades, o texto será enviado ao Nuncio Apostólico em Brasília, d. Carlo Furno, ao Secretário de Estado do Vaticano, cardeal Augustino Casaroli e aos prefeitos das Congregações vaticanas para a Doutrina da Fé, d. Joseph Ratzinger e para os Bispos, d. Bernardin Gantin.

A Folha apurou que o serviço de protocolo da Santa Sé já havia registrado, até ontem, pelo menos duzentos telegramas, cartas e outras manifestações de solidariedade a d. Pedro Casaldáliga. Entre essas mensagens, incluem-se cartas aprovadas nos recentes encontros das comunidades eclesiais de base latino-americanas, em Veracruz (México) e das comunidades salvadoreñas refugiadas na fronteira mexicana com a Guatemala. (DA)

Outro pito de Roma

O Vaticano condena a atuação do cardeal Lorscheider e de outros quatro bispos progressistas

A mala postal entre o Vaticano e as dioceses brasileiras tem sido bem menos cordial e fraterna do que se imaginava. Além do bispo Pedro Casaldáliga, da prelaia de São Félix do Araguaia, outros cinco chefes da Igreja brasileira receberam cartas de advertência da Santa Sé, enviadas em períodos diferentes nos últimos meses, depois de passarem pela mesa do papa João Paulo II. O teor dessa correspondência, revelado na semana passada pelo jornal *Folha de S. Paulo* e, em seguida, confirmado por autoridades eclesiais em Roma, surpreende pelo tom contundente usado pelo Vaticano e, mais ainda, pela relevância dos destinatários brasileiros.

Um deles é um cardeal, o arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, um dos mais destacados expoentes da Igreja no país, ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB. Os outros são dom José Maria Pires, arcebispo de João Pessoa, dom Marcelo Cavalheira, bispo de Guarabira, interior da Paraíba, dom Waldir Calheiros, de Volta Redonda, e dom Adriano Hypolito, de Nova Iguaçu. Todos eles negaram ter recebido as cartas. "É uma história completamente falsa", reagiu o cardeal Lorscheider. "Nem eu nem qualquer dos bispos enumerados recebemos as cartas."

Como se apurou no Vaticano, as cartas são assinadas pelo cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Congregação para os Bispos na Santa Sé. A crítica considerada mais grave, no caso de dom Aloísio, consiste no fato de ele ser contrário à formação de padres em seminários tradicionais. O cardeal brasileiro defende as pequenas comunidades de seminaristas, espalhadas pela periferia das cidades, e



Dom Aloísio: "É falso"



Gantin: reprimenda por carta



Dom Hypolito: evangelho não deve se confundir com política

preconiza que os sacerdotes estudem no seu próprio bairro de origem. "O modelo de João Paulo II nada tem a ver com isso", explica um prelado português que trabalha na Cúria Romana. "O papa não abre mão da formação de padres em seminários regulares", diz. Dom Aloísio também é considerado excessivamente condescendente com os padres casados que gostariam de voltar à Igreja. A posição de João Paulo II é clara: o celibato é essencial para a vida sacerdotal. No seminário da Prainha, em Fortaleza, o arcebispo mantém como professor o ex-padre holandês Eduardo Hoornaert, casado, tido como um dos maiores espe-

cialistas em história da Igreja. O Vaticano proíbe que ex-padres lecionem em seminários.

ATABAQUES E SARAVÁ — Essa mesma crítica é feita ao arcebispo de João Pessoa, dom José Maria Pires. O arcebispo fechou o seminário arquidiocesano da Paraíba, transformando-o num centro de treinamento de leigos. No lugar do antigo seminário criou o chamado "Seminário da Teologia da Enxada". Os seminaristas trabalham na roça, como camponeses, pela manhã, e estudam à tarde. "Pode-se imaginar que tipo de estudo realizam?", pergunta o prelado português da Cúria. "Os padres ali formados saem entendendo mais de sementes do que de almas." Para completar, dom José Maria Pires colocou como diretor de estudos do seminário o padre Joseph Comblin, um conhecido teórico da Teologia da Libertação, que não conta com as simpatias do Vaticano.

O arcebispo de João Pessoa, que é negro e é chamado carinhosamente de "dom Pelé", também é criticado pelo Vaticano por celebrar a chamada "Missa dos Quilombos". Trata-se de uma liturgia toda dirigida aos negros. Numa dessas celebrações, em Alagoas, o bispo trocou a mitra por um chapéu de pele de onça. Em vez dos cânticos litúrgicos, foram tocados atabaques e agogôs, enquanto os participantes entoavam o saravá, saudação usada nos rituais de candomblé e umbanda. Na semana passada, o padre belga Renato Stormacq, de 58 anos, coordenador da diocese de Nova Iguaçu, confirmou a VEJA que o bispo dom Adriano Hypolito recebeu uma carta de advertência do Vaticano há dois meses. "A carta elogia o trabalho de dom Adriano, mas pede para que não se confunda a pregação do evangelho com a defesa de propostas que estejam ligadas exclusivamente aos aspectos social, político e econômico", disse Stormacq. Segundo se especulava no Vaticano na semana passada, quatro outros bispos já teriam recebido também cartas com algum tipo de reparo ao seu trabalho pastoral. São eles: dom Mauro Morelli, de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, dom José Rodrigues, de Juazeiro, na Bahia, dom José Gomes, de Chapecó, Santa Ca-

tarina, e dom Tomás Balduino, de Goiás Velho. Para dom Balduino, estaria sendo encaminhada nas próximas semanas uma segunda carta, desta vez contendo uma punição, de caráter disciplinar e oficial, por ter liderado uma manifestação contra o Vaticano e de apoio a dom Pedro Casaldáliga dias atrás.

CONTEÚDO ELOGIOSO — As cartas enviadas aos primeiros cinco bispos, das quais se teve informações na semana passada, têm um teor menos dramático que a punição endereçada a dom Pedro Casaldáliga, há um mês. Esse documento ameaça o bispo de São Félix do Araguaia até com a suspensão de suas atuais funções se persistir em fazer viagens à Nicarágua sem a prévia autorização da Santa Sé e não permanecer em “silêncio obsequioso” sobre temas polêmicos, como a Teologia da Libertação. No caso dos outros bispos, as cartas são simplesmente de “avaliação”. Pelas normas da Santa Sé, todo bispo tem o dever de realizar pelo menos uma visita ao papa a cada cinco anos. É a chamada visita *ad limina*. Nessas ocasiões, o bispo é recebido em rápida audiência particular pelo pontífice e depois mantém uma conversa mais demorada com um dos assessores graduados da Cúria Romana. Algum tempo depois de retornar a sua diocese, o bispo recebe uma carta em que o Vaticano avalia os temas discutidos na visita. Em geral, o tom dessas correspondências é amigável. O cardeal do Rio de Janeiro, dom Eugênio Salles, da ala moderada da Igreja,



Dom Luciano: com um cliente difícil

por exemplo, recebeu a sua há dois meses. O conteúdo era tão elogioso que ele decidiu publicá-lo no jornal da arquidiocese.

“Os cinco bispos receberam uma carta oficiosa de advertência por não seguirem estritamente as orientações do papa”, explicou um bem posicionado assessor do Vaticano. “Foi apenas um bom pito do papa”, disse ele. Deve-se acrescentar que todos os destinatários desse pito pertencem à chamada ala progressista ou esquerdista do clero

brasileiro — um grupo que incomoda recentemente o Vaticano, onde reina hoje o papa conservador. As reações na Igreja brasileira foram discretas. “Essa história interessa àqueles que desejam provocar cisão dentro da Igreja”, disse o cardeal Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, um progressista. Na quarta-feira, os bispos afinados com a Teologia da Libertação reuniram-se num convento da periferia de São Paulo para estudar uma forma de reagir à ofensiva do Vaticano. Os participantes se recusaram a comentar o episódio das cartas. “Este não é o melhor momento para falar, estou em situação delicada”, cusou-se dom Pedro Casaldáliga.

A ação mais concreta dos bispos brasileiros partiu do presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, que esteve com o papa na semana passada. Entre outros assuntos, dom Luciano, um religioso muito estimado por João Paulo II, tratou do caso Casaldáliga, que gostaria de ver encerrar sem maiores polêmicas. A conversa, de praxe, durou pouco. Em seguida, dom Luciano teve um encontro mais demorado com o cardeal Gantin, que foi inflexível. A Cúria está aberta ao diálogo com Casaldáliga, desde que ele atenda às recomendações da carta de advertência que lhe foi enviada. “Ele é um cliente difícil de ser defendido”, disse, referindo-se ao bispo de São Félix do Araguaia. “Gosto muito dele, é uma pessoa muito boa e autêntica, mas às vezes cria situações difíceis de se consertar.”

Padre petista punido

Há dois meses, o arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho, distribuiu entre todos os religiosos de sua arquidiocese uma nota na qual recomendava que não se envolvessem em política partidária. A recomendação, na verdade, era uma ordem com endereço bem definido — o chamado clero progressista da região, multiplicado durante os 21 anos em que dom Helder Câmara reinou na arquidiocese. Nem todos levaram a determinação a sério — e veio a resposta. Na sexta-feira, dia 14, dom José Sobrinho comunicou de forma lacônica, em apenas cinco linhas publicadas no boletim se-

manal da arquidiocese, que o padre Luiz Carlos Marques de Souza fora afastado de suas funções religiosas por tempo indeterminado, numa punição extremamente grave, que o impede de celebrar missas, casamentos e até mesmo batizados. Padre Souza, de 36 anos, é candidato a prefeito do município de Camaragibe, a 14 quilômetros de Recife, pelo Partido dos Trabalhadores, o PT. “Ele contrariou as normas vigentes da Igreja e a nossa explícita proibição”, explicou o arcebispo, no boletim de afastamento.

“Quer dizer que lugar de padre é só na igreja é um absurdo”, reagiu o padre Souza, que discorda da opinião de seu bispo, segundo a qual

lugar de padre não é a prefeitura. Sua punição foi apenas o último episódio de uma ofensiva constante que dom José Sobrinho, de 55 anos, vem mantendo contra os padres esquerdistas desde que assumiu a arquidiocese, em



Padre Souza: candidato

1985. Sempre que oportunidade se apresente, dom José afasta um padre à esquerda de uma função de destaque, para preencher o posto com alguém de sua confiança. Há um ano, por exemplo, abateu de uma só vez toda a equipe da Pastoral Rural. “A pastoral era mais política que pastoral”, justificou. Os padres da ala adversária ainda tentaram reagir, e um deles chegou a criticar abertamente o arcebispo em uma recente missa transmitida por uma emissora de TV. No placar geral dessa divergência, o arcebispo está no comando das ações mais decisivas, como o afastamento do padre candidato a prefeito — e, assim, vai vencendo a briga com boa folga.

Documento diz que a Igreja abriga ‘duas linhas em profundo conflito’

27. Okt. 1988, FAP

DERMI AZEVEDO
Do Reportagem Local

A “retomada do conservadorismo”, dentro e fora da Igreja, é “algo patente hoje”. A afirmação é de 52 entidades civis e religiosas de São Paulo, no documento intitulado “D. Pedro Casaldáliga e a evangelização libertadora na América Latina”. Trata-se de uma análise de conjuntura que será distribuída no próximo sábado, às 19h30, durante o lançamento do novo livro de Casaldáliga — “Na procura do Reino” — no auditório do Instituto Sedes Sapientiae, em Perdizes, região central paulistana. O documento também será enviado ao Núncio Apostólico

em Brasília, d. Carlo Furno, aos cardeais-prefeitos das Congregações vaticanas para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger e para o bispo Bernardin Gantin.

As entidades — entre as quais estão a Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, o Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) — afirmam que as “restrições disciplinares” a Casaldáliga não representam “uma atitude isolada”. Segundo a análise, “diante dos desafios do mundo contemporâneo, a posição da Igreja, como organismo inserido na história da humanidade, apresenta duas linhas em profundo conflito”.

Segundo o texto, a primeira linha é influenciada pelos documentos aprovados no Concílio Vaticano 2º (realizado de 1962 a 1965). Defende a renúncia da Igreja “à visão medieval que a caracterizava como uma sociedade perfeita, modelo da sociedade terrena, com a missão de conduzir os homens à sua verdade, que é única e imutável”. A segunda linha se caracteriza pela tentativa de “anular a abertura do Concílio Vaticano 2º e de reforçar uma visão de Igreja voltada para si mesma, como fonte de poder e de salvação exclusiva da humanidade”. Nesse sentido, a Igreja estaria “saudosista do papel de liderança política e até econômica que exercia no passado”.

*Lapa***Setor Lapa discute fé,
política e as eleições.**

No último dia 22, o setor Lapa reuniu-se para discutir fé, política e as eleições de novembro. Para isso foram convidados dom Alfredo Novak e o candidato a vereador Chico Whitaker.

Dom Alfredo falou de sua alegria em contar com a presença de Chico Whitaker, a quem conhece há mais de 20 anos, desde o plano de emergência da CNBB.

O bispo da Região Lapa demonstrou sua perplexidade em não conseguir fazer com que a Região conhecesse os pontos da nova Constituição, perguntando a Chico o que poderia ser realizado.

O candidato Chico Whitaker ressaltou a importância da Igreja no processo constituinte. Através de sua experiência, assessorando permanentemente a CNBB e trabalhando com o Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte, pode perceber a dedicação de agentes de pastoral e de comunidades que participaram ativamente, com uma entrega muito grande, numa discussão coletiva. Para Chico isso foi muito positivo, pois possibilitou diversos avanços con-



Dom Alfredo Novak falou sobre pontos da nova Constituição

CCED

quistados na nova Constituição, que permitirão maior participação do cidadão nas decisões do país e uma mobilização maior da sociedade.

A grande dificuldade é a falta de informação de todos os setores em relação à nova Constituição, provocando um ceticismo muito grande e a conseqüente falta de esperança. Esse ceticismo é muito negativo pois ainda será realizada a Constituinte Estadual e os vereadores eleitos em 15 de novembro votarão a Lei Orgânica do Município, isto é, a Constituição da cidade de São Paulo.

Procurando reverter esse quadro de descrença, os participantes da reunião, juntamente com dom Alfredo, decidiram realizar uma reunião maior de todo o Setor Lapa, com pelo menos um representante dos grupos de catequese, batismo, crisma, jovens e do curso de batismo de cada paróquia.

Essa reunião acontecerá no dia 11 de novembro, às 20h00, no salão da Igreja Nossa Senhora da Lapa, rua Afonso Sardinha, 58. Dom Alfredo estará presente, e Chico Whitaker será o palestrista.

Bispos alertam contra derrotismo e retrocesso

Brasília — A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgou ontem condenando as tentativas de "derrotismo" e os apelos "a governos autoritários", que fazem retroceder o processo democrático", e apontando a elaboração de um "programa nacional", com metas concretas e meios eficazes para execução, como solução para a atual crise do País. O Episcopado convoca a sociedade para "garantir a aplicação da Constituição" e alerta que "sem solidariedade não haverá mudança".

Os bispos afirmam ainda que a Constituição, apenas promulgada, "corre o risco da orfandade". Por isso, fazem apelos aos parlamentares

para que garantam sua presença no Congresso Nacional, a fim de dar continuidade ao processo constitucional. Eles acreditam que a transferência de mais poderes ao Legislativo, garantida pela Constituição, exige como conseqüência "o funcionamento do Congresso".

SEM AMBÍÇÕES

"Não dá para abrir férias para o Legislativo neste momento grave", disse o presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, ao divulgar a nota. Enfatizou que qualquer proposta de mudança exige sacrifícios "nos privilégios e mordomias" e que a Igreja insiste para que o povo

se organize e que partidos, instituições e pessoas "deixem suas ambições e somem esforços em vista do bem comum".

"Não queremos que ninguém vire a mesa. Mas, sim, que todos se sentem em volta da mesa para a busca de um programa nacional, com metas concretas e meios eficazes. E que o povo seja chamado a colaborar", acrescentou.

Na nota, os bispos afirmam que no campo econômico cresce o descontrole "por causa da ganância, pela falta de planos eficazes e por causa da inflação galopante". Consideram impatriótico "esbanjar recursos", procurar "ganho fácil em aplicação

28/10/88 Piru

de capital", em detrimento de investimentos produtivos que garantam trabalho e remuneração condigna.

"Multiplicam-se as tentações de omissão e derrotismo, de individualismo oportunista e de apelo a governos autoritários ou a messianismos, fazendo retroceder o processo democrático", diz a nota.

A nota da CNBB, com o título "a vida do povo merece nosso sacrifício", começou a ser enviada ontem para às 241 dioceses e sete mil paróquias para ser divulgada à população. Ela foi elaborada por decisão dos 11 bispos que integram a Comissão Episcopal de Pastoral, que estavam reunidos em Brasília.

Casaldáliga nega Igreja paralela

São Paulo — O Bispo de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, garantiu que os grupos eclesiais ligados à categoria da libertação não pretendem criar uma Igreja paralela. Querem apenas uma Igreja latino-americana, onde os pobres constituam o ponto de partida da evangelização. Uma Igreja independente, mas dentro da catolicidade.

Emocionado com as palmas e o coro das duas mil pessoas presentes, quarta à noite na Igreja de São Domingos, em São Paulo, que repetia seu nome, D. Pedro Casaldáliga brincou com o público dizendo que se sentia tentado a provocar mais "piquetes" do Vaticano para receber manifestações de solidariedade como aquela. Mais adiante, porém, reconheceu que existe um certo pessimismo no meio eclesial.

"SENSAÇÃO DE IRA"

Referindo-se à "intimação" do Vaticano que se recusou a assinar e as cartas que outros prelados teriam recebido com críticas à atuação pastoral, Casaldáliga disse que, de novo, "vem a tona uma sensação de desgosto, apreensão e uma certa ira". Mesmo assim, o Bispo tentou parecer otimista, manifestando a esperança de que o modelo de Igreja esboçado na conferência do Conselho Episcopal Latino Americano (Celem), há 20 anos, em Medellín, seja reafirmado e fortalecido na próxima reunião do organismo, em São Domingos, em 1992.

Advertiu que existe o risco de se tentar "reocidentalizar a Igreja latino-americana e frear o ímpeto da Igreja da libertação". E deu a receita para lutar contra essa possibilidade: a organização do povo dentro e fora da Igreja. "Vivemos tensões, incompreensões, situações de dificuldade em vários países e, dentro da própria Igreja, um certo cansaço. Mas temos o direito e o dever de nos organizar e de expressar a nossa eclesialidade".

Segundo Casaldáliga, a comemoração, em 92, dos 500 anos de evangelização da América Latina é uma boa oportunidade para a Igreja refletir sobre o passado e traçar novos planos para o futuro.

"Certamente, analisando a história da Igreja, teremos remorso e uma certa vergonha de sermos cristãos. Remorso frente ao massacre coletivo, muitas vezes em nome de Deus, de indígenas e negros" disse.

Em sua palestra, o Bispo de São Félix, voltou a repetir idéias que provocaram irritação de setores da Cúria romana. Chamou D. Oscar Romero e Bartolomeo de Las Casas de mártires, embora nenhum dos dois seja reconhecido canonicamente como mártir. E reafirmou que "é preciso revolucionar a Igreja", explicando que isso significa que ela deve se renovar constantemente.

D. Eugenio condena a exibição de 'A Última Tentação de Cristo'

29. Okt. 1988 TP

Da Redação

O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugenio Sales, condenou ontem, em nota oficial, a exibição no Brasil do filme "A Última Tentação de Cristo", do diretor norte-americano Martin Scorsese. Na nota (leia a íntegra abaixo), o cardeal afirma que "não aprova meios violentos", mas frisa que sua arquidiocese "exime-se de qualquer responsabilidade por atos que decorram do ultraje a Jesus Cristo". A estreia nacional do filme, ainda sem data confirmada, deve ocorrer durante o 5º Festival Internacional de Cinema e Vídeo do Rio de Janeiro (FestRio), entre os dias 17 e 26 de novembro.

A polêmica —mundial— em torno de "A Última Tentação de Cristo" está relacionada à visão "humanizada" de Jesus, que é apresentado

no filme dividido entre sua "missão divina" e as necessidades de um homem comum (em uma alucinação, na cruz, Jesus tem relações sexuais com Maria Madalena).

Em agosto, quando a polêmica já era grande, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgou um documento classificando "A Última Tentação de Cristo" como uma obra "blasfema". Em sua nota, d. Eugenio diz que o filme de Scorsese "além de blasfemo é pornográfico". Segundo sua assessoria de imprensa, d. Eugenio Sales ainda não assistiu "A Última Tentação", mas possui o roteiro do filme.

A United International Pictures (UIP), distribuidora do filme no Brasil, pretendia promover sua estreia no próximo dia 17. Paulo Fucs, gerente-geral da empresa, voltou atrás na última quarta-feira, após se

encontrar com Ney Sroulevich, diretor do FestRio. Sroulevich confirmou que exibirá o filme no festival, mas até ontem à tarde ainda não tinha anunciado a data.

Abolida pela Constituição, a censura não pode ser aplicada ao filme de Scorsese. Paulo Fucs, da UIP, afirmou quarta-feira que auto-censurou o filme para maiores de 18 anos. "Estou tranquilo e só optei pela classificação máxima porque quero evitar polêmicas", disse. Fucs anunciou que pretende lançar o filme em um circuito de 17 cinemas.

D. Eugenio, na nota, afirma que "a autoridade civil, por sua própria missão, deve assumir as consequências da exibição de 'A Última Tentação de Cristo' (...), uma produção cinematográfica licenciosa e ofensiva aos mais caros sentimentos religiosos do nosso povo."

'O filme é blasfemo e pornográfico'

Esta é a íntegra da nota de d. Eugenio Sales:

Milhões de brasileiros são batizados e creem que Jesus Cristo é Deus. Assumindo a natureza humana, revelou-nos a santidade infinita do Senhor. Ela está presente em todas as suas ações. Por isso, esse filme blasfemo "A Última Tentação de Cristo" agride cruelmente sentimentos e convicções íntimas de milhões de pessoas.

Em nome da Fé e da dignidade de tantos cristãos, protestamos veementemente contra sua exibição.

Em uma sociedade civilizada há direitos e deveres que não são ilimitados, pois a liberdade de uns termina quando começa o direito de outros. Caso contrário, é a ditadura de alguns ou o caos generalizado.

O filme "A Última Tentação de Cristo", além de blasfemo é pornográfico. Nas opiniões favoráveis que estão sendo veiculadas não podemos deixar de ver a ganância de dinheiro e posições anti-religiosas que não se identificam com o respeito que se deve

ao próximo ou com os sentimentos da grande maioria dos brasileiros. Muitos exigem o direito de ver respeitadas a sua Fé e as suas convicções. Para nós, cristãos, Deus se fez homem, em Jesus Cristo, para salvar a Humanidade.

A Arquidiocese não aprova meios violentos para resguardar esse direito. Exime-se, contudo, de qualquer responsabilidade por atos que decorram do ultraje a Jesus Cristo. Vale lembrar a agressão que esse filme tem provocado em outras nações.

A autoridade civil, por sua própria missão, deve assumir as consequências da exibição de "A última tentação de Cristo".

No Brasil, tão convulsionado, acrescenta-se mais um fator de inquietação, com o uso hipócrita da palavra liberdade, quando o que está em causa é uma produção cinematográfica licenciosa e ofensiva aos mais caros sentimentos religiosos do nosso povo.

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1988
Dom Eugenio de Araujo Sales
Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro

Ritos de um retrocesso

29. Okt. 1968
Recife TW

As ações ultramontanas do arcebispo de Olinda e Recife, d. José Cardoso, têm gerado muitas controvérsias. Em editorial, o "Jornal do Brasil" elogiou o trabalho intra-igreja do Arcebispo, centrado na liturgia e na disciplina canônica. No mesmo diapasão, d. Luciano Duarte, arcebispo de Aracaju escreveu artigo ressaltando a linha de ação do colega que ao nível da prática, leva a sério o valor do culto e dos dogmas. Numa linha pré-Vaticano 2º, diga-se de passagem. Recentemente, em missa realizada num estádio de esportes, o povo, sentado nas galerias, não comungou. D. José não permitiu que a comunhão fosse levada até lá, para evitar que partículas de hóstia caíssem no chão! "Sacrilégio", raciocina a mente tradicionalista.

D. José argumenta que d. Hélder é profeta e por isso combateu a opressão. Ele é jurista: veio para cumprir leis. Aliás, não só cumpri-las, mas também criá-las. Acabou de proibir os agentes de pastorais, mesmo os leigos, de participarem em campanhas políticas. Há alguns dias, suspendeu o padre Luís Marques de Souza de suas atividades eclesiais por ser candidato pelo PT a prefeito de Camaragibe (PE). A Igreja, ao que parece, não pode se envolver em

assuntos estranhos aos ritos e dogmas celestiais. Que os céus não saibam disso.

Nesse contexto, preocupam-nos os rumos da Comissão de Justiça e Paz do Recife que, criada por dom Hélder em 1977 passou a ser "o braço político da Igreja". Sem dúvida, dentre as quatro comissões do Nordeste tem sido a mais combativa e engajada na defesa dos direitos humanos, assessorando as comunidades carentes e, denunciando os abusos do poder.

A questão é de saber até que ponto a revivência de melhor estilo "dom vitalista" do arcebispo afetará o desempenho da CJD que, pelo visto, terá que ser "qualquer coisa serena, isenta e fiel" lembrando Cecília Meireles. Se assim for, perderá a sociedade, é certo. E perderá muito mais a Igreja, em ter um braço amputado em nome de princípios que em última análise, bloqueiam a ação de um grupo, esteio da organização política comunitária, que a duras penas vem tentando, nos últimos 11 anos, abrir espaços no monobloco hierárquico da Igreja, bafejado pelos bons ventos de Medellín e Puebla.

Alexandrina Sobreira de Moura

Estoura nova crise envolvendo dom José e ala progressista

Estourou mais uma crise envolvendo os setores conservador e progressista da Igreja, na Regional Nordeste II, que compreende os Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Documento assinado por 75 religiosos faz duras críticas ao arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho.

Enquanto isso, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, o arcebispo de Aracaju, dom Luciano Cabral Duarte, parte em defesa de dom José, assinalando que o documento é um texto de revolta, que lhe traz à lembrança, através dos meandros misteriosos da memória, a revolução de Frei Caneca. "Trata-se - acentua - de um texto curto, incisivo, agressivo, demolidor da atuação pastoral de dom José Cardoso.

Resume-se em três itens. No primeiro, os religiosos afirmam haver "em diversos setores de nossa Igreja, um clima geral de inquietação e insegurança". No segundo, eles asseveram que "a caminhada pastoral da Igreja, identificada com os empobrecidos, preferidos do Pai, vem sofrendo o impacto de decisões que colocam em risco sua continuidade". E no terceiro item sustentam a existência, na Regional Nordeste II, presidida por dom José Cardoso, livremente eleito por seus pares, da "dificuldade de um diálogo mais direto, que pudesse levar a um esclarecimento e pistas de solução".

O DOCUMENTO

"Explico, aqui - enfatiza dom Luciano -, por que volto a tratar, mais uma vez (três, até agora) do terremoto pastoral que procura desestabilizar a Igreja em particular legítima do Recife. É que tudo que diz respeito ao catolicismo, em Pernambuco, me toca fundo o coração. Humilde sucessor dos apóstolos de Jesus, na Arquidiocese de Aracaju, eu faço parte do Regional Nordeste III, que abrange Bahia e Sergipe. Não estou ligado a Pernambuco, canonicamente".

Mas, acentua o arcebispo de Aracaju, nenhum padre se destacará, até o fim da vida, da alma mater que o ajudou a formar seu espírito sacerdotal. Foi no Seminário de Olinda, onde estudei Filosofia nos anos de 1942 e 1943, que encontrei uma figura excepcional de sacerdote, professor e formador, que era o então padre Luiz do Amaral Mousinho, meu mestre e meu amigo. No vestuário e saudoso Seminário de Olinda, criei respeito aos meus professores e estimo aos meus companheiros de estudos. E essas amizades eu as mantenho e cultivo, como posso. Vários deles deixaram o ministério ordenado, durante o vendaval desorientador do pós-concílio. Não importa: continuo amigo deles e quando vou ao Recife os procuro, amigo que busco ser dos meus amigos, em qualquer circunstância".

E após outras considerações

sobre sua formação no Seminário de Olinda, dom Luciano Cabral Duarte faz as seguintes observações finais do documento assinado pelos 75 religiosos contra a atuação de dom José:

"Os 75 firmantes da triste página de revolta-farsa dizem falar em nome de mais de 3 mil religiosos e religiosas do Regional Nordeste II. Será verdade? Tenho minhas fundadas razões para duvidar. A grande maioria dos religiosos e religiosas que mourejam, escondidamente, por esses sertões inóspitos do Nordeste, são pessoas santas, que não aderiram nem à teologia da libertação filomarxista nem às idéias desta Nova Igreja que estão querendo implantar, para substituir a Igreja de Jesus Cristo. Nova Igreja que, no final das contas, não passa de um grande Sindicato Socialista, que não tem mais nada a ver com o Evangelho do Senhor Jesus. E são os nomes desses religiosos, fiéis e admiráveis na sua adesão ao papa e aos bispos sucessores dos apóstolos, que estão sendo manipulados, inescrupulosamente, neste momento.

Sim, manipulados. Porque estes chamados "progressistas" tão assanhados são, por toda parte, uma minoria. Mas, uma minoria aguerrida, incansável, lutando com fervor por uma causa que não merece tal dedicação. A imensa maioria dos consagrados a Deus, no Brasil, e no Nordeste em especial, sabe que o trabalho de promoção do homem, "parte integrante da evangelização", é parte integrante acidental e não essencial. Isto é. Não é a medula mais íntima da missão da Igreja de Cristo. Jesus não veio ao mundo, acima de tudo, para terminar com o subdesenvolvimento humano. Esta missão urgente e nobre incumbe, primordialmente, aos poderes públicos. A Igreja deve entrar neste campo, sim, mas de modo subsidiário.

Meus leitores poderão, agora, perguntar-me: "O que lhe dá tanta segurança, para dizer que a maioria dos religiosos não aderiu à teologia da libertação filomarxista?". Respondo: meus 23 anos de episcopado, vividos intensamente em contato com religiosos e religiosas do Brasil. Ouvindo-os, conversando com eles, acolhendo a comovente abertura de suas almas. Por isso, tenho a absoluta certeza do que venho de afirmar.

E agora uma pergunta final: como explicar que 75 religiosos e religiosas assinem um documento tão ofensivo ao arcebispo do Recife? Correndo o risco de enganarme, vejo duas pistas para tentar entender tal fato.

A primeira é a existência, entre os religiosos, de um mal compreendido espírito de corps, ou seja: a solidariedade de classe. A minoria dita "progressista" sabe fazer

pressão, "puxa o cordão" e os outros os seguem, como carneiros irrefletidos... A maioria dos religiosos signatários, antes do documento, costumava procurar d. José Cardoso para hipotecar-lhe total solidariedade...

A segunda pista de certo modo já embutida na primeira, é a falta de coragem de tais religiosos. Dom Eugênio Sales, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, costuma dizer, com uma ponta de amargura: "Uma das coisas que mais faltam à Igreja no Brasil é coragem!" Coragem não é atrevimento. A coragem é filha da virtude da fortaleza, que é um dom do Espírito Santo. O atrevimento, que infla o peito dos "progressistas", é filho do orgulho e da temeridade. E às vezes, como em nosso caso, serve de arma de chantagem...

Concluo, pedindo licença para referir-me a outro documento contra dom José Cardoso. E observo que há muitos... Neste segundo documento dos "progressistas" do Recife contra seu novo arcebispo se diz: resistiremos contra dom José Cardoso Sobrinho, até o fim!... Oh, homens tardos de inteligência e lentos de coração para entenderem os planos de Deus.

Resistirão até o fim? Mas, que fim? Vocês ainda estão esperando o fim? "O tempo passou na janela, e só Carolina não viu"... Como diria Chico Buarque. Quero dizer: pelo que observo (posso estar enganado...), a Santa Sé agora se decidiu a pôr abaixo a cidadela da "Igreja progressista" do Recife. Cidadela construída lentamente, com um maquiavélico planejamento, sobretudo por sacerdotes e agentes pastorais vindos da Europa, no pós-concílio. Esses inquietos senhores, não podendo transformar-se em heróis socialistas em seus próprios países de origem, países terrivelmente des cristianizados, devorados pelo consumismo materialista, resolveram vir para a América Latina. Decididos a semear, neste pobre Continente (na Europa chamado, depreciativamente, cetera terre de lãbas) a semente da revolta contra a santa Igreja de Jesus, dentro desta mesma Igreja.

Sim: a cidadela do horizontalismo anti-romano, no Recife, já está desmantelada, na decisão dos que pastoreiam a Igreja de Cristo, segundo tudo indica. E desmantelada quomodocumque ("de qualquer modo"), como diria Cícero. Para que, finalmente, se possa reconstruir, no Recife e alhures, onde isto for necessário no Nordeste, a verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Que é a Igreja da Senhora Santa Maria, Nossa Senhora do Carmo, padroeira da capital pernambucana e protetora deste seu sofrido filho carmelita, que é dom José Cardoso Sobrinho".

DP-6.11.83

Igreja

FW

D. Furno sagrará em SP novos bispos de Recife

DERMI AZEVEDO

Da Reportagem Local

O nuncio apostólico (embaixador do papa) em Brasília, d. Carlo Furno, sagrará em São Paulo, no próximo dia 20, os novos bispos auxiliares da Arquidiocese de Olinda e Recife (PE), d. João Evangelista Martins Terra e d. Hilário Moser, na presença do arcebispo recifense, d. José Cardoso Sobrinho.

Biblista e membro da ordem jesuíta, d. Martins Terra polemizou publicamente com o teólogo Leonardo Boff, há três anos, atacando a visão "progressista" das teses da Teologia da Libertação, defendida por Leonardo Boff.

A Folha apurou que agentes pastorais da Igreja Católica em Recife estavam debatendo, até a semana passada, a realização de protestos, durante a sagração dos bispos, contra a orientação "conservadora" que a Arquidiocese recifense tem assumido desde que d. José Cardoso sucedeu a d. Hélder Câmara, há três anos.

Mas a cerimônia de sagração episcopal será realizada em São Paulo, o que dificultará as eventuais manifestações dos oponentes à sagração de d. Martins Terra.

Crise

A crise entre os setores "conservadores" e "progressistas" da Igreja Católica nos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas — que formam o Secretariado Regional Nordeste 2 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) — foi debatida numa reunião privativa dos bispos em Caruaru (PE, a 130 km de Recife), que aconteceu entre os dias 5 a 7 de outubro último.

O novo regulamento da CNBB regional — que é presidida por d. José Cardoso Sobrinho — permite que os bispos façam assembleias privativas, excluindo os religiosos e leigos representantes dos diversos organismos pastorais.

Antes dessa assembleia, em setembro último, os coordenadores haviam enviado uma carta a d. José Cardoso Sobrinho, propondo uma

reunião extraordinária para dialogarem sobre o conflito entre as duas linhas pastorais ("conservadora" e "progressista").

A resposta oficiosa só veio agora e essa reunião deverá ser realizada em dezembro próximo.

As pastorais dos quatro Estados nordestinos deverão pedir aos bispos que coloquem em prática as resoluções da assembleia regional realizada em março deste ano, em Campina Grande (cidade paraibana localizada a 120 km de João Pessoa), baseadas na "evangelização libertadora" e na Teologia da Libertação.

Pastoral

Na reunião privativa de outubro, em Caruaru, houve divergências entre os bispos sobre a decisão de criar a Comissão Pastoral da Terra (CPT) na área do Secretariado Regional. A CPT do Nordeste — que é apoiada pela maioria dos bispos do interior nordestino — já está em funcionamento, sob a coordenação dos agentes pastorais que foram demitidos por d. José Cardoso Sobrinho, em agosto deste ano.

Na época, eles foram acusados pelo arcebispo de Recife de não seguirem as orientações episcopais e de "desvio de verbas", por terem destinado Cz\$ 5 mil de verba prevista no orçamento da Pastoral Rural para um curso de formação de trabalhadores.

Vicariatos

Na Arquidiocese de Olinda e Recife, as pastorais e movimentos leigos estão reivindicando de d. José Cardoso Sobrinho a execução imediata das decisões tomadas na assembleia arquiocesana realizada em maio último.

As principais decisões dessa assembleia foram as de dividir a Arquidiocese de Recife em três vicariatos (a serem dirigidos pelos bispos), retomar o funcionamento do Conselho Pastoral Arquidiocesano (que foi muito ativo na época em que d. Hélder Câmara era arcebispo) e a de reconfirmar as opções pastorais em favor dos "pobres, jovens, trabalhadores e direitos humanos".

Igreja orienta eleitor a votar com consciência

A campanha eleitoral deste ano registra a participação da Igreja em alguns municípios do interior, através da divulgação de notas entre a população visando conscientizá-la da importância do seu voto. Em Quixadá, por exemplo, a nota divulgada pelo bispo diocesano dom Adélio Tomasin vem repercutindo entre o eleitorado do município. Esta é a primeira vez que um bispo se manifesta na campanha eleitoral de Quixadá e em seu documento dom Adélio Tomasin emite dez mandamentos a serem observados pelo eleitor.



O primeiro mandamento do bispo da diocese de Quixadá diz que votar é um dever cívico e cristão do qual se terá que prestar conta a Deus. O segundo mandamento assegura que o voto deve ser livre, "porque Deus te fez livre e a responsabilidade do voto será tua só tua". Mandamento três: Vota conforme tua consciência, nas pessoas que tu conheces como boa, capazes e honestas porque do teu voto dependerá o futuro do Brasil e a tua própria vida. Mandamento quatro: Não votes em quem desrespeitou a Lei de Deus, porque sem Deus e sem a tua Lei não se constrói uma Nação segundo a Justiça.

O quinto mandamento recomenda ao eleitor não sufragar o nome dos corruptos ou em quem já violou as leis. No ensinamento seguinte o bispo também recomenda não se votar em quem não mostrou interesse pelo bem e pelo progresso da comunidade, acrescentando: "Um egoísta não muda de um dia para o outro". Sétimo



Dom Adélio, bispo de Quixadá

mandamento: "Não votes em quem se enriqueceu com o dinheiro público e favoreceu aos seus familiares ou uma só classe". Oitavo mandamento: "Não votes em quem procurou comprar teu voto com dinheiro ou promessas pessoais". Nono mandamento: "Não votes em quem procurou violentar a tua liberdade com ameaças". Décimo: "Não votes em quem até agora só prometeu e nunca cumpriu as suas promessas, pois ele continuará a te iludir". Os ensinamentos do bispo de Quixadá foi lido no programa do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) pela coligação PMDB/PDS/PFL/PTB.

A Paróquia de Nossa Senhora das Dores em Senador Pompeu, da Diocese de Iguatu, também já divulgou os Dez Mandamentos do Eleitor Consciente. A força do voto para mudar o destino do município é citada no primeiro mandamento, no qual foi acrescentado: "Se muitos vota-

rem corretamente, bons candidatos serão eleitos e leis mais justas serão aprovadas". Vote livremente, sem medo. O voto é secreto. Ninguém sabe em quem você votou. Você não precisa dizer em quem vota ou votou", diz o segundo mandamento.

O terceiro mandamento recomenda a população a votar em candidatos que já provaram que estão do lado do povo e defendem os interesses de todos. "Não vote em quem só visita o povo e é amigo do povo pobre pensando em eleição" e "Não vote em quem oferece dinheiro, emprego e presentes em época de eleição. Quem compra voto é corrupto" são os mandamentos quatro e cinco, respectivamente.

A Paróquia de Nossa Senhora das Dores, no sexto mandamento, desaconselha o eleitor a vender seu voto por dinheiro, remédios, viagens, consultas ou outros favores. No sétimo mandamento ensina: Não vote pela cabeça dos outros em quem seu patrão manda ou porque sempre acompanhou aquele partido ou corrente política.

O voto deve ser livre e consciente. O oitavo mandamento esclarece que o dinheiro do Governo pertence ao povo e que portando não se deve votar em candidato que gasta o dinheiro do povo em proveito próprio, em propagandas, em campanhas políticas. "Exija dos seus candidatos um plano de governo para que possa ser debatido e cobrado no momento oportuno", diz o nono mandamento. Décimo mandamento; Sua responsabilidade não termina no dia da eleição. Aos eleitos não peça favores pessoais, mas vigie a atuação deles e cobre os compromissos assumidos com o povo".

Bispos pedem que Congresso aja em defesa da nova Constituição

12. Nov. 1988

DERMI AZEVEDO

Da Reportagem Local

A Constituição brasileira "está órfã" e o Congresso Nacional deve assumir "imediatamente" o comando das iniciativas políticas no país, porque a população "está impaciente" e "as pessoas da velha ordem continuam mandando e não têm credibilidade suficiente". Neste contexto, é "fundamental" o papel do presidente da Câmara, deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP) em defesa das instituições democráticas. Esta é a opinião dos bispos católicos paulistas sobre a conjuntura sócio-política nacional, resumidas ontem à tarde, em entrevista à Folha, pelos bispos d. Cláudio Hummes, de Santo André (região sudeste da Grande São Paulo) e d. Eduardo Koalk, de Piracicaba (170

km a noroeste de São Paulo).

Segundo eles, há um temor generalizado no episcopado católico de que a reação do governo federal aos episódios de Volta Redonda (RJ) —com a repressão militar à greve na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), provocando a morte de operários— "represente uma tentativa deliberada de atemorizar a população brasileira, para que deixe de fazer suas justas reivindicações com base na nova Constituição".

O episcopado paulista está participando desde anteontem, no convento de Itaici, em Indaiatuba (99 km a noroeste de São Paulo), da assembléia do secretariado regional Sul-1 (que reúne as dioceses paulistas) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A reunião é coordenada pelo cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo

Arns. Entre os participantes, encontram-se o secretário-geral da CNBB, d. Celso Queiroz, e o responsável pelos assuntos constitucionais na Igreja Católica do Brasil, d. Cândido Padin.

Os bispos ficarão reunidos até amanhã e vão encaminhar proposta ao Conselho Permanente da CNBB para que a Igreja se empenhe em favor da "imediate aplicação" da nova Constituição.

Segundo d. Cláudio e d. Eduardo, há um consenso entre os bispos paulistas de que "quanto mais demorar a aplicação das novas normas constitucionais, mais prevalecerá a idéia, estimulada por alguns setores, de que o Brasil ainda vive sob o regime da velha República". O episcopado também critica as medidas provisórias que o presidente Sarney está adotando.

Bispo de Macapá
14. Nov. 1988 *PH*
protesta contra
o uso de santos

Do correspondente em Macapá

O bispo diocesano de Macapá, dom Luis Soares Vieira, protestou ontem contra a utilização de seu nome e de imagens de santos durante o programa do PMDB no horário gratuito do TRE. O protesto foi feito através de cartas encaminhadas ao governador do Amapá, Jorge Nova da Costa, à Justiça Eleitoral e ao prefeito da capital, Raimundo Azevedo Costa (PMDB).

O candidato do PSDB, João Alberto Capibaribe, lidera uma pesquisa feita pelo Núcleo Universitário de Macapá. Ele tem 32% contra 21% de Murilo Pinheiro (PFL) e 16,8% de Gilvan Borges (PJ). A vitória de Capibaribe beneficiará sua irmã, a deputada federal Raquel Capibaribe (PSB), que quer concorrer ao cargo de governadora em 1990.

Documento "poderosos" condena "bispos"

SALVADOR — No encerramento da Assembleia Nacional do Regional III da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), os 21 bispos dos estados da Bahia e de Sergipe divulgaram ontem documento denunciando a esterilização de "mulheres pobres e indefesas" em troca de votos nas últimas eleições e a impunidade dos crimes praticados contra os camponeses nos conflitos de terra. O tema principal das discussões na Assembleia, iniciada na segunda-feira, foi o documento Igreja: comunhão e missão, divulgado em abril pela CNBB.

Citando como exemplo os assassinatos do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município baiano de Várzea Nova, Moisés Vitorio dos Santos — ocorrido na última segunda-feira, no dia da abertura da Assembleia —, e do agricultor Antônio Guilherme de Oliveira, em Sento Sé, também na Bahia, os 21 bispos que elaboraram o documento denunciaram "a impunidade e o descaço de algumas autoridades constituídas diante dos crimes perpetrados por poderosos".

Eles também condenam o modelo econômico brasileiro, "que concentra a terra, a riqueza e o poder de decisão nas mãos de uma pequena elite". A conse-

quência, conforme afirmam, é "a fome, a sede, a doença, o desemprego, a violência e a corrupção".

Na análise sobre a última campanha eleitoral, os bispos manifestam decepção diante do que consideram "total desprezo à pessoa humana, através da troca de votos por favores humilhantes, inclusive a esterilização em massa de mulheres pobres e indefesas" — numa alusão ao que ocorreu em Feira de Santana, a 108 quilômetros de Salvador.

O que predominou nas campanhas dos candidatos, ainda segundo os bispos da Bahia e Sergipe, foram "os ataques pessoais de baixo nível e o engrandecimento em lugar da apreensão de propostas sobre as questões de maior interesse para a vida do povo".

No final do documento, eles conclamam os católicos a se empenharem para fazer prevalecer seus direitos e o cumprimento da nova Constituição. Chamam também a atenção para a necessidade da mobilização popular no acompanhamento da elaboração das constituições estaduais e das leis orgânicas dos municípios, além da continuidade do trabalho de organização das camadas populares.

D. José divide a sua área em 3 vicariatos

RECIFE — A Arquidiocese de Olinda e Recife, que reúne mais de 3 milhões de fiéis espalhados por 17 paróquias da região metropolitana a Zona da Mata, encontrou uma fórmula para descentralizar os seus trabalhos pastorais. Em proposta apresentada na última reunião do clero e aprovada por unanimidade, a arquidiocese vai passar, a ser dividida em três vicariatos episcopais. Os bispos aguardam, agora, a volta do arcebispo Dom José Cardoso, que está no Rio de Janeiro, e a chegada dos novos bispos auxiliares, Dom João Evangelista Martins Terra e Dom Hilário Moser — sagrado sábado, em São Paulo —, para decidir quando o novo sistema começará a vigorar.

Segundo um documento divulgado ontem pela arquidiocese, ficam criados os vicariatos Norte, Centro e Sul, cada um deles entregue a vigários-episcopais escolhidos por Dom José Cardoso e pelo clero. Quanto aos bispos-auxiliares, a função será de supervisionar as pastorais dos meios urbano e rural, além de funcionarem também como vigários-gerais da arquidiocese. Aos vicariatos caberá, ainda, nomear um coordenador de pastoral para cada meio popular e elaborar listas

tríplices para que Dom José Cardoso escolha o vigário episcopal.

A discussão em torno da divisão da arquidiocese ainda não chegou aos leigos, limitada que está ainda a conversas entre o clero, mas a idéia inicial já recebe apoio de movimentos como a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, que vê na criação dos vicariatos uma forma de desburocratizar os trabalhos paroquiais. Segundo o presidente da comissão, Luis Tanderini, a reformulação, que ele prevê em funcionamento a partir de março do ano que vem, vai possibilitar uma distribuição em termos geográficos e sócio-políticos "mais racional desses trabalhos".

As discussões, que hoje se restringem à cúpula, devem ser ampliadas agora no fim do ano — acredita Tanderini, para quem a chegada dos novos bispos-auxiliares, a partir de dezembro, será fundamental para delimitar a atuação dos vicariatos.

Sobre um dos pontos do documento divulgado ontem, que sugere "fazer despertar as Comunidades Eclesiais de Base", o presidente da Comissão de Justiça e Paz se mostrou otimista:

sk
it

Mit Mut, aber immer ohne Gewalt

Ehrung für deutschstämmigen Bischof Rettler in Brasilien

27.11.88
Kul

Seit 20 Jahren ist der aus Deutschland stammende Bischof von Bacabal in Brasilien, Dom Pascasio Rettler, als mutiger, unerschrockener und engagierter Seelsorger im Amt. Kürzlich wurde ihm für seine Verdienste für die Armen und Unterdrückten der Titel „Ehrenbürger von Maranhao“ verliehen. Bischof Rettler sieht darin keine persönliche Ehrung, sondern eine Anerkennung seiner Arbeit, die er zusammen mit seinen Patres, Schwestern und Laien leistet. Sie alle setzen sich in dem gewaltlosen Kampf für mehr Gerechtigkeit ein. Maranhao ist ein Bundesstaat im Nordosten Brasiliens.



Vor dem Abgeordnetenhaus sagte Bischof Rettler: „Mein ganzes Leben – ich bin jetzt 73 Jahre alt – ist ein Kampf gewesen für das Reich Gottes, wo es nicht die schreienden und grausamen wirtschaftlichen und sozialen Ungerechtigkeiten gibt, wo nicht die Furcht regiert, nicht die Gewalttätigkeit, nicht die Unterdrückung, besonders bei der Landbevölkerung, die Opfer einer ungleichen Landverteilung ist, die Betrügereien im Landerwerb begünstigt und zur Massenlandflucht zwingt.“

Hier in der Abgeordnetenversammlung hat man den Widerhall des gewaltlosen Kampfes der Kirche von Bacabal gehört, die sich einsetzt für Landarbeiter und Siedler in ihren 16 Landkreisen und Pfarreien. Unser Aufschrei fand nur geringes Echo. Die Leute wurden verjagt oder bedroht von einigen gewissenlosen Großgrundbesitzern, besonders aber von zahllosen Grundstücksmaklern der Gegend. Erlauben Sie zum Schluß, daß ich Ihnen das Grundmotiv meines Vorgehens und meiner Missionsarbeit als Bischof über 20 Jahre hinweg inmitten des leidenden Volkes von Maranhao erläutere. Es besteht darin, daß ich dem Vermächtnis meiner verstorbenen Eltern treu bleibe.

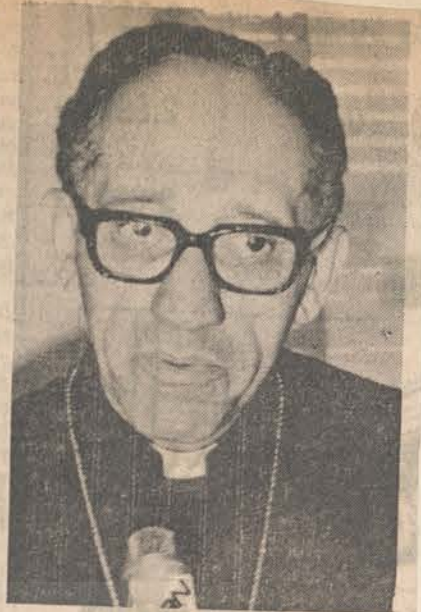
dem Vermächtnis meiner verstorbenen Eltern treu bleibe.

Mein Vater war Schulleiter in Deutschland und weigerte sich, die verderbliche Doktrin der Nazis anzunehmen. Er verlor deshalb seine Stellung und seinen Lebensunterhalt. Meine Mutter verbarg verfolgte Juden in unserem Hause, um sie vor dem Konzentrationslager zu bewahren. Das bedeutete: sein eigenes Leben aufs Spiel zu setzen. Meine Schwester, Universitätsstudentin, wurde verhaftet. Auf dem kleinen Totenzettel meines lieben Vaters steht geschrieben: „Er war ein Mann des Glaubens, der auch in Zeiten der Verfolgung nicht wankte, er war seinem Glauben treu.“

Niemals könnte ich das Vermächtnis meiner lieben Eltern verraten. All das prägte sich mir, einem jungen Mann von 20 Jahren, tief ein. Das Vermächtnis verpflichtete mich im Gewissen, treu meine Mission in unserem geliebten Maranhao zu erfüllen: Ohne Furcht, mit Mut und immer ohne Gewalt.“

● **Primaz diz que Igreja ajudará na Constituição**

SALVADOR — O cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, d. Lucas Moreira Neves, disse ontem, durante visita à Assembléia Legislativa, que a Igreja vai participar dos trabalhos de elaboração da nova Constituição do Estado. A decisão, transmitida ao presidente do Legislativo baiano, deputado Coriolano Sales (PMDB), foi tomada ao final da XXVI Assembléia Regional Nordeste III da CNBB. "A Igreja vai funcionar como um canal aberto à sociedade para receber sugestões e levá-las aos parlamentares responsáveis pela feitura da nova Carta Magna da Bahia", explicou d. Lucas. No documento divulgado ao final dos trabalhos da assembléia, os bispos conclamaram os católicos a fiscalizar o cumprimento da Constituição.



J. Lacerda/AE-2/9/86

D. Lucas: canal aberto

O ESTADO DE SÃO PAULO

27/11/88

CEDIM

O SÃO PAULO
28 de outubro a 3 de novembro de 1988

Dom Angélico fala em caridade

Igreja e ministérios foi o assunto tratado pelo padre Pedro Carlos Cipolini no terceiro dia. Ele apresentou uma ampla visão dos ministérios. Na Igreja servidora, que é ministerial, não existem ministérios, mas ministros.

Monsenhor Arnaldo Beltrami, assessor de imprensa da CNBB nacional, abordou os desafios do processo de comunicação. Para o religioso, a CNBB ainda não se pronunciou sobre o projeto "Lumen 2000". "Apenas por uma nota de dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, sabemos que o projeto é de agrado do papa João Paulo II", revelou monsenhor Arnaldo.

Para o padre Dagoberto Boim, que abordou a **piedade popular e a comunicação nas CEBs**, as comunicações eclesiais de base enfrentam tensões e dificuldades internas e externas e ainda dificuldades relacionadas com a grande instituição, a Igreja.

Dom Angélico Sândalo Bernardino lamentou a dilaceração e dispersão dos padres e assinalou que o elemento de coesão na vida presbiteral é a caridade pastoral. Para que haja caridade pastoral "é preciso que o padre tenha vida eucarística, intimidade com Jesus Cristo através da oração e da luta com o povo, e vida em presbitério," disse o bispo.

Dom Angélico afirmou que "muitas vezes estamos enterrados em nossas igrejas que mais parecem túmulos de padres e bispos". A solução, conforme o bispo, é a caridade pastoral de ruas e becos.

A manhã do quarto dia do encontro foi ocupada pelo padre João Batista Libânio, que analisou a **conjuntura atual da Igreja**. Segundo o padre Libânio as próximas décadas vão marcar uma caminhada para a centralização na Igreja, com menos pluralidade e mais unidade.

A pessoa do padre, segundo o religioso jesuíta, aparece como a síntese de vários ministérios: celibato, eucaristia, paróquia, pastoreio, pregação etc. "Creio que é possível pensar, imaginar a divisão de todos estes carismas em várias pessoas. Este padre, que somos nós, seria o bispo animador da comunidade", revelou.

D. Luciano condena a pílula do aborto

28. Nov. 1988

Das sucursais

O presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida disse em Brasília que a colocação da pílula abortiva no mercado interessa "a quem produz". Segundo d. Luciano, essa modalidade anticoncepcional "se opõe à ética, porque elimina a vida e é lamentável que a ciência esteja a serviço da morte".

A "pílula do mês seguinte" ou RU 486 tem como base a mepiristone —uma substância que impede a ação da progesterona, hormônio que prepara o útero para a gravidez. A pílula deve ser ingerida até 49 dias depois da concepção.

Os médicos que participam do Congresso de Ginecologia e Obstetria no Rio reagiram contra a

decisão do laboratório francês Roussel-Uclaf de suspender a distribuição da pílula. O laboratório atribuiu sua decisão à polêmica gerada pelo produto, principalmente em grupos católicos. Durante o seminário, um grupo de médicos lançou um abaixo assinado em que pedem ao laboratório que transfira a patente da pílula para uma instituição que garanta o acesso das mulheres a este benefício.

A diretora do Departamento de Ginecologia e Obstetria do Hospital da Universidade de Pequim, Shu Rong Zheng, disse que "nos últimos dois anos, 2,3 mil mulheres utilizaram a pílula na China e os resultados foram positivos. A obstetra indiana Vera Hingorani disse que o uso da pílula em voluntárias na Índia provou "as vantagens do RU 486, pois não há risco de infecção".

Área de influência — Avesso a entrevistas — queixa-se de deturpações de suas palavras — e acusado de dirigir a arquidiocese com mão-de-ferro (não costuma consultar as bases sobre suas decisões), o arcebispo Dom José Cardoso, especialista em Direito Canônico, que veio de Roma para substituir Dom Hélder Câmara, é o condutor de todas as mudanças. Recentemente, ele ampliou sua área de influência ao ser eleito presidente do Regional Nordeste-2 da CNBB. Na eleição, mostrou seu poder de articulação com os bispos que o apóiam — Dom Eugênio Sales, do Rio de Janeiro, Dom Luciano Duarte, de Aracaju, e Dom Lucas Neves, primaz do Brasil, arcebispo de Salvador —, que, segundo os progressistas, teriam influenciado no resultado da votação.

Maceió busca o equilíbrio

Se no Recife as posições assumidas por Dom José Cardoso estão sendo contestadas pelos progressistas, em Maceió, por exemplo, o arcebispo Dom Edvaldo Amaral, apesar de solidário com Dom José Cardoso, ainda estuda um modo de trabalhar e não tem entrado em atrito com os liberais. Pelo contrário, mantém o jornal *Semeador*, feito pelos progressistas, que mantém a mesma linha de quando foi criado pelo seu antecessor, Dom Miguel Fenelon, seguidor de Dom Hélder Câmara. Em Natal, Dom Alair Vilar assumiu a arquidiocese em maio deste ano e, apesar de dizer que apóia integralmente a orientação do arcebispo de Olinda e Recife — “Não acho que as decisões dele sejam ditatoriais, mas em benefício da Igreja” —, ainda não entrou em confronto com os progressistas.

Condenando a desagregação familiar e a maneira pela qual se aborda o assunto nas novelas de TV, Dom Alair é defensor da unidade da Igreja. E demonstra isto na prática: até agora, mantém nas mãos dos progressistas a Rádio Rural de Natal, que pertence à arquidiocese.

Progressismo e conservadorismo

Dom Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Nos anos depois do Concílio Vaticano II (1962-1965) apareceram na Igreja católica duas atitudes opostas: o progressismo e o conservadorismo. Trata-se de tendências extremas: os progressistas à esquerda e os conservadores à direita. Mas a absoluta maioria, que costuma ser silenciosa, se mantém à margem dos extremismos. Seria injusto etiquetar como conservador quem não for progressista; e vice-versa. A atitude passiva ou silenciosa não é condição para fugir do extremismo. Pode alguém criticar os desmandos do conservadorismo sem ser progressista. E o mero fato de censurar os excessos do progressismo não justifica o rótulo de conservador.

Com a data de 8 de abril de 1988 o papa João Paulo II escreveu uma carta ao cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, sobre estas duas tendências no atual momento pós-conciliar. Fielis à boa tradição, os 16 documentos do concílio introduziram não poucas novidades. Entende o papa que o progressismo se caracteriza pelo desejo de mudanças, que nem sempre estão em sintonia com os ensinamentos e o espírito do Vaticano II, embora seus autores procurem fazer constantes referências aos textos conciliares. O "novo" é para eles o critério para o progresso. Rompem com o passado sem ter em conta o papel da tradição que, assevera João Paulo II, é fundamental para a missão da Igreja, para que possa manter-se na Verdade que lhe foi transmitida por Cristo e pelos apóstolos e que é guardada como diligência pelo magistério da Igreja. Pensa-se sobretudo na *Tradição quae est ab Apostolis* (tradição oriunda dos apóstolos), segundo uma antiga expressão retomada pelo concílio na Constituição *Dei Verbum* (n.8).

No outro extremo está o conservadorismo, chamado também "integrismo", que se detém no passado sem ter em conta a reta aspiração para as mudanças exigidas pelas novas condições, situações e circunstâncias. O "antigo", como sinônimo de tradição, é seu critério de pensamento e ação.

Ensina então o papa que nem o "antigo", enquanto tal, nem o "novo" de *per se* correspondem ao conceito real da tradição na vida da Igreja. "A permanência fiel da Igreja na verdade recebida de Deus, através das vicissitudes mutáveis da história", deve ser nosso lema. Os que entendem o reino de Deus anunciado por Jesus se assemelham ao dono de casa "que tira do seu tesouro coisas novas e antigas" (Mt 13, 52). Assim devemos proceder na Igreja, permanecendo absolutamente obedientes ao espírito da verdade que Cristo lhe deu como guia divino.

A atitude que tomam pessoas, grupos ou ambientes ligados a uma ou a outra das duas tendências pode até certo ponto ser entendida depois do concílio. Não se pode contestar que o Vaticano II desencadeou uma aspiração para a renovação. Mas, quando este desejo leva ao esquecimento de valores essenciais da doutrina no campo da fé, da moral ou da liturgia, pode e deve suscitar justificada objeção. Se, entretanto, por motivo de semelhantes excessos, rejeitam toda e qualquer boa renovação desejada pelo concílio, tomam uma atitude capaz de levar a outro desvio que também se opõe ao princípio da tradição viva da Igreja obediente ao espírito da verdade.

Avisa então o papa ao prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé: "Os deveres que, nesta situação concreta, se impõem à Sé Apostólica requerem uma particular perspicácia, prudência e judiciosa previsão. A necessidade de distinguir, daquilo que autenticamente edifica a Igreja, aquilo que a destrói torna-se neste período uma exigência particular do nosso serviço em relação à inteira comunidade dos fiéis católicos."

É natureza e missão da Igreja ser ao mesmo tempo fiel a Deus e fiel ao homem. Fidelidade a Deus é tradição; fidelidade ao homem é progresso. Tradição é a realização do Evangelho na vida da Igreja; é a fiel, íntegra e vivida transmissão do Evangelho. Progresso é a própria capacidade da Igreja de cumprir sua missão entre os povos, de adaptar-se, de renovar-se, de purificar-se. Tradição é fidelidade ao Evangelho (verdade e graça) que deve ser levado ao homem para salvá-lo. Progresso é fidelidade ao homem que deve receber o Evangelho. Por sua natureza, a Igreja é tradição; por sua missão, é progresso. Se ela deixasse a tradição seria infiel; se deixasse o progresso, seria traidora. Pecaria contra a tradição se negasse o progresso; pecaria contra o progresso se congelasse a tradição. Tradição só é viável no progresso. Progresso só é possível na tradição, na fidelidade ao Evangelho, a Cristo, à Igreja. Como o magistério, (que é obra dos bispos) também o progresso (que, como a tradição, é obra de todo o povo de Deus) deve estar sempre a serviço da palavra de Deus, jamais acima dela ou desligada. Realiza-se o progresso em duas linhas: na de uma melhor compreensão e penetração nas verdades reveladas; e na de uma constante adaptação dessas verdades e de suas exigências práticas às variadas situações históricas, geográficas, culturais e religiosas da humanidade. Para ajudar o progresso não bastam a fantasia, a coragem, o arrojo; só é capaz de realizar o progresso quem vive o Evangelho, procura identificar-se com ele e busca entendê-lo em sua riqueza, em sua vida divina, em sua amorosa consagração ao Pai, em sua fé na atuante presença do Senhor, em sua confiante entrega ao Espírito Santo. É fácil a tentação de afastar-se do Evangelho; sobretudo em suas passagens mais duras, exigentes e difíceis, quando o Evangelho é cruz, quando é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, quando exige vida de oração constante e virtudes que parecem sobre-humanas. Mas tudo podemos naquele que nos conforta, ilumina e inflama na caridade.

Dom Boaventura Kloppenburg, O.F.M., bispo de Novo Hamburgo, RS, é doutor em Teologia e membro da Comissão Internacional de Teologia da Santa Sé

Bispos dizem que Brizola 'exagera' e que Igreja 'não patrocina' o PT

3. Dez. 1988

F11

Da Reportagem Local e da Sucursal

O ex-governador fluminense e presidente do PDT, Leonel Brizola, "está exagerando" ao afirmar que a Igreja "patrocina" o Partido dos Trabalhadores (PT). Além disso, em todos os partidos existem militantes católicos, que os escolhem de acordo com as suas convicções e não por orientação da hierarquia. Foi o que disseram ontem bispos que comentaram a declaração de Brizola, feita anteontem, de que seu único receio em relação à sucessão presidencial é o do papel que a Igreja estaria desenvolvendo junto ao PT. "Eu vejo com preocupação a ação da Igreja patrocinando um partido", afirmou Brizola, acrescentando que "trabalhismo gaúcho cresceu sempre discriminado pela Igreja".

O secretário-geral da Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil, d. Luciano Mendes de Almeida, disse ontem no Rio que "não é verdade que haja uma ligação entre a Igreja e o PT ou qualquer outro partido". Apesar de negar o apoio da Igreja, "como instituição", a partidos, d. Luciano disse que "a Igreja promove todos os partidos que defendem a dignidade da pessoa humana e aplaude os programas que correspondem às justas aspirações do povo num determinado momento histórico". Ele afirmou que pessoas ligadas à Igreja, enquanto cidadãs, podem estar apoiando o PT.

Na opinião do bispo de Duque de Caxias (RJ), d. Mauro Morelli, é possível encontrar católicos "de forma aberta ou inconfessa" em todos os partidos, acrescentando que "há católicos até mesmo nos partidos comunistas". D. Mauro destacou

que na região onde trabalha há cristãos que militam tanto no PT quanto no PDT. "Neste caso, não poderíamos afirmar, por exemplo, que a Igreja patrocina o PDT".

D. Luciano também discordou da versão publicada no "Jornal do Exército" —distribuído pelo Centro de Comunicação Social do Exército— sobre os conflitos em Volta Redonda no início de novembro, quando três metalúrgicos morreram. Segundo a versão, os grevistas da CSN fizeram uma "resistência organizada". "Não consta nenhuma ação organizada por parte dos trabalhadores. Pelo contrário, ficou conhecido o empenho em assegurar o funcionamento dos fornos e a conservação das máquinas como patrimônio nacional e meio de vida para a família dos trabalhadores", disse.



Domingo, 11/12/88

NACION

D. Lucas contesta empresá

Salvador - Tenho o dever de contestar a inclusão da Igreja (mesmo com a duvidosa etiqueta de "progressista") entre as forças e poderes que estariam para tomar de assalto o País e levá-lo à desordem". A afirmação está contida numa nota oficial duvidosa divulgada ontem pelo cardeal D. Lucas Neves, arcebispo de Salvador e Primate do Brasil, rebatendo as acusações feitas à Igreja pelo empresário Orlando Moscozo, presidente do Grupo Barreto de Araújo e da Federação das Indústrias da Bahia.

Em discurso feito durante almoço oferecido a empresários e jornalistas,

Moscozo acusara a Igreja progressista e sindicatos alemães e italianos de estarem financiando a desordem e o golpe final contra o poder no Brasil.

Mesmo referindo-se ao presidente da Fieba "com o respeito e sem nenhum ânimo de polémica", D. Lucas contestou a afirmação do empresário segundo a qual a Igreja recebe financiamento externo para desestabilizar o poder no Brasil.

"Como bispo e como brasileiro, posso assegurar à opinião pública que toda e qualquer ajuda externa recebida de comunidade católica de outros países, a Igreja no Brasil, tem a

estrita finalidade de suas atividades pastorais e da vasta obra social que realiza", garantiu ainda o cardeal D. Lucas Neves.

POSSE NO RECIFE

Os dois novos bispos auxiliares da Arquidiocese de Olinda e Recife - o jesuíta João Evangelista Martins Terra e o salesiano Hilário Moser, doutores em teologia e completamente desvinculados do trabalho de base da Igreja no Brasil -, nomeados há quatro meses pelo papa João Paulo II e ordenados há duas semanas, em São Paulo, serão empossados hoje em solenidade de concelebração

AL

O POVO - 7

rio e vê Igreja na ordem

eucarística presidida pelo arcebispo dom José Cardoso Sobrinho; Às 16:00h no ginásio Geraldo Magalhães. Os bispos dom Ernesto Gallina e dom Francesco Marchisano, ambos do Vaticano, também participarão da solenidade que deverá reunir cerca de 10 mil católicos.

A posse dos dois bispos auxiliares põe fim a uma vacância de quase três anos, iniciada com a morte do ex-bispo auxiliar de don Helder Câmara, dom Lamartine Soares, que morreu logo depois de ter sido nomeado bispo de Maceió. Os dois bispos não são nordestinos: o jesuíta João Evangelista é paulista, doutor

em Filosofia, Teologia e Sagrada Escritura e ocupou vários cargos importantes entre eles o de Consultor do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam). O salesiano Hilário Moser, 60 anos. É catarinense, doutor em Teologia, e até então exercia o cargo de Diretor do Instituto de Teologia dos Salesianos, em Roma.

O arcebispo dom José Cardoso Sobrinho, da ala conservadora da Igreja Católica, considera que, com a posse dos novos bispos, o trabalho da arquidiocese será descentralizado, ajudando dessa forma a resolu-

ção das questões administrativas. "A arquidiocese de Olinda e Recife lida com quase três milhões de pessoas e, por isso, precisa de mais de uma pessoa para poder administrá-la", afirmou ontem, em entrevista coletiva, no Palácio dos Mangueiros, sede da Arquidiocese. Dom José Cardoso disse ainda acreditar que, daqui a alguns anos, a Arquidiocese de Olinda e Recife será desmembrada em mais regionais, como a de São Paulo, que é subdesenvolvida em dez regiões. "É uma forma de descentralizar todos os serviços administrativos que estão reunidos na Arquidiocese", acrescentou.

Hbg

Hbg

12. Dez. 1988 Fm

Bispo apóia Erundina nos conselhos populares

Da Reportagem Local

A prefeita eleita Luiza Erundina (PT) recebeu ontem o primeiro apoio público de um bispo da Arquidiocese de São Paulo à sua proposta de criação de conselhos populares. Trata-se de d. Alfredo Kovack, bispo da região leste, segundo o qual "o povo deseja participar, queremos participar desta organização". Para ele, os conselhos serão o "espaço que as lideranças comunitárias estão procurando para se exprimirem".

D. Alfredo participou, ao lado de Erundina, de uma reunião na Igreja Nossa Senhora da Lapa (zona oeste da cidade), onde a prefeita expôs para cerca de 600 pessoas um balanço de suas atividades após a proclamação de sua eleição pela Justiça eleitoral. Relatou, princi-

palmente, os resultados de seus encontros com o governador Orestes Quércia, prefeito Jânio Quadros e empresários da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Ao ser recebido por Erundina para participar da mesa que conduzia a reunião, o bispo afirmou que a presença da prefeita era sinal de "um novo clima". Justificou sua presença ali como sendo o apoio a "propostas para fazer São Paulo mais humana, mais fraterna".

Erundina disse que pretende "ousar na área da Educação e da Cultura", onde quer "iniciar uma revolução cultural na cidade". Além disso, afirmou que sua assessoria jurídica está estudando a readmissão dos funcionários municipais que foram despedidos por participação em movimentos grevistas durante o governo Jânio Quadros.

Entrevista: DOM WALDYR CALHEIROS

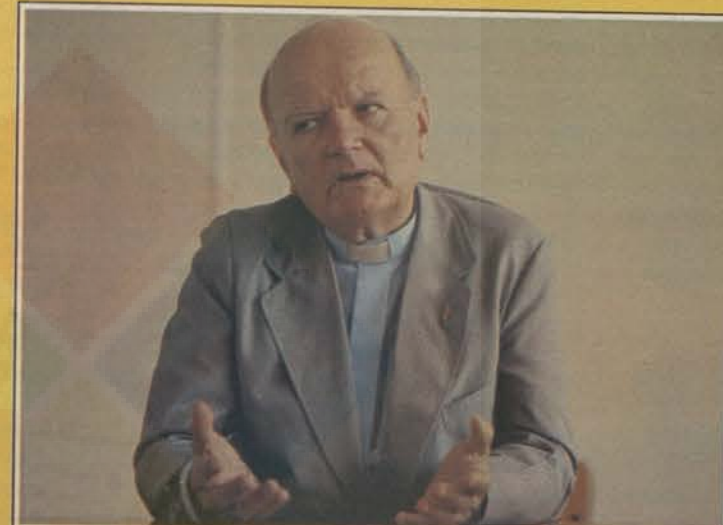
As queixas do bispo

O bispo de Volta Redonda condena a violência do Exército e diz que o governo sabe dialogar com todo mundo — menos com os trabalhadores

Por Vania Mezzonato

Um dos personagens mais importantes da recente tragédia de Volta Redonda, em que três metalúrgicos morreram num confronto com tropas do Exército, não estava nem entre os grevistas da Companhia Siderúrgica Nacional nem entre os militares. É o bispo da diocese de Volta Redonda, dom Waldyr Calheiros, de 65 anos. Além de testemunhar boa parte dos acontecimentos, dom Waldyr acabou se tornando uma peça fundamental nos momentos em que o conflito atingiu um nível de maior tensão. À meia-noite de 9 de novembro, pouco depois da morte dos três operários, ele conseguiu sentar ao redor de uma mesa o comandante da operação militar, general José Luís Lopes da Silva, e as lideranças do sindicato dos metalúrgicos, estabelecendo uma trégua nos confrontos. "O que mais me impressionou nessa reunião foi a frieza das autoridades", conta dom Waldyr. "O general se referiu às mortes como uma lição", acrescenta.

A vocação de dom Waldyr para se envolver em casos dessa natureza não é recente. Ele já teve incontáveis atritos com as autoridades governamentais e, no começo da década de 70, fez várias denúncias contra a tortura de presos nas celas do regime do AI-5 — inclusive a respeito de quatro soldados do Exército massacrados ao longo de uma investigação a respeito de consumo de drogas. Alagoano de Murici, pequena localidade nas vizinhanças de Maracá, dom Waldyr é o sexto filho de uma numerosa família de pequenos agricultores. Teve treze irmãos, sendo que a meta- morfose morreu antes de completar 1 ano de idade, integrando a sombria mancha da mortalidade infantil no Nordeste. O pai era fornecedor de cana para uma usina de



Dom Waldyr: "Somos criticados porque combatemos a fisiologia"

alguns direitos que são in- violáveis, como a integridade física. Por isso, quando uma pessoa é atingida em sua integridade, quando ocorre uma violência, eu me manifesto como posso. É por isso que denunciei o que houve em Volta Redonda, onde tropas do Exército mataram três operários. No passado, também denunciei a tortura de presos políticos. Para mim, quando ocorrem fatos desse tipo, é preciso fazer encrenca, mesmo.

VEJA — Na tragédia de Volta Redonda, o que mais impressionou o senhor?

DOM WALDYR — É evidente que a violência do Exército me impressionou. Eles entraram na usina atirando. Tudo indica que os operários não foram mortos por balas disparadas a esmo, onde a pessoa não sabe onde vai acertar. Como a população de minha cidade, estou convencido de que atiraram para matar. Isso é terrível. Para se ter uma idéia da brutalidade do que ocorreu, basta comparar. Na Argentina, no último final de semana, houve uma tentativa de golpe de Estado. Ocorreram três mortes. No Brasil, houve uma greve. Morreram três operários. O que mais me impressionou, contudo, foi outra coisa.

VEJA — E o que foi?

DOM WALDYR — Foi a frieza das autoridades. Depois das mortes, eu me encontrei com o general José Luís Lopes da Silva. Ele comentava os acontecimentos com uma frieza que me deixou atordoado. Dizia que lamentava as mortes, mas repetia que esperava que elas servissem de lição para os outros operários. É como se ele tivesse saído de uma operação de guerra. Como se os trabalhadores fossem inimigos. Quando

açúcar e álcool e estudou apenas o primário numa escola rural. O filho teve melhor sorte. Entrou para um seminário em Alagoas, depois fez Teologia no Rio de Janeiro, onde foi ordenado padre e, em 1964, escolhido bispo auxiliar pelo arcebispo dom Jaime Câmara. No final de 1966, foi transferido para Volta Redonda. Na semana passada, ele recebeu VEJA para a seguinte entrevista:

A frieza do general me deixa assustado

VEJA — Há vários anos que o senhor faz denúncias contra o governo, especialmente na área das liberdades públicas e dos problemas sociais do país. Com todo o respeito, o senhor acha que tem vocação para encenqueiro?

DOM WALDYR — Isso depende de como se encara alguns problemas do Brasil. Eu sou uma pessoa convencida de que não se pode, por exemplo, atingir os direitos das pessoas. Penso que todos os indivíduos têm

se fala que uma morte pode servir de lição, o que se está dizendo é que ela pode ser útil. Há poucos dias, eu li nos jornais que o presidente José Sarney ficou muito abalado pela morte de um sobrinho, vítima de um assalto, no Rio de Janeiro. Disseram, também, que foi por causa desse sofrimento que ele deu aquela entrevista em que dizia que o Brasil está sob o risco de uma revolução socialista. Todos compreendem que um presidente fique abalado pela morte de um sobrinho. O que eu não compreendo é por que não se fica abalado, também, pela morte de três operários, que também têm pais, filhos, tios e sobrinhos.

VEJA — Junto à opinião pública, a morte dos três operários não provocou grandes manifestações. Como o senhor explica isso?

DOM WALDYR — Penso que houve um inconformismo muito grande, maior do que se imagina. Nós realizamos uma missa pelos três operários mortos, que reuniu 60 000 pessoas. Cinco bispos estavam presentes. A população, de fato, ficou chocada com o que ocorreu.

A eleição mostrou que o povo tem esperança

VEJA — Muitas pessoas, no entanto, comparam a reação a essas três mortes com os protestos, bem maiores, ocorridos, por exemplo, pela morte do jornalista Vladimir Herzog, no DOI-Codi de São Paulo, em 1975. E dizem que, na época, a reação foi bem maior. Como explicar isso?

DOM WALDYR — Não é muito difícil. A morte de Vladimir Herzog serviu como protesto geral, canalizou todo aquele anseio de denunciar as torturas que vinham ocorrendo há muito tempo. Esse foi um dos motivos. O outro, temos de admitir, diz respeito à situação das vítimas. Herzog não era um operário. Era um jornalista. Mesmo vivendo sob uma situação política bem adversa, naquela época, a imprensa deu uma cobertura à altura dos acontecimentos.

VEJA — Muitas pessoas dizem que a tragédia de Volta Redonda explica a derrota do governo nas eleições municipais. O senhor concorda?

DOM WALDYR — Penso que essa é uma nova versão da teoria do bode expiatório. Querem arrumar uma explicação para o que ocorreu nas urnas e, então, dizem que foi Volta Redonda. Essa é uma maneira de não enxergar o que está acontecendo no país e o que se passa entre as grandes camadas po-

pulares. Antes das eleições, se dizia que a população está descrente de tudo, que não confia mais em ninguém, que só pensa em abandonar o país e coisas assim. O que se viu, no entanto, foi o contrário. Essas eleições mostraram que a população recuperou aquilo que tem de mais importante — que é a esperança.

VEJA — O senhor poderia explicar isso melhor?

DOM WALDYR — Creio que ocorreram duas modificações importantes. Uma delas foi provocada pela Constituinte, que funcionou como uma espécie de semente para a população. A nova Constituição garantiu novos direitos para as camadas mais humildes. Nas eleições, o que se viu foi uma espécie de amadurecimento desse processo, um novo passo. A semente produziu sua primeira colheita. O povo não votou apenas contra o governo. Votou numa esperança. E isso é mais importante do que qualquer outra coisa.

VEJA — O senhor votou no PT?

DOM WALDYR — Por uma questão de princípio, eu nunca digo em quem votei. Primeiro, porque não tenho compromissos com um partido. Meu voto muda e pode mudar. Segundo, porque não costumo votar num partido só, mas faço um voto misturado. Por fim, além de eleitor, sou uma personalidade pública, e não creio que deva ficar anunciando meu voto. Nem mesmo as pessoas que trabalham comigo sabem em quem votei. Mas não nego que fiquei satisfeito com o resultado das eleições.

VEJA — Por que o senhor ficou satisfeito com a derrota do governo?

DOM WALDYR — O que se vê nesse governo é um comportamento que exclui a participação dos mais humildes. O presidente Sarney já mostrou que é um homem capaz de dialogar e negociar com muita gente. Ele dialogou com os banqueiros internacionais para fazer o acerto da dívida externa. Considero esse acordo um desastre para o país, mas é um fato que antes o governo falava em moratória e depois, negociando, mudou de postura. O presidente também dialoga com os governadores de Estado na discussão sobre o orçamento, por exemplo. Discute problemas da economia com empresários. Nesse governo, todos podem apresentar suas reivindicações e discutir. Quando se trata dos mais humildes, no entanto, o governo passa por cima.

VEJA — O senhor concorda com a idéia de que o movimento sindical enfrenta maiores problemas no setor das empresas públicas, como a Companhia

Siderúrgica Nacional, do que nas empresas privadas?

DOM WALDYR — Sem dúvida. O que ocorre é que os empresários privados têm o bom senso de negociar com os seus empregados e debater as reivindicações. Um empresário privado pensa cinco e até seis vezes antes de assumir uma postura que levará os trabalhadores a uma greve. Sabe o que isso irá representar na forma de prejuízos. No setor estatal, não é assim. Os dirigentes têm uma postura autoritária como se ainda estivessem sob o regime anterior. As greves ocorrem porque não há disposição de negociar. Imagine você se uma empresa privada irá arcar com os prejuízos de milhões de dólares de uma greve de dezesseis dias e, depois de tudo, negociar a volta ao trabalho com a concessão da maioria das reivindicações. Visto assim, é um absurdo, não é mesmo? Foi isso o que ocorreu em Volta Redonda. Quem pagará a conta será o povo.

Um soldado aponta a arma para seu pai

VEJA — Nesse quadro, o senhor inclui a ação do Exército?

DOM WALDYR — Também. E, em Volta Redonda, esse tipo de ação tem um lado terrível. É que os recrutas do Batalhão de Bara Mansa, que costumam ser usados na ocupação da usina, são formados, em grande parte, por filhos de trabalhadores. Então o que nós temos é uma situação absurda onde um soldado entra com sua baioneta calada na empresa — e pode apontar a arma para o próprio pai. Ou para um irmão mais velho, um vizinho, amigo da família. Sabe-se que não foram soldados desse batalhão que atiraram para matar os operários. Mesmo assim, cria-se, ali, uma situação delicadíssima.

VEJA — Muitos políticos acusam determinados segmentos da Igreja de terem trabalhado pelo PT nas eleições. Uma dessas pessoas é o ex-governador Leonel Brizola.

DOM WALDYR — Nesse caso, eu acho que é uma atitude estranha. Em Volta Redonda, por exemplo, foi o candidato do PDT quem venceu as eleições. Ele quer dizer que o candidato dele estava contra a Igreja? Na verdade, a maioria dos políticos que se queixam de nosso trabalho junto aos operários, junto aos bairros onde vive a população mais pobre, o faz por um motivo bastante simples. É que a ação da Igreja, das comunidades de base, está colaborando para acabar com a fisiologia. Estamos ajudando a população a se livrar dos currais eleitorais. Nessas eleições, por

exemplo, fomos muito criticados pelos vereadores que perderam. Eles falam mal de nosso trabalho por isso. Mas eu creio que estamos cumprindo com nossa obrigação cristã.

VEJA — Os segmentos da Igreja com os quais o senhor se identifica não pregam a caridade, a filantropia. Essas não são atitudes cristãs também?

DOM WALDYR — É certo que são atitudes cristãs. Mas eu seria muito ingênuo, em meu cristianismo, se eu dissesse que por esse caminho nós estamos colaborando para que a população viva melhor. Porque nós sabemos que isso não é verdade.

Fui até o quartel e me declarei preso

VEJA — Vamos analisar uma situação concreta. Uma pessoa passa em frente à casa do senhor e pede comida para não morrer de fome. O senhor arregaça as mangas para conscientizá-la?

DOM WALDYR — É evidente que não se trata disso. Eu defendo a caridade. Se eu não der o prato de comida a uma pessoa que está morrendo de fome, ela vai falecer antes da hora, aquele momento escolhido por Deus, e não por quem a deixou morrer de fome. O que ocorre é que, aos poucos, nós vamos aprendendo algumas coisas. Anos atrás, a Igreja pensava que bastava dar o peixe a quem não tinha como se alimentar. Mais tarde, se descobriu que não havia peixe para todo mundo — e que era mais útil as pessoas aprenderem a pescar. Foi isso que a Igreja fez. Agora, do jeito que estão as coisas, a situação piorou ainda mais. Nem adianta ensinar as pessoas a pescar porque o rio secou e não há mais peixes. Então, o que podemos fazer é conscientizá-las, mostrar que só elas próprias podem agir para melhorar sua situação. Antigamente, a Igreja aparecia numa região carente e abria uma instituição para a população mais pobre, como um ambulatório que distribuía amostras grátis de remédio, por exemplo. Isso era muito bom para todo mundo. Bom para a Igreja, que fazia isso, e bom para as autoridades, que não precisavam se ocupar do problema. Ficavam lá, gastando o dinheiro do povo. Com a nossa ação nos bairros, isso começa a mudar. E é por isso que nos criticam.

VEJA — Mas o fato é que esse tipo de ação tem sido criticado também dentro da Igreja.

DOM WALDYR — Isso é assim mesmo. A Igreja, na verdade, é muito parecida com a nossa sociedade. Existem pessoas, no Bra-

sil, que acreditam que a única forma de ação cristã consiste na obra de caridade. Quem faz mais do que isso já é considerado radical, e até subversivo, por uma parte da sociedade. Dentro da Igreja, ocorre uma situação semelhante. Também existem pessoas que acham errado uma ação pastoral que contemple, além do lado espiritual, o lado da vida aqui na terra. Não vejo nada demais nisso.

VEJA — Mas, recentemente, o papa João Paulo II lançou uma advertência ao bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga.

DOM WALDYR — Penso que essa situação é um pouco diferente. Dentro da Igreja, um padre faz o que lhe dita a consciência, em sua área de atuação. Da mesma forma, um bispo tem a autonomia de sua diocese. É assim que nós funcionamos. Outro dia, por exemplo, eu vim ao Rio de Janeiro para dar uma entrevista à TV Educativa. A entrevista foi realizada em outra diocese, e então eu me comuniquei com o bispo do Rio. É dessa maneira que me relaciono com toda a Igreja. Mantenho uma relação de respeito profundo com o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales. É desse modo que a Igreja funciona — e deve mesmo ser assim. O que ocorreu com dom Pedro, a meu ver, não tem uma relação direta com sua ação pastoral no Araguaia. Na minha opinião, a ação do papa teve como motivo sua visita à Nicarágua, sem o acordo com a Igreja local. Ele enviou cartas comunicando sua viagem. Como não obteve resposta, raciocinou que quem cala consente. Não era isso.

VEJA — O senhor não é considerado uma pessoa simpática a determinados meios militares. Por quê?

DOM WALDYR — Creio que hoje em dia existem militares que pensam que dá azar se envolver num conflito com um bispo. Em 1971, quando vivíamos sob um regime duro, houve prisões na região. Uma das pessoas detidas foi um padre que trabalhava comigo, o padre Natanael. Junto com eles, também foram presos militantes da Juventude Operária Católica, a JOC. Soube, pelos relatos que recebia, que, nos interrogatórios, eles eram acusados de trabalhar sob minha orientação. Resolvi, então, assumir minha responsabilidade. Fui ao quartel, que na época era o Batalhão de Infantaria Blindada de Bara Mansa, e me apresentei. E disse ao comandante que sabia que eles estavam presos porque trabalhavam comigo. Na condição de superior, me apresentei para ser preso. E disse que só sairia dali quando eles fossem libertados, porque não era lógico que ficasse de fora a pessoa que era

considerada responsável por tudo. Foi uma grande confusão, até dei uma entrevista de rádio em que me declarava preso. Entrei no quartel às 8 horas da manhã e saí às 9 da noite, em companhia dos presos. Fizemos uma festa na cidade. Uma outra ocasião foi um pouco mais tarde, quando eu soube que quatro soldados haviam sido torturados e depois assassinados numa investigação sobre consumo de drogas. Denunciei o fato. Fui desmentido, mas, mais tarde, uma investigação do Exército mostrou que eu tinha razão. Os militares responsáveis por esse crime, bárbaro, foram julgados e condenados.

VEJA — Ocorreram, também, movimentos com a finalidade de afastar o senhor de Volta Redonda. Por que nunca aceitou?

DOM WALDYR — Porque estou convencido de que esse é o meu lugar. Fui sondado até mesmo para me tornar arcebispo, o que seria uma forma de promoção. Não aceitei. Também recebi um recado dizendo que poderia, se quisesse, conseguir um posto em Roma, lugar bem mais seguro, na época. Respondi que não, que só sairia do Brasil se o governo resolvesse me expulsar do país. E também disse que, mais tarde, quando aquele regime acabasse, e eu pudesse voltar ao Brasil, iria retornar a Volta Redonda.

O sangue dos operários é um marco

VEJA — O senhor tem certeza de que a população da cidade está satisfeita com sua atuação?

DOM WALDYR — Foi feita uma pesquisa de opinião que mostrou uma situação muito clara. Conforme a imensa maioria da população, a instituição que desfruta maior credibilidade, em Volta Redonda, é a Igreja. Depois, a Ordem dos Advogados do Brasil e, em terceiro lugar, o sindicato dos metalúrgicos. Creio que uma situação semelhante se verifica na maior parte do país. Eu até preferiria viver num lugar onde o governo fosse a instituição com maior credibilidade. Seria um sinal positivo de que o povo confia nos governantes. Mas não é assim.

VEJA — O senhor tem uma idéia de que vai ser da tragédia de Volta Redonda, daqui para a frente?

DOM WALDYR — Não sei o que irá acontecer do ponto de vista jurídico. Mas todos sabem que os derramamentos de sangue são acontecimentos que marcam profundamente o cotidiano da humanidade. Há 2 000 anos, por exemplo, que se fala de um homem que derramou seu sangue numa cruz. ●

Arcebispo de Goiânia suspende o projeto Evangelização 2000

O.S. Paulo
16.22-12-88

Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, arcebispo metropolitano de Goiânia, suspendeu as atividades do projeto Evangelização 2000 em sua arquidiocese, porque é inviável o relacionamento pastoral com esta iniciativa de âmbito internacional, "que não leva em conta nossa realidade e nosso plano de ação pastoral". Essa decisão foi comunicada à direção da Escola Nacional de Evangelização 2000 em carta de 1º deste mês, após reunião com a equipe da escola, dia 18 de outubro, e encontro com o Conselho Permanente da CNBB, dia 23 de novembro e com os bispos do Regional Centro-Oeste, dia 26 de novembro. O São Paulo publica na íntegra dois documentos: análise do encontro com equipe da "Escola Nacional de Evangelização 2000 e proibição das atividades do projeto "Evangelização 2000" na arquidiocese de Goiânia

Dom Antônio expõe problemas

A Escola de Evangelização 2.000 é dirigida em Goiânia pela Renovação Carismática Católica. Num encontro entre a direção da escola, de caráter nacional, e representantes da Arquidiocese e o Arcebispo aparecem os seguintes problemas:

1— A direção da escola afirma ter recebido a permissão do Arcebispo e o apresenta como responsável da mesma. O pedido encaminhado porém, era de um seminário e não de uma escola permanente de caráter nacional. Até a data do encontro acontecido, a direção não havia apresentado ao Arcebispo a documentação dos programas e dos palestristas.

A impressão que se teve: a direção procura a oficialização da autoridade eclesial local para agir com autonomia e por conta própria.

2— A estrutura montada (casa, cursos, encontros) dá toda a impressão de uma pastoral paralela à da Arquidiocese que tem seu centro de pastoral, seus cursos, seus encontros.

3— A aplicação prática da metodologia da Evangelização 2.000, a ida nas casas por evangelizadores, nalgumas paróquias foi de acordo com o vigário, em outras aconteceu sem que o vigário soubesse, com certa confusão na programação paroquial.

4— O sentido 'internacional' da iniciativa não leva em conta a encarnação na realidade local, o plano pastoral da Arquidiocese e suas prioridades, esvaziando ou colocando em dificuldade a realização do mesmo. Apenas citando um exemplo: a assessoria do 1º Curso desta Escola Nacional (11 dias) foi a cargo de duas pessoas do México sem nem sequer conhecimento prévio por parte do Arcebispo local.

5— A Escola e a Renovação Carismática insistem com seus adeptos para que participem dos trabalhos das paróquias, porém há dois estilos e duas linguagens, e as atividades do movimento e, a presidência do mesmo são mais importantes do que os trabalhos pastorais das paróquias e da Arquidio-

cese e mais fortes do que o Arcebispo.

6— Há um acentuado conteúdo espiritualista e intimista nos programas e orações, valorizando demais os problemas individuais - psicológicos e esvaziando os comunitário - sociais.

7— Mesmo não tendo percebido conteúdos teológicos pouco corretos, se descobre uma leitura bíblica fundamentalista e individualista, bem parecida com a das Igrejas pentecostais, uma eclesiologia estreita e ante - conciliar, uma missionariedade de conquista, uma visão do mundo totalmente negativa e a excessiva valorização do demônio. O elemento teológico que mais preocupa é uma relação direta com Deus, esvaziando todas as causas segundas, chegando a limites de uma fé cega, irracional que, às vezes, se aproxima do fanatismo.

8— Ao final, o problema maior pareceu a relação entre a Igreja local com sua pastoral e um movimento e uma iniciativa internacional que não têm em conta isso.

"É inviável o relacionamento pastoral"

Esta é a íntegra da carta do arcebispo de Goiânia

à direção da Escola Nacional de Evangelização 2000.

"Prezados senhores: depois de nossa reunião, no dia 18 de outubro passado, com vocês e os representantes da Arquidiocese, analisamos os relatórios escritos e os depoimentos orais que vocês nos ofereceram. Agora entregamos nossa apreciação, nesta folha anexa.

É inviável o relacionamento pastoral entre a Arquidiocese e esta iniciativa de âmbito internacional, que não leva em conta nossa realidade e nosso Plano de ação pastoral.

Por isto, resolvemos na reunião de hoje, comunicar-lhes outras providências que toma-

mos e as conclusões a que chegamos:

1 - Visitei o Conselho Permanente da CNBB, no dia 23 de novembro, e passei a ele esta análise e as conclusões que agora entrego a vocês.

2 - Naquela oportunidade, ouvi de dom Aloísio Lorscheider uma informação discordante do que foi afirmado pelo ofício do dia 18/10. A escola de Fortaleza não foi aprovada para o Norte e Nordeste. Ele aprovou, para experiência, por 3 meses e em nível diocesano, apenas. Depois desse período, ele fará com os dirigentes da Escola uma avaliação para deliberar sobre o futuro da mes-

ma. Dom Aloísio não se achou com autoridade para aprovar uma Escola para outras Dioceses.

Isto me faz ver que não me cabe aprovar, em Goiânia, uma Escola de nível nacional.

3 - Falando a dom Olívio, bispo de Cristalândia, recebi dele a informação de que a Escola Paroquial de São Miguel do Araguaia não tem aprovação nem do vigário, nem do bispo.

4 - Comuniquei também minhas preocupações pastorais aos bispos do Regional Centro-Oeste da CNBB, reunidos, em Goiânia, na noite de 26 de novembro último. Nesta reunião,

dom Pestana Filho, Bispo de Anápolis, nos comunicou que, procurado por vocês, autorizou a transferência da Escola de Goiânia para Anápolis.

5 - Soube, na reunião do Conselho Permanente da CNBB, que o Santo Padre mandou tirar o escritório central de dentro do Vaticano e que não permitiu a realização do Retiro dos 1000 bispos, programados pelo Projeto.

Estas dificuldades todas levam-me a tomar as seguintes decisões, de que farei comunicação oportuna aos agentes de pastoral, aos animadores de comunidade e casas religiosas da Arquidiocese, aos Bispos

do Regional Centro Oeste e à Presidência da CNBB:

1 - Ficam suspensas, na Arquidiocese de Goiânia, a partir do Natal deste ano, as atividades do Projeto de Evangelização 2000, com proibição para suas escolas a nível paroquial e/ou arquidiocesano.

2 - Não tendo eu jurisdição fora da Arquidiocese de Goiânia, não sou o responsável pela denominada "Escola Nacional de Evangelização 2000". E não aprovo seu funcionamento na Arquidiocese de Goiânia.

Isto, sem dúvida, deixa clara minha posição e espero contar com a obediência de vocês, para o bem da Igreja."

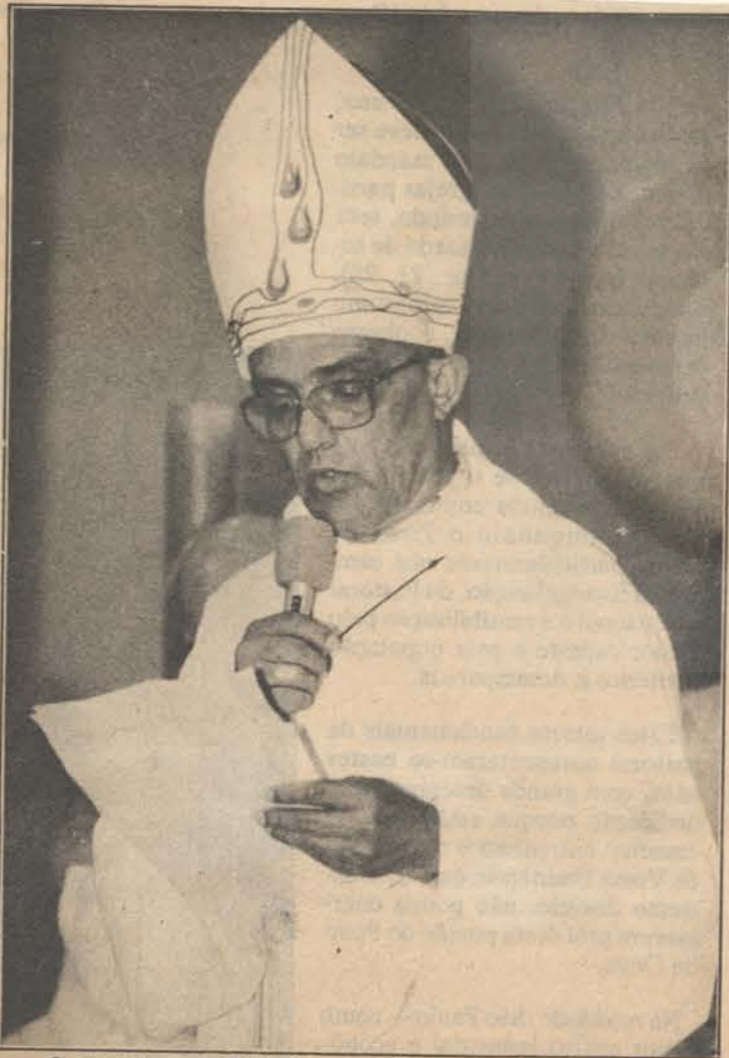


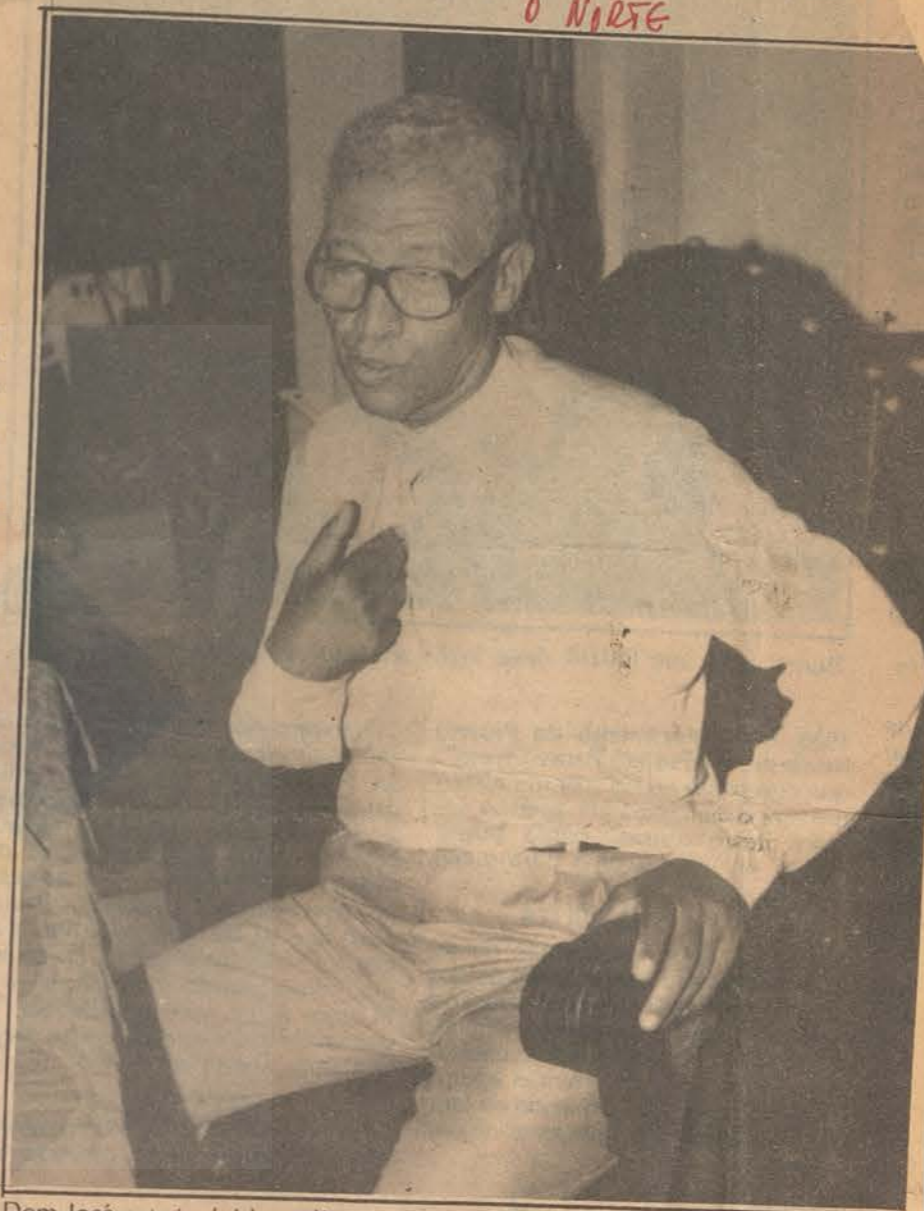
Foto: Douglas Mansur

O arcebispo de Goiânia comunicou a decisão no dia 1º

FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND - JOÃO PESSOA,

Dom José, marcado para mo.

O NORTE



Dom José esta incluído na lista negra, que tem mais dois paraibanos

SÁBADO, 31 DE DEZEMBRO DE 1988 Nº 488 ANO 80 Cz\$ 250,00

rrer, não teme ameaças

"Não dou a menor importância. Não temo nada", disse o arcebispo de João Pessoa, dom José Maria Pires, quando indagado, ontem à noite, em sua residência, acerca da lista (que tem seu nome) de 350 pessoas ameaçadas de morte por apoiarem a reforma agrária. A lista foi publicada anteontem pelo jornal Folha de São Paulo. Constam na lista bispos, padres, pastores, sindicalistas e lavradores de todos os Estados brasileiros, que apoiam trabalhadores rurais. "Há coisas mais importantes do que pensar em possíveis ameaças", acrescentou dom José. A lista foi organizada pela Comissão Pastoral da Terra, em Goiânia (GO) e o

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, figura o nome do cardeal de Fortaleza-CE, dom Aloisio Lorscheider, que já sofreu três atentados em sua casa.

Segundo dom José ele deu a entender que é um cidadão comum: "Dirijo meu carro normalmente, trânsito pelas ruas da cidade e o mais importante é o meu trabalho".

Além do arcebispo de João Pessoa, têm seus nomes incluídos na lista negra dom Luiz Gonzaga Fernandes, arcebispo de Campina Grande e dom Marcelo Carvalheira, arcebispo de Guarabira.

Sepultado o agricultor morto em área de tensão

É de intranquilidade e tensão o clima entre as 75 famílias de posseiros residentes na fazenda Gurugi II, município do Conde, onde foi assassinado anteontem com um tiro de espingarda calibre 12 na cabeça o agricultor José Avelino dos Santos. Cerca de setecentas pessoas estiveram presentes ontem à tarde, ao enterro do agricultor.

A fazenda, que está em processo de desapropriação, é área de aguçado conflito pela posse da terra há vários anos e tem sido palco, mais recentemente, de atos de violência contra os agricultores e praticados pelo próprio arrendatário José Alves Filho.

— A situação tende cada vez mais a se complicar, pois as ameaças são constantes e têm deixado, a comunidade local apavorada, contou ontem o agricultor Antonio Vitorino, ameaçado de morte por capangas do arrendatário.

A viúva do agricultor assassinado anteontem à noite veio ontem pedir providências diretamente ao secretário de Segurança, Geraldo Navarro, pois nem a queixa-crime pôde fazer no Conde porque o delegado não estava na cidade e, na noite do assassinato, os policiais que deveriam estar de plantão divertiam-se na zona do meretrício, denunciou ela. (Página 12.)



O caixão do agricultor assassinado é conduzido sob clima de comoção

Profeta...



ENCONTRO COM O PASTOR

Campo Limpo será diocese

Meus amigos, católicos, cristãos, homens que buscam a Deus e que seguem a consciência na procura da verdade e do bem: a região episcopal mais nova deverá enfrentar, neste domingo, 4, a condição nova e definitiva de ser diocese.

É hora de falarmos da caçula das regiões episcopais de São Paulo, com o amor que ela merece.

1. Vocês me deixem começar pelo vigário episcopal, dom Fernando José Penteado. No começo, ele parecia não ter tamanho, nem peso, para ser bispo. Além disso, falava pouco demais e rezava sem hora de parar. Os padres e os leigos - sem contar as irmãs corajosas - iriam ocupar o "vazio" que dom Fernandinho deveria deixar.

Aconteceu o contrário. De saída, foi ordenar-se em Roma (27/05/79) pelas mãos de um Papa gigante. Mais. Partiu humilde e voltou mais humilde ainda. Assim mesmo, tinha ela a última palavra. Claro, depois que todo o mundo se desabafasse. Aliás esta última palavra do bispo chegava muitas vezes por volta da meia-noite. É que dom Fernando foi criado por Deus, para ser o Pastor noturno. Viaja, conversa e reza, quando a quase totalidade do povo dorme. Campo Limpo tirou vantagem dessa qualidade de seu pastor. O demônio da desunião, que prefere trabalhar no escuro, nunca pôde penetrar no reduto de dom Fernando. Vocês querem a prova?

As reuniões do clero nos dão a medida desta união do bispo, com seus padres e fiéis, em torno

das metas da evangelização. Quando o arcebispo era chamado para os frequentes encontros do clero, lá encontrava mais irmãs que padres. Mais ministros não-ordenados do que irmãs e sacerdotes juntos. Não sei bem se devo fazer essa confidência aos meus leitores: não havia lugar onde o arcebispo de São Paulo se sentisse mais à vontade do que nestes encontros. Apesar de ele agir com igual desembaraço em todas as regiões, os agentes de pastoral de Campo Limpo lhe pareciam mais espontâneos, simples e persistentes. Inteiramente identificados com o povo. Eles juntavam maiores provas de amor e fidelidade do que problemas insolúveis.

A união entre o bispo e os agentes de pastoral chegava a criar até o paradoxo do entusiasmo eloquente e da perplexidade incómoda. Quando surgiu por exemplo, o primeiro boato da criação de uma diocese não colegialmente presidida junto com a de São Paulo, fui, de urgência, convocado para depor numa assembléia de padres, religiosas e coordenadores cristãos. No final, obrigaram-me, com a liberdade de filhos e com a energia de colaboradores, a entregar em mãos do Santo Padre, uma petição tão insistente quanto reverente. Quero dizer de público que a tarefa não foi difícil e também não surtiu efeito.

A Região Episcopal Campo Limpo, a meus olhos, sempre se assemelhou à figura da Igreja descrita pelo pastor de Hermas, autor misterioso do 2º século do cristianismo: rosto e corpo jovem, mas cabelos enbranquecidos. Lá, na futura diocese, se situam po-

voações que o missionário jesuíta do século XVI ainda hoje reconheceria, como também conjuntos novos que deixam a moderníssima Alpvilla para trás. Municípios que proporcionalmente mais crescem no Brasil, como o Embu, mas também povoações que recebem com naturalidade os romeiros a cavalo, que vêm buscar conforto junto a Nossa Senhora das Dores em Jucituba. Nela, se ergue, orgulhoso e desafiante, o Palácio do Governo do Estado de São Paulo, como também se escondem as mais belas extensões da Mata Atlântica. A fé ainda recolhe jóias de valor secular e incontestes, mas enfrenta o desafio do secularismo e do consumismo, que se resguardam por detrás de jardins e muros, dificultando a entrada de um Deus, que fulmina a auto-suficiência e o individualismo nas letras sagradas dos mais veneráveis profetas.

Dom Emílio Pignoli, o novo bispo, será capaz de valorizar tudo o que há de nobre e equilibrar o que precisa de ajustes e correções. Para tanto, saberá contar com excelentes colaboradores.

Meus amigos: não se pode falar de Campo Limpo sem mencionar o trabalho da Igreja. Para uns, ela é mais do que o coração de mãe. Para outros, pode parecer perfeitamente dispensável. Mas é certo que até o seu Estádio do Morumbi, o maior da Capital, foi fundado e abençoado por um padre, chamado monsenhor Bastos.

Pai Nosso...

Paulo Evaristo,
CARDEL ARNS

Escola de Engenharia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Biblioteca
18 247
Instituto für Brasilienkunde
METTINGEN

OS PASTORES DA BAHIA

Os nomes que aqui se proclamam
refletem uma presença marcante e viva
na História da Igreja da Bahia
Presença dos timoneiros da fé
que conduziram os destinos espirituais do Povo baiano
Presença construtora de um mundo mais humano e cristão
Presença evangelizadora dos que vieram para evangelizar
Esta é a presença espiritual
presença imortal dos Pastores
que dignificaram o primeiro Sólido Episcopal do Brasil
A presença dos Bispos e Arcebispos da Bahia

ENCARTE
ESPECIAL

ARQUIDIOCESE DE SÃO SALVADOR,
21 DE NOVEMBRO DE 1976

DOM AVELAR BRANDÃO VILELA

Secular. Alagoano. Nascido a 13/6/1912 em Viçosa. Ordenado sacerdote a 27/10/1935, em Aracaju. Ordenado Bispo a 27/10/1946. Toma posse como 3º Bispo de Petrolina, a 15 de dezembro do mesmo ano. Ali criou a Escola de Economia Doméstica, construiu a Praça Dom Malan em homenagem ao 1º Bispo de Petrolina, ampliou as instalações do Colégio Dom Bosco, realizou com êxito o 1º Congresso Eucarístico Diocesano, dinamizando toda a vida religiosa da Igreja petrolinense. Nomeado 2º Arcebispo de Teresina, tomou posse a 5/5/1965. Criou a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, presidiu por 10 anos a Campanha Nacional da Comunidade (CNEC), criando 30 ginásios no Estado, criou a Ação Social Arquidiocesana (ASA), fundou a Rádio Pioneira de Teresina, criou escolas de alfabetização em convênio com o MEB, realizou o Congresso Eucarístico de Teresina, contribuiu decisivamente para a implantação do grande projeto de colonização do Vale de Gurueia, experiência de inestimável alcance social e econômico para o Estado do Piauí.

Na CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, foi Vice-presidente geral e Presidente das seguintes Comissões: Ação Social, Opinião Pública, Comissão Nacional do Clero, SCAI (Serviço de Colaboração Apostólica Internacional; Delegado da CNBB junto ao CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano). Membro da Comissão Representativa da CNBB e Presidente atual da Comissão Episcopal do Regional Nordeste III.

No CELAM, foi Vice-presidente (1965), Presidente (1966), reeleito Presidente (1967), Presidente em 1968 da Comissão Organizadora da Assembleia Geral da Igreja Latino-Americana de Medellín-Colômbia, sendo um de seus Presidentes efetivos nomeados pelo Papa Paulo VI. No exercício de sua missão sempre evitou as posições radicais, não aceitando a caracterização de conservador ou progressista, por considerar-se Bispo de uma Igreja que tem compromissos com o passado, o presente e o futuro. Participou do Concílio Vaticano II, de 1962 a 1965, com 3 meses de duração anual, cada Sessão, em função dos Documentos que deram rumos à Igreja de nosso tempo.

Participou, igualmente, dos quatro Sinodos Eclesiais já realizados após o Concílio, até 1974, em Roma, como Delegado da CNBB, proferindo oito intervenções de Plenário e sendo eleito Presidente de grupos de Estudos dos mesmos Sinodos.

Foi nomeado para Arcebispo da Bahia, a 23/3/1971, tomando posse a 30 de maio do mesmo ano. A 22/2/1973 é eleito Cardeal da Santa



1971

Igreja, a 5 de março recebe o Barrete Cardinalício das mãos do Papa Paulo VI, no Vaticano, e a 10 de março tomou posse, em Roma, como titular da Basílica de São Bonifácio e Santo Aleixo.

Em Salvador, foi o idealizador, animador e pregador principal da Grande Semana Arquidiocesana Missionária, na Colina do Bonfim (outubro de 72).

Levou ao Papa Paulo VI o desejo do Povo baiano, expresso através da Assembléia Legislativa da Bahia e da Câmara Municipal do Salvador, de ver Nossa Senhora da Conceição da Praia, Padroeira Principal do Estado da Bahia, e proclamou publicamente, em nome do Santo Padre, este Patrocínio, numa apoteose de fé e gratidão do Povo baiano à Virgem Imaculada.

Promoveu a renovação do Jornal da Arquidiocese, agora denominado "Mensageiro". Criou nesta Arquidiocese até hoje, as Paróquias de Sta. Teresa, Sta. Rita, N. Sra. da Conceição da Lapinha, São Caetano, Divino Espírito Santo da Federação, no Alto das Pombas, Deus Menino do Engenho Velho de Brotas, São João Bosco do Pau Miúdo, Sto André do Nordeste de Amaralina, Cristo Operário de Castelo Branco e São Jorge do Jardim Cruzeiro (denominado de N. Sra. da Piedade a antiga Paróquia de São Jorge da Massaranduba).

Realiza constantemente visitas a todas Comunidades Paroquiais, levando pessoalmente a pregação da Palavra de Deus a todos os setores da vida baiana, pela imprensa e diariamente pelo Rádio, através de seu programa: "Oração por um dia feliz", que atinge todas as camadas sociais. Membro das Academias de Letras do Piauí e da Bahia. Sócio de numerosas Entidades Culturais, Cidadão Honorário de diversos Estados e Municípios brasileiros.

É o principal idealizador e coordenador das grandes comemorações neste ano de 1976 - do Tricentenário da Arquidiocese da Bahia, promovendo a realização efetiva e eficaz de vários projetos pastorais tais como, Mês Vocacional, Pastoral das Grandes Cidades, Simpósio sobre Sincretismo Religioso, Mês Missionário nas Paróquias, Semana de Evangelização Popular na Colina do Bonfim, Concelebração Eucarística no Estádio Otávio Mangabeira com a participação de 300 Cardeais, Arcebispos, Bispos e Sacerdotes do Brasil e do exterior.



22. DOM EUGÊNIO DE ARAUJO CARDEAL SALES,
Adm. Apost. "sede plena": 1964-1968; Arcebispo Primaz: 1968-1971.

Secular. Rio-grandense-do-norte. Nasceu a 8/11/1920 em Acari. Estudou no Seminário de Fortaleza. Ordenado sacerdote a 21/11/1943. Ordenado Bispo a 15/8/1954. Bispo Auxiliar e depois Administrador Apostólico "sede plena" da Arquidiocese de Natal. Nomeado a 6/7/1964 para Administrador Apostólico "Sede Plena" da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, tomando posse em 30/8/1964. Arcebispo nomeado em 24/10/1968 e empossado a 21/11/1968, data de suas Bodas de Prata Sacerdotais. Eleito Cardeal em 28/3/1969, foi confirmado no Consistório de 1/5/1969, em Roma, onde, a 30/4/1969 recebeu o Palio como Arcebispo Metropolitano da Bahia. Durante seu governo criou mais 19 paróquias na Arquidiocese de São Salvador, estabeleceu Religiosas Encarregadas de Paróquias e mais de trinta sacerdotes vieram do exterior auxiliar na pastoral arquidiocesana. Participou do Concílio Vaticano II, aplicando suas normas nesta Arquidiocese. Construiu e instituiu o Centro de Treinamento de Líderes de Itapua, realizando ali permanentes Encontros e Cursos de atualização pastoral para Bispos, Sacerdotes, Religiosos e Leigos. Com a mesma finalidade, aproveitou o antigo Seminário de Itaparica. Restaurou o Palácio da Sé, instalando ali diversos setores da coordenação pastoral arquidiocesana. Atraiu recursos do exterior para manutenção de numerosos serviços pastorais. Promoveu a criação do Conselho Presbiteral e do Conselho de Pastoral, do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, dos zonais e de seus respectivos Coordenadores. Realizou anualmente em janeiro o Encontro Pastoral para Planejamento de Atividades. Deu ênfase à preparação sistemática de agentes de pastoral. Dinamizou o trabalho de promoção humana, particularmente, nas Ilhas da Baía de Todos os Santos, através de Caritas Arquidiocesana, bem como nas Comunidades Eclesiais dirigidas por Religiosas. Transferido para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, tomou posse no dia 24/4/1971, sendo o atual Pastor daquele Arcebispo.



21. DOM AUGUSTO ÁLVARO CARDEAL DA SILVA
1925-1968

Secular. Pernambucano. Nasceu em Recife a 8/4/1925. Estudou no Seminário de Olinda. Ordenado sacerdote a 5/3/1899 pelo baiano Dom Manuel dos Santos Pereira. Vigário de São Pedro, em Olinda e Diretor Espiritual do Seminário (1900), Pároco de São José do Recife (1906), Monseñor Camareiro Secreto de Pio X (1908) Primeiro Bispo de Floresta (11/5/1911), sagrado na Catedral de Olinda, a 22/10/1911, por Dom Luiz Raimundo da Silva Brito, Bispo de Pernambuco. Durante quatro anos em Floresta, fundou o Colégio Diocesano e o Seminário; remodelou a Catedral, estabeleceu o Jornal diocesano, criou escolas noturnas para os pobres, percorreu cerca de 500 léguas em visitas pastorais pelo agreste sertão pernambucano. Transferido a 25/6/1915 para a nova Diocese da Barra do Rio Grande, onde permaneceu por 9 anos. Nomeado Arcebispo da Bahia a 17/12/1924, tomou posse a 21/5/1925, saudado por Mons. Apio Silva, que dele disse: "Da pena escorreita do jornalista, como da palavra inspirada do orador e do poeta, a eloquência de Dom Augusto flue natural e copiosa, à maneira de fonte perene, cujas matrizes bebem nos mais puros e ubertosos mananciais do coração..." Ao longo de seu governo, criou mais 10 paróquias na Arquidiocese, idealizou e realizou, em 1933, o Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, em 1945 o 2º Sinodo Diocesano, em 1949 o Primeiro Congresso Nacional, de Vocações Sacerdotais e o lançamento da 1ª pedra do Novo Seminário, na atual Avenida Cardeal da Silva, inaugurado em fevereiro de 1954; em 1943, em Carta Pastoral, anuncia a vitória na Suprema Corte do Rio de Janeiro, do rumoroso "Caso dos Perdões" - problema de autoridade dos Bispos do Brasil sobre as Associações Religiosas das respectivas dioceses, firmando-se, nessa ocasião, jurisprudência definitiva sobre a questão. Criou em 1961 a Universidade Católica do Salvador. A 12/1/1953 foi nomeado Cardeal da Santa Igreja. Instituiu a Adoração Perpétua do SSmo. Sacramento na Igreja de São Raimundo e estabeleceu na Bahia o primeiro Carmelo desta Arquidiocese. Missões Gerais em 1961, comemorando seu Jubileu Auro Episcopado, Cruzada de Oração do Pe. Peyton em 1962, Ação Católica especializada desde 1949, Visitas Pastorais a todas as Paróquias da Arquidiocese. Faleceu a 14/8/1968, sendo sepultado na Capela do Senhor Santo Cristo da Catedral Basílica do Salvador.

BISPOS DA BAHIA

1. DOM PEDRO FERNANDES SARDINHA, 1522-1556

Nasceu aproximadamente em 1496 em Setúbal. Foi depois Clérigo da Diocese de Évora. Matriculou-se a 26/6/1525 na Universidade de Paris. Viveu ali quatro anos no Colégio de Sta. Bárbara, onde teve, entre seus colegas de estudos, o clérigo João Calvino, futuro heresiarca, bem como São Francisco Xavier, com o qual, anos mais tarde, se encontrou na Índia, evangelizando brâmanes e hindus. Segundo seu próprio depoimento, foi ali também professor de Sto. Inácio de Loyola e do Pe. Simão Rodrigues, Provincial mais tarde dos Jesuítas em Portugal. Colou o grau de Mestre em Artes ou Filosofia no princípio de 1529. Nomeado a 7/5/1529 Capelão da igreja de S. Sebastião de Caniçal, termo de Maxico, na ilha da Madeira. Em 10/11/1531 já era Capelão em Lisboa. Depois viveu muito tempo na cidade de Pôrto, como Capelão e Pregador d'El-Rei, que, a 10/2/1545 o nomeou Deão da Sé de Goa, na Índia, onde chegou em novembro do mesmo ano. A partir de janeiro de 1547, foi empossado Vigário Geral e Provisor da Diocese, cujo bispo era, então, o franciscano espanhol Dom Fr. João de Albuquerque, já idoso, que lhe deixava boa parte do governo eclesiástico. Assistiu ao Governador da Índia, Dom João de Castro, em seus derradeiros momentos, junto com São Francisco Xavier e o Superior dos Franciscanos, assinando com eles o papel de suas últimas vontades. Já a 6/11/1548 tinha renunciado ao cargo de Vigário Geral de Goa, partindo para Cochim, onde ficou 2 a 3 meses, esperando a hora de embarcar para Lisboa. Aproveitando a ocasião, São Francisco Xavier lhe confiou algumas cartas para o seu Provincial em Portugal, o Pe. Simão Rodrigues, que depois atestou o recebimento. Já em Lisboa, após quatro anos na Índia, apresentou ao Rei um Memorial com sugestões pastorais para o apostolado em Goa. Feito isto, reintegrou-se como Clérigo de Évora, e voltou a estudar com 53 ou 54 anos, na Universidade de Coimbra, onde colou grau de Bacharel em Teologia. A 25/2/1551, o Papa Júlio III, com a Bula "Super Specula Militantis Ecclesiae", o nomeou primeiro Bispo de São Salvador da Bahia, onde chegou a 22/6/1552. Hospedou-se inicialmente no Colégio dos Jesuítas, dirigido pelo Pe. Manoel da Nóbrega, acertando depois com o Governador Tomé de Souza a compra do prédio de Pero de Gois para servir de Paço Episcopal. Quanto à Sé escolheu a Igreja da Ajuda (Sé de Palha) como Catedral provisória, inaugurando ali sem demora o culto litúrgico, instalando o Cabido com os primeiros Cônegos recitando as crônicas e pregando a palavra de Deus. Ao mesmo tempo, porém, Dom Pedro tomou as providências iniciais para começar as obras da nova Sé. "Varão de muita virtude e zeloso da honestidade e perfeição dos clérigos que viviam com ele em congregação e os sustentava à sua mesa. Era homem rígido e autoritário. Quando viajava para Portugal em junho de 1556, sua embarcação naufragou no litoral alagoano, sendo vítima da antropofagia dos selvagens Caetés, juntamente com a maioria de seus companheiros de viagem.

2. DOM PEDRO LEITÃO, 1559-1573

Secular. Foi apresentado para Bispo da Bahia ao Papa Paulo IV por Dom Sebastião, sendo confirmado pela Bula "Gratiae Divinae Proemium", de 23/3/1558. Chegou à Bahia em 4/12/1559, tomando posse pessoalmente do Bispado no dia 9 do mesmo mês. Amigo dos jesuítas e apoiado pelo Governador Mem de Sá, promoveu a catequese dos indígenas. Em princípios de 1566, ordenou sacerdote o jesuíta José de Anchieta. Acompanhou o Governador Mem de Sá na sua segunda viagem ao Rio de Janeiro, em 16/11/1566, para auxiliar a Estácio de Sá na expulsão total dos Franceses. Criou a paróquia de São Sebastião do Rio de Janeiro, nomeando o Pe. Mateus Nunes seu primeiro Pároco. Visitou o distrito de Ilhéus. Criou a freguesia de Nossa Senhora da Assunção de Camamu, em 1560. Convocou o 1º Sínodo Brasileiro, ao qual compareceram somente clérigos de Salvador, nenhum letrado ou cronista. Ordenaram, então, entre outras mudanças, alguns dias santos diferentes dos adotados no calendário metropolitano de Lisboa. Visitou a Capitania de São Vicente. Faleceu em Salvador aproximadamente nos fins de agosto ou nos primeiros dias de setembro de 1573, sendo sepultado na Capela de Nossa Senhora do Amparo da primitiva Igreja da Sé, donde, mais tarde, foram seus ossos trasladados para Lisboa.

3. DOM ANTÔNIO BARREIROS, 1576-1600

Cisterciense. Prior da Ordem de Aviz. Nomeado Bispo da Bahia, confirmado a 20/7/1575 pelo Papa Gregório XIII, chegou a Salvador no dia da Ascensão de 1576, assumindo logo o governo desta Diocese. Por Breve do Papa Gregório XIII, de 19/7/1576, foi desanexado o território do Rio de Janeiro do Bispado da Bahia, com a criação da Prelazia com jurisdição ordinária, desligada de qualquer sujeição ao bispado diocesano, sendo o Padre Bartolomeu Simões Pereira nomeado primeiro Prelado por carta régia de 11/5/1577, sem dependência de outra confirmação, segundo a autorização que aos Reis de Portugal concedia aquele "Breve". Exerceu este Bispo muito instruído as funções de pregador. No seu largo episcopado, viu falecer no Brasil dois Governadores, participando das duas Juntas de Governo que então se estabeleceram. Lutou junto à administração civil pelas imunidades eclesiásticas. Prestou relevantes serviços à Pátria, entre outros, repelindo com decisão e coragem os corsários ingleses de Roberto Witrington. Durante seu governo, estabeleceram-se, em Salvador, os Carmelitas, os Beneditinos e os Franciscanos. O governo da Junta (Dom Antônio Barreiros, Cristóvão de Barros e Antônio Coelho de Aguiar) estendeu-se até 24/10/1591, realizando melhoramentos notáveis como a fundação da Cidade de Cachoeira, à margem do rio Paraguassu e a criação da Capitania de Sergipe. Fez visita pastoral a Pernambuco, levando consigo religiosos que fundaram ali o Convento franciscano. Por suas virtudes mereceu Dom Antônio Barreiros o respeito e a estima de seus contemporâneos

e a admiração da posteridade. Segundo o Padre Jaboatão, faleceu este bispo a 8 de maio de 1600 e foi sepultado na Capela-mor da primitiva Igreja dos Jesuítas, junto ao Colégio, no Terreiro de Jesus.

4. DOM CONSTANTINO BARRADAS, 1601-1618

Secular. Professor de Teologia na Universidade de Coimbra. Nomeado em 1600 Bispo da Bahia, confirmado pelo Papa Clemente VIII, assumiu por procurador em 1601 a Diocese de São Salvador. Consta haver feito alguns capítulos de uma Constituição para a Diocese, perdendo-se, porém, os manuscritos. Criou as paróquias de Sergipe, Boipeba e Cairu. Além do Cabido da Sé, 14 Paróquias já existiam em seu tempo (1608), tais como: N.Sra. do Ó de Paripe, São Bartolomeu de Pirajá, São Miguel de Cotegipe, Sto. Amaro de Ipitanga, Nossa Senhora da Purificação de Sto. Amaro e São Tiago do Iguape. A exemplo da criação da Prelazia do Rio de Janeiro, desmembrou o Papa Paulo V, o território de Pernambuco da Diocese da Bahia, erigindo nela uma Prelazia, por Bula de 15/7/1614, sendo o Pe. Antônio Teixeira Cabral, por carta régia de 19/2/1616, designado o primeiro Prelado. Varão instruído e zeloso, Dom Constantino aturou grandes desgostos da parte das autoridades civis na defesa da jurisdição eclesiástica. Não faltaram intrigas e acusações contra este Bispo, que era considerado bastante condescendente com os cristãos novos, muitos dos quais ocupavam importantes cargos eclesiásticos, apesar de determinação contrária do Rei. As coisas chegaram a tal ponto que Dom Constantino Barradas, cansado e doente, encaminhou sua renúncia ao Bispado. Faleceu no dia 19/11/1618, sendo sepultado na Capela-mor da primeira Igreja do Convento de São Francisco.

5. DOM MARCOS TEIXEIRA, 1622-1624

Secular. Doutor em direito civil e canônico pela Universidade de Coimbra. Professor de Direito Canônico, Cônego Magistral de Évora. Deputado do Santo Ofício e Inquisidor de Évora, Bispo nomeado pelo Papa Gregório XV, a 25/10/1621, sagrado em Lisboa provavelmente em fevereiro de 1622, Dom Marcos Teixeira chegou a Salvador a 6/12/1622, tomando posse solene do governo da Diocese logo no dia 8 de dezembro do mesmo ano. Em 1623 criou a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Praia — a única por ele criada — quando na cidade havia apenas a paróquia da Sé. Teve ação destacada em 1624 por ocasião da invasão holandesa, sendo cognominado o Bispo-Soldado, por ter liderado uma ação militar para a retomada da cidade. Faleceu a 8/10/1624, aos 47 anos de idade. O seu contemporâneo e amigo Padre Antônio Vieira conta a profunda consternação do povo, por ocasião de sua morte, que dizia: "que mais os castigava Deus com a morte do Prelado que com a tomada da cidade" pelos holandeses. "Os Índios de nossas aldeias, em particular, choravam mais sua morte, porque de todos eles era pai, defensor e protetor" (Cartas, I, 34). Foi sepultado na Ermida ou Capela de N.Sa. da Conceição de Itapagipe de Cima que ele mesmo erigira.

6. DOM MIGUEL PEREIRA, 1621-1630

Secular. Prelado de Tomar. Eleito Bispo da Bahia no reinado de Felipe IV, confirmado em 1627 pelo Papa Urbano VIII, tomou posse do Bispado de São Salvador da Bahia no dia 19 de julho de 1628, através de um legítimo Procurador. Quando se preparava para vir pessoalmente reger esta Diocese, faleceu em Lisboa, a 16/8/1630. A sua Bula de nomeação, datada de 1627, encontra-se no Arquivo do Cabido da Sé da Bahia.

7. DOM PEDRO DA SILVA SAMPAIO, 1634-1649

Secular. Deão da Sé de Leiria. Membro do Conselho Geral da Inquisição. Nomeado Bispo da Bahia, chegou a Salvador a 19/5/1634. Achava-se, ainda feita de taipa a Igreja Catedral e Dom Pedro logo cuidou de repará-la; não permitindo o deplorável estado das finanças públicas que para essa obra concorresse a fazenda nacional, de acordo com o Cabido em 3/11/1637, decidiu o Bispo fazê-lo à custa dos particulares que para isso quizessem concorrer. A 26/8/1638 estabeleceu com a Câmara a solenidade anual em ação de graças pela vitória alcançada contra os Holandeses no dia 18/5 do mesmo ano. Criou a paróquia de Santo Antônio Além do Carmo em 1643. Foi o Bispo um dos heróis da reação a Maurício de Nassau, quando da invasão holandesa na Bahia em 1638, quer no preparo psicológico da população — evitando o pavor que se dera quando da invasão de 1624 — quer no empréstimo que fez ao Governador para armar a defesa, quer visitando, trabalhando, confortando a soldadesca nas trincheiras, em plena refrega. Não pode ser acusado de principal responsável pela deposição do Marquês de Montalvão, pois, na verdade, a Câmara Municipal de Salvador, cumprindo a ordem do Rei, e pela comprovada desconfiança em relação ao Marquês, foi fiel executora da Carta Régia. Faleceu na madrugada de 15/4/1649, sendo sepultado na Capela-mor da Sé, donde foram mais tarde trasladados seus ossos que, embarcados no galeão "Santa Margarida" com destino a Lisboa, se perderam com o naufrágio dessa embarcação na altura dos Açores.

8. DOM ESTEVAM DOS SANTOS, 1672

Agostiniano. Primeiro bispo confirmado pelo Papa Clemente X depois da paz entre Portugal e Castela. Chegou à Bahia no dia 15 de abril de 1672 e faleceu repentinamente no dia 6 de julho do mesmo ano, governando apenas dois meses e vinte e hum dias. Em 30/6/1672 assinou uma Provisão concedendo licença à Santa Casa da Misericórdia desta cidade para ter na sua capela central, a Sagrada Eucaristia. Foi sepultado na Antiga Igreja da Sé.

ARCEBISPOS DA BAHIA

1. DOM GASPAR BARATA DE MENDONÇA, 1677-1682

Secular. Antes de ser padre, era Juiz de Casamentos em Lisboa, quando votou pela nulidade do consórcio do rei Dom Afonso VI com a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia. Pároco de Gestassó, na Diocese de Porto. Nomeado Arcebispo da Bahia, tomou posse por Procuração, a 3/6/1677. Doente, não teve condições de vir a Salvador. Em provisão de 30/11/1677 criou a Relação Eclesiástica com três Ministros empossados a 19/3/1678, os quais governaram em seu nome. Criou as paróquias de S. Pedro Velho, Sto. Amaro de Itaparica, Sto. Antônio de Jacobina e Sto. Antônio da Vila Nova do Rio S. Francisco, N. Sra. do Desterro (Sant'Ana), nesta capital. Com suas "doutas instruções para o bom Governo do Convento", chegaram a Salvador, desde 8/5/1677, procedentes de Évora, as primeiras Religiosas para fundar o Convento de Sta. Clara do Desterro. Por motivo de saúde, renunciou às funções de Arcebispo, em 1682. Faleceu em 11/12/1686 na Vila de Sardoal.



2. DOM FREI JOÃO DA MADRE DE DEUS, 1682-1686

Franciscano de "muitas prendas, letras e virtudes", foi Provincial de sua Ordem em Lisboa. Examinador das Ordens Militares, Censor Régio e Pregador dos reis Dom João IV, Dom Afonso VI e Dom Pedro II. Nomeado Arcebispo da Bahia, foi ordenado Bispo a 13/9/1682, chegando a Salvador a 20/5/1683. Seus escritos "De Incarnatione", "De sacramentis in Gerere" e a "Águia de Esdras", manifestam o desenvolvimento de seu espírito e a bondade de seu coração. Víctima do "Mal da Bicha", faleceu em 13/6/1686, sendo sepultado na Capela-mor da antiga Igreja da Sé, em meio ao pranto de seus diocesanos. Foi um dos maiores oráculos do púlpito lusitano.



3. DOM FREI MANOEL DA RESSUREIÇÃO, 1688-1691

Doutor em Letras e Cânones, renomado opositor das cátedras da Universidade de Coimbra, membro da Colegiada de São Pedro, Deputado do Santo Ofício, Cônego Douceiro de Lamego. Ouvindo, um dia, a pregação do Venerável Padre Frei Antônio das Chagas, renunciou a tudo e tornou-se missionário franciscano. Nomeado Arcebispo, chegou à Bahia a 13/5/1688. Promulgou o patrocínio de São Francisco Xavier sobre a Cidade do Salvador, estabelecendo o dia 10 de maio para se fazer anualmente a procissão em honra do Santo. Governou provisoriamente o Estado da Bahia durante quase dois anos, pacificando soldados amotinados por falta de pagamento de seus salários. Homem de vida santa, afeito aos jejuns, oração e disciplinas, seu Palácio mais parecia um Convento, cheio de recolhimento e penitência. Faleceu a 1/1/1691. Sepultado na Igreja do Seminário de Belém, em Cachoeira, administrado pelos Jesuítas.



4. DOM JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA, 1691-1700

Secular. Desembargador Eclesiástico e Promotor Deputado do Santo Ofício em Coimbra. Bispo de Angola durante quatro anos. Transferido para Arcebispo de São Salvador da Bahia, chegou a esta Cidade a 5/12/1692. Primeiro Arcebispo que visitou pessoalmente a região do Rio São Francisco, enfrentando dificuldades e asperezas do caminho, pregando o Evangelho, batizando e crismando cerca de quarenta mil pessoas daquela região. Criou as paróquias de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira e de São Gonçalo dos Campos, entre outras. Transferido para a Diocese de Miranda, na Província de Traz-os-Montes, em Portugal, embarcou para Lisboa, no dia 28/8/1700. "Foi franco no apêlo e ânimo, socorrendo com tanta grandeza como piedade, as ovelhas pobres do seu Arcebispo; todas achavam nele abrigo e correção, punindo as suas culpas com o próprio cuidado com que acudia às suas necessidades. Fez um governo plausível e justo, irmanando o rigor com o agrado, manifestando-se equilibrado no agir" (Rocha Pitta, América Port. pg. 343).



5. DOM SEBASTIÃO MONTEIRO DA VIDE, 1702-1722

Secular. Durante oito anos estudou direito canônico e civil na Universidade de Coimbra. Pároco de São Mamede e de Sta. Marina, em Lisboa. Fiscal na Cúria Arquidiocesana e Vigário Geral de Setúbal, e depois de Lisboa. Nomeado Arcebispo pelo Rei Dom Pedro II (8/5/1701), confirmado pelo Papa Clemente XI (8/8/1701), sagrado em Lisboa (21/12/1701), partiu para o Brasil a 26/3/1702, chegando a Salvador a 20/5/1702, tomando posse pessoalmente da Arquidiocese a 22/5/1702. Realizou em junho de 1707 o Primeiro Sínodo Diocesano, promulgando as "Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia", que vigoraram no Brasil durante quase duzentos anos. Criou mais de vinte paróquias. Realizou quatro longas visitas pastorais na imensa Arquidiocese. Já em 1704 havia promulgado o "Regimento do Auditório Eclesiástico do Arcebispo da Bahia". Oficializou também os Estatutos do Cabido da Sé. Compôs um catecismo, distribuído aos milhares por todo o país especialmente entre os escravos. Escreveu o opúsculo "Vida e Morte, e Boa Fama, que deixou de si a Serva de Deus, a Madre Soror Victoria da Encarnação", que morreu em 19/7/1715, no Convento do Desterro. Construiu o Palácio da Sé. Autorizou a construção da Igreja primitiva de São Pedro dos Clérigos. Por morte de Dom Sancho de Paro, Conde de Cimieiro, governou o Estado com outros companheiros. Faleceu, em Salvador, a 7/9/1722, sendo sepultado na Igreja da Sé. Duzentos e dez anos depois com a demolição dessa Igreja, seus ossos foram trasladados para a cripta da atual Catedral Basílica. A lápide que cobria na antiga Sé a sua sepultura, encontra-se hoje afixada numa das paredes do claustro do Convento de Santa Teresa, hoje Museu de Arte Sacra da Bahia.



6. DOM LUÍS ALVARES DE FIGUEIREDO, 1725-1735

Secular. Vigário Geral e Bispo Coadjutor de Braga, quando foi eleito e confirmado Arcebispo da Bahia, tomando posse em 26/11/1725. Dedicou-se à reconstrução de sua Catedral. O próprio Rei, para isso ofereceu-lhe um grande órgão e um relógio. Durante seu governo, o curato da Sé passou à classe de Benefício perpétuo, o qual até então era amovível. Deu Constituições às Recolhidas dos Perdões em 1732, e, por Provisão de 19/9/1732, expedida pelo Conselho Ultramarino, se prorrogou por mais de dez anos a prestação anual de 1:000\$ para as obras da Igreja Catedral (Sé), conforme havia requerido o Arcebispo. Homem bondoso, certa feita, em visita pastoral à Freguesia de Rio de Contas, já se despedia para viajar a outro lugar, quando se lhe apresentam a poucos passos dois negros escravos, pedindo-lhe que se não fosse sem os crismar, pelo que, mandando logo retornar a comitiva para a Igreja, conferiu-lhes o sacramento da Confirmação. Faleceu, em Salvador, a 28/8/1735 com 65 anos de idade. Sepultado na Igreja da Sé. Após a demolição dessa Igreja, seus restos mortais foram trasladados para a cripta da atual Catedral. No claustro do Convento de Sta. Teresa, Museu de Arte Sacra da Bahia, encontra-se afixada numa das paredes, a lápide que cobria sua sepultura primitiva.



7. DOM FREI JOSÉ FIALHO, 1739

Cisterciense. Doutor em teologia pela Universidade de Coimbra. Emérito professor de filosofia no Convento de São Pedro das Águas. Bispo de Olinda, Pernambuco (1725-1738), durante 13 anos e 12 dias. A 5/12/1738, recebeu as Letras de Roma que o promoviam ao Arcebispo da Bahia. No dia seguinte, reuniu os Cônegos do Cabido, entregou-lhes a jurisdição do Bispado de Pernambuco. Chegou a Salvador, a 2/2/1739, tomando posse no dia 5 do mesmo mês. Durou pouco o seu governo episcopal na Bahia. Já a 31/10/1739 foi transferido para a Diocese de Guarda, em Portugal, logo regressando a Lisboa, onde chegou a 2/2/1740. Em 28/1/1741, haviam-lhe chegado as Bulas Apostólicas confirmando a sua transferência, conservando-lhe o título de Arcebispo-Bispo de Guarda. Designou um Capelão da sua Ordem que, como Procurador, tomou posse em seu nome da Diocese de Guarda, a 16/2/1741. Interinamente preparava-se para a próxima viagem para Guarda, tendo assistido, a 5/2/1741, em Lisboa, a sagração de Dom José Botelho de Matos, seu sucessor no Arcebispo da Bahia. Não chegou a tomar posse pessoalmente da Diocese de Guarda. Em princípios de Março do mesmo ano de 1741, foi acometido de forte gripe acompanhada de febre violenta, da qual faleceu no Convento do Desterro, em Lisboa, no dia 18/3/1741, com 68 anos, e meses e 5 dias. Foi o 5º Bispo de Pernambuco, o 7º Arcebispo da Bahia e o 51º Bispo de Guarda, onde sucedeu por Procuração a Dom João de Mendonça.



8. DOM JOSÉ BOTELHO DE MATOS, 1741-1760

Secular. Sagrado Arcebispo em Lisboa, a 5/2/1741, chegou a Salvador a 3/5/ e a 14/5 fez sua entrada pública, assumindo no dia seguinte, 15/5 do mesmo ano o governo episcopal. Durante seu governo, a 24/9/1742 estabeleceram-se no Convento das Mercês as 5 primeiras religiosas, e a 8/12/1744, as 15 primeiras noviças do Convento da Lapa. Em 1745, lançou a primeira pedra da Igreja do Bonfim. Criou mais dezoito freguesias. Substituiu em 1755 o Conde de Atouguia no governo do Estado. O fato mais importante do governo deste arcebispo foi que ele não se submeteu a prepotência pombalina (expulsão dos jesuítas), e "preferiu antes cair na desgraça dos poderosos do momento do que trair a causa da justiça e da verdade". Com mais de 80 anos de idade, renunciou ao Arcebispo, aos 12/9/1759. O Cabido recebeu a Carta Regia de 4/11/1759 aceitando a renúncia, retirando-se o Prelado para o sítio da Penha, onde viveu os últimos anos de sua vida, falecendo "cheio de santidade" aos 22/11/1767, sepultado ali mesmo na capela-mor da Igreja-Matriz.



9. DOM FREI MANOEL DE SANTA INÊS, 1762-1771

Carmelita descalço. Em Bula de 15/12/1745 a Santa Sé o confirmou Bispo de Angola. Transferido para Salvador, inicialmente foi empossado como Vigário Capitalar, no dia 29/7/1762. Como Arcebispo somente assumiu o governo, por seu Procurador, o Dr. Gonçalo de Souza Falcão, no dia 19/12/1770. Em 26/10/1765, por Provisão, foi concedida a Igreja do Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus, para servir de Catedral, em virtude do estado das ruínas que apresentava a Sé. Fez Estatutos para o Recolhimento de São Raimundo. Inaugurou em 14/11/1765 a nova Matriz de N. Sra. da Conceição da Praia. Governou civilmente de 1762/1762 a 25/3/1766, integrando o triunvirato com o chanceler Gonçalo Xavier de Barros Alvim; essa Junta Governativa da Província da Bahia demorou no poder, por ter sido transferida em 1763 a capital para o Rio de Janeiro. Em 1771 lançou a primeira pedra para a construção de um Seminário que pretendia criar, coadjuvado pelo jesuíta Gabriel Malagrida, que estava autorizado a fundar Seminários por todo o Brasil. Faleceu aos 22/6/1771 e foi sepultado na capela-mor do Convento de Sta. Teresa, hoje Museu de Arte Sacra.



10. DOM JOAQUIM BORGES DE FIGUEIRÔA, 1773-1780

Secular. Beneficiado da Basílica Patriarcal de Lisboa. Doutor em Direito Canônico e Civil. Eleito e confirmado Bispo de Mariana, a 17/1/1771, tomou posse por seu Procurador, o Dr. Francisco Xavier da Rua, a 3/2/1772, mas nunca veio pessoalmente a esta Diocese. Nomeado Arcebispo da Bahia por Carta Régia de 3/4/1772, confirmado por Bula de 8/3/1773, veio pessoalmente tomar posse em Salvador, a 24/12/1773. Em carta de 16/5/1774 para Martinho de Melo e Castro, Dom Joaquim escreveu: "Achei nessa cidade tantos clérigos que fiquei entendendo não haver necessidade de ordenar outros tão cedo... Consta haver 251 clérigos sacerdotes, 6 diáconos, 11 subdiáconos, 31 menoristas... Entre os clérigos há mais de 50 inúteis por molestia... são mais de 40 os que passam de 65 anos, e destes, mais de 15 são descritos... nos serviços e coros da Misericórdia, São Pedro (dos Clérigos) e da Sé mais de 100 clérigos. E fazendo eu rogar a alguns dos desocupados para irem administrar numa Igreja de Poxim, que não tinha pároco... todos se excusaram com diversos motivos... não pretendiam ser párocos nem queriam igrejas..." Exerceu este Arcebispo duas vezes interinamente o governo civil da Província da Bahia, na ausência dos Condes de Azambuja e de Povolve. Provavelmente em 1777 enviou para Portugal a sua demissão, continuando, porém, a governar. Surgiram desentendimentos. Constando ao Cabido que, em consequência da renúncia, havia sido eleito outro Arcebispo, deu em 9/2/1780 a Sé por vaga e procedeu a eleição do Vigário Capitalar, achando-se o Arcebispo demissionário ainda nesta capital. Mandou ainda o Cabido celebrar exéquias pela falecimento em Lisboa do Arcebispo eleito Dom Frei Antonio de São José que não chegou a tomar posse, e festejar em todas as freguesias e igrejas a nomeação do novo Prelado Dom Frei Antonio Correa. Viu-se Dom Joaquim na desagradável contingência de se recolher à Corte de Lisboa, onde faleceu a 25/9/1788, sendo sepultado na igreja de N. Sra. do Carmo de Lisboa.



11. DOM FREI ANTONIO CORREIA, 1781-1802

Eremita Calçado de Sto. Agostinho. Doutor em teologia pela Universidade de Coimbra. Eleito Arcebispo da Bahia a 16/8/1779, sagrado a 9/4/1780, chegou a Salvador a 24/12/1781. Durante sua administração, foram criadas as Freguesias de Xique-Xique (1785), Monte Santo (1782), Sant'Ana do Catu (1787), SSmo. Coração de Jesus do Pedrão (1800), SSmo. Coração de Jesus de Valença (1801), e a N. Sra. das Dores de Igrapiuna (1802) e N. Sra. da Purificação de Nazaré (1785). No mesmo ano de sua chegada a Bahia, em 1781, os Capuchinhos, a seu pedido, fizeram missões desde Pirajá até Lagarto, em Sergipe. Na ausência do Marquês de Valença e de Fernando José de Portugal, dirigiu os destinos civis da Bahia. Com a idade de 80 anos e nove meses, paralisado, faleceu aos 12/7/1802, sendo sepultado junto ao altar do Coração de Jesus da antiga Igreja da Sé, sendo seus ossos trasladados para a cripta da atual Catedral Basílica, após a demolição daquela Igreja.



12 DOM FREI JOSE DE SANTA ESCOLÁSTICA, 1805-1814

Benedictino. Doutor em teologia pela Universidade de Coimbra. Qualificador do Santo Ofício. Pregador da Real Capela da Bemposta, Revisor da Inquisição para a censura de livros, Secretário do Abade Geral, Abade do Mosteiro de São Bento da Saúde, Cronista da Congregação Beneditina, Bispo de Pernambuco nomeado pelo Príncipe Regente Dom João (24/2/1803), o qual, antes de se expedirem as Bulas, o promoveu a Arcebispo da Bahia, a 25/10/1803, confirmado pelo Papa Pio VII a 26/3/1804, sagrado a 17/6/1804, no Mosteiro de São Bento da Saúde, chegando a Salvador a 11/6/1805, tomando posse no dia seguinte, 12 de junho de 1805, por seu Procurador, o Deão do Cabido da Sé, Cônego Manoel de Almeida Maciel, e no dia 17/6/1805 — aniversário de sua sação — fez a entrada solene na Catedral conforme o ritual. A seu pedido, os Capuchinhos italianos realizaram missões em Tucano. Foi Governador civil interino da Província, após a morte do Conde da Ponte. Tentou fundar um Seminário, mas tudo ficou em projeto. Faleceu a 3/1/1814, sendo sepultado diante do altar do Senhor dos Passos, na Igreja do Mosteiro de São Bento, de Salvador.



13. DOM FRANCISCO DE SÃO DÂMASO DE ABREU VIEIRA, 1814-1816

Franciscano. Opositor na Universidade de Coimbra. Bispo de Malaca, na Índia. Tendo falecido a 3/1/1814 o seu antecessor Dom Frei José de Sta. Escolástica, e não tendo o Cabido — Sede Vacante — cumprido a disposição do Concílio de Trento, de eleger o Vigário Capitular, dentro dos oito dias seguintes ao falecimento do Prelado, foi o ex-Bispo de Malaca nomeado a 13/5/1814 pelo sufrágneo mais antigo, o Bispo de São Paulo, Dom Mateus de Abreu Pereira, para reger o Arcebispado da Bahia, subindo depois ao sôlo arqui-episcopal, tendo sido o primeiro Arcebispo da Bahia que usou depois do nome, o título de Primaz. Fundou o Seminário que se inaugurou em 15/8/1815 numa casa da rua do Bispo. Dele foi primeiro reitor o franciscano Frei Domingos das Dores. A seu pedido, os Capuchinhos realizaram missões na Comarca de Jacobina.

A 4/6/1816, já empossado Arcebispo da Bahia, endereçou uma carta pastoral ao Clero Secular e Regular da Bahia, convidando a todos para assistirem as exéquias em sufrágio da alma da Rainha Dona Maria I, celebradas na Catedral, no dia 7 daquele mês. Vítima de apoplexia, faleceu a 18/11/1816, com 46 anos de idade. Amortalhado com as vestes arqui-episcopais, foi conduzido em enterro público e sepultado na capela-mor da antiga Igreja da Sé. Com a demolição daquele templo, seus restos mortais foram trasladados para a cripta da Catedral Basílica.



14. DOM FREI VICENTE DA SOLEDADE DIAS DE CASTRO, 1821-1823

Benedictino. Doutor em teologia pela Universidade de Coimbra. Abade do Colégio de São Bento, de Coimbra. Nomeado a 3/5/1819 para Arcebispo da Bahia. Confirmado a 28/8/1820 pela Santa Sé. Sagrado a 12 de novembro seguinte no Mosteiro de São Tirso de Ribadave. Tomou posse do Arcebispado da Bahia por Procurador, a 4/8/1821. Ainda em 1821, em Lisboa, foi Deputado das Cortes Constituintes, sendo eleito Presidente no ato da instalação e reconduzido nos meses seguintes. Estando em Lisboa, a 24/10/1821 escreveu uma Pastoral sobre a Instrução Cristã e Constitucional dos seus Diocesanos, impressa no mesmo ano. Não chegou a vir a Salvador assumir pessoalmente o governo arqui-episcopal. No seu período de Arcebispado, houve as lutas de Independência com marcante presença do Clero, os Encourados de Pedrão, o sacrifício de Joana Angélica, Abadesa da Lapa, faleceu repentinamente de um ataque apoplético, aos 31/3/1823 no Mosteiro de São Bento da Saúde de Lisboa.



15. DOM ROMUALDO ANTONIO DE SEIXAS, 1828-1860

Secular. Estudou no Real Colégio dos Manigrepos, em Portugal e no Seminário de Belém, Pará. Cônego, aos 22 anos, antes de ser ordenado sacerdote. Deputado de sua Província à Assembléia constituinte. Orador de muita força, imensa preponderância e de toda a influência. Nomeado Arcebispo da Bahia por decreto imperial de 12/10/1826, confirmado pela Santa Sé por Bulas de Leão XII, de 30/5/1827, sagrado a 28 de outubro do mesmo ano, na Capela Imperial. Tomou posse por seu Procurador, o Cônego Deputado Geral pela Bahia, Dr. José Cardoso Pereira de Melo, que assumiu o Arcebispado a 31/1/1828 em solene cerimônia. Terminada a sessão legislativa de 1828, da qual foi Presidente, partiu Dom Romualdo para a Bahia, em cujo porto chegou a 26/11/1828, a bordo da "Jurubeba", pelas 4 horas da tarde. A Bahia recebia o seu primeiro Bispo brasileiro. Em 1834 foi eleito Deputado Geral pela Bahia. Em 1838, sendo Arcebispo da Bahia, novamente eleito Deputado Geral pelo Pará. Na Assembléia Constituinte prestou relevantes serviços à Igreja e à Pátria. Preocupou-se com a formação do seu Clero, fundando um grande e um pequeno Seminário, confiando a sua direção aos Padres Lazaristas. Nomeado Conde e Marquês de Santa Cruz. Bateu-se na Câmara contra a idéia do Regente Pe. Feijó sobre a abolição do celibato clerical, dizendo "que fosse sem debate entregue ao desprezo", e igualmente contra a proibição de admissão de religiosos estrangeiros, contra a alienação dos bens dos Religiosos, contra a idéia do Governo mandar vir dois protestantes para a catequese dos Índios, em favor da criação de uma Faculdade de Teologia; fez abortar mais de uma vez as grandes revoluções contra o Trono. Na famosa sessão legislativa de 1836 pertenceu à oposição que fez saquear o Regente Pe. Feijó. Homem de gabinete, deixou 7 volumes que atestam e documentam tudo quanto ele combateu, cnsseguiu, fez e exaltou. Caridoso, socorria famílias inteiras e acudia a pobreza que a seu Palácio afluiu. Morreu pobre aos 73 anos, a 29/12/1860 no Palácio da Penha, sendo sepultado na capela do SSmo. Sacramento da atual Catedral Basílica.



16. DOM MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA, 1871-1874

Secular. Do Rio de Janeiro. Nomeado Bispo do Maranhão, onde chegou a 9/4/1852. Durante os nove anos de seu episcopado, dá ênfase as visitas pastorais e à reforma do Seminário. Transferido para o Arcebispado da Bahia, tomou posse a 1/7/1861 por seu Procurador, o Deão do Cabido da Sé, Comendador Côn. Miguel Antonio Ferreira, tendo, a 29 de junho, na Capela Arqui-episcopal de Salvador, recebido o Pálio das mãos do Bispo do Pará, Dom Antonio de Macedo Costa. Escreveu diversas Pastorais. Apreçou a necessidade de união do Episcopado na luta pela liberdade da Igreja. A chamada "Questão Religiosa" que culminou com a prisão dos bispos Dom Vital e Dom Macedo Costa, só pode ser compreendida em profundidade dentro de um contexto mais amplo, isto é, da reforma da Igreja desejada pelos Bispos daquela época. Justamente aí é notável a atuação pastoral de Dom Manoel Joaquim da Silveira. No conflito da Igreja com a Maçonaria, ele assume a liderança do movimento de apoio aos Bispos encarcerados. Encoraja e incita seus irmãos de episcopado à união em defesa dos direitos da Igreja. Sucedem-se corajosos e firmes documentos seus que marcam uma presença e um testemunho em hora tão difícil para a Igreja do Brasil. Visitou, a bordo, quando aportaram em Salvador, os Bispos Dom Vital e Dom Macedo Costa, a caminho da prisão. E publicamente manifestou o seu protesto veemente contra a iniquidade. Faleceu a 23/6/1874, era véspera de São João. Em muitas casas terminaram os folguedos juninos, e parecia a cidade entregue ao luto. Foi sepultado ao lado de Dom Romualdo Antonio de Seixas, na Capela do Ssmo. Sacramento da Catedral.



17. DOM JOAQUIM GONÇALVES DE AZEVEDO, 1877-1879

Secular. Aluno pobre do Seminário do Pará, após dois anos de ordenado, em dezembro de 1839, foi nomeado Cônego da Catedral, Vigário Geral e Reitor do Seminário do Amazonas, 2º Vice-Presidente do Província Amazonense, Inspetor Geral da Instrução Pública e Diretor Geral dos Índios. Chamado por Dom Antonio de Macedo Costa, em 1861, para ocupar o lugar de Vigário Geral da Diocese do Pará e reitor do Seminário de Belém, muito auxiliou nos diversos setores da administração diocesana. Nomeado Bispo de Goiás, sagrado a 1/1/1866 na Catedral do Pará por Dom Antonio de Macedo Costa, seguiu para a sua Diocese a 14/4/1867 pelos rios Tocantins e Araguaia, chegando à capital de Goiás somente no dia 12/10/1867, enfermo, conduzido numa liteira. No grande percurso sofreu de uma febre constante. Passou 9 anos regendo a Diocese de Goiás. Nomeado Arcebispo da Bahia em 14/3/1876, confirmado pela Santa Sé em 19/12/1876, tomou posse do Arcebispado, a 7/5/1877 através de seu bastante Procurador, que era o Vigário Capitular, Mons. Carlos d'Amour (que depois foi Bispo de Cuiabá durante 43 anos), chegando a Salvador no dia 14 de maio do mesmo ano. Cuidou da Catedral, reparando altares e sacristia. Defendeu a causa dos Seminários em notável carta ao Governo Imperial. Promoveu a reforma do calendário litúrgico da Arquidiocese, que ainda era o mesmo por que se rezava desde os tempos coloniais. Mandou também restaurar o Arquivo Eclesiástico que se achava em péssimas condições e quase destruído. Ocupou-se do Seminário com solicitude verdadeiramente santa. Passava no Seminário muitas semanas, alentando os mestres, instruindo os alunos, edificando a todos com os exemplos da sua piedade. Repartia com os pobres tudo que lhe chegava às mãos. Nasceu, viveu e morreu pobre, no Palácio da Penha, a 6/11/1879, sendo sepultado diante do altar de São Pedro, na Catedral Basílica.



18 DOM LUÍS ANTÔNIO DOS SANTOS, 1881-1890

Secular. Fluminense de Angra dos Reis. Reitor e professor de teologia no Seminário de Mariana (1843), Cônego da Catedral (1846), Doutor em Direito Canônico (Roma, 1848-1850), Autor de apreciado trabalho sobre o Direito de Padroado, Nomeado primeiro Bispo do Ceará (31/1/1859), ali chegou a 26/9/1861. A partir de 8/12/1869 participou do Concílio Vaticano I. No Ceará, durante a sua administração de 18 anos, ordenou 208 Presbíteros. Já contava 64 anos de idade quando foi nomeado Arcebispo da Bahia (15/11/1879). Apesar de sua recusa formal manifesta em carta ao Governo Imperial, a 22/6/1880, foi confirmado por Bula Papal de 13/5/1881, tomando posse da Arquidiocese da Bahia a 20/10/1881 por seu Procurador, Mons. Manoel dos Santos Pereira. Com pouco tempo na Bahia foi Dom Luís acometido de uma paralisia que imobilizou todo o lado direito até o rosto. Seu espírito superior aos sofrimentos do corpo, não conheceu a inação. Amigo do Clero, fundou o Asilo para os Padres. Reformou o plano de estudos nos Seminários. Escreveu mais de dez cartas pastorais, entre 1883 e 1889. Pediu e obteve a 7/3/188 a nomeação de um Bispo Auxiliar na pessoa de Mons. Joaquim Arcoverde Cavalcante. Recebeu o título de Marques do Monte Pascoal. Durante seu governo, surgiu o problema de Canudos, não faltando o seu grito de alerta contra a pregação de Antônio Conselheiro. Surgiu a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República. Restaurou o teto da Catedral, adquiriu ornamentos para a mesma, reformou o Paço Arqui-episcopal e o da Penha, reformou o calendário da Arquidiocese e tentou restabelecer as ordens religiosas. Devido ao seu estado de saúde pediu demissão do cargo de Arcebispo, concedida no Consistório de 26/6/1890, no qual foi nomeado seu substituto no Arcebispado da Bahia, o heróico Bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa. Após a renúncia, Dom Luís retirou-se para o Palácio da Penha, onde, depois de alguns meses de moléstia, faleceu no dia 11/3/1891. Foi sepultado na capela do SSmo. Sacramento da Catedral.



19 DOM ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, 1890-1891

Secular. Único bahiano Arcebispo da Bahia. Estudou na França nos Seminários de São Celestino, em Bourges, e de São Sulpício, em Paris, onde foi ordenado sacerdote a 19/12/1857. Partindo para Roma, formou-se em direito na Academia de Santo Apolinário. Com 29 anos e 8 meses de idade foi apresentado para Bispo do Pará pelo Imperador Dom Pedro II, a 23/3/1860, confirmado pela Santa Sé em dezembro seguinte. Durante 29 anos governou a vasta Diocese paraense que abrangia toda a Província do Amazonas. Afirmando-se corajoso e incansável defensor dos direitos da Igreja. Surgindo a chamada "Questão Religiosa", o heróico Bispo do Pará, obedecendo mais a Deus que aos homens, preferiu as lóbregas masmorras da Ilha das Cobras que transgissar com o direito e a verdade. Orador e escritor primoroso deixou-nos famoso texto antológico, "Discurso sem verbo". Publicou um Compêndio de Civilidade Cristã, o Catecismo da Diocese do Pará, História Bíblica, Direito contra Direito, A Questão Religiosa", além de várias Cartas Pastorais e outros escritos, deixando ainda diversos manuscritos inéditos. Proclamada a República e separada a Igreja do Estado, uniram-se os Prelados brasileiros sob a sua magistral liderança e divulgaram em 19/3/1890, a Primeira Carta Pastoral Coletiva, lançando à consciência católica do País um brado de alerta em face da "situação que nunca foi tão grave e tão pejada de ameaças". Já sexagenário foi Dom Antônio de Macedo Costa, a 10/7/1820 transferido para Arcebispo da Bahia. Recebeu o Pálio, a 31/8/1890, das mãos do Bispo de São Paulo, Dom Lino Adeodato Rodrigues de Carvalho. Tomou posse do Arcebispado da Bahia, a 18/9/1890, através de seu bastante Procurador, Dom Manoel dos Santos Pereira, em sessão do Cabido da Sé, lavrando-se, então, o respectivo Termo de Posse que ainda hoje pode ser lido no original conservado no Arquivo da Sala Capitular da Catedral Basílica do Salvador. Não chegou a vir pessoalmente governar a Arquidiocese. Buscando melhoria para sua saúde, seguiu para a cidade mineira de Barbacena, onde veio a falecer no dia 21/3/1891. Trasladado seu corpo para a Bahia, foi sepultado, na Capela de SSmo. Sacramento da Catedral.



20 DOM JERÔNIMO TOMÉ DA SILVA, 1894-1924

Secular. Cearense. Doutor em Filosofia e em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, sendo aluno do Colégio, Pio-Latino Americano. Voltando ao Brasil foi professor de Filosofia no Seminário de Fortaleza, Secretário do Bispo e Diretor do Colégio de São José. A convite de Dom Vital, veio para Pernambuco, onde fundou o jornal "Aurora", que prestou serviços relevantes à causa da Igreja. Nomeado Bispo do Pará, foi sagrado em Roma, juntamente com Dom Joaquim Arcoverde, futuro Cardeal do Rio de Janeiro, sendo um dos consagrantes, Dom Antonio de Macedo Costa, Arcebispo da Bahia, a quem sucedeu duas vezes, no Pará e na Bahia. Durante dois anos governou a Diocese do Pará. Transferido para o Arcebispado da Bahia, tomou posse em 28/2/1894. Participou do Concílio Plenário Latino-Americano, em Roma. Fundou a Obra das Vocações Sacerdotais (1901). Promoveu a defesa da propriedade eclesiástica do Palácio da Sé, então, arrolado entre os bens do governo civil. Formou o patrimônio da Arquidiocese. Presidiu uma peregrinação a Jerusalém (1905). Surgiu em 1908 a Revista Eclesiástica da Bahia, órgão da Irmandade de São Pedro dos Clérigos, passando em 1913 para o governo diocesano. Promoveu a criação das Dioceses de Caetité (1914), Ilhéus e Barra (1915) e Aracaju. Estabelece o retiro anual do Clero. Propôs ao Papa Leão XIII a criação de mais quatro Províncias Eclesiásticas no Brasil, São Paulo, Mariana, Pará e Pernambuco, além das duas já existentes. Percorreu em longas viagens os altos sertões da Bahia e Sergipe, em visitas pastorais, alcança de Pio XI a elevação a Basílica da Catedral da Bahia. Sugeriu ao Chefe da Nação a conveniência de elevar a Embaixada a representação da Santa Sé no Brasil. Por ser o Primaz do Brasil, foi ele quem pontificou na sessão inaugural do Concílio Plenário Latino-Americano, em Roma (1899). Ao término deste Concílio, foi ainda ele quem saudou em nome de todos ao Papa Leão XIII, fazendo-o em língua latina, em estilo fluente e agradável. Vítima de icterícia, veio a falecer a 19/2/1924, sendo sepultado na Capela do SSmo. Sacramento da Catedral Basílica.



Institut für Brasilienkunde

